



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRIA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

**A VIOLÊNCIA ESCOLAR ENTRE OS ALUNOS DO 8º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ CÂNDIDO
ROSA: FORMAS DE MANIFESTAÇÃO E FATORES ASSOCIADOS**

Soray Soares Rosa Damasceno Marques

Asunción, Paraguay

2025

Soray Soares Rosa Damasceno Marques

**A VIOLÊNCIA ESCOLAR ENTRE OS ALUNOS DO 8º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ CÂNDIDO
ROSA: FORMAS DE MANIFESTAÇÃO E FATORES ASSOCIADOS**

Dissertação apresentada para o Programa em Maestria
en Ciencias de la Educación na Faculdade de Ciências
em Educação e de Comunicação da Universidade
Autônoma de Assunção como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Marta Suely Alves Cavalcante

Asunción, Paraguay
2025

Soray Soares Rosa Damasceno Marques

A VIOLÊNCIA ESCOLAR ENTRE OS ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ CÂNDIDO ROSA: FORMAS DE MANIFESTAÇÃO E FATORES ASSOCIADOS

Asunción (Paraguay)

Tutor: Prof. Dr^a Marta Suely Alves Cavalcante.

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. p. 246 – UAA, 2025.

Palavra-Chave:

Violência Escolar. Ensino Fundamental. Convivência Escolar.

Soray Soares Rosa Damasceno Marques

**A VIOLÊNCIA ESCOLAR ENTRE OS ALUNOS DO 8º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ CÂNDIDO
ROSA: FORMAS DE MANIFESTAÇÃO E FATORES ASSOCIADOS**

Esta Dissertação foi avaliada e aprovada em ____/____/____ para obtenção do título de Maestria
en Ciencias de la Educación, pela Universidad Autónoma de Asunción - UAA.

Drº Avaliador(a)

Drº Avaliador(a)

Drº Avaliador(a)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, com todo o amor e gratidão, ao meu marido Claudner, por ser meu porto seguro, meu maior incentivador e pela paciência, compreensão e apoio incondicional que sempre me ofereceu. Obrigada por estar ao meu lado em cada passo dessa caminhada, celebrando as vitórias, enxugando as lágrimas nos momentos difíceis e acreditando em mim, mesmo quando eu duvidei. Sem você, esta conquista não seria possível.

À minha filha Cecília, razão do meu sorriso e minha maior inspiração. Sua alegria, pureza e amor incondicional renovaram minhas forças todos os dias. Este trabalho também é para você, minha pequena, para que saiba que com determinação e esforço podemos realizar nossos sonhos. Espero que esta conquista lhe mostre a importância de nunca desistir, independentemente das dificuldades.

Aos meus amados pais, Luzia e Waldemar, que desde cedo me ensinaram o valor do esforço, da educação e da honestidade. Vocês sempre foram meus exemplos de dedicação e perseverança, e as suas palavras de incentivo foram o combustível que me motivou a seguir em frente. Obrigada por acreditarem em mim, mesmo nas situações mais desafiadoras, e por me fornecerem todo o suporte necessário para que eu pudesse chegar até aqui.

À minha sogra Ilza e ao meu sogro Udeni, minha eterna gratidão pela acolhida generosa e pelo carinho que sempre me ofereceram. Vocês são mais do que uma extensão da minha família; são uma parte essencial dela. Obrigada por me apoiarem e por confiarem no meu potencial, dando-me forças para continuar em frente. À minha querida amiga Sirlei, com gratidão e carinho, que esteve ao meu lado em cada etapa desta jornada. Sua amizade, apoio e incentivo foram fundamentais nos momentos de desafio e conquista. Obrigada por acreditar em mim, por me ouvir nos momentos difíceis e por celebrar comigo cada pequena vitória e que esta seja apenas mais uma das muitas conquistas que compartilharemos ao longo da vida.

A cada um de vocês, que são a base sólida que sustentou essa jornada, minha gratidão é infinita. Este trabalho é, em essência, fruto do amor, da dedicação e do apoio que recebi de todos vocês. Cada palavra escrita e cada conquista ao longo desse caminho são dedicadas com o coração cheio de amor e reconhecimento. Obrigada por estarem comigo, sempre.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pela força, sabedoria e serenidade que me sustentaram ao longo dessa jornada. Foi Ele quem guiou cada passo, renovando minhas energias nos momentos mais desafiadores e me permitindo seguir em frente com fé e determinação. Sem essa luz divina, o caminho seria ainda mais árduo.

Expresso também minha profunda gratidão aos meus familiares mais próximos por me incentivarem e acreditarem em mim, as minhas amigas, por terem sido verdadeiras companheiras nesta trajetória. Vocês me incentivaram em cada etapa, sempre acreditando no meu potencial, oferecendo palavras de apoio, encorajamento e alegria. A presença de vocês foi fundamental, não apenas como amigas, mas como pilares emocionais que tornaram o processo mais leve e significativo.

Ao Colégio Estadual José Cândido Rosa, minha sincera gratidão por ser o palco das experiências que fundamentaram esta dissertação. Este espaço não foi apenas um objeto de estudo, mas um ambiente onde vivenciei aprendizados valiosos e trocas enriquecedoras. Agradeço a todos os professores, alunos e colaboradores da instituição, que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

À minha orientadora, Prof.^a Dr. Marta Suely, deixo meu mais profundo reconhecimento e apreço. Sua dedicação, paciência e generosidade em compartilhar conhecimentos foram essenciais para que eu conseguisse alcançar este resultado. Sua orientação atenta e seus conselhos precisos foram verdadeiras bússolas que me guiaram nesta caminhada acadêmica. Obrigada por acreditar no meu trabalho e por me inspirar com seu exemplo de competência e profissionalismo.

A todos que, de alguma forma, participaram dessa jornada, seja com um gesto de apoio, uma palavra de conforto ou um simples sorriso, meu muito obrigado. Este trabalho não é apenas meu; ele é fruto de todas as pessoas que estiveram ao meu lado, direta ou indiretamente, ajudando-me a transformar sonhos em realidade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tipos de violência escolar.....	30
Figura 2 - Registro de violência nas escolas do Espírito Santo.....	67
Figura 3 - Desenho metodológico da Investigação	78
Figura 4 - Fachada CEJCR	81
Figura 5 - Prédio 1.....	82
Figura 6 - Prédio 2.....	82
Figura 7 - Quadra poliesportiva	83
Figura 8 - Sala de aula 1.....	83
Figura 9 - Sala de aula 2	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População Total	86
Tabela 2 - Participantes Seleccionados.....	88
Tabela 3 - Categorias de Análise	113

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	6
LISTA DE TABELAS.....	7
RESUMEN	11
RESUMO	12
ABSTRACT.....	13
INTRODUÇÃO À INVESTIGAÇÃO.....	14
1. A VIOLÊNCIA ESCOLAR	17
1.1 Conceituando a violência.....	17
1.2 Como ocorre a violência escolar	22
1.3 Histórico dos principais estudos sobre a violência escolar	27
2. TIPOS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR	30
2.1 Violência Física.....	32
2.2 Violência Psicológica/Moral.....	32
2.3 Violência Sexual	34
2.4 Violência Patrimonial	38
3. IMPACTOS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NOS ALUNOS	40
3.1 Fatores associados a violência escolar.....	41
3.2 Consequências da violência na aprendizagem dos alunos.....	44
3.3 Legislação brasileira sobre a violência nas escolas.....	47
4. PREVENÇÃO E COMBATE A VIOLÊNCIA ESCOLAR.....	51
4.1 Fiscalização dentro das escolas	52
4.2 Como identificar comportamentos violentos nos alunos.....	54
4.3 Como a escola deve agir diante da violência escolar	55
4.4 Papel do professor na prevenção da violência	60
5. MARCO METODOLÓGICO.....	65
5.1 Justificativa	67
5.2 Problema da Investigação	69
5.3 Objetivos da Pesquisa.....	74
5.3.1. Objetivo Geral.....	75
5.3.2. Objetivos Específicos	75
5.4. Desenho Metodológico	76
5.5. Contexto Espacial e Socioeconômico do Município de Aragoiânia, GO/Brasil	79
5.5.1. Delimitação da Pesquisa	81
5.6. Participantes da Pesquisa	85
5.6.1. Seleção dos Participantes.....	87
5.6.2 Professores da turma do 8º ano	89

5.6.3 Alunos.....	90
5.6.4 Coordenadores.....	90
5.6.5 Gestão	91
5.7. Técnicas e Instrumentos da Coleta de Dados.....	91
5.7.1. Entrevista aberta.....	92
5.7.2. Observação participante.....	93
5.8. Validação dos Instrumentos	94
5.9. Procedimento para Coleta de Dados.....	98
5.10. Técnica de análise e interpretação dos dados.....	101
5.11. Ética da pesquisa	103
6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	108
6.1 Análise dos resultados	112
6.2 Categoria 1 - Motivos Causadores da Violência.....	114
6.3 Categoria 2 - Tipos de Violência entre Alunos.....	141
6.4 Categoria 3 - Impactos da Violência nos Alunos.....	161
6.5 Categoria 4 - Propostas da Escola para Redução da Violência.....	180
CONCLUSÃO	195
SUGESTÕES.....	197
REFERÊNCIAS	200
ANEXOS.....	207
ANEXO 1 - Validação entrevista GESTOR DR. ALVES	207
ANEXO 2 - Validação entrevista GESTOR DR. ALVES	208
ANEXO 3 - Validação entrevista GESTOR DR. ALVES	209
ANEXO 4 - Validação entrevista GESTOR DR. ALVES	210
ANEXO 5 - Validação entrevista GESTOR DR. ALVES	211
ANEXO 6 - Validação entrevista PROFESSOR DR. ALVES.....	212
ANEXO 7 - Validação entrevista PROFESSOR DR. ALVES.....	213
ANEXO 8 - Validação entrevista PROFESSOR DR. ALVES.....	214
ANEXO 9 - Validação entrevista PROFESSOR DR. ALVES.....	215
ANEXO 10 - Validação entrevista PROFESSOR DR. ALVES.....	216
ANEXO 11 - Validação entrevista COORDENADOR DR. ALVES	217
ANEXO 12 - Validação entrevista COORDENADOR DR. ALVES.....	218
ANEXO 13 - Validação entrevista COORDENADOR DR. ALVES.....	219
ANEXO 14 - Validação entrevista COORDENADOR DR. ALVES.....	220
ANEXO 15 - Validação entrevista PROFESSOR SILVA.....	221
ANEXO 16 - Validação entrevista PROFESSOR SILVA.....	222
ANEXO 17 - Validação entrevista PROFESSOR SILVA	223

ANEXO 18 - Validação entrevista PROFESSOR SILVA	224
ANEXO 19 - Validação entrevista COORDENADOR SILVA	225
ANEXO 20 - Validação entrevista COORDENADOR SILVA	226
ANEXO 21 - Validação entrevista COORDENADOR SILVA	227
ANEXO 22 - Validação entrevista COORDENADOR SILVA	228
ANEXO 23 - Validação entrevista PROFESSOR OLIVEIRA	229
ANEXO 24 - Validação entrevista PROFESSOR OLIVEIRA	230
ANEXO 25 - Validação entrevista PROFESSOR OLIVEIRA	231
ANEXO 26 - Validação entrevista PROFESSOR OLIVEIRA	232
ANEXO 27 - Validação entrevista GESTOR OLIVEIRA.....	233
ANEXO 28 - Validação entrevista GESTOR OLIVEIRA.....	234
ANEXO 29 - Validação entrevista GESTOR OLIVEIRA.....	235
ANEXO 30 - Validação entrevista GESTOR OLIVEIRA.....	236
ANEXO 31 - Carta de Apresentação GESTORA RODRIGUES	237
ANEXO 32 - Carta de Apresentação GESTORA RODRIGUES	238
ANEXO 33 – TERMO UAA	239
ANEXO 34 – Termo de assentimento.....	240

RESUMEN

Esta tesis, intitulada: **“Violencia Escolar entre alumnos del 8º año de la Enseñanza Fundamental del Colegio Estadual José Cândido Rosa: Formas de manifestación y factores asociados”**, buscó analizar las formas y factores resultantes de la violencia entre alumnos del 8º año de la unidad escolar del Colegio Estadual José Cândido Rosa. La investigación fue estructurada y basada en la siguiente pregunta-problema: ¿Cuáles son las formas y factores asociados a la violencia entre estudiantes del 8º año de la enseñanza básica del Colegio Estadual José Cândido Rosa? El estudio se justifica por la vivencia de violencia ocurrida entre alumnos del 8º año de la escuela Colégio Estadual José Cândido Rosa, considerando que la misma ocurre con frecuencia, lo que acaba generando un ambiente hostil y vulnerable entre toda la comunidad escolar. En este sentido, el objetivo general de esta investigación es analizar las formas y factores derivados de la violencia entre estudiantes del 8º año de la Escuela Estadual José Cândido Rosa. Se plantearon los siguientes objetivos específicos: Describir las razones que provocan la violencia en los estudiantes de 8º grado; analizar qué tipos de violencia ocurren entre los estudiantes de 8vo grado; comprender los impactos que los diferentes tipos de violencia pueden tener en los estudiantes; verificar qué tipo de propuesta desarrolla el colegio para paliar la violencia entre alumnos. El estudio utilizó un enfoque cualitativo y descriptivo. La investigación se llevó a cabo en el año 2024 y participaron estudiantes de 8vo grado de primaria, sus docentes, coordinadores y directivos escolares. Como instrumentos de recolección de datos se aplicaron entrevistas abiertas a docentes, coordinadores y directivos, así como la observación participante en el aula y en las áreas comunes de la escuela con los estudiantes, buscando comprender las interacciones y dinámicas relacionadas a la violencia escolar. Los resultados revelaron que la violencia escolar se manifiesta de diferentes maneras, incluyendo la violencia física, psicológica, patrimonial y simbólica, siendo influenciada por factores como la desigualdad social, la desintegración familiar, las relaciones interpersonales conflictivas y la ausencia de prácticas de convivencia escolar. El análisis de datos también mostró que la violencia tiene impactos significativos en el desempeño académico, la autoestima y la salud emocional de los estudiantes, creando un ambiente escolar hostil que es perjudicial para el aprendizaje. Los informes de docentes y directivos destacaron la necesidad de políticas públicas más efectivas, programas de formación continua para educadores y mayor inversión en prácticas de convivencia y mediación de conflictos. Se concluyó que la violencia escolar es un fenómeno complejo y multifacético, que requiere de intervenciones integradas entre la escuela, la familia y la comunidad para ser abordado eficazmente. Este estudio refuerza la importancia de las acciones colectivas para construir un ambiente escolar más seguro y acogedor, promoviendo el bienestar y el desarrollo integral de los estudiantes.

Palabras Clave: Violencia Escolar. Convivencia Escolar. Factores Asociados a la Violencia. Impactos en la Educación. Prevención y Combate a la Violencia.

RESUMO

A presente dissertação intitulada: **“A Violência Escolar entre os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual José Cândido Rosa: Formas de manifestação e fatores associados”**, buscou analisar as formas e os fatores provenientes da violência entre os alunos do 8º ano da unidade escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa. A pesquisa foi estruturada e embasada na seguinte questão problema: Quais as formas e os fatores associados a violência entre os alunos do 8º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa? O estudo é justificado pela vivência com a violência que ocorre entre os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental na unidade escolar Colégio Estadual José Cândido Rosa, por considerar que acontece com frequência, o que acaba gerando um ambiente hostil e de vulnerabilidade entre toda a comunidade escolar. Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as formas e os fatores provenientes da violência entre os alunos do 8º ano da unidade escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa. Foram traçados os seguintes objetivos específicos: Descrever os motivos que causam a violência entre os alunos do 8º ano; analisar quais os tipos de violência que acontece entre os alunos do 8º ano; conhecer os impactos que os diversos tipos de violência podem causar nos alunos; verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar a violência entre alunos. O estudo utilizou uma abordagem qualitativa e descritiva. A pesquisa foi realizada em 2024 e participaram dela os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, seus professores, coordenadores e gestor escolar. Como instrumentos de coleta de dados, foram aplicadas entrevistas abertas com professores, coordenadores e gestor, bem como a observação participante em sala de aula e nos espaços comuns da escola com os alunos, buscando compreender as interações e as dinâmicas relacionadas à violência escolar. Os resultados revelaram que a violência escolar se manifesta de diversas formas, incluindo violência física, psicológica, patrimonial e simbólica, sendo influenciada por fatores como desigualdade social, desestruturação familiar, relações interpessoais conflituosas e ausência de práticas de convivência escolar. A análise dos dados também evidenciou que a violência tem impactos significativos no desempenho acadêmico, na autoestima e na saúde emocional dos alunos, criando um ambiente escolar hostil e prejudicial ao aprendizado. Os relatos dos professores e gestores destacaram a necessidade de políticas públicas mais efetivas, programas de formação continuada para educadores e maior investimento em práticas de convivência e mediação de conflitos. Concluiu-se que a violência escolar é um fenômeno complexo e multifacetado, que requer intervenções integradas entre a escola, a família e a comunidade para ser enfrentado de forma eficaz. Este estudo reforça a importância de ações coletivas para a construção de um ambiente escolar mais seguro e acolhedor, promovendo o bem-estar e o desenvolvimento integral dos estudantes.

Palavras-Chave: Violência Escolar. Convivência Escolar. Fatores Associados à Violência. Impactos na Educação. Prevenção e Combate à Violência.

ABSTRACT

This dissertation, entitled: **“School Violence among 8th grade Elementary School students at José Cândido Rosa State School: Forms of manifestation and associated factors”**, sought to analyze the forms and factors resulting from violence among 8th grade students at the José Cândido Rosa State School. The research was structured and based on the following problem question: What are the forms and factors associated with violence among 8th grade students at José Cândido Rosa State School? The study is justified by the experience with violence that occurs among 8th grade Elementary School students at the José Cândido Rosa State School, considering that it happens frequently, which ends up generating a hostile and vulnerable environment among the entire school community. In this sense, the general objective of this research is to analyze the forms and factors resulting from violence among 8th grade students at the José Cândido Rosa State School. The following specific objectives were outlined: To describe the reasons that cause violence among 8th grade students; to analyze the types of violence that occur among 8th grade students; to understand the impacts that different types of violence can have on students; to verify what type of proposal the school develops to alleviate violence among students. The study used a qualitative and descriptive approach. The research was carried out in 2024 and the participants were 8th grade elementary school students, their teachers, coordinators and school administrators. As data collection instruments, open interviews were applied to teachers, coordinators and administrators, as well as participant observation in the classroom and in the school's common areas with students, seeking to understand the interactions and dynamics related to school violence. The results revealed that school violence manifests itself in different ways, including physical, psychological, patrimonial and symbolic violence, being influenced by factors such as social inequality, family breakdown, conflicting interpersonal relationships and lack of school coexistence practices. Data analysis also showed that violence has significant impacts on students' academic performance, self-esteem, and emotional health, creating a hostile school environment that is detrimental to learning. Teachers' and administrators' reports highlighted the need for more effective public policies, continuing education programs for educators, and greater investment in practices for coexistence and conflict mediation. It was concluded that school violence is a complex and multifaceted phenomenon that requires integrated interventions between the school, family, and community to be effectively addressed. This study reinforces the importance of collective actions to build a safer and more welcoming school environment, promoting students' well-being and comprehensive development.

Keywords: School Violence. School Coexistence. Factors Associated with Violence. Impacts on Education. Prevention and Combating Violence.

INTRODUÇÃO À INVESTIGAÇÃO

A violência escolar é um fenômeno preocupante que afeta diretamente o ambiente educacional, comprometendo a segurança, o bem-estar e o desempenho acadêmico dos alunos. Esse problema pode se manifestar de diversas formas, incluindo agressões físicas, bullying, violência psicológica, vandalismo e até mesmo confrontos entre professores e estudantes.

A violência escolar é um fenômeno social; como tal, sofre algumas distinções: violência na escola, violência à escola e violência da escola. A violência na escola é aquela produzida pelos alunos no interior do espaço escolar, sem estar diretamente ligada à natureza e às atividades do espaço escolar em si. A violência à escola relaciona-se diretamente à natureza e às atividades do espaço escolar (agressões físicas aos alunos ou professores, depredação do patrimônio escolar). Já a violência da escola representa uma forma de violência institucional e simbólica, em que os próprios atores envolvidos diretamente sofrem esse tipo de violência, como: modos de composição das classes, orientação, metodologia, injustiças, preconceitos, atribuição de notas, dentre outros exemplos (Charlot, 2002).

Segundo Andrade (2015), a violência escolar não é considerada um fenômeno recente. O que deve ser acentuado se refere ao fato do alto índice de incidência da ocorrência desse fenômeno, além de suas novas formas de manifestação. Sendo assim, a reflexão sobre a violência entre os jovens na atualidade é uma questão de urgência. Essa discussão é necessária para entender seus desdobramentos, classificá-la e controlá-la.

O que a literatura tem destacado é que as causas da violência escolar são complexas e multifatoriais, envolvendo aspectos sociais, econômicos e familiares. A falta de diálogo, a desigualdade social, a ausência de políticas de prevenção e a influência de conteúdos violentos na mídia são alguns dos fatores que podem contribuir para o agravamento desse cenário.

Quando a violência está na escola, o dano sobre o aprendizado pode ser agravado, pois isso significa que essa deixou de ser um espaço seguro, voltado para o conhecimento, e que pode estar associada a práticas escolares inadequadas, que geram falha no processo civilizatório ou refletem a incapacidade de conter o avanço da violência dentro dos muros da escola.

Além dos impactos imediatos, como lesões físicas e sofrimento emocional, a violência no ambiente escolar pode gerar consequências a longo prazo, como evasão escolar, dificuldades de aprendizagem e comprometimento da socialização dos alunos. Para combater esse problema, é essencial adotar estratégias de prevenção, como programas de educação socioemocional, fortalecimento da mediação de conflitos e o envolvimento da família e da comunidade na construção de um ambiente escolar mais seguro e acolhedor.

No Estado de Goiás, a violência escolar tem sido uma preocupação crescente nos últimos anos, manifestando-se de diversas formas, desde casos de mais simples até ataques mais graves. Conforme dados da CBN Goiânia (2024), em 2023, Goiás registrou 1.357 ameaças em unidades escolares, liderando o ranking nacional nesse tipo de ocorrência. No mesmo ano, o estado contabilizou 4.327 denúncias de violência em escolas, conforme dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, coletados por meio do Disque 100.

Alguns incidentes notórios ocorrido no Estado foi o Massacre do Colégio Goyases em 2017, onde um aluno de 14 anos abriu fogo contra colegas dentro da sala de aula, resultando em duas mortes e quatro feridos. O incidente ocorreu em Goiânia e teve repercussão nacional, levantando debates sobre a violência escolar e a segurança dentro das escolas. Outro foi o ataque em Santa Tereza de Goiás (2023): Em 11 de abril de 2023, um estudante de 13 anos armado com uma faca feriu três colegas no Colégio Estadual Doutor Marco Aurélio. Os feridos não tiveram lesões graves, e o agressor foi contido por um funcionário (CBN Goiânia, 2024).

Dessa forma, compreender as causas e os impactos da violência escolar é fundamental para desenvolver políticas públicas e práticas pedagógicas que promovam a cultura da paz, garantindo que a escola seja um espaço de aprendizado, respeito e convivência saudável. A investigação da violência escolar é essencial para compreender suas causas, impactos e encontrar soluções eficazes para garantir um ambiente seguro e propício ao aprendizado. A violência dentro da escola pode afetar negativamente o desempenho dos alunos, a qualidade do ensino e o bem-estar da comunidade escolar.

A violência escolar está presente em diversos ambientes da sociedade, mas principalmente em escolas da rede pública, onde muitos alunos que não sabem conviver com a diversidade e nem com seus conflitos, usam de atos violentos para solução de seus problemas. Assim, com base em uma pesquisa de campo, abordarei as seguintes questões relacionadas a violência escolar: Quais são os principais gatilhos para o surgimento de conflitos entre os alunos? Como os alunos reagem diante de provocações ou divergências? De que forma os professores intervêm em situações de conflito? A escola oferece suporte psicológico ou acompanhamento para alunos envolvidos em episódios de violência? Quais são as reações emocionais dos alunos após situações violentas? Como a interação entre os alunos durante as atividades pedagógicas pode influenciar a violência escolar? Quais são os resultados dos programas educativos e projetos de conscientização sobre violência na escola?

A pesquisa foi estruturada e embasada na seguinte questão problema: **“Quais as formas e os fatores associados a violência entre os alunos do 8º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa?”**

Nesse sentido, o objetivo principal desta pesquisa **é analisar as formas e os fatores provenientes da violência entre os alunos do 8º ano da unidade escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa.**

Quanto aos **Objetivos Específicos**, pretende-se descrever os motivos que causam a violência entre os alunos do 8º ano; analisar quais os tipos de violência que ocorrem entre os alunos do 8º ano; conhecer os impactos que os diversos tipos de violência podem causar nos alunos; verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar a violência entre alunos.

Quanto a metodologia, esta possui um desenho descritivo com enfoque qualitativo e foram utilizadas as técnicas de entrevista aberta com os professores, coordenadores e gestores, analisando a violência escolar dentro do colégio, e também foi realizada a observação participante com os alunos do 8º ano, para observar as formas e os fatores associados a violência escolar. Tais técnicas permitiram uma análise através de percepções, descrevendo a complexidade do problema e a interação de variáveis. Conforme Alvarenga (2019, p. 55), definir as técnicas que serão usados na pesquisa é de extrema importância, pois a partir dessas que o pesquisador conseguirá “interpretar e compreender os fenômenos, considerando o contexto que rodeia a problemática estudada”.

Na primeira parte composta pelo marco teórico dessa dissertação foram abordados sobre as características da violência escolar, com o conceito, o histórico, os tipos e as causas. Também discutimos sobre os tipos de violência no contexto escolar, explicando os locais de ocorrência, sobre a legislação sobre a temática. Retratou-se também sobre os impactos da violência escolar nos alunos, os fatores associados, as consequências. Por fim, foi discutido ainda no marco teórico, as formas de prevenção e combate à violência escolar. Na parte do marco metodológico apresentou-se o percurso metodológico e por fim a análise dos resultados alcançados.

1. A VIOLÊNCIA ESCOLAR

Nas últimas décadas, tem crescido o interesse em compreender a violência no contexto escolar, não só por suas implicações no processo de integração de crianças e adolescentes à sociedade, mas pela íntima relação que apresenta com o fracasso de objetivos mais amplos da escola, como educar, ensinar e aprender.

Logo, a preocupação com o fenômeno da violência escolar tem crescido tanto que a Organização das Nações Unidas – ONU (2016) incluiu a redução da violência escolar no objetivo quatro dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), denominado Educação de Qualidade. Além disso, a preocupação da comunidade científica tem crescido, uma vez que o estudo do fenômeno em questão tem sido mais representativo (Postigo, Montoya e Ordoñez, 2013).

Por outro lado, a violência escolar é um problema complexo, que é influenciado por vários fatores e contextos, tais como interações entre pares, família, cultura e escola como estrutura e sistema escolar, e questões individuais como traços de personalidade. Portanto, devem ser estudados desde diferentes aspectos como família, comunidade, escola, bem como dos atores que participam.

Dessa forma, este primeiro capítulo busca abordar sobre o conceito da violência escolar pela perspectiva de diferentes autores, pretende-se também entender como a violência escolar ocorre, quais variáveis familiares, escolares e comunitárias podem estar relacionadas à esse tipo de violência. Para isso, aborda-se também sobre o histórico dos estudos sobre violência escolar no Brasil, identificando os principais pesquisadores que investigaram a violência nas escolas brasileiras, conceituando este problema pela perspectiva de cada pesquisador.

1.1 Conceituando a violência

Inicialmente, o termo violência concentra significados etimológicos, que podem servir como ponto de partida para compreensão do fenômeno da violência. Pelo Dicionário de Filosofia, violência (do latim violentia) é explicada pela “Ação contrária à ordem ou à disposição da natureza”, ou mais especificamente, a natureza seria a ordem regular das coisas e a violência o afastamento, a separação. Em tradução para as relações humanas, infere-se a violência como distorção ou desordem nos interativos ou de alteridade (Abramovay, 2005).

Já no dicionário Houaiss (2001 apud Abramovay, 2005), pelo étimo violentia, violência tem o sentido de “impetuosidade, arrebatamento, caráter violento, ferocidade sanha, severidade”; na forma adjetiva latina violentus, a, um “impetuoso, furioso, arrebatado”. Em

sentido literal, “[...] 2. Ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força”.

Historicamente, a pesquisa sobre a violência escolar esteve mais voltada à violência da escola sobre o aluno, especialmente por parte do professor que recorre a sanções, punições e castigos como parte do trabalho escolar (Bourdieu; Passeron, 1975). De maneira complementar, a literatura contemporânea tem privilegiado o estudo sobre a violência escolar em sentido estrito, praticada entre alunos ou de alunos contra a propriedade privada. Há, portanto, uma dificuldade em definir o que chamamos de violência escolar em sentido amplo, pois ela designa um conjunto muito diverso de experiências que têm em comum a desconstrução da fantasia de que a escola é um “refúgio da paz” (Abramovay, 2015, p. 21).

A violência tem eco na história com projeções de fontes geradoras de disputas e estabelecimento de poder, em dialética de forças de domínio e de supremacia. Assim, concebe-se que as diferentes formas de violência têm como fonte o substrato emocional do caráter humano, que se manifestam em variados graus emocionais, talvez por contenção ou influência das contraposições do meio social, ou inexoravelmente pela aptidão opressiva e dominante de um pelo outro e dos respectivos anseios conflitantes (Leopoldino, 2020).

Nesse sentido, a violência escolar pode ser definida como toda ação ou omissão que cause ou vise causar dano à escola, a comunidade escolar ou a algum de seus membros (UNESCO, 2019). Essa violência se manifesta através de diversos atos, atinge diferentes atores e ocorre tanto dentro como fora dos muros das escolas.

De acordo com autores como Abramovay e Avancini (2000), o conceito de violência pode variar conforme a idade, gênero ou ainda condição socioeconômica. Abramovay (2005) também salienta que se deve ter cuidado com a definição de violência, quando enfatiza que:

Apresentar um conceito de violência requer uma certa cautela, isso porque ela é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável. Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais (Abramovay, 2005, p. 53).

Conforme informações do estudo Soares (2022, p. 6), o termo violência possui diversos significados:

Pode designar uma agressão física, um insulto, um gesto que humilha, um olhar que desrespeita, um assassinato cometido com as próprias mãos, uma forma hostil de contar uma história desprezível, a indiferença ante o sofrimento alheio, com os

idosos, a decisão política que produz consequências sociais nefastas [...] e a própria natureza, quando transborda seus limites normais e provoca catástrofes.

Nessa perspectiva, nota-se que se trata de uma prática conhecida desde a antiguidade, a violência começou a ser estudada a partir do século XIX. Devido a grande inquietação do acontecimento, as formas de violência começaram a ser estudada por estudiosos, por se tratar de fenômeno social. Entretanto apresentar um conceito da palavra violência é complicado, pois a mesma pode ter vários significados. De acordo com o dicionário francês Robert apud Abramovay, (2005), p. 7) a violência é:

a) fato de agir sobre alguém ou de fazê-lo agir contra a sua vontade empregando a força ou a intimidação; b) o ato através do qual exerce a violência; c) uma imposição natural para a expressão brutal dos sentimentos; d) a força irresistível de uma coisa; e) o caráter brutal de uma ação.

Sendo assim, ela está presente em todas as áreas de uma sociedade, seja em maior ou menor intensidade. A violência é uma conduta visível de valores transmitidos pelo mundo, e reconhecer a violência no âmbito escolar é essencial para realizar reflexões e reduzir a violência nas escolas.

Percebe-se que o entendimento do que é violência não é o mesmo nas várias culturas e sociedades, sendo de conteúdos diferentes, segundo seus próprios tempos e espaços. Em nossa cultura, Soares (2022) define que a violência é entendida como uso da força física e do constrangimento psíquico para obrigar alguém a agir de modo contrário à sua natureza e ao seu modo de ser. Já no dicionário Aurélio, violência é constrangimento físico ou moral, o uso da força e da coação.

Enfatiza-se que a violência é inerente à existência humana e manifesta-se de modo peculiar em espaços sociais distintos. Vista como fenômeno complexo e multifacetado, atinge gama variada de pessoas, grupos, instituições e povos. Define-se violência como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, perturbação do desenvolvimento ou privação.

Nesse sentido, percebe-se que o fenômeno da violência contra crianças e adolescentes coloca em destaque o cenário escolar, que é, depois do ambiente familiar, o espaço de maior convívio social desses indivíduos. StelkoPereira e Williams (2011) ressaltam a delimitação geográfica como um dos elementos chave para a definição de violência escolar. Para essas autoras, essa modalidade de violência é a que ocorre dentro do espaço físico da escola, durante o trajeto casa-escola, em locais onde ocorram passeios e/ou festas escolares programadas e em

bairros e residências de alunos cujos assuntos escolares mal resolvidos repercutam em violência. Desse modo, percebe-se que nos últimos anos, tem crescido o interesse em compreender a violência no contexto escolar, não só por suas implicações no processo de integração de crianças e adolescentes à sociedade, mas pela íntima relação que apresenta com o fracasso de objetivos mais amplos da escola, como educar, ensinar e aprender.

Em alguns estudos, a violência escolar é caracterizada apenas como atos de violência física. Outros, no entanto, enfocam a violência verbal e as agressões, enquanto ainda há aqueles que atentam para o comportamento de oposição às regras e atividades escolares, a depredação da escola, os furtos e os comportamentos antissociais (Leopoldino, 2020).

De acordo com Gupta (2023), a violência escolar refere-se à violência que ocorre no ambiente escolar. Isto inclui a violência na propriedade escolar, no caminho de ida ou volta para a escola e em viagens ou eventos escolares. Pode ser cometido por alunos, professores ou outros membros da escola. No entanto, a violência por parte de colegas estudantes é a mais comum.

Nesse sentido, a violência escolar pode ser qualquer coisa que envolva uma ameaça real ou implícita – pode ser verbal, sexual ou física, e perpetrada com ou sem armas. Muitas vezes não existe uma razão simples e direta pela qual alguém se envolve em violência escolar. Uma criança pode ter sido intimidada ou rejeitada por um colega, pode estar sob muita pressão acadêmica ou pode estar representando algo que viu em casa, na vizinhança, na televisão ou em um videogame (Leopoldino, 2020).

Segundo Soares (2022), na escola a violência direta é comum, e esse é o típico caso de violência em ambientes escolares, visto que os agentes envolvidos travam diferentes embates entre si, sem simbologias ou abstrações, embora sugestionados por ambas. Nas formas de agressão direta, praticadas por alunos e profissionais, constam pancadas, sequestros temporários, ações humilhantes, difamações etc. Não obstante essa variedade, todos os atos de agressão direta têm sua característica comum em poderem ser remetidos a indivíduos-autores por eles responsáveis.

Sabe-se que a violência escolar não é um problema fácil de ser resolvido, é uma situação histórica e de grande complexidade, a escola, enquanto espaço social, é percorrida por um movimento ambíguo: de um lado, pelas ações que visam ao cumprimento das leis e das normas determinadas pelos órgãos centrais, e, de outro, pela dinâmica de seus grupos internos que estabelecem interações, rupturas e permitem a troca de ideias, palavras e sentimentos

A UNICEF atribui a violência a toda e qualquer forma de agressão que acontece dentro da escola, mas que não é feita por ela, e as unidades escolares têm sido ambientes em que práticas violentas acontecem diariamente contra a população jovem (UNESCO, 2019). Pesquisas realizadas no Brasil a violência na escola é relatada pelos estudantes como um fato complexo, sendo observada através de agressão física e agressão verbal (Soares, 2022).

Os conflitos existentes são frutos da falta de tolerância do indivíduo, onde ele considera como correto somente os seus padrões, não sabendo lidar com as diferenças existentes na sociedade, gerando assim um círculo de violência e de exclusão. Autores como Santos (2023), ressaltam que essas ações se apresentam por meio da discriminação, seja de caráter religioso, racial, gênero, étnico ou de classe. Para muitos alunos, o ambiente escolar é um desafio, pois como mencionado anteriormente, a escola é um local de grande heterogeneidade, e as diferenças existem podem ocasionar em conflitos pessoais, étnicos, culturais e econômicas.

A indisciplina no contexto escolar, analisada sob a perspectiva da teoria de Piaget, nos leva à reflexão sobre sua concepção do desenvolvimento da moralidade. O estabelecimento de regras e a maneira como os alunos percebem essas regras está na base desta reflexão sobre a indisciplina, pois, ao discutir as relações entre moralidade e indisciplina, devemos estar atentos aos princípios subjacentes às regras implantadas e elaboradas pela escola: em especial, o princípio de justiça e a forma como a regra é estabelecida, ou seja, se o princípio é o da coação, por exemplo. Assim, ao considerarmos um ato indisciplinado ou não, necessitamos conhecer a natureza das regras que regem o grupo ao qual o sujeito pertence e a forma como as regras foram estabelecidas (Santos, 2023).

A relação professor/aluno é crucial tanto para a construção do conhecimento quanto para a troca de experiências. Uma relação saudável contribui para o sucesso educacional e a formação integral do aluno. O professor, como figura central no combate à violência, está próximo dos alunos e testemunha os casos de agressão, devendo manter-se atento e não ser indiferente a essas situações (Santos, 2023).

Os significados de violência escolar são distintos nos diferentes estudos. Em geral, os artigos mensuram violência escolar a partir da violência interpessoal entre alunos. Esta é geralmente conceituada como um ato de brutalidade física e/ou psíquica contra alguém e que caracteriza relações de opressão, intimidação, medo e terror (Silva, 2013).

1.2 Como ocorre a violência escolar

A escola é fundamental para o pleno desenvolvimento do indivíduo, devendo ser um dos contextos sociais que estimule as habilidades intelectuais, as habilidades sociais e a absorção crítica dos conhecimentos produzidos em nossa sociedade. A escola deve ser importante no tempo presente e no tempo futuro, sendo referência para o aluno de um local seguro, prazeroso e no qual ele pode se conhecer, conhecer aos seus próximos e a sociedade em que vive, projetando como quer atuar no mundo.

É fato a dinâmica da violência permear a vida humana, assim como também é fato que tal traço emocional se expressa em múltiplas formas, sob densa massa fatorial, nos mais diversos núcleos de convivência por agentes sociais. Embora não existam natureza ou tipos característicos de violência para cada ambiente social, dado o trânsito social do agente, é plausível a ideia de tipologias e especificidades de violência em razão das implicações inter-relacionais, originárias de determinado ambiente (Silva, 2019). Segundo Bowes et al (2015), toda violência se expressa implícita e explicitamente de modo interindividual, contudo decorrente de uma macro violência do todo social.

Na escola é comum a violência verbal como: xingamentos, atijar, caluniar, insultar, ameaçar; se encontra também a violência física como: socos, chutes, empurrões; também se encontra neste âmbito a violência social como: Ignorar, excluir, gestos indecentes de um para com o outro; a violência psicológica: espalhar boatos, fazer caretas, esconder os objetos e materiais escolares dos colegas, enviar mensagens maliciosas por WhatsApp, Facebook etc.

Como pondera Leopoldino (2020), a violência não flui do nada, mas de impulsos emocionais sob influência de estímulos externos em processo interativo com o meio, com interferência nos processos reativos do agente. Ou, conforme explicação de Minayo (2014, p. 23), “a transformação da agressividade em violência é um processo ao mesmo tempo social e psicossocial para o qual contribuem as circunstâncias sociais, o ambiente cultural, as formas de relações primárias e comunitárias e, também as idiossincrasias dos sujeitos”.

Destaca-se que a violência escolar ocorre em diferentes locais, não estando limitada ao espaço físico da escola (sala de aula, pátio, corredores, quadras, banheiros etc.). Há violências que são cometidas no deslocamento e entorno da escola, em passeios, encontros e atividades escolares externas (Silva, 2023).

As atitudes violentas que levam à violência escolar podem se apresentar de diversas formas ou formas, como as tradicionais agressões verbais, físicas ou psicológicas, as mais atuais, realizado através do uso de dispositivos portáteis, como celular, tablet ou computador

(Bowes, et al., 2015). Dentro da violência escolar existem diferentes tipos ou formas de realizar tal violência como é o caso da violência ou abuso entre iguais, que se refere aos comportamentos intencionais e coercitivos que são realizados realizado para com outros companheiros sem distinção de forma física ou verbal (Valdés-Badilla et al., 2017).

Cabe destacar que um aspecto da definição de violência escolar é a *localização geográfica*. A violência escolar pode ocorrer dentro do espaço físico da escola, no trajeto casa-escola, em locais em que se programem passeios e/ou festas escolares , e, mesmo, na própria residência e bairro do aluno, como em situações nas quais conflitos mal resolvidos dentro da instituição gerem violência em outros espaços. Adicionalmente, a violência na escola pode não ter uma localização geográfica precisa, sendo virtual, como nas situações em que mensagens agressivas são encaminhadas entre membros da escola por meio eletrônico (internet e/ou celular).

Assim, apesar de comumente se situar a violência escolar como a violência que ocorre dentro da estrutura física da escola, há uma diversidade de localidades em que ela pode ocorrer. Portanto, não se deve basear o conceito de violência escolar apenas na localização geográfica dos eventos violentos. Adicionalmente, no caso da violência simbólica que ocorre na escola, está se refere mais à dinâmica diária de ensino do que propriamente a atos específicos em um determinado local (Valdés-Badilla et al., 2017).

Silva (2023) discorrem sobre violência escolar como expressões agressivas e antissociais, materializadas em conflitos violentos nas relações interpessoais, nas formas danosas ao patrimônio e na tipificação criminal. Mas com o reconhecimento de que muitas variáveis do fenômeno advêm de causas externas, portanto, o aluno adentra a escola já sob influências de experiências sociais como possíveis indutoras de violência. Esquierro (2011, p. 22) corrobora com a questão afirmando que “a violência nas escolas se manifesta de diversas maneiras e conhecê-las e compreendê-las são atitudes fundamentais para a busca de meios para solucioná-las”.

O aumento de casos de violência juvenil nos últimos anos tem gerado certo interesse e preocupação social sobre abusos entre iguais, principalmente no que tange a violência escolar e os tipos, como o bullying e o cyberbullying. Contudo, é necessário diferenciar os dois tipos, pois a natureza do bullying é contínua e repetitiva, enquanto a violência escolar não precisa ser executada por muito tempo (Esquierro, 2011).

Em relação ao cyberbullying, é um tipo de violência que se caracteriza por assediar continuamente uma pessoa por meios tecnológicos. Esse tipo de violência é aquele que mais

impacto teve nos últimos anos, devido ao constante desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (Silva, 2023).

Um dos estudos mais recentes da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2019) relata como a violência escolar é um problema de natureza internacional, uma vez que o seu relatório afirma que em cada três estudantes afirma ter sido ameaçado ou atacado fisicamente por seus companheiros. Esses dados também estão presentes em relatórios feitos por caráter nacional, onde é indicado que o cyberbullying tem sido o tipo de assédio mais comum utilizado no último ano durante a pandemia de COVID-19, sendo a forma mais frequente através de apelidos ou insultos com quase 80% do total. Tendo em conta estes dados problemáticos, nos últimos anos, têm aumentado o uso de estratégias ou recursos, como propostas de intervenção com o propósito de aumentar experiências positivas.

A violência ocorrida na escola pode se dar em qualquer tipo de escola, pública ou privada, mas segundo alguns especialistas, quanto maior é o centro educacional, maior o risco de que haja agressão escolar. Claro que a isso tem que somar a falta de controle físico e de vigilância. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, dispõe em seu art, 206:

O ensino será ministrado baseando-se nos princípios constitucionais de: Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; liberdade de aprender, Ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; Valorização dos profissionais do ensino, garantidos, na forma da lei, planos de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos; Gestão democrática do ensino público, na forma da lei; Garantia de padrão de qualidade (Brasil, 1996).

Em pesquisa de campo com alunos do 6º ao 9º, Esquierro (2011) e Martins et. al. (2022) identificaram nas vozes de alunos e professores as formas recorrentes de violência em classes de alunos ou em suas relações externas à escola. De natureza física, foram declaradas brigas (empurrões, tapas, chutes e pontapés); verbal, e constrangimentos por apelidos, ameaças, chantagens; social, desprezo, isolamento, desqualificação moral e exclusão; simbólica, luta por poder grupal, ofensas por gênero (homossexualismo, machismo, masculinidade), biótipos (negritude, aspectos fisiológicos), preconceito.

Como instituição, a escola representa um dos entes estruturais capazes de gerar violência, já que ela estatui regras, condutas e concessões (ensino e aprendizagem e normas de

vida) sobre diferentes percepções e interesses, portanto, passíveis de conflitos. Por essa perspectiva, então:

Conceber a escola como instituição total significa ver nela uma organização que obriga seus integrantes – alunos e profissionais – a submeter-se a um regime que lhes restringe a liberdade, seja com qual for o grau de rigidez. Ela, com isso, está obviamente a lhes negar opções próprias de vida (Soares, 2022, p. 8).

Nas escolas francesas, Bowes (2015) verificou que alunos e professores indicaram mais a falta de respeito nas relações do que as agressões físicas como forma prevalente de violência nas escolas. A pesquisa de Grossi e Santos (2012) realizada através de grupos focais com estudantes de Porto Alegre/RS indicou que a violência escolar tem se manifestado por meio de intolerância, agressões físicas e ameaças.

Alunos, docentes, técnico-administrativos, pais de alunos ou responsáveis, gestores e outras pessoas que trabalham ou participam do cotidiano da escola podem ser autores ou vítimas da violência escolar. A escola também sofre e comete violências. É vítima, por exemplo, quando sofre atos de vandalismo e autora quando é negligente com as violências que ocorrem no seu meio (Silva, 2023).

Sobre a questão do modo como os indivíduos se envolvem na violência escolar, também se deve levar em conta os casos em que a própria instituição escolar é produtora dessa violência. A esse respeito, Grossi e Santos (2012) discute que determinadas políticas da instituição, tais como regras, procedimentos e práticas, podem acarretar impactos adversos nos membros participantes da escola. Muitas vezes tais políticas são instituídas com boas intenções, como aumentar a aprendizagem e diminuir violência. Entende-se por tal perspectiva que é importante ampliar a responsabilidade pela violência que ocorre na escola para além do âmbito individual, incentivando que pesquisadores, sociedade e os próprios membros da escola busquem alterar as circunstâncias do sistema escolar e não culpabilizar indivíduos.

Em uma mesma perspectiva, Charlot (2005) aponta esse tipo de violência, porém a denomina de violência da escola e a relaciona fortemente a situações de violência em que os alunos buscam provocar danos diretamente à instituição e aos que a representam, como vandalismos e agressões a professores, sendo tais situações nomeadas pelo autor de violência à escola.

É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes geralmente não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Para Silva (2015) significa dizer que, de forma quase natural, os mais fortes utilizam os mais frágeis

como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar e amedrontar suas vítimas.

Conforme Leopoldino et al. (2020), nota-se que a escola não está imune às manifestações de agressões, já que as intolerâncias às diferenças, os preconceitos e a covardia nas relações interpessoais não estão somente dentro dos muros escolares, constituem todo segmento da sociedade. Entretanto, ela pode se compor como um espaço seguro e saudável de ensino e aprendizagem, onde crianças e adolescentes possam conviver socialmente, provendo relações interpessoais, que são fundamentais para o crescimento dos jovens por meio da aceitação da inclusão e do respeito aos outros. Tudo isso cria um ambiente que possibilita um cenário em que eles aprendam a se conhecer e a desenvolver sua subjetividade e individualidade.

No estudo de Limber et al. (2021) verificou-se que o sexo masculino foi mais associado à prática das agressões. Os meninos também praticavam mais a violência do tipo física, enquanto as meninas utilizavam estratégias de violência mais sutis ou indiretas, recorrendo a comportamentos internalizantes. Fatores familiares como vivências reiteradas ou testemunho de violência em casa, comunicação negativa entre membros e aspectos estruturais também foram relacionados ao envolvimento com o fenômeno.

Os resultados das análises comparativas entre os gêneros no estudo de Harth et al. (2022) mostraram que os meninos estiveram mais frequentemente no lugar de agressor, bem como são eles os que mais praticam violência física em relação às meninas. Isso está em linha com os estudos de Limber et al. (2021) cujos resultados evidenciaram que os meninos estavam com mais incidência (26%) no papel de agressores e com práticas de violências físicas do que as meninas (9%). Esses achados corroboram também com os estudos de Silva et al (2019). Tais pesquisadores apontam que os meninos praticam a violência tanto com outros meninos como também com as meninas. As formas de agressões mais utilizadas pelos meninos são empurrões, chutes e socos, que neste estudo mostrou prevalência em situações de provocações que eliciariam as práticas agressivas. Ainda de acordo com os referidos autores, as meninas praticam a violência mais em formas indiretas como fofocas e mentiras.

Cabe salientar que muitos dos trabalhos que analisam a temática sobre a violência escolar, se referem a esse tipo de violência como consequência de um processo que começaria na família, a desestruturação familiar, a falta de limites e de referências da maioria dos adolescentes e teria continuidade nos grupos e relações sociais pertencentes ao ambiente externo à escola. Aparecem também, nos estudos realizados sobre a violência escolar, as causas socioeconômicas, a exclusão social, ou melhor, a falta de acesso, o tráfico de drogas, a falta de

oportunidades e de trabalho, a influência da mídia, o rápido crescimento biológico, o tempo livre e ocioso, a falta de perspectivas, falta de um sonho. Todos considerados fatores causadores da violência escolar.

O grande número de relatos por professores e agentes educacionais sobre os casos de violência na sala de aula é extremamente preocupante pelo crescimento da agressividade entre os alunos. A necessidade de esclarecer a sociedade os verdadeiros fatores que geram essa violência, implantando projetos pedagógicos na escola, onde a comunidade estará inserida, exprime causas que a própria escola desconhece.

1.3 Histórico dos principais estudos sobre a violência escolar

Para compreender a violência que ocorre nas escolas, se torna fundamental colocar em análise o que tem sido reconhecido e nomeado como violência escolar. Na literatura têm sido notadas diferentes conceituações e representações enlaçadas por essa terminologia, desse modo, os principais estudos com autores clássicos encontrados sobre a temática são dos seguintes autores:

- Colombier (1989);
- Charlot, 2002;
- Priotto e Boneti, 2009;
- Abramovay e Calaf, 2010;
- Abramovay, 2005;
- Ruotti, Alves e Cubas (2006);
- Stelkopereira e Williams, 2011;

Charlot (2002) e Colombier (1989) são autores de destaque, com conceituações relevantes para a área. Para o primeiro, a violência escolar é categorizada em três diferentes níveis: violência na escola, violência contra a escola e violência da escola. A violência na escola é aquela que se caracteriza por diversas manifestações que acontecem no cotidiano da escola. A violência contra a escola são atos de vandalismo, incêndios, roubos ou furtos do patrimônio. E a violência da escola consiste em todo tipo de práticas utilizadas pela instituição escolar que prejudicam seus membros como, por exemplo, o despreparo profissional, a falta de estímulos, o conteúdo alheio aos interesses dos alunos e do mercado de trabalho, os preconceitos e estereótipos, o abuso de poder, entre outros.

O que há em comum entre essas três modalidades ou formas de violência relacionadas à escola é que todas podem ser interpretadas como sintomas de algo que acontece nas relações escolares, mas que não se limita a estas relações. Ou seja, quando, dentro da escola, acontecem

situações sistemáticas de abuso de poder ou assédio moral, depredações e agressões físicas ou verbais entre alunos, é importante reconhecer que a sociedade como um todo precisa ser repensada. A escola não está isolada da sociedade.

Colombier (1989), no livro “Violência na escola”, retrata a opinião normalmente exposta pelo corpo docente da escola. Ou seja, trata-se de entender o fenômeno da violência nas escolas como atos de violência contra as instalações da escola, contra os professores e dos alunos uns contra os outros, apontando os fundamentos socioeconômicos e familiares como causa, numa tentativa de apontar possíveis soluções para o problema.

Percebe-se também que a violência escolar vem sendo pesquisada em diversos países, tanto no Ocidente (Wilson e Douglas, 2011; Akiba, 2002) como no Oriente (Chen, 2010). No Brasil, os processos de abertura de escolas e de democratização do acesso à educação, nas últimas décadas, trouxeram implicações importantes à compreensão da violência no contexto escolar. Esse movimento, ao mesmo tempo em que vislumbrou possibilidades de melhores condições de vida para um maior número de indivíduos, colaborou para o aumento da heterogeneidade de comportamentos e de valores, assim como para evidenciar desigualdades no ambiente escolar e para o aumento de conflitos (Akiba, 2002).

Contudo, não se tem claro o que comporta o fenômeno da violência escolar. É comum que trabalhos científicos nacionais e internacionais investigando o tema da violência na escola, seja sob a forma de artigos, capítulos de livros ou apresentações orais em congressos, exponham os diversos conceitos de violência escolar e apontem a dificuldade em se encontrar um consenso entre os pesquisadores a esse respeito. Alguns exemplos de trabalhos que assim o fizeram são o de Abramovay (2005), Ruotti, Alves e Cubas (2006). Essa atitude de expor definições de violência escolar a cada pesquisa apresentada ocorre devido à dificuldade em se adotar uma única definição do que seja violência escolar. Uma dessas dificuldades consiste no fato de que a violência pode se expressar de múltiplas formas e ser compreendida de maneiras diversas.

Em diferentes países há nuances diversas na interpretação do que seja violência escolar e no grau de atenção concedida aos tipos de violência. De acordo com a revisão de Abramovay (2002), as pesquisas inglesas comumente conceituam a violência escolar de modo a não abranger atos violentos por professores a alunos e de alunos a professores; pesquisas espanholas têm certo constrangimento moral ao descrever atos de violência praticados contra jovens e crianças, como violência escolar; estudos americanos tendem a se localizar no exterior da escola, nas gangues, sendo comum o uso dos termos delinquência juvenil, condutas desordeiras, comportamento antissocial; já investigações brasileiras, a partir de meados dos anos 1990,

referem a expressão "violência escolar" às agressões contra o patrimônio e contra a pessoa (alunos, professores, funcionários, etc.).

Além de fatores culturais, históricos e geográficos, conforme aponta Abramovay e Avancini (2000), a definição de violência pode se diferenciar também de acordo com a idade do indivíduo, o sexo e o status social de quem se está definindo, por exemplo, o professor, diretor ou aluno.

Pereira (2023), em sua pesquisa intitulada “Violência nas Escolas: visão de Professores do Ensino Fundamental sobre esta questão”, analisa as formas como isto ocorre e as estratégias que são utilizadas para sua superação. Esta autora constatou que os professores percebem as violências como um fenômeno em expansão, reforçado, principalmente pelas desigualdades sociais, pela influência da mídia e pela desestruturação familiar, impondo consequências no cotidiano escolar.

Outros estudos levam em conta o cotidiano da escola para identificar os tipos de violência ali gerada. É o que mostra o estudo de Priotto (2009), enfocando as características da violência escolar no cotidiano de duas escolas, uma pública e uma particular, no município de Foz do Iguaçu, Paraná. Essa pesquisa teve como objetivo identificar os tipos de violência sofrida no âmbito escolar, como os professores e alunos identificam a violência gerada e qual a relação desta com a fase da adolescência. O estudo conclui que o tipo de violência gerado na escola pública e particular tem as mesmas características, porém os professores da escola pública e da escola particular têm concepções diferentes a respeito do papel da escola em relação ao quadro geral de violência e de como lidar com os alunos adolescentes destas.

2. TIPOS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR

Autores como Zaine, Reis e Padovani (2010, p. 8) relatam que os comportamentos de violência escolar envolvem agressão física e ameaças aos colegas com chutes, empurrões, "xingos" e brincadeiras desagradáveis. Alunos com dificuldades de aprendizagem ou que obtivessem notas baixas eram alvo de agressões verbais, xingamentos e humilhações.

Em relação à natureza, a violência escolar pode ser classificada em física, psicológica/moral, sexual, patrimonial e negligência, como mostra a Figura 1 (Silva, 2023). Dessa forma, o presente tópico busca abordar sobre os tipos de violência que ocorrem no ambiente escolar exemplificando cada uma delas.

Figura 1 – Tipos de violência escolar.



Fonte: Silva (2023).

A violência escolar apresenta-se em duas modalidades: a primeira seria marcada por ações de violência contra a escola, ações que danificam o patrimônio escolar; a segunda decorre de um molde de sociabilidade, das relações interpessoais que hoje atingem a instituição pública como também a privada, são práticas que envolvem os alunos e suas opções sexuais, marcadas pela formação de grupos que podem ou não se confrontar-se com agressões, tanto nas formas físicas como verbais (Bowes, 2015).

Cabe salientar que muitos dos trabalhos que analisam a temática sobre a violência escolar, se referem a esse tipo de violência como consequência de um processo que começaria

na família, a desestruturação familiar, a falta de limites e de referências da maioria dos adolescentes e teria continuidade nos grupos e relações sociais pertencentes ao ambiente externo à escola. Aparecem também, nos estudos realizados sobre a violência escolar, as causas socioeconômicas, a exclusão social, ou melhor, a falta de acesso, o tráfico de drogas, a falta de oportunidades e de trabalho, a influência da mídia, o rápido crescimento biológico, o tempo livre e ocioso, a falta de perspectivas, falta de um sonho. Todos considerados fatores causadores da violência escolar.

A tese de doutorado de Esteves (2015) foi realizada em uma escola pública da rede de Ensino Médio de Alfenas, que se localiza no Sul do Estado de Minas Gerais, tendo como objetivo compreender o fenômeno da violência no contexto escolar a partir da óptica de alunos do ensino médio. Verificou-se que tudo começa com a intolerância, a incompreensão e a falta de aceitação das diferenças que se transformam em violência verbal, física, psicológica e que envolvem, além dos alunos, a direção, os professores e os demais funcionários da escola. Também se constatou que a violência que se expressa na rua muitas vezes é remontada na escola como o caso do consumo de drogas.

Nesse sentido, as crianças e os adolescentes vivenciam frequentemente no cotidiano escolar situações de violência ou como vítimas, ou autores de violências ou como testemunhas. As justificativas para as agressões são várias abrangendo os defeitos físicos, o mal ou o bom desempenho acadêmico, as características sociais, raciais e de gênero (Esteves, 2015).

Colombier (1989), no livro “Violência na escola”, retrata a opinião normalmente exposta pelo corpo docente da escola. Ou seja, trata-se de entender o fenômeno da violência nas escolas como atos de violência contra as instalações da escola, contra os professores e dos alunos uns contra os outros, apontando os fundamentos socioeconômicos e familiares como causa, numa tentativa de apontar possíveis soluções para o problema.

De fato, o caráter multifacetado da violência no ambiente escolar impõe uma série de desafios no que tange à definição do fenômeno e os seus tipos. Um desses é distinguir o fenômeno violência escolar para que se possa estabelecer com clareza o papel dos educadores e da escola enquanto instituição na prevenção da violência.

Nesello et al. (2014) no artigo “Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos” procurou dimensionar e identificar fatores associados à violência escolar no Brasil descritos na literatura científica. O estudo analisou a violência em escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Com isso, a natureza da violência foi categorizada em física, sexual e psicológica, conforme classificação proposta pela

Organização Mundial da Saúde. Também foram acrescentadas as categorias "contra o patrimônio/material". Esses tipos de violência serão discutidos nos tópicos a seguir.

2.1 Violência Física

A Violência física engloba atos como empurrar, bater e chutar, podendo inclusive resultar em homicídio. A violência física é caracterizada por qualquer ação que cause danos, lesão ou sofrimento físico a outra pessoa. Ela pode se manifestar de diversas formas, incluindo agressões, espancamentos, socos, empurrões, estrangulamentos e qualquer outra conduta que envolva violência direta contra o corpo.

Segundo Charlot (2002), a violência física é a mais comum nas escolas, sendo facilmente identificável, mas nem sempre controlável. Essa forma de agressão envolve o uso de força física e causa danos físicos, emocionais e psicológicos, diferenciando-se de outras formas, como a verbal ou psicológica. Nesse sentido, a violência física pode ser dita como a violência de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) ou de grupo(s) e contra si mesmo, abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios, agressões sexuais. Incluímos aqui, o uso de drogas como causas de danos.

Nesello (2014, p. 25) destaca em seu estudo que as agressões relacionadas a violência escolar direta e física se configuram por algumas características, sendo elas:

A violência física é visível a outros estudantes e apresenta comportamentos de natureza física, como bater, empurrar, forçar com o corpo, chutar, tomar e danificar pertences, beliscar, dar tapas na nuca. Portanto, a violência direto se configura como as práticas que envolvem a imposição de sofrimento físico, submissão pela força e, em alguns casos, a humilhação pública do alvo.

Sua natureza tangível e imediata a diferencia significativamente das formas de agressão que não envolvem contato físico direto. A violência física é uma forma de agressão que transcende a esfera do contato físico direto, deixando cicatrizes tanto no corpo quanto na mente das vítimas. Os danos decorrentes são profundos e abrangem uma variedade de consequências físicas e emocionais.

2.2 Violência Psicológica/Moral

Violência psicológica/moral: inclui os insultos, ofensas, ameaças, discriminações, humilhações e exclusão social. Neste sentido, o Ministério da Saúde assim conceitua violência psicológica:

Violência psicológica é toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Inclui: ameaças,

humilhações, chantagem, cobranças de comportamento, discriminação, exploração, crítica pelo desempenho sexual, não deixar a pessoa sair de casa, provocando o isolamento de amigos e familiares, ou impedir que ela utilize o seu próprio dinheiro. Dentre as modalidades de violência, é a mais difícil de ser identificada. Apesar de ser bastante frequente, ela pode levar a pessoa a se sentir desvalorizada, sofrer de ansiedade e adoecer com facilidade, situações que se arrastam durante muito tempo e, se agravadas, podem levar a pessoa a provocar suicídio (Brasil, 2001, *apud* Silva et al., 2019).

Para Koehler (2004), a violência psicológica, também designada como tortura psicológica, ocorre quando pais ou responsáveis constantemente depreciam a criança, bloqueando seus esforços de autoaceitação, causando-lhe grande sofrimento mental. Parece contraditório, mas são a violência psicológica está presente em todos os espaços da sociedade, mas sempre camuflada, disfarçada por gestos e pequenas ações do indivíduo, representações da violência presentes em nosso imaginário e materializadas por nossas decisões nos espaços de vida.

Conforme a maioria dos estudos analisados, a violência psicológica contra a criança é geralmente estudada como uma das formas de violência doméstica e/ou familiar (Nesello, 2014). Embora possa ocorrer em outros âmbitos, como a creche ou a escola, é no lar e no contato com a família que a criança mais se vê envolvida em relações de violência.

Este tipo de violência, muitas vezes tida como padrão de educação, de comportamento familiar ou institucional histórica e socialmente estabelecidos, leva os pais, no caso da família, ou os responsáveis, nos casos das instituições, a perpetuarem comportamentos, atitudes e reações de ordem violenta, porém muitas vezes invisíveis, mas não menos incapacitantes para o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, que podem vir a deixar sequelas emocionais por toda a vida (Limber, 2022).

Nesse sentido, a violência psicológica é exercida na escola de forma normatizada, sem reflexões e críticas por parte dos envolvidos por tratar-se de uma cultura escolar impositiva, própria da classe dominante, reprodutora das estruturas de poder socialmente vivenciadas. Bourdieu e Passeron (1975) definem este fenômeno como violência simbólica, relacionada ao exercício de um poder invisível, ignorado, porém construtor da realidade, estruturados e sistematizados para impor e legitimar a dominação de uma classe sobre a outra através da imposição de significados tidos como legítimos nas relações de força de uma classe sobre a outra. Estas estruturas ideológicas só serão rompidas através de estudos, reflexões e debates que visem o questionamento das ideologias sistematizadas e normalizadas na

sociedade, ampliando a possibilidade de crítica e assim, possibilidades de ressignificação e criação de novas formas de ordem social, baseados na abertura discursiva, dialógica, então humana e ética nas relações sociais.

Caracterizada por atitudes que prejudicam o desenvolvimento da autoestima, a violência psicológica é de competência social, da capacidade para relacionamentos interpessoais positivos e saudáveis. Sendo assim, o autor considera que o termo psicológica não qualifica a violência (ação violenta), mas o tipo de dano que ela produz no indivíduo (Akanni, 2022).

Conforme Stevens (1999), os danos da violência psicológica no desenvolvimento da criança têm consequências no plano psicológico. A American Academy of Pediatrics (2002) apresenta, como consequências da violência psicológica para o desenvolvimento infantil, prejuízos nas seguintes áreas: pensamentos intrapessoais (medo, baixa estima, sintomas de ansiedade, depressão, pensamentos suicidas, etc.); saúde emocional (instabilidade emocional, problemas em controlar impulso e raiva, transtorno alimentar e abuso de substâncias); habilidades sociais (comportamentos antissociais, problemas de apego, baixa competência social, baixa simpatia e empatia pelos outros, delinquência e criminalidade); aprendizado (baixa realização acadêmica, prejuízo moral) e saúde física (queixa somática, falha no desenvolvimento, alta mortalidade).

Outrossim, a severidade das consequências da violência psicológica está relacionada à intensidade, gravidade e frequência de sua ocorrência em relação à criança (American Academy of Pediatrics, 2002). Os atos de violência psicológica, como produto das relações sociais, prejudicam o desenvolvimento de uma criança, uma vez que envolve um processo de constituição eu-outro. Assim, como a própria criança internaliza as formas sociais da conduta, essas formas de abuso, agressão ou maus-tratos do adulto com a criança podem constituir um importante fator de risco para seu desenvolvimento. Segundo Harth (2022), o impacto da violência psicológica no desenvolvimento provavelmente leva a criança sofrer grande dificuldade no aspecto social e de escolarização durante seu desenvolvimento, uma vez que esses atos infligem dor emocional (medo, humilhação, angústia).

2.3 Violência Sexual

A infância é uma fase da vida marcada por bons momentos, porém, muitas crianças têm sua infância marcada por tristes episódios de violência. A mais encoberta é a violência sexual, muitas das vezes praticada no ambiente familiar, por sua vez cometido por padrasto ou responsável legal. Existe também o abuso sexual incestuoso, esse cometido por pai, tio, irmão mais velho ou avô.

Outrossim, o abuso sexual contra crianças tem se mostrado na atualidade, um dos tipos de violência bastante cometido, sendo um dos tipos mais cruéis presente na sociedade, que perpetua na história e sobrevive, fazendo com que principalmente as crianças de 0 a 12 anos de idade se tornem alvo fácil, pela vulnerabilidade e inocência. Focando no trabalho preventivo nas escolas públicas do município o mais cedo possível, nosso objetivo é analisar as intervenções pedagógicas no enfrentamento do abuso sexual infantil. De acordo com a definição do Ministério da Saúde (2002), o abuso sexual consiste em:

[...] todo ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual cujo agressor está em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado que a criança ou adolescente. Tem por intenção estimulá-la sexualmente ou utilizá-la para obter satisfação sexual. Apresenta-se sob a forma de práticas eróticas e sexuais impostas à criança e ao adolescente pela violência física, ameaças ou indução de sua vontade. Esse fenômeno violento pode variar desde atos em que não se produz o contato sexual (voyeurismo, exibicionismo, produção de fotos), até diferentes tipos de ações que incluem contato sexual sem ou com penetração. Engloba ainda a situação de exploração sexual visando lucros como é o caso da prostituição e da pornografia (Ministério da Saúde, 2002, p. 13).

Dessa forma, a violência sexual abarca atos violentos de cunho sexual, como o assédio, a importunação e o estupro. A violência sexual é compreendida como a violação dos direitos sexuais, no sentido de abusar ou explorar do corpo e da sexualidade de crianças e adolescentes. Ela pode ser classificada em abuso sexual (extra ou intrafamiliar) ou exploração sexual. A maioria dos casos de abuso sexual é cometida por pessoas sem patologia alguma e se deve à cultura ainda permissiva quanto às práticas violentas e sexuais com crianças e adolescentes (Esquierro, 2011).

A violência sexual trata-se de uma violação aos direitos peculiares de uma pessoa em crescimento, negando às vítimas os direitos ao desenvolvimento sadio de sua sexualidade. Pode manifestar-se como exploração sexual, caracterizada pela relação sexual de crianças e/ou adolescentes com adultos, mediada pelo pagamento em dinheiro ou qualquer outro benefício (favores ou presentes), onde crianças e adolescentes são tratados como objetos ou mercadorias; abuso sexual, compreendido como o envolvimento de uma criança ou adolescente em atividade sexual que essa não possa compreender totalmente, sendo incapaz de dar consentimento, ou para a qual a criança não está preparada, devido ao seu estágio de desenvolvimento; e assédio sexual, definido como avanços de caráter sexual, não

aceitáveis, solicitação de favores sexuais ou contatos verbais ou físicos, que criam uma situação ofensiva e hostil, haja visto que é algo inaceitável (Silva, 2023).

A inclusão do abuso sexual na categoria de maus tratos deve-se ao fato de que, segundo Faleiros e Campos (2000, p. 7):

Os primeiros estudos sobre violência contra crianças e adolescentes foram realizados a partir do atendimento a vítimas de maus tratos físicos. Essas mesmas autoras colocam que o abuso sexual deve ser entendido como: ... uma situação de ultrapassagem de limites, de direitos humanos, legais, de poder, de papéis, do nível de desenvolvimento da vítima, do que ela sabe e compreende, do que o abusado pode consentir, fazer e viver, de regras sociais e familiares e de tabus. E que as situações de abuso infringem maus tratos às vítimas.

A violência sexual contra adolescentes pode ocorrer em qualquer lugar, inclusive na escola, que legalmente tem o papel de proteger e dar segurança a todos que a frequentam. Nesse ambiente, questões de sexualidade estão cercadas de tabus, medos, omissões e mesmo indiferença, devendo, assim, ser tratada como uma questão de natureza política, ética e de direitos humanos (Silva, 2019).

No Brasil, os resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), em sua edição de 2015, revelaram: 4,0% dos escolares entrevistados afirmaram terem sido forçados a ter relação sexual, variando de 3,7% dos meninos a 4,5% das meninas. Segundo dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), a violência sexual ocupa a segunda posição entre as agressões contra adolescentes na faixa etária de 10 a 19 anos, com 23,9% das notificações, sendo ultrapassada apenas pela violência física, com 63,3%.

As vítimas de violência sexual são mais propensas ao desenvolvimento de transtornos psicossociais que interferem na sua sociabilidade, no desempenho escolar, na relação familiar e na sexualidade. Além disso, consequências a longo prazo não atingem apenas a saúde individual, mas também a coletiva, justificando-se como um grave problema de saúde pública. Por ser um fenômeno complexo e multicausal, requer um olhar específico do poder público e uma resposta abrangente (Silva, 2023).

Para Brino e Williams (2003, p.115) “[...] O principal agressor sexual encontra-se na família, a escola mostra-se como local ideal para detecção e intervenção junto a tais casos”. Esse tipo de ato é um problema muito sério, e dificilmente deixa marcas físicas, porém, deixa consequências graves para o desenvolvimento da vítima, tanto psicológicas quanto sociais. A literatura corrobora que “[...] crianças ou adolescentes podem desenvolver quadros de depressão, transtornos de ansiedade, alimentares, dissociativos, hiperatividade, déficit de

atenção e transtorno de personalidade [...]” (Avezedo Habigzang; Koller; Machado, 2005, p. 342).

A escola ocupa um papel fundamental, pois a criança passa uma boa parte do seu dia nesse ambiente; os professores podem assim interagir e observar, mas muitas vezes, não se encontram preparados para identificar tais casos, daí a importância da formação continuada de professores para o trato com as questões que envolvem a violência sexual contra crianças e adolescentes.

Evidências indicam que quando a criança é vítima de violência sexual geralmente ela já está submetida a outras formas de violência, como negligência, violência física e psicológica. O contato frequente com estas formas de violência faz com que as crianças tenham dificuldade em diferenciar a agressividade das demonstrações de afeto da figura do agressor, que na maioria das vezes é o pai, padrasto, tio ou avô.

De modo geral, o debate sobre violência sexual na escola é basilar, pois tem papel importante podendo contribuir como agente de proteção para evitar a exclusão e o preconceito, bem como atuar na prevenção e criação de espaços pedagógicos que possibilitem a ampliação da discussão acerca de temas como a sexualidade, respeito, entre outros.

A escola deve se comprometer com a garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes, e a adesão dos educadores fortalece a militância em defesa desses direitos. A atuação do professor na identificação e denúncia da violência sexual é fundamental, principalmente nas primeiras séries, quando os educadores permanecem cerca de quatro horas diárias com as crianças.

Cabe destacar, que o abuso sexual praticado contra crianças precisa de uma atenção especial voltada não somente as questões familiares, mas também aquelas onde estas desenvolvem suas atividades sociais, como creche, escola, igreja, dentre outros ambientes em que a criança frequenta. A escola desempenha um papel fundamental no combate à violência sexual contra crianças, pois é um ambiente onde passam grande parte do seu tempo e onde podem ser identificados sinais de abuso.

Para combater a violência sexual, a escola pode implementar uma série de medidas, de uma forma educativa a escola pode ensinar seus alunos sobre o que é o abuso sexual, como identificá-lo e como denunciá-lo. Além disso, é importante que os professores e funcionários da escola estejam treinados para reconhecer os sinais de abuso e saibam como relatar suspeitas.

2.4 Violência Patrimonial

A violência contra a escola, consiste no ataque de alunos ao patrimônio (escolar ou de professores e funcionários). Esses ataques, cuja presença se observa em ações como destruição de carteiras, pichações, depredação de telefones públicos etc., são habitualmente reduzidos à noção jurídica de vandalismo.

Na violência contra o patrimônio - é a violência praticada contra a parte física da escola. "É contra a própria construção que se voltam os pré-adolescentes e os adolescentes, obrigados que são a passar neste local oito ou nove horas por dia. Colombier (1989). E na violência doméstica a sua prática é na maioria das vezes causada por familiares ou pessoas ligadas diretamente ao convívio diário do adolescente.

Oliveira e Gomes (2012) enfatizam que a Violência Patrimonial é a manifestação de violência mais frequente em escolas públicas. Ocorre, habitualmente, em razão de sentimento de revolta e de indignação dos alunos que, de alguma maneira, se sentem afetados por atos praticados pela gestão escolar ou por docentes ou, mais raramente, por colegas. Ademais, tais atos decorrem, muitas vezes, da condição mesma dos agentes, ou é por ela ao menos impulsionada, como leciona Oliveira e Gomes:

Sabe-se que as situações de penúria em que se encontram esses estudantes, a carência tanto emocional quanto financeira, implicam no surgimento de diversas reações como a inveja e a revolta. Essas emoções influenciam os comportamentos intersubjetivos predispondo-os a atitudes de teor violento (Oliveira e Gomes, 2012 pp. 87- 88).

Abramovay e Rua (2002), Barrilari (2007) são autores que explicam que a ação intencional de alunos contra o patrimônio da escola ou de quem a representa tem relação com a violência institucional. A violência pode se manifestar tanto em atitudes explícitas, como humilhações e preconceitos, quanto de forma sutil, por meio de critérios de formação de turmas, atribuição de notas, tratamento de questões sociais periféricas e espaço negado a manifestações identitárias contra hegemônicas.

A Violência Patrimonial é a manifestação de violência mais frequente em escolas públicas. Ocorre, habitualmente, em razão de sentimento de revolta e de indignação dos alunos que, de alguma maneira, se sentem afetados por atos praticados pela gestão escolar ou por docentes ou, mais raramente, por colegas. Ademais, tais atos decorrem, muitas vezes, da condição mesma dos agentes, ou é por ela ao menos impulsionada, como leciona Oliveira e Gomes:

Sabe-se que as situações de penúria em que se encontram esses estudantes, a carência tanto emocional quanto financeira, implicam no surgimento de diversas reações como a inveja e a revolta. Essas emoções influenciam os comportamentos intersubjetivos predispondo-os a atitudes de teor violento (Oliveira e Gomes, 2012, pp. 87- 88).

Esse tipo de violência, apesar de ser muito comum no dia-a-dia, tem poucas reclamações registradas pelas vítimas. O texto da lei brasileira sobre essa violência, descreve como violência patrimonial qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades.

3. IMPACTOS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NOS ALUNOS

Como visto nos tópicos anteriores, a violência escolar descreve atos violentos que perturbam a aprendizagem e têm um efeito negativo nos alunos, nas escolas e na comunidade em geral. Nos últimos anos, casos de violência relacionados às escolas têm apresentado cada vez mais notoriedade na mídia e na sociedade em geral, especialmente em decorrência de diversos crimes cometidos.

Nesse sentido, a violência contra crianças é generalizada e deve ser abordada para melhorar a saúde e o bem-estar das crianças. Todas as crianças e adolescentes podem estar em risco de violência escolar: mas aqueles que são vulneráveis devido a fatores como pobreza, status social associado à etnia, diferenças linguísticas ou culturais e migração ou deslocamento, e deficiências, que são órfãos, ou podem ter maior probabilidade de serem alvos.

Do ponto de vista do aluno, as consequências da violência, em sala ou fora dela, tanto entre colegas quanto com professores perpassam vários pontos da vida pessoal e escolar dos litigantes (agressor e agredido) que, em menor ou maior grau, dependem do impacto do tipo violento, que podem variar entre incursões físicas ou verbais, ou entre variações de ambas as modalidades combinadas.

Enfatiza-se que a violência na escola pode ter um impacto físico e pode causar sofrimento psicológico, deficiência física permanente e problemas de saúde física ou mental a longo prazo. Os impactos físicos são os mais óbvios e podem incluir ferimentos leves ou graves, hematomas, fraturas e mortes por homicídio ou suicídio. Vários estudos mostraram correlações entre punição corporal e saúde mental precária (Korean, 2015).

No estudo de Korean (2015), enfatiza-se que, enquanto a maioria dos estudos se concentraram na punição corporal dentro das famílias, alguns se concentraram na punição corporal nas escolas com impactos sociais invariavelmente negativos. Confirmou-se que vítimas de punição corporal tendem a se tornar passivas e excessivamente cautelosas, e a temer a livre expressão de suas ideias e sentimentos, enquanto, ao mesmo tempo, podem se tornar perpetradoras de violência psicológica.

Crianças que são punidas fisicamente têm menos probabilidade do que outras crianças de internalizar valores morais e são menos inclinadas a resistir à tentação, a se envolver em comportamento altruísta, a ter empatia com os outros ou a exercer julgamento moral de qualquer tipo. Elas são mais inclinadas a desenvolver conduta desordeira e agressiva, como bater em seus irmãos, pais, colegas de escola e namorados ou namoradas. E podem se tornar

adultos propensos à punição contra seus próprios filhos, e assim transmitir os hábitos de violência (Korean, 2015).

Considerando que as crianças passam mais tempo sob os cuidados de adultos em escolas e outros locais de aprendizagem do que em qualquer outro lugar fora de suas casas; por causa disso, a violência que ocorre na escola deve ser investigada quanto aos problemas físicos, psicológicos e sociais decorrentes disso. Essas consequências podem ser imediatas, bem como latentes, e podem durar anos após a violência inicial.

Nesse sentido, esta seção busca abordar sobre os principais impactos da violência escolar nos alunos, entendendo os fatores associados a violência, as consequências no processo de ensino-aprendizagem, e investigar o que diz a legislação brasileira sobre a violência nas escolas.

3.1 Fatores associados a violência escolar

Diversos fatores podem estar associados a violência escolar, entre eles fatores sociais, que é a violência em geral na sociedade, o aumento do desemprego e a volta da fome; os fatores escolares, que envolve a falta de investimento na educação, a desigualdade social, a falta de estrutura física das escolas, a falta de segurança pública, os diversos tipos de violência, o uso de drogas, a influência da mídia e a ausência de valores éticos e morais; e fatores externos, o extremismo, o discurso de ódio e a disseminação dessas manifestações em redes sociais.

Soares (2022) afirma que o aparecimento de violência nas escolas situadas em bairros carentes e desfavorecidos e examina que a depredação escolar é uma manifestação da violência urbana e está associada às condições sociais, culturais, econômicas e políticas de regiões periféricas e do país. De acordo com este autor, a violência tem diversas origens, dentre elas pode-se citar, o acelerado desenvolvimento industrial, as inovações tecnológicas, consumo exacerbado, centralização de renda, as privações de ambientes sociais, ou ainda mesmo o complicado acesso a serviços básicos de direito humano que são essenciais e indispensáveis a qualquer indivíduo como: moradias, escolas, hospitais, saneamento básicos, alimentação adequada, emprego e etc., esses fatores despertam nas pessoas sentimentos de carências, inferioridade, frustrações, o que colaboram para a manutenção e inclusive para o agravamento do problema.

De acordo com Pereira et al. (2009), os agressores não apresentam, um único perfil, uns são violentos, abusam do poder sobre os pares pela força enquanto outros são manipuladores, sedutores até atingirem os seus objetivos. Por isso quando se fala no perfil normalmente parece estar associado a um sujeito com força física, encorpado e muitas vezes quando nos

confrontamos com as crianças verificamos que aparentam ser frágeis e pequenas mesmo relativamente aos seus pares. Outros ainda há que são pessoas muito agradáveis parecem preocupadas com os outros atenciosas e são esses que manipulam os seus pares para atingirem os seus objetivos como por exemplo extorquir dinheiro dos colegas não furtando (de forma invisível) ou roubando (com recurso à força) mas pedindo dinheiro a troco de atenção da sua amizade.

No modelo encontrado, ser do sexo feminino também se associou negativamente aos índices de violência escolar, indicando que os meninos se envolvem mais nesse tipo de situação. As conclusões dos estudos da área não são consistentes a este respeito. Em uma pesquisa realizada em 40 países, com mais de duzentos mil adolescentes, dos quais 12,6% indicaram sofrer violência na escola, as meninas (na maioria dos países) apresentaram índices maiores de vitimização do que os meninos (Korean, 2015).

Tem-se que considerar que as questões de violência, na escola ou em qualquer lugar, decorrem de múltiplos fatores, que entrelaçam indivíduo, estrutura social e cultura (Limber, 2021), portanto requerem ações interventivas compartilhadas e de maior extensão analítica. Ou, nas palavras de Roales (2015, p. 151):

As situações de violência escolar não são fruto do acaso, mas reflexo do que acontece ao nosso redor, na sociedade em que vivemos e no tipo de família a que pertencemos. A atitude e o treinamento que temos ao lidar com situações de conflito influenciarão grandemente o resultado final.

É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes geralmente não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Para Silva (2015) significa dizer que, de forma quase natural, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar e amedrontar suas vítimas.

Sobre os fatores de risco que podem aumentar a probabilidade de uma criança cometer violência escolar, estes são alguns deles:

Mau desempenho acadêmico; histórico anterior de violência; personalidade hiperativa ou impulsiva; condições de saúde mental; testemunhar ou ser vítima de violência; uso de álcool, drogas ou tabaco; dinâmica familiar disfuncional; violência ou abuso doméstico; acesso a armas; pais delinquentes; pobreza ou altas taxas de criminalidade na comunidade, entre outros (Gupta, 2023, p. 1).

Entretanto, é importante observar que a presença desses fatores não significa necessariamente que a criança se envolverá em comportamento violento.

O insucesso escolar parece estar associado ao aumento percentual de crianças envolvidas com a violência escolar, sejam enquanto agressoras ou vítimas (Pereira, 2009). Este problema, não sendo novo, tende a tomar maiores proporções se não houver consciência que a violência escolar existe e que devem ser tomadas medidas para reduzi-la. Estas medidas devem ter sobretudo um carácter preventivo.

Quanto à escolaridade, Mendes (2011) relata em seu estudo a ocorrência de vítimas do 6º ano de escolaridade (58%), sendo que sua amostra continha estudantes do 5º e 6º ano. Em outro estudo, 28,5% das vítimas estavam entre 6 e 8 anos de idade; 32%, entre 9 e 11 anos; e 39,6%, entre 12 e 18 anos. Cursavam as quatro primeiras séries, 56,5% dos alunos; e o restante, da 5ª à 8ª série (Moura; Cruz; Quevedo, 2011).

Abordando rapidamente os impactos, estudos indicam que crianças que testemunham a violência escolar podem sentir-se culpadas por presenciar a violência e ter demasiado medo de a impedir. Eles também podem se sentir ameaçados e seu cérebro pode reagir de maneira semelhante a uma criança que enfrentou violência escolar. Além disso, conforme Smith (2003), quando as crianças vivenciam ou testemunham traumas, suas crenças básicas sobre a vida e as outras pessoas costumam mudar. Já não acreditam que o mundo é seguro, o que pode ser prejudicial para a sua saúde mental.

Quanto à influência das relações interpessoais, manifestaram-se nos estudos que os perpetradores da violência escolar estavam ligados de forma mais evidente aos sentimentos de solidão, não ter amigos, baixa empatia com os outros, relacionamento ruim com os professores, pouca comunicação com os pais e com maior vulnerabilidade no campo da saúde mental e da violência doméstica. Adolescentes que tinham esse comportamento relataram níveis mais baixos de conexão com a escola e de monitoramento dos pais (Bowes, 2015).

No que tange os sentimentos com a escola e corpo escolar evidenciou-se que os alunos que possuíam um alto nível de preocupação em serem intimidado eram mais propensos a serem apoiadores da violência escolar, já os alunos que possuíam uma autoestima elevada, empatia e capacidade de resolver problemas sociais e possuíam um bom relacionamento com professores tinha uma atuação desfavorável com relação a violência (Limber, et al. 2021).

De acordo com Cabral et al. (2020), é possível perceber uma tendência em atribuir a maior propensão ao comportamento violento nos homens a aspectos biológicos, podendo também ser previamente explicada por características cognitivas. Cognações e emoções negativas são rotineiramente associadas à violência masculina, mas também já se verificou que cognições positivas como otimismo e autoconfiança também podem aumentar a chance de emissão de comportamentos agressivos.

Nesse sentido, no que se refere às origens do comportamento agressivo, estudos mais antigos sugeriram que, de um modo geral, aspectos familiares e o próprio temperamento da criança poderiam influir no aumento da agressividade, favorecendo a assunção de um papel de agressor (Olweus, 1993). Alguns fatores pessoais associados à prática da violência, segundo Pereira (2023), seriam: hiperatividade, impulsividade, distúrbios comportamentais, dificuldades de atenção e desempenho escolar deficiente. O autor destaca ainda, além desses, a falta de empatia.

Os fatores de risco para violência escolar mostraram-se associados aos estudantes que tinham uma regularidade para consumo de álcool e cigarro (Potirniche & Enache, 2014). Assim como os jovens que estavam em um relacionamento, os que faltavam as aulas com regularidade, os que relataram exposição à violência doméstica e comunitária e os que residiam em bairro de elevada criminalidade (Azeredo et al., 2015). Já os adolescentes que apresentam problemas de saúde mental revelaram-se estar mais expostos ao risco de se tornarem vítimas ou agressores ao longo do tempo (Marcolino et al., 2018).

Entre os fatores relacionados à violência escolar também está a renda familiar, uma vez que o envolvimento de adolescentes com baixo poder aquisitivo está associado a situações de violência. A causa dessa violência está pautada nas desigualdades econômicas dos estudantes envolvidos, significa que os adolescentes que não possuem os bens materiais de seus pares, incluindo certos bens visíveis do estilo de vida e oportunidades de participar de atividades de lazer, correm maior risco de serem excluídos ou até intimidados. Sabe-se também que os adolescentes em famílias socioeconômicas desfavorecidas enfrentem experiências mais adversas em seus ambientes familiares, devido ao estresse causado por problemas financeiros gerando instabilidades emocionais e um ambiente propenso a conflitos interpessoais (Silva et al., 2019).

3.2 Consequências da violência na aprendizagem dos alunos

Diante de um cenário de tanta violência escolar que ocorrem atualmente, estudantes e familiares passam a se ver, constantemente, envoltos em um ambiente de apreensão. O que reverbera, obviamente, em consequências no dia a dia de gestores e professores. Desse modo, é importante investigar quais as consequências da violência na aprendizagem dos alunos.

Dentre os sintomas internalizantes, grande parte das pesquisas tem focado sua atenção nos sintomas depressivos, pois a depressão tem sido considerada um problema de saúde pública, com significativos custos sociais e econômicos (Bowes et al., 2015). Os resultados deste estudo indicam associação entre ser vítima de violência na escola e índices mais altos de sintomas

depressivos. Ainda, além do impacto na saúde mental, os dados deste estudo de Bowes et al. (2015), indicaram que ser vítima de violência escolar provoca impacto negativo na avaliação que o sujeito faz da própria vida. A literatura tem indicado que avaliações positivas sobre a própria vida na adolescência estão associadas à felicidade, enquanto índices menores nessa variável estariam associados à depressão e tristeza

Silva (2019) destaca como consequência o medo persistente que segundo esse pesquisador bloqueia a agressividade e o bom funcionamento mental, além disso, compromete as funções de raciocínio-lógico, a abstração, causa perda do interesse por si mesmo e pelo aprendizado, compromete a autopercepção, concentração, autoestima e a capacidade de interiorização. Enquanto reações ao estresse persistem sensações corporais tais como: sudorese e dor de cabeça. Causa ainda, sensação de sufocação, cólicas, náuseas, vômitos, diarreia, ideias de vingança e facilita o desenvolvimento da ideia suicida.

A literatura apresenta diversas consequências resultantes das agressões vivenciadas, principalmente pelas vítimas, corroborando com Oliveira e Gomes (2012, p. 311) no sentido que “a vítima o seu maior prejudicado, que muitas vezes além de todos os sofrimentos já passados, não consegue superá-los, carregam esses traumas por toda a vida, e muitas vezes preferem à morte”. É válido deixar claro que as consequências da violência vão além do ambiente onde ocorrem as agressões.

A consequência mais fortemente ligada à perpetração da violência escolar é a perpetração do bullying. Esta relação indica que os jovens que cometem violência na escola têm risco de intimidar outras pessoas na escola ou em outros contextos. Consequências adicionais que foram moderadamente associados à perpetração de violência escolar incluíram automutilação, suicídio, porte de armas, abandono escolar, vitimização por violência no namoro, qualquer perpetração de violência, e qualquer comportamento ofensivo/anti-social. Outras consequências observadas nos estudos, inclui o desempenho escolar, desempenho acadêmico e uma variedade de indicadores de saúde mental (por exemplo, depressão, baixa autoestima, ansiedade), todos esses problemas estavam associados à violência escolar.

A violência escolar também tem como consequência a questão da evasão escolar, bem como para a desmotivação em relação aos estudos, levando essas pessoas a apresentarem dificuldades na aprendizagem, bem como formar uma geração de pessoas psicologicamente desestruturadas, que poderão adotar características antissociais. O mesmo autor afirma ainda que a pessoa que passa por esse tipo de violência viver constante em um estado de tensão e amedrontamento, bem como de estresse, o que de acordo com Silva (2015) que pode surgir sem qualquer aviso prévio.

Alguns estudos têm destacado a evasão escola como uma das consequências da violência nas escolas. Oliveira e Gomes (2012) definem a evasão como a "interrupção voluntária do percurso educacional". Nessa ótica, a evasão era vista como uma escolha individual, baseada na vontade do aluno de interromper sua trajetória educacional. Essa definição inicial enfatizava a agência do estudante e seu papel central na decisão de abandonar a escola.

Contudo, ao longo do tempo, pesquisadores passaram a reconhecer que a evasão escolar é influenciada por diversos fatores externos, incluindo contextos sociais, econômicos e educacionais. Bourdieu e Passeron (1975), por exemplo, introduziram o conceito de "violência simbólica" para explicar como as estruturas sociais e as desigualdades de classe afetam a permanência dos estudantes na escola. Eles argumentam que a escola reproduz hierarquias sociais preexistentes e impõe padrões culturais dominantes que podem levar ao abandono escolar por parte dos alunos de grupos desfavorecidos.

De maneira geral, os achados indicam que os agressores de ambos os sexos apresentam traços depressivos, estresse, solidão, baixa autoestima e, de maneira positiva, mais satisfação com a vida (Neto et al., 2018). Meninas e meninos estão predispostos a desenvolver depressão com os comportamentos de violência, porém são elas que apresentavam maior chance de terem problemas emocionais como anedonia e baixa autoestima. Um estudo que contou com a participação de 456 adolescentes turcos revelou que o grupo de estudantes identificados como agressores também relatou diminuição do bem-estar subjetivo, maior emotividade e problemas comportamentais dentro e fora da escola (Akanni, et al., 2022).

Dados de pesquisas em psicopatologia do desenvolvimento indicam que eventos estressantes na vida podem levar ao aparecimento e manutenção de depressão, ansiedade e outros sintomas psiquiátricos e que, para muitos jovens, sofrer violência na escola é um grande fator de estresse na vida, e, especialmente para meninas, comportamento auto-lesivo (Akanni, 2022).

Crianças que sofreram qualquer tipo de violência na escola podem desenvolver transtorno de apego reativo que é classificado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico 5ª Edição (DSM-5) como uma condição relacionada a trauma e estresse da primeira infância causada por negligência social e maus-tratos. Crianças afetadas têm dificuldade em formar vínculos emocionais com outras pessoas, mostram uma capacidade reduzida de experimentar emoções positivas, não conseguem buscar ou aceitar proximidade física ou emocional e podem reagir violentamente quando seguradas, abraçadas ou confortadas.

Comportamentalmente, crianças afetadas são imprevisíveis, difíceis de consolar e difíceis de disciplinar. Elas têm um forte desejo de controlar seu ambiente e tomar suas próprias decisões. Mudanças na rotina, tentativas de controle ou convites não solicitados para confortar podem provocar raiva, violência ou comportamento auto lesivo. Na sala de aula, esses desafios inibem a aquisição de habilidades acadêmicas essenciais e levam à rejeição de professores e colegas. O abuso na infância tem sido correlacionado com dificuldades na memória de trabalho e no funcionamento executivo, enquanto a negligência grave está associada ao subdesenvolvimento do hemisfério cerebral esquerdo e do hipocampo (Neto, et al., 2018).

Evidências de alguns estudos longitudinais, como de Neto et al. (2018), sobre as consequências da violência escolar, sugerem que sofrer violência, especialmente na infância e adolescência, pode prejudicar gravemente o funcionamento físico, psicológico e social de uma pessoa, levando a comportamentos de risco, ansiedade, depressão, níveis mais baixos de desempenho acadêmico, ideação suicida, comportamento suicida e até mesmo a automutilação.

A violência pode provocar então tanto consequências na satisfação de vida e na saúde mental, como indicado pelos resultados deste estudo, como também pode ocasionar o afastamento do jovem do espaço escolar. Embora sem significância estatística no modelo final de regressão neste estudo, a reprovação escolar deve ser considerada em ações educativas de prevenção ao comportamento violento entre estudantes. Reprovações na escola podem estar associadas a menores expectativas do adolescente em concluir a educação básica, sendo que nos últimos anos do Ensino Médio a saída de alunos do sistema de ensino por esse motivo se mostra preocupante (Neto, et al. 2018).

Um dos maiores problemas que afetam o bem-estar de alunos de todas as idades é o isolamento. Se um aluno vivencia interações negativas constantes com professores e colegas, ele se sentirá separado de sua comunidade. Uma criança ou adolescente que pensa que não pertence à escola não sentirá a necessidade de protegê-la e pode tentar ativamente prejudicá-la.

3.3 Legislação brasileira sobre a violência nas escolas

A violência existente nas escolas hoje faz com que o professor tenha medo de realizar suas atividades, tenha dificuldades para manter a disciplina e, conseqüentemente, poder atuar como deveria na formação dos seus alunos. Entretanto, essa não é uma preocupação recente, tanto que foi revelada pelos docentes em uma Pesquisa da UNESCO em 2004, onde 54,8% afirmam que manter a disciplina é um problema em sala de aula, aparecendo em terceiro lugar em um rol de treze colocações, demonstra claramente que são notórias situações graves de

indisciplina em sala de aula. Nesse viés, começaram a surgir leis e normas que visavam combater a violência nas escolas.

No Brasil, duas normas pretenderam o enfrentamento da violência: a Lei Federal n. 13.185 de 06 de novembro de 2015, assinada pela então presidente Dilma Rousseff, e a Lei 13.663 de maio de 2018, firmada pelo presidente Michel Temer. A Lei Federal n. 13.185 de 06 de novembro de 2015 instituiu o Programa de Combate à “Intimidação sistemática”, trazendo a definição de tal instituto já em seu art. 1º, §1º, nos seguintes termos:

[...] considera-se intimidação sistemática, todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (Brasil, 2015, p. 1).

A norma em questão delimita, ainda, em seu art. 2º, as características do Bullying, estabelecendo que ocorre a intimidação sistemática quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda, ataques físicos; insultos pessoais; comentários sistemáticos e apelidos pejorativos; ameaças por quaisquer meios; grafites depreciativos; expressões preconceituosas; isolamento social consciente e premeditado e pilhérias (Brasil, 2015).

Destaca-se que a norma determina, no seu art. 5º, que todo estabelecimento de ensino assegure medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática. Anos após a criação desta Lei, surge a Lei 13.663/2018, buscando emprestar mais concretude à normativa anterior e voltada especificamente ao bullying ocorrido na comunidade escolar, alterou a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – para incluir, no art. 12, o inciso IX, prevendo como atribuição das instituições de ensino “promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática, no âmbito das escolas (Brasil, 2015).

Ambas as leis têm o objetivo de promover o combate à violência relacionada ao bullying, porém a Lei 13.663/18 insere, dentro da própria legislação de diretrizes da educação, a obrigação de os estabelecimentos de ensino promoverem políticas de conscientização e prevenção a este tipo de violência, além da promoção da cultura de paz.

Em 2023 Lei que implementa política de prevenção à violência em escolas é sancionada. Recebeu a sanção da Governadoria a Lei Estadual nº 21.881 (originalmente projeto de lei nº 496/23), de autoria do próprio Poder Executivo, que institui a Política Estadual de Prevenção e Combate à Violência Escolar. A matéria estabelece protocolos para promover a

segurança nas escolas das redes pública e privada, de ensino normal e profissional, básico e superior. Dentre as medidas, está a instalação de câmeras de monitoramento nas unidades de ensino, utilização de detectores de metais e campanhas de combate a violência no ambiente escolar.

Todos nós temos acompanhado esses fatos lamentáveis de ataques e ameaças às escolas e por isso, de forma conjunta e imediata, nos unimos ao governador Ronaldo Caiado nessa missão de garantir, acima de tudo, plena paz à nossa comunidade escolar. O Estado não cruzou os braços diante dessa situação. Pelo contrário, agiu de forma concreta e nós, do Poder Legislativo, contribuimos efetivamente com essas ações aprovando de forma célere esse projeto que, sem dúvidas, trará segurança e também acolhimento às pessoas que foram abaladas psicologicamente (Brasil, 2023, p. 1).

Em outra frente, as novas regras também preveem interlocução com redes sociais e páginas da internet para a remoção instantânea de conteúdos impróprios e de apologia ao crime; e, em caso de episódios de violência, a responsabilização civil, penal e administrativa do agressor e dos pais ou responsáveis, além de prever o atendimento de professores e estudantes por serviço de psicologia.

Diante das constantes ameaças virtuais de ataques às escolas, a nova legislação prevê ainda a responsabilização das plataformas de conteúdos digitais que promovam cyberbullying, empresas responsáveis por redes sociais e proprietários de perfis digitais, que poderão responder na justiça pelo comportamento criminoso.

Recentemente em janeiro de 2024 é criada a Lei 14.811/24:

Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares, prevê a Política Nacional de Prevenção e Combate ao Abuso e Exploração Sexual da Criança e do Adolescente e altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e as Leis nºs 8.072, de 25 de julho de 1990 (Lei dos Crimes Hediondos), e 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente) (Brasil, 2024, p. 1).

Para o novo texto legal, o fenômeno da violência consiste no:

[...] ato de “intimidar sistematicamente, individualmente ou em grupo, mediante violência física ou psicológica, uma ou mais pessoas, de modo intencional e repetitivo, sem motivação evidente, por meio de atos de intimidação, de humilhação ou de discriminação ou de ações verbais, morais, sexuais, sociais, psicológicas, físicas, materiais ou virtuais (Brasil, 2024, p. 1).

No caso de adultos cometendo violência contra crianças ou adolescentes, a pena prevista é multa – se a agressão for cometida por adolescentes, eles respondem por meio de medidas socioeducativas nas Varas da Infância e Juventude. Já no caso de crianças, os responsáveis legais são processados. No entanto, a punição endurece quando tudo acontece no ambiente virtual. Caso a intimidação ocorra por meio da Internet, das redes sociais, aplicativos ou jogos, a pena passa a ser de reclusão de 2 a 4 anos, além da multa (Brasil, 2024).

A capacitação dos docentes, prevista em muitas legislações, permite que o relacionamento interpessoal dentro da escola seja mais bem observado, favorecendo a identificação de ações e a adoção de ações preventivas (Oliveira; Gomes, 2012). Contribui para a preparação dos professores, pois, durante o curso de formação, poucas informações sobre o tema são prestadas sobre como enfrentar o fenômeno (Silva; Rosa, 2013). A capacitação também envolve a qualificação da equipe multidisciplinar. É essencial que o espaço escolar conte com profissional de psicologia, para que sejam identificados comportamentos violentos e desenvolvidas estratégias de prevenção e intervenção.

4. PREVENÇÃO E COMBATE A VIOLÊNCIA ESCOLAR

Como visto até aqui, a violência constitui um dos mais sérios e complexos problemas da agenda global, expressa em distintos formatos, intensidade e natureza. A violência em ambientes escolares, aparentemente, um dado rotineiro e localizado, sem maiores consequências, e perdido entre eventos de alta magnitude bélica e cotidiana (guerras, terrorismo, violência urbana e infanto-juvenil, violência desportiva, por exemplo) tem atraído atenção também em nível mundial. Mas a identificação de causas, efeitos e soluções, ou mesmo a natureza do conflito, têm sido o maior desafio da comunidade escolar frente a atos do gênero, em diferentes formas expressivas, que variam de interpelações verbais a ataques físicos (Pimenta; Incrocci, 2018).

A violência, em particular a física entre os alunos, e a violência física perpetrada por professores e outros funcionários, pode acontecer à vista de outros alunos, por exemplo, em playgrounds ou salas de aula ou no contexto de esportes escolares. Os professores também podem não reconhecer a violência advinda do bullying ou os códigos, linguagens e práticas que crianças e adolescentes usam para assediar uns aos outros, e a violência que ocorre fora de sua vista é difícil de identificar. Em alguns casos, os professores permitem ou se envolvem em comportamento violento.

A prática da violência escolar já existe há um bom tempo, mas só agora está recebendo um olhar mais atento por parte de profissionais e pesquisadores. Em pesquisa do IBGE, em 2015, foi mensurado que 7,4% dos alunos sofrem algum tipo de zombaria e se sentem humilhados com isso, enquanto 19,8% já expuseram algum colega a uma situação vexatória. Isso sem contar os episódios de racismo, as piadinhas por questões de gênero ou religião, além de pequenas agressões físicas que, vez por outra, acabam passando despercebidas, assim como o isolamento social, a intimidação e até pequenos furtos. Por esse motivo, detectar e combater a violência vem se tornando um grande desafio para profissionais da área da educação (Leopoldino, 2020).

Acredita-se que a violência nas escolas pode ser prevenida por meio de uma combinação de estratégias, incluindo a implementação de medidas de segurança física, adoção de políticas projetadas para prevenir a violência, organização de programas de treinamento para que o pessoal da escola reconheça sinais de alerta e intervenha efetivamente, perfilando e aconselhando indivíduos em risco, usando software para identificar tendências e riscos, desenvolvendo planos de crise e emergência, atribuindo papéis para alunos, pais e a comunidade, e abordando e resolvendo conflitos de forma construtiva.

Ao lidar com uma criança violenta na escola, é crucial reconhecer os potenciais fatores de risco subjacentes que contribuem para seu comportamento, criar um ambiente seguro e semiprivado para discussão, manter uma comunicação calma e respeitosa, focar em entender os sentimentos e motivações da criança e trabalhar para encontrar uma resolução que aborde a situação atual e minimize a probabilidade de recorrência, utilizando estratégias de resolução de conflitos conforme necessário.

A violência escolar pode parecer um problema avassalador e impossível de resolver, mas não é o caso. Existem várias estratégias centradas em como prevenir a violência escolar, que podem ser aplicadas ao ambiente doméstico, nas comunidades e nas escolas. Sabe-se que a escola é um espaço formado a partir de diferentes culturas, crenças e ideologias, é constituída de um público heterogêneo, e essas diferenças que deveriam ser valorizadas e respeitadas por todos, muitas vezes acaba sendo vista como uma oportunidade para a disseminação da violência. Nesse sentido, os seguintes tópicos irão abordar sobre a prevenção e o combate a violência nas escolas, entendendo como a escola deve agir diante de situações de violência entre os alunos.

4.1 Fiscalização dentro das escolas

Pimenta, Incrocci (2018) salienta que não há como a instituição escolar se escusar da responsabilidade de proteger os alunos de situações de violência escolar: [...] a escola tem a responsabilidade de proteger seus alunos de ações violentas desde as violências verbais até as físicas; comunicando-as aos órgãos competentes à proteção integral de crianças e adolescentes, pois as crianças não podem mais ser tratadas como propriedade de suas famílias, mas sim como sujeitos de direitos e deveres. Dessa forma, a ausência de protocolos de ação diante dos flagrantes de violência torna-se, todavia, uma omissão institucional.

A escola tem papel fundamental na identificação do indivíduo com tendência a apresentar comportamento violento, já que é nesse ambiente que a criança provavelmente manifesta tal comportamento. Para Leopoldino (2020), a escola pode ainda prevenir a agressividade dos alunos por meio do ensino e do monitoramento. Essa relação é chamada de “efeito capacitação” e sugere que manter os jovens ocupados e fora das ruas pode diminuir o engajamento em atividades violentas. Todavia, os autores acrescentam que, se o ambiente escolar for caracterizado pela presença da violência, a concentração dos estudantes aumenta a probabilidade dos conflitos agressivos, uma vez que a escola proporciona a concentração geográfica dos alunos e aumenta a interação entre eles.

Conforme Leopoldino et al. (2020), nota-se que a escola não está imune às manifestações de agressões, já que as intolerâncias às diferenças, os preconceitos e a covardia nas relações interpessoais não estão somente dentro dos muros escolares, constituem todo segmento da sociedade. Entretanto, ela pode se compor como um espaço seguro e saudável de ensino e aprendizagem, onde crianças e adolescentes possam conviver socialmente, provendo relações interpessoais, que são fundamentais para o crescimento dos jovens por meio da aceitação da inclusão e do respeito aos outros. Tudo isso cria um ambiente que possibilita um cenário em que eles aprendam a se conhecer e a desenvolver sua subjetividade e individualidade.

Alguns órgãos governamentais e não governamentais da América Latina desenvolvem algumas ações e sugestões para combater a violência no recinto escolar, entre elas pode-se ressaltar: ampliação de projetos com habilidades lúdicas, artísticas e esportivas (campeonatos, dramatizações, dança, teatro, música etc.), com finalidade de instigar o desenvolvimento pessoal, a edificação das identidades e a ampliação de trabalho em grupo; tendo como prioridade a socialização e o respeito ao próximo. Promoção de Grêmios escolares, tendo como finalidade a cooperação ativa dos alunos nas atividades e tomadas de decisões escolares; fazendo com que o aluno se sinta integrado e parte do processo escolar.

É imprescindível o envolvimento de toda a comunidade escolar para a prevenção e enfrentamento da violência escolar, no sentido de conscientizar sobre a dimensão das consequências. Para assegurar a efetivação das ações nas escolas é primordial envolver os diversos segmentos sociais e profissionais da sociedade para dar visibilidade para a problemática da violência nas escolas e auxiliar na construção de políticas públicas em nível federal, estadual e municipal. Para tanto, é preciso investir recursos financeiros para as formações dos professores e priorizar esforços em pesquisas e práticas que possam subsidiar ações para o bem-estar de toda a comunidade escolar, a partir da prevenção e enfrentamento desta problemática (Pereira, 2023).

Prevenção da violência escolar pode ser feita em casa, assim, é preciso que a escola chame a atenção para o fornecimento de informações para os pais. O ambiente doméstico de uma criança tem um grande impacto em todo o seu processo de desenvolvimento. Crianças e adolescentes modelam o comportamento daqueles ao seu redor, então ter pais que conseguem administrar conflitos sem recorrer à violência é um fator significativo na prevenção da violência escolar. Os pais podem ser aliados poderosos na prevenção da violência escolar, especialmente se eles sabem o que procurar e estão cientes dos fatores de risco que podem impactar seus filhos.

Os pais podem estabelecer limites claros e oferecer regras consistentes que deixem a criança saber exatamente o que esperar de seu comportamento.

4.2 Como identificar comportamentos violentos nos alunos

É possível que, pelas características da turma e pela observância de algum comportamento mais alterado de aluno, aos primeiros sinais de agressão o professor pode intervir previamente no curso interativo e prático do trabalho pedagógico. Mesmo Porque, segundo Esquierro (2011, p. 48), “o fato de a construção da violência ser lenta significa também que a prevenção tem que começar cedo, devendo acontecer em meio às tarefas cotidianas do espaço escolar”.

Mas normalmente, as ocorrências aparentemente simples, neutras, mas que podem evoluir para situações mais graves são tratadas por professor na sala de aula com medidas de cunho circunstancial, pouco producentes, como reclamações, discursos psicologizantes (momentâneos e passageiros), exclusão de sala do aluno, ou, por meios administrativos como suspensão, transferência de escola ou mesmo expulsão do aluno. Trata-se, pois, de paliativos que obscurecem as raízes do problema, adiando-o para outro momento com a perspectiva de o professor e a escola lidarem com a mesma situação (Tavares e Pietrobon, 2016).

Os profissionais da educação precisam de atenção ao que se refere às mudanças de comportamento dos alunos, buscando conquistar a confiança destes para que desse modo, sintam-se á vontade para conversar ao que se refere às práticas da violência - caso esteja sendo vítimas. Ao momento que se conhece condutas de violência dentro e fora do âmbito escolar, pode-se encontrar mecanismos favoráveis a orientação desses alunos, caminhando lado a lado.

Para identificar o alvo de violência na escola Rech et al. (2014) propôs um treinamento de assertividade, trabalhando com alunos específicos, o treinamento em assertividade foi recomendado como forma de ajudar as vítimas ou potenciais vítimas de violência a lidar de maneira não passiva, mas também não agressiva. Essas técnicas podem ser ensinadas aos alunos e parecem ajudá-los bastante. O Método da Preocupação Compartilhada é uma abordagem baseada em aconselhamento para situações em que um grupo de alunos sofreram violência. Esta abordagem concentra-se nas crianças que praticam o ato, bem como naqueles que sofrem. Encoraja as crianças que praticam a violência a reconhecer o sofrimento da vítima e tomar medidas para ajudar a situação.

Normalmente, em casos de violência escolar, as vítimas se sentem acuadas e não contam para seus pais ou professores sobre a violência que sofrem. Isso acontece principalmente porque a maioria sofre ameaças dos agressores para que fiquem em silêncio, além de se sentirem

culpados e de não quererem parecer covardes. Por isso, é muito importante que diretores, coordenadores, professores e demais colaboradores da instituição estejam atentos para poder identificar a violência na escola. Mas o que observar? Os sinais mais comuns são: tristeza e irritabilidade; falta de vontade ou medo de ir à escola; faltas frequentes; queda de rendimento na escola; isolamento ou poucas amizades; irritabilidade; perda de apetite e insônia.

Esses são apenas alguns sinais que podem ser apresentados. Portanto, é preciso que as escolas estejam atentas aos possíveis sintomas. Além disso, é fundamental estar em alerta aos sinais que os agressores podem apresentar. Os principais são a agressividade e a visão de superioridade em relação aos colegas.

Ter uma melhor compreensão do violência escolar pode ajudá-lo a identificar as crianças que precisam de ajuda – quer sejam elas que sofrem ou que praticam a violência. Ao agir, será possível evitar resultados negativos de curto e longo prazo. A sua intervenção pode fazer uma enorme diferença e até mudar a vida de um jovem.

4.3 Como a escola deve agir diante da violência escolar

A escola é um espaço sociocultural, em que é possível encontrar pessoas “diferentes” já que a formação cultural do Brasil se caracteriza pela miscigenação de etnias e culturas, pela contínua ocupação de regiões, pela diversidade de fisionomias e paisagens. Nessa perspectiva a abordagem sobre as diferenças no contexto escolar é de suma importância, desafiando a escola rever concepções e paradigmas e criar espaços inclusivos, de modo a respeitar e valorizar a diversidade entre os alunos.

A escola tem o papel de auxiliar o desenvolvimento das relações interpessoais, as capacidades físicas e morais do indivíduo, por meio das ações educativas. Na maioria das instituições escolares, geralmente, existem regras aplicadas ao cotidiano, relacionadas à assiduidade, uso do uniforme e as práticas permitidas ou proibidas no ambiente escolar. Algumas podem ser mais flexíveis que outras, no entanto, é um local em que ocorrem conflitos e brigas com manifestações físicas de agressividade, e para controlar essa violência, a direção escolar adota instrumentos mais rigorosos - advertências, suspensões, transferências e expulsões, de acordo com a gravidade do caso.

Uma área de debate para esse assunto é até que ponto as políticas e esforços para prevenção da violência nas escolas devem ter como alvo o violências mais específicas, como o bullying, diretamente ou focar de forma mais geral na melhoria das relações dentro da escola. Trabalhos recentes na Noruega e na Espanha seguiram a última abordagem. Um estudo na Noruega descobriu que a qualidade da gestão da sala de aula (ou seja, as relações professor-

aluno) e a estrutura social da turma (ou seja, as relações aluno-aluno) previam substancialmente as taxas de vitimização relatadas (Smith, et al., 2003).

Gonçalves (2018) alega que os professores necessitam avançar também no campo conceitual sobre inclusão, pois muitos ainda cultivam a ideia de que a inclusão está para atender somente os alunos com necessidades especiais. Dessa forma, é fundamental que esta concepção seja superada para entender o seu verdadeiro sentido. Serpa (2015) também enfatiza sobre isso, e afirma que a inclusão deve considerar todos os alunos que sofrem de qualquer forma de exclusão educacional, que acontece nas escolas e, sobretudo, nas salas de aulas, quando eles não acompanham todas as atividades escolares, e são expulsos ou suspensos ficando de fora da escola.

Diniz (2020) também enfatiza sobre a violência escolar como um grande desafio a ser enfrentado, pois muitos alunos sofrem com isso, sendo uma realidade que faz parte dos desafios da inclusão escolar no cotidiano da escola regular. A violência acontece em grande parte pelo desconhecimento das especificidades e da falta de convívio entre grupos distintos, uma vez que a pouca visibilidade dadas as pessoas especiais no Brasil, fomenta práticas preconceituosas. Infelizmente, ainda hoje é incomum ver pessoas deficientes em altos cargos, sendo representadas em mídias consumidas pela grande maioria das pessoas, como jornais, novelas etc. Nesse âmbito, Figueiredo (2010, p. 68), alega que para efetivar a inclusão, é preciso (...) modificar pensamentos e transformar a escola, começando por desconstruir práticas segregacionistas é necessário, pois a inclusão significa um avanço educacional com importantes repercussões políticas e sociais, e não se trata apenas de adequar, mas de transformar a realidade das práticas educacionais.

O estudo de Mendes (2011) avaliou positivamente o impacto de um programa de intervenção voltado para a formação de docentes e pais e para o treino de competências sociais de estudantes (vítimas e agressores) em uma escola pública portuguesa. O programa foi aplicado a todos os estudantes de 5º e 6º anos da escola e contou com as seguintes estratégias básicas:

- 1) Mapeamento do problema na unidade escolar, conscientização da escola e inclusão do programa no Projeto Pedagógico Escolar; 2) Formação dos professores da disciplina de Educação Cívica para trabalho em sala de aula com as turmas, visando à promoção de competências sociais (autocontrole e assertividade) e a redução/prevenção da violência escolar; 3) Reuniões dirigidas aos pais; 4) Aplicação do programa em sala de aula (intervenção com as turmas); 5) Intervenção com agressores e vítimas (realizadas pela psicóloga escolar). É importante considerar que o desenvolvimento de

habilidades sociais como a empatia também deve ser considerado como possível estratégia de controle do comportamento agressivo dos alunos (Del Prette, e Del Prette, 2005, p. 22).

No Brasil, programas relatados na literatura como o “Educar para a Paz” (Fante, 2005), também têm sido aplicados com bons resultados. Em linhas gerais, esse programa propõe as seguintes etapas, a serem adaptadas em função das peculiaridades de cada escola: Etapa A - Conhecimento da realidade escolar (inclui observações e aplicações de questionários, divulgação dos resultados e jornada sobre violência escolar); Etapa B - Modificação da realidade escolar, através de estratégias gerais, individuais, de sala de aula e familiares.

No que tange as medidas a longo prazo assentam na formação inicial dos futuros profissionais: educadores de infância, professores do 1º, 2º e 3º ciclos e ensino secundário, profissionais da saúde, assistência social, segurança pública, judiciário. Parece existir alguma dificuldade dos profissionais das diversas áreas em lidar com os comportamentos de indisciplina e violência dos alunos, por esta ser uma lacuna na sua formação inicial (Pereira, 2009). Para Noronha e Pinto (2012, p. 15):

Um ensino para todos os alunos precisa que se destacar pela sua qualidade. Sendo assim, o desafio de fazê-lo acontecer nas salas de aulas é uma tarefa que precisa ser assumida por todos os que compõem um sistema educacional. Praticar a inclusão e promover um ensino de qualidade provém de iniciativas que envolvem pais, alunos, gestores, professores, especialistas e outros profissionais que fazem parte de uma rede educacional em torno de uma proposta que é comum a todas as escolas e que, ao mesmo tempo, é construída por cada uma delas, segundo as suas peculiaridades.

Um estudo realizado por Silva (2015) investigou como a escola poderia fazer para diminuir a violência. A maioria das sugestões referiu-se a ações punitivas. Foram sugeridas quatro opções as quais foram mais pontuadas foi chamar os pais dos alunos agressivos; outra proposta foi castigar os agressores, neste item foram somadas as respostas que remetiam a suspensão ou expulsão da escola; foi proposto também atividades contra violência e ajudar às vítimas. Muitos alunos assinalaram que deveriam ter mais de uma alternativa. No campo outras, os alunos preencheram ações curiosas, tais como: tomar providências; conversar ou ajudar os agressores; chamar a polícia ou o Conselho Tutelar; e que a direção da escola deveria ficar no pátio durante o recreio.

Zelar pelo estado físico e da higiene da escola. Criar ambientes prazerosos, onde se tenha uma boa circulação de ar e luminosidade, moveis escolares conservados e espaço para

exercerem as atividades escolares. Apresentar normas claras de disciplina e de perspectiva quanto a conduta e ao comportamento dos alunos, professores e funcionários. Conter regras de penalidade para violência de docentes, diretores e funcionários contra discentes e vice-versa. (Ruotti, 2006). Também é importante incluir o apoio de policiamento na escola. Atentar-se a sensibilização da polícia a respeito dos direitos humanos, para que não haja autoritarismo e abuso de poder que do mesmo modo caracteriza violência.

Segundo Santos (2023), apesar da implantação de diferentes projetos e programas sobre esta temática no Brasil, muito pouco se tem registrado a respeito do que pensam as pessoas que vivem na prática esses processos, pois essa visão contribuiria para a ampliação do número de classes de aceleração em todo o país, especialmente para os estudantes que sofrem com a violência escolar.

Desse modo, destaca-se que a maioria das ações preventivas contra a violência escolar deve ser iniciada em casa antes que a criança ingresse na escola. Os pais têm a importante tarefa de preparar seus filhos para se encaixarem no mundo social fora da família. No momento em que as crianças começam a escola, elas deveriam ter sido ensinadas a ter um nível razoável de controle da agressividade. As crianças variam muito na facilidade com que aprendem a ser socialmente competentes, mas, por mais lentas que sejam, o processo é o mesmo. Os adultos que cuidam de crianças devem: dar exemplo de bons relacionamentos; ter um bom controle de agressividade; ensinar a criança que a agressão violenta é inaceitável; pare qualquer demonstração de agressão inaceitável imediatamente; identificar e nomear os efeitos adversos da agressão inaceitável; descrever como a vítima de agressão se sente e ensine o cuidado e as relações empáticas.

No estudo de Oliveira e Gomes (2015) indica-se criar nas escolas um maior subsídio para uma intervenção mais eficaz contra a violência, englobando, por exemplo, a enfermagem e a psicologia nas escolas brasileiras. O apoio multiprofissional auxilia na prevenção de agravos e promoção da saúde dos jovens. A identificação do problema, intervenção poderão acontecer de forma precoce, de maneira que as possíveis consequências pós-traumáticas futuras possam ser minimizadas.

Além de discutir com todos os alunos a violência na escola e suas consequências, é imprescindível deixar claro para todos que quem o pratica será punido e que as agressões não serão entendidas como uma simples brincadeira. Outro ponto importante é fazer com que as vítimas saibam que podem ser ouvidas e que a escola pode ajudá-las. Também é importante o envolvimento com os pais. Pais presentes na rotina escolar dos filhos são grandes aliados da

escola no combate à violência. Por isso, é importante que eles estejam sempre cientes do comportamento de seus filhos e que sejam incentivados a dialogar em casa sobre o tema.

Portanto consta-se que algumas escolas tem recursos de combate à violência, mas, para que isso aconteça é necessário que profissionais da educação sejam respeitados e valorizados, tenha formação continuada, incumbindo ao poder público estimular e investir na capacitação desses profissionais, bem como, também, abraçar táticas de fazer valer-se o direito e as obrigações do professor, e desmistificar (Ruotti, 2006).

Constata-se que é preciso a prática concreta de uma política pública volvida a assistência da prevenção e o enfrentamento da violência no âmbito escolar, bem como melhorarias nas condições de acesso ao arredores da escola e permanência na mesma. Sendo assim, é essencial a aquisição de investimentos no melhoramento da qualidade do espaço escolar e a consideração de que a escola e seus autores e atores carecem ser tratados da mesma maneira quanto nós próprios adoráramos ser tratados.

A escola que procura promover novas metodologias de prevenção à violência precisa iniciar o processo de inclusão da família nas atividades escolares. Sabe-se que o ambiente familiar interfere diretamente no comportamento do adolescente, e é importante que a família se torne parceira na construção de novas formas que potencializem a educação, que esteja presente nas tomadas de decisão da escola, que as reuniões contenham dinâmicas que incentivem os pais a participarem das atividades do ambiente escolar, que os pais percebam a sua responsabilidade em relação à educação dos filhos dentro da escola, e o quanto essa participação é importante na prevenção da violência. A recuperação do diálogo na família também é uma conduta necessária para prevenir a violência.

É promissor utilizar campanhas inteligentes e bem planejadas para acabar com a questão da violência e, portanto, a necessidade de considerações adequadas e críticas sobre tais cruzadas. Pode-se também criar um programa de conscientização para combater a violência, especialmente entre os adolescentes.

A escola precisa ser reconhecida pelos alunos e seus familiares como um ambiente social seguro, por isso, é necessário que a escola crie canais de comunicação sempre abertos com os alunos e suas famílias. Esse hábito ajuda na construção de um vínculo de confiança entre os envolvidos. Afinal, quando o aluno e a família se sentem seguros e acolhidos no ambiente escolar, ao sinal de qualquer problema eles se sentirão mais confortáveis para buscar ajuda.

4.4 Papel do professor na prevenção da violência

Neto et al. (2018) destaca a necessidade de que o educador seja visto como um intermediário entre o aluno e a realidade dizendo que ao atuar desta maneira o professor influenciará positivamente nas decisões que o educando terá que tomar durante a vida, bem como proporcionando a sua própria transformação. Ao facilitar essa “relação professor-aluno”, o educador estaria se utilizando de uma “ação mediadora”, o que deverá desenvolver no aluno a capacidade de compreender o mundo.

Considerando que os professores exercem responsabilidade social na formação moral e social do indivíduo, observa-se, a partir de alguns estudos, a importância e necessidade da relação entre eles e os alunos para garantia da melhoria do clima escolar, para favorecer a intervenção em casos de violência e na prevenção.

De acordo com Pereira (2023), pode nem sempre parecer, mas a pessoa que está intimidando outras pessoas pode precisar de tanta ajuda quanto a pessoa que está intimidando. Ao dedicar algum tempo para compreender a situação deles, o professor poderá evitar alguns resultados negativos muito graves no futuro, por isso a importância da intervenção adequada do professor.

Tratar de violência escolar, principalmente no ambiente da sala de aula, remete imediatamente ao professor, já que este se coloca na linha de frente do trabalho pedagógico e do contato com o aluno, portanto dinâmica passível de antagonismos. Nas questões conflituosas dessas relações, que sobrepõem estresse e hostilidades, o professor exerce as posições opostas de emissor e receptor de atos violentos, embora a experiência docente e a densa literatura sobre o tema (inclusive a internacional) confirmam ao professor escala menor de casos do gênero, mas condição não menos determinante da equação das formas de violência emergentes nas relações escolares (Pacheco-Salazar, 2018; Tavares; Pietrobom, 2016).

Apesar de sucintas, mas não menos pertinentes, Zarra (2018) sugere três ações básicas para intervir em situações de conflitos na escola. Em primeiro momento, ter a disposição de reavaliar políticas, princípios e relações do aparato escolar junto ao aluno, reorientando programas ou atitudes, em que ameniza ou negligência a ação indesejada do ofensor ou ofensores; revisão dessas mesmas políticas, dando-se ênfase ao perfil do alunado; e, a condição essencial: o comprometimento interno das partes envolvidas, com destaque para as lideranças escolares, professores, gestores e funcionários.

Para tentar reduzir a ocorrência dos conflitos entre os estudantes, é preciso que o professor encontre meios de abordar as diversidades de maneira positiva, levando os alunos à

reflexão e à percepção da igualdade de direitos e obrigações. É relevante construir uma sala de aula que seja repleta de relações saudáveis e que forneçam modelos de comportamento positivos através das práticas assertivas que inspiram os alunos a se tornarem bons cidadãos, conhecedores dos seus direitos e, principalmente, cumpridores de seus deveres no convívio social, atentando-se, assim, para o aspecto humano além do currículo (Pereira, 2023).

As abordagens de problemas de violência ou de fatos comparáveis, devem ter enfoque principal nas inter-relações aluno e professor, razão da própria existência da atividade pedagógica, e o professor como maior alvo (embora a parte docente também figure como fonte de risco de conflitos). Além do mais, é o professor quem passa a maior do tempo com o aluno, com possibilidades e potencial de arroubos agressivos e violentos (Crews, 2019).

De acordo com Santos (2023), a violação dos direitos das crianças e adolescentes tem um impacto direto e perceptível no comportamento escolar dos educandos, conforme observado por professores do ensino fundamental I em Bertioga-SP. Quando esses direitos são infringidos, os educandos frequentemente manifestam mudanças comportamentais significativas, que podem variar desde atitudes agressivas até comportamentos mais retraídos. Esses sinais são identificados pelos educadores através da convivência diária e da observação atenta de características físicas, emocionais e comportamentais, evidenciando um reflexo direto das situações de violência vivenciadas fora do ambiente escolar.

Santos (2023) também destaca que, conforme o artigo publicado pelo Ministério da Saúde (2010), existem diversas manifestações que indicam a possível ocorrência de violência doméstica, como a alteração na aparência física, isolamento social, dificuldade em manter contato visual, desenhos perturbadores, timidez exacerbada e desmotivação para os estudos. Tais manifestações não apenas interferem no comportamento geral dos alunos, mas também impactam significativamente seu desempenho escolar, resultando em baixo rendimento, falta de progresso acadêmico, e, em alguns casos, regressão no desenvolvimento.

Além disso, Santos (2023) sublinha que os desafios enfrentados pelos educandos vítimas de violência se refletem em uma série de dificuldades emocionais e cognitivas, incluindo falta de concentração, comportamento arreado, socialização inadequada e um profundo sentimento de impotência, que compromete gravemente o desempenho acadêmico. Esses problemas, que extrapolam a competência do professor, necessitam de uma abordagem interdisciplinar que envolva não apenas os educadores, mas também outros profissionais, como psicólogos, assistentes sociais e mediadores de conflitos, para que se possa oferecer o suporte necessário tanto aos alunos quanto às suas famílias.

Por fim, Santos (2023) reforça a necessidade urgente de apoio psicológico para os professores, que muitas vezes se encontram despreparados para lidar com essas situações delicadas. A falta de suporte adequado pode levar ao adoecimento dos educadores, comprometendo ainda mais o ambiente de aprendizado. Portanto, é essencial que as escolas implementem políticas de apoio robustas, que integrem a atuação de profissionais de diversas áreas, garantindo assim um ambiente escolar mais acolhedor e seguro para todos os educandos.

O impacto das relações positivas com os professores e na escola está relacionada à contribuição de um ambiente escolar positivo e harmônico para reduzir as taxas de violência. A integração entre os membros da comunidade escolar é tipicamente medida pela qualidade das relações professor-aluno (Wachs et al., 2020; Harth et al, 2022). Além disso, os adolescentes mais integrados em sua escola e comunidade, por meio de projetos e participação efetiva nas atividades de melhoria do espaço, demonstram uma maior estima acadêmica e social e percebem uma maior satisfação com a vida. Da mesma forma, a partir do modelo de desenvolvimento positivo no adolescente, o sentimento de pertencimento e participação são considerados ativos e de especial relevância na diminuição da violência escolar, o que sugere que os adolescentes que contam com uma rede de apoio no contexto em que vivem, incluindo instituições como a escola e a igreja, são mais protegidos à prática de violência.

Simultaneamente, é fundamental reforçar o engajamento dos professores no enfrentamento da violência na sala de aula, no sentido de realizarem intervenções precoces, auxiliando o agressor a estabelecer uma boa convivência com os colegas e incentivando a vítima a buscar ajuda sempre que necessário. Por outro lado, cabe aos professores buscarem alternativas como também apoiar a participação e integração da família no processo de resolução do problema, considerando que a participação dos pais em palestras, reuniões e debates tende a estimular o desenvolvimento de atitudes assertivas, como respeito, tolerância, entre outros (Limber et al., 2021).

A presença de supervisores nos espaços de recreio, acompanhando os adolescentes, coíbe atitudes violentas. O agressor se intimida e a vítima sente-se protegida, diminuindo os níveis de violência, sobretudo porque os locais da escola em que mais ocorre a violência, além dos limites externos, são o pátio, corredores, quadra de esportes, salas de aula, banheiro e refeitórios; e os horários são os da saída, recreio, aulas, atividade na escola fora do horário das aulas e antes do início das aulas (Limber, et al., 2021).

Os professores e todos os agentes que compõem o universo escolar necessitam, cotidianamente e na atualidade, de novos trabalhos interventivos (oficinas pedagógicas/ gincanas/dinâmicas de grupos/aulas interdisciplinares; educação física; biologia; química), com

a finalidade de atrelar as discussões dos temas transversais – diferenças, violência, uso de drogas – às disciplinas inseridas na escola e, por conseguinte, fortalecer o vínculo entre docentes-alunos, alunos-alunos e demais profissionais inseridos na escola (Freitas, 2021).

Abordagens coletivas, como mostrar filmes e promover debates entre os alunos, são estratégias importantes para sensibilizar os alunos e encorajá-los a enfrentar o problema. Palestras sobre o assunto também contribuem nessa direção. A tomada de consciência coletiva é um passo importante no caminho da prevenção.

Leopoldino (2020) reforça a perspectiva de que as oficinas pedagógicas de formação dos professores desenvolvem competências sociais e pode ser uma medida de curto prazo para prevenção da violência. Ou seja, têm o objetivo de auxiliar o professor a formar cidadãos críticos, colaborativos, a construir com seus alunos habilidades não violentas para a resolução de conflitos. Parece consenso também entre outros autores como Limber et al. (2021) que as ações sejam elaboradas de maneira que atinjam não somente os alunos, mas toda a comunidade escolar.

Os professores em sala de aula, dentro de suas possibilidades, precisam desenvolver uma postura de forma a reverter ou amenizar este cenário de violência atual, contudo, é função de toda a unidade escolar buscar meios favoráveis a redução desse fenômeno, valorizando as diversidades existentes e assegurando a igualdade de todos os indivíduos sem existir nenhum tipo de discriminação. Embora esta seja a prática adequada, nem sempre acontece. Deste modo, percebe-se que “[...] os professores não recebem uma formação adequada para evitar e controlar os comportamentos problemáticos ou agressivos dos jovens. Sua intervenção privilegiada, na maioria das vezes, limita-se à punição” (Pereira, 2009, p. 55).

Nesse sentido, as posturas tomadas diante dos casos de violência escolar devem ser pensadas e articuladas coletivamente com as práticas pedagógicas que são desenvolvidas em projetos nas escolas e, principalmente, nas salas de aula, buscando assim, uma intervenção em conjunto, vislumbrando a sensibilização da comunidade escolar.

Convidar outros profissionais para atuar nas intervenções de enfrentamento da violência na escola é necessário, considerando-se a importância de outras opiniões para gerar uma discussão fundamentada e concreta sobre o tema e que auxilie a buscar novas estratégias de intervenção. Dessa forma, é importante investir em pesquisas e intervenções que auxiliem a criar políticas públicas, eficazes na prevenção e diminuição da violência na escola. Sugere-se a abordagem interdisciplinar, com diversas áreas do conhecimento, entre as quais a terapia ocupacional, pedagogia, artes e comunicação, em oficinas e atividades lúdicas com recursos

audiovisuais e diálogo para melhorar a aproximação com os adolescentes e fortalecer o vínculo com os profissionais.

Os professores precisam considerar a estratégia de aumentar os aspectos de responsabilidade nas mentes dos alunos no esforço de fazê-los entender a importância de acabar com a violência a todo custo. Os alunos devem saber que o ato é ilegal e imoral. Hoje, os jovens abraçaram firmemente a tecnologia extremamente dinâmica e avançada. Isso significa que os sites, programas de televisão e rádio, anúncios de serviço público são alguns aspectos vitais que as campanhas contra a violência nas escolas devem focar.

5. MARCO METODOLÓGICO

A metodologia é o estudo dos métodos, especialmente dos métodos das ciências. É um processo utilizado para dirigir uma investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar um fim determinado. No entendimento de Prodanov e Freitas (2009, p.14), a “metodologia, [...], examina, descreve e avaliam métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas e/ou questões de investigação”.

Para que uma pesquisa científica seja validada e reconhecida como tal, é necessário que ela siga princípios de cientificidade. Segundo Marconi e Lakatos (2011), a pesquisa científica precisa ser rigorosa, organizada e metódica, seguindo um processo sistemático que visa à coleta de dados confiáveis para responder aos objetivos propostos. Este rigor assegura que os resultados obtidos sejam fidedignos e aplicáveis à realidade. Como aponta Campoy (2019), a aplicação do método científico permite que a investigação seja reflexiva e metódica, proporcionando respostas verificáveis e consistentes. Assim, o papel da metodologia na pesquisa científica é não apenas orientar o pesquisador, mas também validar o conhecimento produzido ao longo do processo investigativo.

Segundo Campoy, (2019, p.31) “[...] a investigação científica é um processo que, mediante a aplicação do método científico, busca informação fiel e relevante para entender, verificar, corrigir ou aplicar o conhecimento”. Sua finalidade consiste em solucionar problemas científicos e se caracteriza por ser reflexiva, sistêmica e metódica. Nesse sentido, para que se possa iniciar uma pesquisa científica, necessita de um método sistemático, rigoroso e organizado para que os dados coletados acerca do objeto de pesquisa respondam aos objetivos propostos pelo estudo. Portanto, a pesquisa aponta para uma ideia de cientificidade, sendo assim, assessora a ciência em seu entendimento e na organização da atividade sistemática de construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, se faz necessário ainda conceituar metodologia, que no entendimento de Prodanov e Freitas (2009, p.14), a “metodologia, [...], examina, descreve e avaliam métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas e/ou questões de investigação”.

Ainda no campo da metodologia, é essencial diferenciar os conceitos de método e metodologia. Segundo Prodanov e Freitas (2009), o método refere-se ao conjunto de técnicas práticas empregadas para a coleta de dados, enquanto a metodologia abrange o estudo e a análise crítica desses métodos, garantindo que sejam aplicados de forma adequada aos objetivos

da pesquisa. Como destaca Gil (2014), os objetivos de uma pesquisa científica devem ser factíveis, levando em conta as limitações inerentes ao campo investigado. Dessa forma, a metodologia adota uma função organizadora, garantindo que o percurso investigativo seja claro e coerente desde a formulação do problema até a análise dos resultados obtidos.

É sabido que uma pesquisa possui seu advento das inquietações do pesquisador em relação a determinado objeto de seu contexto. A busca de conhecimentos para essas inquietações aproxima o pesquisador de seu objeto, proporcionando estudos e aprofundamento do conhecimento da sua realidade, o que possibilita que se conceba conhecimento a partir das suas observações (Minayo, 2014).

Para nortear essa busca, o método de uma pesquisa é imprescindível, pois ele se refere à trajetória, à direção, ao caminho que será percorrido pelo pesquisador para atingir o objetivo de seu estudo, considerando o embasamento teórico e as técnicas a serem aplicadas nesse percurso. Os instrumentos que serão utilizados devem ser claros, coerentes, bem definidos para, juntamente com os procedimentos adotados, que seja realizada a análise dos dados obtidos (Bardin, 2015).

Dessa maneira, uma metodologia bem delineada permite que o pesquisador não apenas siga um caminho estruturado, mas também tenha flexibilidade para lidar com as nuances que surgem ao longo do estudo. Marconi e Lakatos (2011) afirmam que a explicação dos processos estruturais empregados na pesquisa científica é crucial para que outros pesquisadores compreendam as potencialidades e as limitações de cada estratégia metodológica, promovendo assim uma análise crítica dos métodos utilizados.

Nas pesquisas científicas, os objetivos precisam estar entre o ideal e o possível, admitindo a presença das limitações (Gil, 2014). Além disso, como uma atividade humana, devem ter uma orientação teórica existente e seguir uma metodologia rigorosa até que se encontre uma resposta. E o papel da metodologia consiste exatamente em explicar os processos estruturais utilizados para alcançar os objetivos elencados pelo pesquisador (Marconi e Lakatos, 2011). Essa explicação de processo estruturais permite que os leitores e pesquisadores conheçam as potencialidades e fragilidades de cada estratégia utilizada pelo pesquisador daquele objeto de estudo nos diferentes contextos.

É necessário que se utilizem metodologias adequadas ao tipo de pesquisa e aos questionamentos que se pretende responder ao longo desta. E neste caso, aplica-se como sequência metodológica para a investigação, a pesquisa. Para se edificar o conhecimento, a ciência apropria-se de padrões metodológicos que lhes servem de subsídios para o alcance de seus objetivos. Esses padrões metodológicos constituem-se em um conjunto de métodos e

procedimentos, organizados em etapas, que facilitarão a elaboração de um trabalho científico bem fundamentado e capaz de esclarecer as ocorrências da realidade.

É vital a importância dos recursos na aplicação de uma metodologia, destacando que tais recursos são essenciais para o progresso do trabalho de pesquisa. Eles possibilitam ao pesquisador a escolha de instrumentos adequados para investigar e coletar dados, simplificando a tarefa e contribuindo para a construção do conhecimento. A metodologia da pesquisa, com o objetivo de atender aos objetivos propostos (Minayo, 2014).

5.1 Justificativa

O tema deste trabalho foi escolhido pensando no fato de que a escola, nos últimos anos, enquanto instituição de saberes para formação integral de crianças, jovens, adolescentes e adultos, tem se tornado palco da incidência da violência, constituindo, assim, um grande problema. Foi escolhido também pela vivência com a violência que ocorre entre os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental na unidade escolar Colégio Estadual José Cândido Rosa, por considerar que acontece com frequência, o que acaba gerando um ambiente hostil e de vulnerabilidade entre toda a comunidade escolar.

A violência escolar é um problema complexo e persistente que reflete tensões sociais, familiares e individuais, influenciando o ambiente de aprendizado. Segundo Abramovay (2002), ela não se resume a conflitos isolados, mas deve ser compreendida como resultado de múltiplos fatores, tornando a escola um reflexo das dinâmicas sociais.

Os casos de violência, bullying, homofobia, uso de drogas, racismo e machismo nas escolas do Espírito Santo estão acima da média nacional, segundo os dados do 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado nesta quinta-feira (20) pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. O levantamento mostrado na Figura abaixo foi feito com base nos apontamentos dos diretores das unidades escolares e são referentes ao ano de 2022.

Figura 2 – Registro de violência nas escolas do Espírito Santo.

Violência nas escolas do ES						
	Violência	Bullying	Machismo	Homofobia	Uso de drogas	Racismo
Espírito Santo	52,3%	74,3%	15%	22,1%	44,4%	58,8%
Brasil	55,7%	70,1%	14,8%	24,1%	49,1%	50,2%

Fonte: 17º Anuário de Segurança Pública (2023).

É desafiador lidar com a violência que ocorre nestas escolas. E essa violência não consiste apenas nos episódios com armas, agressões físicas e casos de abuso que vemos nos noticiários. E não se confunde com as ocasionais brigas entre alunos e o empurra-empurra na cantina. Existem também casos de violência simbólica que ocorrem o tempo todo: podemos citar o bullying como um exemplo disso.

Cabe destacar que a violência escolar se constitui como um grave problema e não deve ser analisada apenas como um tipo de violência juvenil, uma vez que a ocorrência deste fenômeno expressa a intersecção de diversos fatores, como: sociedade, família, escola, e ainda características individuais do adolescente (Abramovay, 2005). A compreensão deste fenômeno transpassa então todos estes ambientes, e as relações estabelecidas entre eles, por isso é essencial que se realizem pesquisas sobre este fenômeno.

Nas últimas décadas, tem crescido o interesse em compreender a violência no contexto escolar, não só por suas implicações no processo de integração de crianças e adolescentes à sociedade, mas pela íntima relação que apresenta com o fracasso de objetivos mais amplos da escola, como educar, ensinar e aprender (Assis, 2023).

Ao considerarmos o contexto escolar como parte fundamental na formação de cidadãos, a relevância social desta pesquisa se torna evidente. Segundo Gondim e Loiola (2021), a violência no ambiente escolar afeta diretamente o desenvolvimento emocional e social dos alunos, comprometendo não só o aprendizado, mas também as relações interpessoais dentro e fora da escola. Nesse sentido, a prevenção da violência escolar não só contribui para um ambiente mais seguro, mas também fomenta a construção de uma sociedade mais pacífica e integrada. A escola, nesse cenário, é o primeiro espaço de socialização e, portanto, deve ser transformada em um ambiente seguro e acolhedor para todos.

A violência escolar afeta toda a escola deste estudo, com inúmeros casos presenciados pelos alunos, professores e gestores, criando um ambiente negativo onde a violência tem mais probabilidade de ocorrer, nesse caso levando a mais violência. No entanto, é possível impedir a violência escolar. Tanto para os pais quanto para os administradores, é vital entender como prevenir a violência escolar para proteger a segurança de seus filhos. Os estudantes precisam se sentir seguros na escola. Isso não significa apenas que ela precisa estar fisicamente segura, ela também precisa se sentir emocional e psicologicamente segura. Os alunos precisam saber que os professores e administradores estão lá para ajudá-la e que seus colegas não são concorrentes ou fontes de estresse (Santos, 2023).

Nesse sentido, o presente estudo apresenta grande relevância social, uma vez que visa melhorar o ambiente educacional, proporcionando um ambiente seguro e acolhedor para todos,

através de metodologias que ajudem a desenvolver nos alunos um comportamento menos agressivo, contribuindo assim com uma sociedade menos violenta e mais humana.

Uma vez que, estar exposto à violência pode provocar consequências diversas no desenvolvimento saudável dos adolescentes. A violência provoca prejuízo nas relações sociais, na qualidade de vida e provoca sofrimento (Perkins & Graham-Bermann, 2012). Entre as violências a que os adolescentes estão expostos, a violência escolar parece provocar impacto persistente no desenvolvimento, o que tem sido verificado em estudos transculturais e longitudinais (Bowes, Joinson, Wolke & Lewis, 2015; Perren, Dooley, Shaw, & Cross, 2010).

O estudo também possui relevância acadêmica, pois existem poucos estudos que analisam, por meio de casos concretos, a violência nas escolas brasileiras. Embora haja estudos que abordam a questão da violência nas escolas, ainda são escassos os trabalhos que analisam as particularidades dessa violência em níveis específicos de ensino, como o 8º ano, ou que se concentram em escolas públicas de contextos sociais diversos. Como destaca Bowes et al. (2015), é importante realizar estudos longitudinais e transculturais que busquem entender o impacto da violência escolar a longo prazo. Este estudo, portanto, pretende contribuir não apenas para o entendimento acadêmico da questão, mas também fornecer dados concretos que possam subsidiar políticas públicas educacionais mais eficazes, trazendo novos dados e ampliando o conhecimento sobre a temática, sabendo que a escola deve estar comprometida com os pressupostos essenciais para uma educação mais humana e democrática.

5.2 Problema da Investigação

Nos últimos anos, o aumento da violência nas escolas tem se tornado uma preocupação crescente em nível global. A violência escolar é caracterizada por atos que perturbam o ambiente de aprendizado e geram efeitos negativos não apenas nos alunos, mas também em toda a comunidade escolar. Segundo os relatórios da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2017), a violência nas escolas é um fenômeno que afeta milhões de estudantes em todo o mundo, comprometendo o direito à educação de qualidade e ao desenvolvimento saudável dos alunos.

No Colégio Estadual José Cândido Rosa, a violência tem se manifestado de diversas formas, envolvendo desde brigas entre alunos até agressões psicológicas. Segundo Abramovay (2002), a violência nas escolas pode ser compreendida como um reflexo das tensões sociais e econômicas que atravessam a sociedade. A violência física, como socos, chutes e o uso de armas, é uma das manifestações mais preocupantes, mas a violência psicológica, como insultos, ameaças e exclusão social, também afeta significativamente o bem-estar dos alunos.

Além disso, estudos como o de Charlot (2002, 2005) apontam que a violência escolar está intimamente ligada a fatores externos, como condições familiares e sociais adversas. Essas condições criam um ambiente onde os alunos, muitas vezes, não encontram na escola um espaço seguro de acolhimento. Esse cenário de violência afeta não só as vítimas diretas, mas também o clima escolar como um todo, prejudicando a aprendizagem e a convivência social dentro da escola.

A prevenção e o combate à violência escolar exigem uma ação coordenada e estruturada. Fante (2005) destaca que bullying, sendo uma das formas mais comuns de violência nas escolas, pode ser combatido por meio de programas de conscientização e ações educativas voltadas para a promoção de uma cultura de paz. No entanto, muitas escolas enfrentam dificuldades na implementação de políticas eficazes devido à falta de infraestrutura adequada e capacitação de professores.

Nesse sentido, a pesquisa buscou compreender os fatores que levam ao aumento da violência no Colégio Estadual José Cândido Rosa, com foco nos alunos do 8º ano. Foram investigadas questões como o impacto da violência, a eficácia de programas educativos de prevenção e os esforços da escola para criar um ambiente mais seguro e acolhedor. A análise dessas questões permitiu a formulação de propostas para a melhoria do ambiente escolar e a promoção de uma convivência mais pacífica entre os alunos.

Ao longo da pesquisa, surgiram diversas questões que orientaram a investigação sobre a violência entre alunos da escola em questão. Essas perguntas buscaram explorar as causas, formas e impactos da violência escolar, além de identificar possíveis soluções para o problema: “Por que tem ocorrido um aumento da violência entre os alunos do 8º ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa?” Por que ultimamente tem ocorrido um crescimento da violência na escola em questão?

O que podemos fazer para solucionar o problema de violência na escola? Essa questão foi explorada quando se mencionou as estratégias e ações para prevenir a violência, incluindo programas de conscientização e políticas escolares que promovem a paz, conforme indicado por (Fante, 2005).

Que tipo de proposta educativa a escola desenvolve para melhorar a violência na escola? Esse ponto foi discutido no contexto da investigação das políticas de prevenção à violência escolar, analisando a eficácia dos programas educativos, como destacado por Abramovay (2002), onde o autor indica que programas voltados para a conscientização, mediação de conflitos e prevenção da violência têm gerado impactos positivos na segurança escolar, especialmente quando há envolvimento ativo de toda a comunidade escolar.

Quais políticas e esforços para prevenção da violência? A pesquisa avalia as estratégias que a escola utiliza para prevenir a violência, como programas antibullying e ações educativas, e se essas ações têm sido eficazes na redução dos conflitos, com referência a estratégias citadas por Fante (2005). Como surge o comportamento violento entre os alunos? Essa questão foi abordada no contexto dos fatores externos e internos que influenciam o surgimento da violência escolar, como mencionado por Charlot (2002, 2005).

Quais as consequências da violência para o agressor e para a vítima? As consequências da violência, tanto para o agressor quanto para a vítima, foram discutidas ao falar sobre os impactos da violência no desempenho acadêmico e emocional dos alunos, conforme discutido por Akiba et al. (2002).

Com base nas observações e no aprofundamento teórico, a violência na escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa revela-se como uma problemática multicausal, afetando diretamente o ambiente de ensino e o desenvolvimento emocional dos alunos. Este fenômeno, que inclui desde a violência verbal até agressões físicas e psicológicas, é impulsionado por fatores individuais, sociais e contextuais. As interações entre os estudantes frequentemente refletem conflitos que vão além da escola, incluindo influências familiares, pressão social e ausência de estratégias de mediação eficazes, como apontado por Azeredo et al. (2015) e Mendes (2011). Além disso, o ambiente escolar carece de suporte emocional e psicológico adequado para lidar com esses conflitos, o que agrava a incidência de reações agressivas e dificulta a criação de um ambiente seguro e acolhedor.

Para aprofundar o entendimento desse fenômeno, uma pesquisa formulou uma série de perguntas investigativas que direcionam a análise e possibilitam identificar tanto as causas como os impactos da violência escolar: Quais são os principais gatilhos para o surgimento de conflitos entre os alunos? A análise inicial indica que esses gatilhos incluem tensões sociais, desentendimentos interpessoais e influências externas ao ambiente escolar, como problemas familiares. Esses elementos são amplamente discutidos na literatura, que destaca a relevância do contexto social e emocional dos alunos (Azeredo et al., 2015; Mendes, 2011).

Como os alunos reagem diante de provocações ou divergências? As reações dos alunos variam entre respostas pacíficas e comportamentos agressivos. Esse aspecto é crucial para compreender como a falta de suporte emocional e experiências familiares de violência podem influenciar a resposta dos alunos aos conflitos, conforme descrito por Akanni et al. (2022).

De que forma os professores intervêm em situações de conflito? A eficácia das intervenções dos professores está diretamente ligada à sua formação e à existência de protocolos de mediação. Autores como Fante (2005) e Esquierro (2011) enfatizam a importância de

professores capacitados para a mediação de conflitos, evitando a escalada para comportamentos violentos.

A escola oferece suporte psicológico ou acompanhamento para alunos envolvidos em episódios de violência? A falta de suporte psicológico é um fator limitante para a resolução de conflitos. Estudos como o de Cabral et al. (2020) indicam que o apoio emocional pode reduzir a recorrência de comportamentos violentos, tanto entre agressores quanto entre vítimas.

Quais são as reações emocionais dos alunos após situações violentas? Os alunos frequentemente exibem sinais de retraimento, ansiedade e angústia após experiências de violência, o que compromete sua capacidade de aprendizado e relacionamento social. Perkins e Graham-Bermann (2012) destacam o impacto direto da violência escolar na saúde emocional e no desempenho acadêmico dos alunos.

Como a interação entre os alunos durante as atividades pedagógicas pode influenciar a violência escolar? Ambientes de cooperação mútua durante as atividades pedagógicas contribuem para a diminuição de episódios violentos, conforme discutido por Olweus (1993). A ausência desse ambiente de respeito e cooperação é um fator potencial para o aumento de tensões e conflitos.

Quais são os resultados dos programas educativos e projetos de conscientização sobre violência na escola? Os programas educativos de conscientização têm o potencial de reduzir conflitos, mas sua eficácia depende do envolvimento de toda a comunidade escolar. Mendes (2011) e Esquierro (2011) indicam que o papel do professor mediador é fundamental para potencializar o impacto desses programas.

A partir dessas questões, foi possível formular a pergunta-problema que orienta esta pesquisa: **“Quais as formas e os fatores associados a violência entre os alunos do 8º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa?”**

Essa pergunta norteadora visa não apenas entender os fatores que impulsionam a violência escolar, mas também propor intervenções concretas que possam reduzir esses comportamentos no ambiente escolar. Ao investigar esses aspectos, a pesquisa busca contribuir para a criação de políticas escolares mais eficazes e inclusivas, promovendo um ambiente de ensino onde o respeito e o apoio emocional sejam priorizados.

Essa pergunta se fundamenta em autores como Campoy (2019), que destaca a importância de uma abordagem investigativa que compreenda não apenas os sintomas de um problema, mas suas causas subjacentes. No caso da violência escolar, é fundamental entender tanto as formas visíveis de violência quanto os fatores externos que influenciam o

comportamento dos alunos. O autor também ressalta que a escola tem um papel crucial na criação de um ambiente de segurança e acolhimento, por meio de intervenções eficazes.

Para responder à pergunta-problema, foram considerados diversos aspectos que a literatura sobre violência escolar aborda.

Os fatores associados ao comportamento agressivo dos alunos estão frequentemente ligados a questões contextuais e individuais. Azeredo et al. (2015) destacam que a violência escolar está associada a fatores individuais, como a autoestima e a saúde mental dos alunos, bem como a fatores contextuais, como o ambiente familiar e o contexto socioeconômico. Nesse sentido, o comportamento agressivo pode ser tanto uma resposta a tensões internas, como dificuldades emocionais, quanto a pressões externas, como a violência doméstica ou exclusão social.

De forma similar, Akanni et al. (2022) apontam que os agressores muitas vezes apresentam características de baixa regulação emocional e exposição a comportamentos agressivos no ambiente familiar. Esses fatores contribuem para um ambiente escolar onde a violência é vista como uma forma comum de resolver conflitos. Além disso, a falta de recursos ou programas adequados nas escolas para lidar com essas questões pode agravar o problema, perpetuando um ciclo de agressão.

A escola tem um papel fundamental na prevenção e intervenção em situações de violência. Segundo Mendes (2011), programas de prevenção da violência escolar, quando bem implementados, podem reduzir significativamente a ocorrência de conflitos. Esses programas incluem a formação de professores em mediação de conflitos e o desenvolvimento de projetos pedagógicos que promovem a cultura da paz. Além disso, a presença de um professor mediador pode ajudar a resolver os conflitos antes que eles se intensifiquem, como sugerido por Esquierro (2011).

Outro aspecto essencial destacado por Olweus (1993) é a criação de um ambiente escolar mais acolhedor e seguro. Programas de prevenção a violência incluem a conscientização de alunos e professores, assim como a promoção de uma comunicação aberta sobre os problemas enfrentados pelos alunos, podem criar um ambiente em que os estudantes se sintam mais seguros e menos propensos a agir de forma agressiva.

Por fim, a inclusão de programas de apoio psicológico para os alunos envolvidos em episódios de violência, tanto para as vítimas quanto para os agressores, pode ter um impacto significativo na redução do comportamento agressivo. Cabral et al. (2020) indicam que o otimismo e o apoio emocional podem ajudar a prevenir comportamentos violentos, criando um ambiente mais saudável para todos os envolvidos.

Portanto, os fatores associados ao comportamento agressivo dos alunos do 8º ano incluem tanto questões emocionais e individuais quanto contextuais, como o ambiente familiar e o contexto escolar. A escola pode intervir por meio da implementação de programas de conscientização e prevenção da violência, treinamento de professores em mediação de conflitos, e oferecendo suporte psicológico para alunos que enfrentam problemas de agressividade ou que são vítimas de violência. Essas medidas têm o potencial de reduzir significativamente os conflitos e criar um ambiente escolar mais seguro e acolhedor.

5.3 Objetivos da Pesquisa

A violência escolar é um fenômeno amplamente discutido na literatura acadêmica, pois afeta diretamente o ambiente de aprendizagem e a formação dos alunos. Nas últimas décadas, esse problema tem se agravado, com relatos crescentes de violência entre estudantes, como mostra o estudo de Abramovay (2002, 2005). No Colégio Estadual José Cândido Rosa, alunos do 8º ano enfrentam diferentes formas de violência, como agressões físicas e verbais, que se manifestam como violência psicológica e moral.

Um dos objetivos desta pesquisa é descrever os motivos que causam a violência entre os alunos. Estudos como os de Charlot (2002) destacam que fatores socioeconômicos, familiares e culturais estão intimamente ligados à manifestação da violência no contexto escolar. A falta de uma estrutura familiar adequada e a exclusão social contribuem para que os alunos expressem frustrações por meio de atos violentos.

Outro aspecto importante é analisar os tipos de violência que ocorrem entre os alunos. De acordo com Fante (2005), a violência física, como empurrões e brigas, é facilmente identificada nas escolas, mas a violência psicológica, que inclui insultos e humilhações, muitas vezes passa despercebida. Esse tipo de violência pode ter impactos profundos na autoestima e na saúde mental dos alunos, como apontado por Perkins e Graham-Bermann (2012), discutem os efeitos duradouros da violência psicológica em contextos educacionais.

Além disso, é essencial conhecer os impactos que os diversos tipos de violência causam nos alunos. Estudos longitudinais, como os de Perren (2010) indicam que a violência escolar pode prejudicar o desempenho acadêmico e levar ao abandono escolar. Alunos que são vítimas de violência frequentemente apresentam dificuldades de concentração, ansiedade e depressão, o que afeta diretamente seu processo de aprendizagem e desenvolvimento emocional.

Finalmente, este estudo busca verificar as propostas desenvolvidas pela escola para amenizar a violência. Charlot (2002) e Abramovay (2002, 2005)) enfatizam a importância de políticas escolares que promovam a cultura de paz e a mediação de conflitos, além de programas

específicos, que têm se mostrado eficazes em prevenir a violência entre alunos. A escola, ao implementar esses programas, pode não apenas reduzir os incidentes de violência, mas também criar um ambiente mais seguro e acolhedor para todos os estudantes.

5.3.1. Objetivo Geral

O objetivo principal desta pesquisa **é analisar as formas e os fatores provenientes da violência entre os alunos do 8º ano da unidade escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa.**

A violência escolar, conforme abordado por Abramovay (2002, 2005), tem sido um desafio constante nas instituições de ensino, afetando o clima escolar e o desempenho dos alunos. O fenômeno da violência é multifacetado e está associado a fatores individuais e contextuais, como apontado por Azeredo et al. (2015), que ressalta o impacto de fatores socioeconômicos, familiares e culturais na manifestação de comportamentos violentos. Ao focar nos alunos do 8º ano, a pesquisa pretendeu entender as dinâmicas internas que levam ao comportamento agressivo e propor intervenções que possam mitigar esses conflitos.

5.3.2. Objetivos Específicos

Para alcançar tais metas propostas, foram elencados os seguintes objetivos específicos:

1) Descrever os motivos que causam a violência entre os alunos do 8º ano.

A literatura destaca vários fatores que contribuem para a violência entre os alunos. Akanni et al. (2022) apontam que a exposição a ambientes familiares disfuncionais e a falta de suporte emocional são gatilhos importantes para o comportamento agressivo. Além disso, Cabral et al. (2020) sugerem que a ausência de estratégias eficazes de regulação emocional pode levar à agressividade entre os jovens. Portanto, este objetivo busca descrever e compreender quais são os principais fatores, internos e externos, que levam à violência entre os alunos do 8º ano, conectando esses fatores às dinâmicas sociais e emocionais observadas no ambiente escolar;

2) Analisar quais os tipos de violência que ocorrem entre os alunos do 8º ano.

Segundo Olweus (1993), a violência escolar pode se manifestar de várias formas, desde agressões físicas até violência psicológica. Este objetivo tem como propósito analisar e classificar as formas de violência que são mais prevalentes entre os alunos do 8º ano. Estudos, como os de Abramovay (2002), indicam que o bullying é uma das formas mais comuns de violência entre os adolescentes e pode ter consequências devastadoras para o desenvolvimento emocional e social dos alunos. Com base nessas informações, a pesquisa irá examinar as diferentes modalidades de violência e como elas se expressam no contexto escolar;

3) Conhecer os impactos que os diversos tipos de violência podem causar nos alunos.

A exposição à violência escolar tem efeitos profundos no desenvolvimento dos alunos. Perren et al. (2010) mostram que algumas formas de violência estão associados ao aumento dos níveis de depressão e ansiedade entre adolescentes, o que pode comprometer o desempenho acadêmico e as relações sociais. Ao conhecer os impactos causados pelos diferentes tipos de violência, esta pesquisa visa identificar não apenas os prejuízos imediatos, mas também os efeitos de longo prazo na saúde mental e no desenvolvimento dos alunos;

4) Verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar a violência entre alunos.

A prevenção da violência escolar depende de políticas e ações efetivas implementadas pelas escolas. Mendes (2011) e Fante (2005) destacam que programas de mediação de conflitos e a conscientização são fundamentais para criar um ambiente escolar seguro. Este objetivo busca verificar quais programas e ações a escola tem desenvolvido para amenizar os conflitos e se essas intervenções têm sido eficazes. A análise foi baseada em iniciativas educativas que promovem a mediação de conflitos, a promoção da cultura de paz e o apoio psicológico aos alunos envolvidos.

5.4. Desenho Metodológico

O desenho metodológico desta pesquisa foi estruturado para atender às necessidades de compreensão do fenômeno da violência escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa, com foco nos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Este estudo baseia-se em uma abordagem qualitativa e descritiva, elementos fundamentais para analisar as múltiplas dimensões do problema investigado.

De acordo com Gil (2014), a pesquisa descritiva-exploratória é caracterizada por sua capacidade de oferecer maior familiaridade com o problema investigado, permitindo torná-lo mais explícito e compreensível. A tipologia descritiva busca identificar, classificar e detalhar fenômenos, enquanto a exploratória se propõe a investigar um tema ainda pouco estudado ou com abordagens limitadas. Essa combinação de características foi escolhida devido à complexidade e especificidade do problema da violência escolar, que exige um mapeamento detalhado de suas manifestações e causas.

A pesquisa descritiva possibilita documentar os tipos de violência presentes no contexto escolar, enquanto a abordagem exploratória permitiu identificar fatores internos e externos que

influenciam o comportamento agressivo dos alunos. Esse formato também ofereceu uma base sólida para formular hipóteses e orientar futuras investigações sobre o tema.

Nesse sentido, a escolha da tipologia descritiva-exploratória facilitou a identificação dos principais fatores que influenciam a violência escolar, desde questões familiares e sociais até as dinâmicas internas da escola. Isso possibilitou:

- 1) Mapear as manifestações de violência: Foi possível descrever os tipos de violência mais recorrentes, como bullying, agressões físicas e exclusão social, além de identificar suas causas;
- 2) Identificar as relações entre os participantes: O desenho metodológico permitiu observar como as interações entre alunos, professores e gestores influenciam o clima escolar e as estratégias de enfrentamento da violência;
- 3) Analisar as respostas institucionais: A pesquisa destacou as iniciativas e limitações das políticas escolares voltadas para a prevenção e mitigação da violência, fornecendo subsídios para melhorias futuras.

Esta metodologia centra-se mais no “quê” do que no “porquê” do sujeito da investigação. Ou seja, seu objetivo é descrever a natureza de um segmento demográfico, sem focar nas razões pelas quais determinado fenômeno ocorre. As pesquisas descritivas têm como finalidade a descrição das características da população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São muitos os estudos que podem ser classificados assim, e uma de suas características mais significativas aparece na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

O enfoque qualitativo foi adotado como a base central do desenho metodológico. Segundo Minayo (2014), a abordagem qualitativa é especialmente indicada para compreender fenômenos sociais complexos, como a violência escolar, pois permite uma análise aprofundada das percepções, experiências e dinâmicas sociais dos participantes.

Neste estudo, o enfoque qualitativo proporcionou uma visão contextualizada e sensível das interações escolares, enfatizando as narrativas dos participantes e os significados atribuídos aos episódios de violência.

Além disso, o enfoque qualitativo permitiu captar nuances subjetivas que não estariam acessíveis por meio de abordagens quantitativas, como as emoções e percepções dos alunos, professores e gestores em relação à violência escolar. Essa perspectiva foi essencial para conectar as vivências individuais ao contexto mais amplo da escola e da comunidade.

O desenho metodológico desenvolvido trouxe contribuições significativas para a realização deste estudo. Em primeiro lugar, permitiu a integração de múltiplas fontes de dados,

garantindo uma análise mais rica e detalhada das interações escolares. A combinação das técnicas de entrevista aberta e observação participante proporcionou um panorama abrangente e profundo do problema investigado.

Além disso, o enfoque qualitativo e a tipologia escolhida ajudaram a compreender o impacto da violência escolar nas relações interpessoais e no desempenho acadêmico dos alunos, permitindo a formulação de recomendações práticas para a criação de um ambiente escolar mais seguro e acolhedor.

Por fim, o desenho metodológico adotado reforçou a importância de uma abordagem investigativa que considere não apenas os eventos de violência em si, mas também os contextos sociais, emocionais e institucionais que os cercam. Essa abordagem integrada foi fundamental para alcançar os objetivos propostos pela pesquisa e contribuir para o avanço do conhecimento sobre a temática da violência escolar.

Na Figura 3 apresenta-se o esquema metodológico dessa pesquisa.

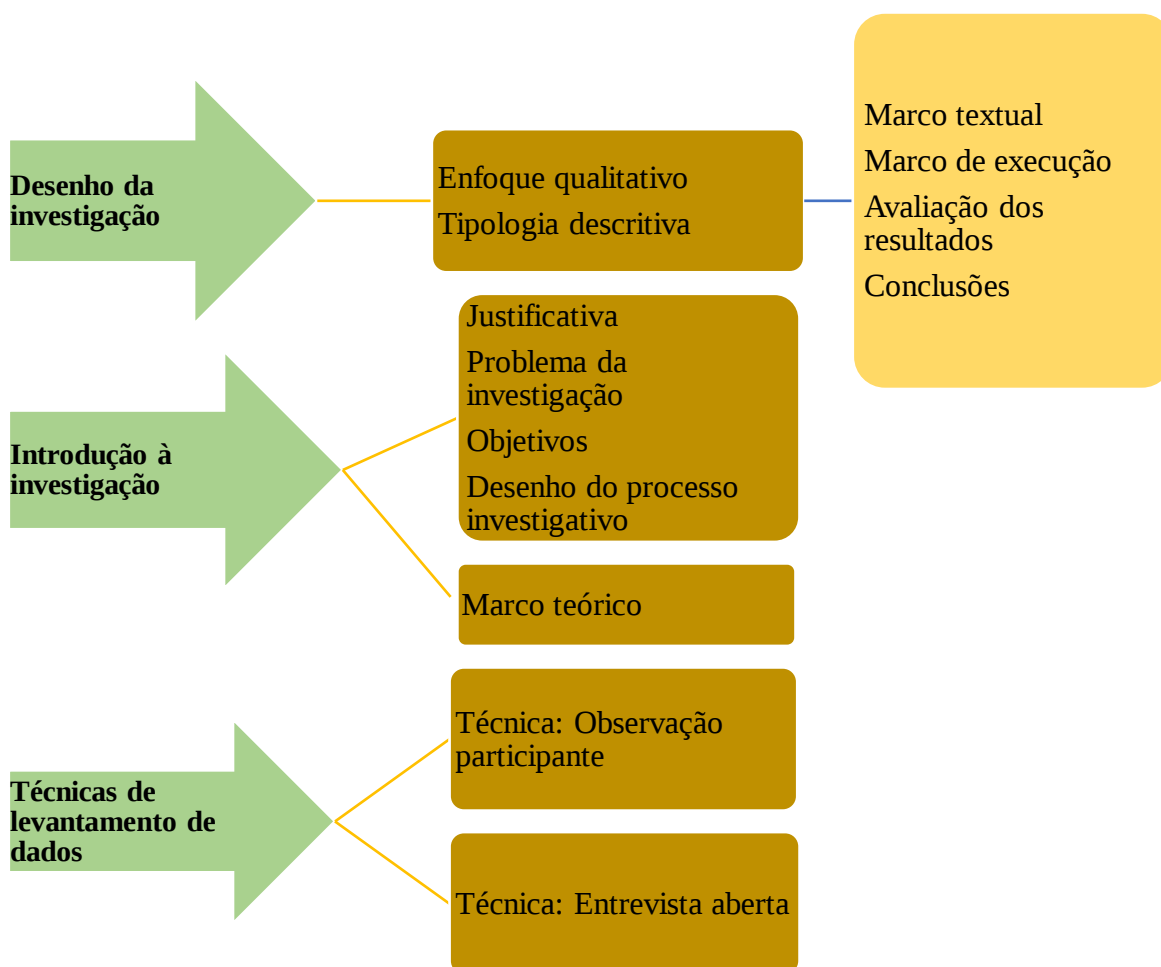


Figura 3 – Desenho metodológico da investigação.

Fonte: Autora (2025).

5.5. Contexto Espacial e Socioeconômico do Município de Aragoiânia, GO/Brasil

O contexto espacial e socioeconômico da pesquisa refere-se à descrição detalhada do ambiente físico e das condições sociais e econômicas onde a pesquisa é realizada. Esse conceito envolve tanto a localização geográfica específica em que o estudo acontece quanto os fatores socioeconômicos que podem influenciar o comportamento, as experiências e os resultados dos participantes.

O contexto espacial diz respeito ao espaço físico onde a pesquisa ocorre. Isso pode incluir a descrição da cidade, bairro ou instituição onde o estudo é conduzido. No caso de uma pesquisa educacional, o contexto espacial pode abranger as características da escola, a comunidade local, o ambiente escolar e outros aspectos geográficos que podem influenciar o comportamento dos alunos e as dinâmicas sociais.

Já o contexto socioeconômico abrange as condições sociais, culturais e econômicas que caracterizam o grupo de participantes da pesquisa. Isso inclui fatores como:

- 1) Nível de renda e distribuição econômica na comunidade;
- 2) Acesso à educação, saúde e outros serviços básicos;
- 3) Condições de moradia e trabalho;
- 4) Estrutura familiar e cultural;
- 5) Fatores relacionados à desigualdade social e exclusão.

Esses elementos são de extrema importância, pois podem impactar diretamente os resultados da pesquisa, influenciando comportamentos, atitudes e percepções dos participantes.

Compreender o contexto espacial e socioeconômico é essencial para interpretar os resultados da pesquisa de forma precisa e contextualizada. Fatores espaciais e socioeconômicos podem influenciar as dinâmicas de violência, as interações sociais e os processos educacionais, especialmente em estudos relacionados a questões sociais, como a violência escolar. Analisar esses contextos permite que o pesquisador identifique possíveis causas ou fatores contribuintes que afetam os comportamentos e as atitudes dos indivíduos.

Em resumo, o contexto espacial e socioeconômico da pesquisa ajuda a fornecer uma visão mais completa das condições que moldam o fenômeno em estudo, contribuindo para uma análise mais rica e precisa dos dados coletados. No caso da violência educacional, esses fatores desempenham um papel essencial na compreensão das causas e dinâmicas desse problema. A localização geográfica da escola, por exemplo, pode influenciar o nível de segurança na comunidade e o tipo de exposição que os alunos têm à violência fora do ambiente escolar. Da mesma forma, o contexto socioeconômico afeta diretamente as relações interpessoais dentro da

escola, uma vez que desigualdades econômicas, exclusão social e falta de recursos podem agravar os conflitos entre os estudantes.

Além disso, em comunidades com maior vulnerabilidade social, os alunos podem estar mais expostos a ambientes familiares instáveis, o que pode repercutir em comportamentos agressivos na escola. Fatores como a falta de investimento em infraestrutura escolar, a carência de programas de apoio psicológico e a baixa presença de políticas públicas voltadas para a prevenção da violência agravam ainda mais o problema. Portanto, ao analisar o fenômeno da violência escolar, é indispensável considerar como o contexto espacial e socioeconômico cria condições propícias para o surgimento e perpetuação de comportamentos violentos, tanto entre os alunos quanto na dinâmica geral da escola. Isso permite uma compreensão mais abrangente e eficaz das estratégias necessárias para a prevenção e o enfrentamento da violência no ambiente educacional.

Levando esses fatores em consideração, a pesquisa foi realizada no Colégio Estadual José Cândido Rosa, uma instituição de ensino localizada no município de Aragoiânia, estado de Goiás. A cidade, de pequeno porte, apresenta características socioeconômicas típicas de áreas interioranas do Brasil, com uma população em grande parte composta por trabalhadores do setor agropecuário e do comércio local. O colégio, sendo uma das principais instituições de ensino fundamental da região, atende uma população estudantil diversa, composta por alunos que vêm tanto da zona urbana quanto de áreas rurais adjacentes.

O contexto socioeconômico da comunidade escolar reflete diretamente nas dinâmicas de convivência entre os alunos. Muitas das famílias dos estudantes enfrentam dificuldades econômicas, com baixa renda familiar e acesso limitado a serviços de infraestrutura, saúde e lazer. A precariedade de alguns serviços públicos, como a segurança, também influencia na forma como a violência se manifesta tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

Segundo o diagnóstico da escola e relatos de professores, a violência escolar, que vai desde conflitos verbais a agressões físicas, tem suas raízes em tensões sociais e familiares presentes na comunidade. Esse quadro é amplificado por problemas como a desestruturação familiar, o envolvimento de jovens em atividades ilícitas, e a falta de oportunidades de lazer e cultura, que acabam gerando um ambiente propício para o surgimento de comportamentos agressivos. Esses fatores contribuem para um ambiente escolar onde a violência é recorrente, afetando o bem-estar e o desempenho acadêmico dos alunos.

De acordo com os dados do IBGE (2022), Aragoiânia apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) moderado, com uma economia baseada principalmente no setor primário. Isso faz com que o poder aquisitivo da maioria das famílias seja relativamente

baixo, o que também impacta a capacidade de acesso a recursos educacionais e de apoio emocional para os alunos. Esse cenário socioeconômico é fundamental para a compreensão da violência escolar, uma vez que fatores externos, como a situação econômica das famílias e o ambiente social no qual os alunos estão inseridos, desempenham um papel significativo nas dinâmicas de violência observadas dentro da escola.

5.5.1. Delimitação da Pesquisa

O Colégio Estadual José Cândido Rosa (CEJCR), fundado em 1950, possui uma estrutura física ampla e funcional, abrigando turmas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, com cerca de 930 alunos distribuídos em dois prédios.

Figura 4 - Fachada CEJCR.



Fonte: Próprio autor, 2024.

Figura 5 - Prédio 1.



Fonte: Próprio autor, 2024.

Figura 6 - Prédio 2.



Fonte: Próprio autor, 2024.

Localizado em Aragoiânia – GO/Brasil, em uma área de 10.000m², o colégio conta com 15 salas de aula climatizadas, duas quadras poliesportivas cobertas, banheiros adaptados para Portadores de Necessidades Especiais, além de cozinha semi-industrial e áreas administrativas. As instalações são abastecidas com água tratada, embora a escola dependa de fossas sépticas, e o sistema de coleta de lixo seja gerido pela prefeitura.

Figura 7 - Quadra poliesportiva.



Fonte: Próprio autor, 2024.

Figura 8 - Sala de aula 1.



Fonte: Próprio autor, 2024.

Figura 9 - Sala de aula 2.

Fonte: Próprio autor, 2024.

A comunidade ao redor possui um perfil socioeconômico misto, onde o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é considerado médio. A economia da região é predominantemente agrícola, com uma forte presença de pequenos e grandes produtores rurais, atuando principalmente na horticultura, fruticultura e produção de leite. Esse contexto impacta a realidade escolar, pois reflete tanto nas necessidades dos alunos quanto nas expectativas da comunidade em relação à educação.

O colégio adota um modelo pedagógico baseado na teoria da Aprendizagem Verbal Significativa e na abordagem sociointeracionista de Vygotsky, com ênfase em um sistema de avaliação contínua. Os professores buscam estratégias de recuperação para alunos com dificuldades, contribuindo para reduzir a evasão escolar e melhorar os índices de aprovação. Nos últimos anos, a escola tem observado uma melhora em seus índices de proficiência e no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), um reflexo do empenho pedagógico e do engajamento da comunidade escolar.

A equipe da escola inclui um gestor, três coordenadores pedagógicos, dois coordenadores de turno, 15 funcionários técnico-administrativos, 28 docentes e 240 alunos. Entretanto, a escola ainda não conta com um laboratório de informática, o que limita algumas práticas educacionais voltadas para o desenvolvimento de competências tecnológicas. A administração financeira é conduzida pelo Conselho Escolar Professora Cidinha, com recursos provenientes de repasses estaduais e federais, que incluem os programas PROESCOLA e PDDE, distribuídos entre custeio e capital.

O colégio adota uma gestão participativa, envolvendo alunos, pais, e profissionais da educação nas tomadas de decisão e no enfrentamento de problemas cotidianos. A gestão também promove eventos e ações que integram a comunidade, reforçando o vínculo entre a escola e o contexto social.

A delimitação da presente pesquisa se deu no âmbito da unidade escolar Colégio Estadual José Cândido Rosa, especificamente com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Optou-se por estudar essa faixa etária em particular devido à elevada incidência de episódios de violência observados entre os alunos dessa série. A pesquisa focou em compreender as formas de violência e os fatores associados, como bullying, violência física e verbal, além de questões relacionadas ao ambiente familiar e comunitário dos alunos.

A escolha desse grupo de alunos do 8º ano se justifica também por ser uma fase de transição na vida escolar dos adolescentes, um período em que questões como a identidade, a socialização e os conflitos interpessoais costumam ser mais acentuados. Além dos alunos, participaram da pesquisa professores que atuam diretamente com essas turmas, bem como coordenadores e o gestor da escola. A delimitação desse grupo permitiu uma análise mais focada e detalhada dos fenômenos de violência presentes no cotidiano escolar.

O período de coleta de dados compreendeu o segundo semestre letivo, momento em que a equipe pedagógica da escola já havia identificado e monitorado algumas situações de conflito entre os alunos. A abordagem qualitativa, por meio de observação participante e entrevistas abertas, permitiu que a pesquisa captasse as percepções dos atores envolvidos, buscando tanto identificar os fatores que desencadeiam a violência quanto avaliar as estratégias adotadas pela escola para lidar com esses episódios conforme Man et al. (2022).

A pesquisa foi delimitada para focar exclusivamente nas dinâmicas internas da escola, sem incluir aspectos de violência que poderiam ocorrer no entorno ou no trajeto casa-escola, uma vez que o objetivo central era entender o fenômeno dentro do espaço institucional.

5.6. Participantes da Pesquisa

Os participantes desta pesquisa foram cuidadosamente selecionados para garantir uma análise profunda e representativa dos fenômenos de violência escolar observados no Colégio Estadual José Cândido Rosa. A pesquisa centrou-se em quatro grupos principais de atores envolvidos diretamente no contexto escolar: alunos do 8º ano, professores, coordenadores e o gestor escolar. A escolha desses grupos se justifica pela natureza das interações que ocorrem nesse ambiente, onde os episódios de violência entre os alunos são mais prevalentes e os

professores, coordenadores e gestor atuam como mediadores e responsáveis pela implementação de estratégias de prevenção e intervenção.

A seleção dos participantes desta pesquisa foi realizada de forma criteriosa, levando em consideração os grupos diretamente envolvidos nas situações de violência escolar observadas no Colégio em questão. A escolha dos participantes foi fundamental para alcançar os objetivos da pesquisa, uma vez que são os atores mais relevantes no contexto de estudo. Marconi e Lakatos (2011, p. 27) descrevem a população como o "conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica comum". No caso desta pesquisa, os participantes compartilham a experiência direta com as dinâmicas de violência escolar, o que proporciona uma base sólida para a análise do fenômeno.

Os indivíduos que fazem parte do contexto a ser pesquisado foram selecionados com o intuito de responder às perguntas de pesquisa e analisar o fenômeno da violência escolar. Segundo Marconi e Lakatos (2011), a escolha dos participantes deve refletir as particularidades e características envolvidas no fenômeno estudado. A população total da escola abrange 154 alunos, 08 professores, 2 coordenadores e 1 gestor/diretor do Colégio Estadual José Cândido Rosa. De acordo com a Tabela 1 - População Total, na sequência:

Tabela 1 - População Total

GRUPOS	NOMENCLATURA DO GRUPO	POPULAÇÃO
Alunos	A	154
Professores	P	08
Coordenadores	C	02
Gestor	G	01

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, em 2024.

A amostra é de 30 alunos do 8º ano, com idades entre 12 e 14 anos, justifica-se esta redução pois são os alunos mais participativos na turma, também foram alvo principal desta pesquisa por representarem um grupo com uma elevada incidência de episódios de violência, conforme relatado por professores e coordenadores. Esses estudantes estão diretamente envolvidos em situações de conflito, seja como vítimas, agressores ou testemunhas, e sua participação é essencial para identificar as causas e consequências da violência no ambiente escolar.

Além dos alunos, a pesquisa contou com a participação de 08 professores que lecionam nas turmas do 8º ano. Esses educadores têm um papel crucial no monitoramento e mediação de conflitos dentro da sala de aula. A experiência desses profissionais permitiu que a pesquisa

captasse informações detalhadas sobre a forma como os professores lidam com a violência e como as interações com os alunos influenciam o clima escolar.

A coordenação pedagógica, composta por 02 coordenadores, também foi incluída, pois esses profissionais são responsáveis por implementar e supervisionar as políticas disciplinares e educativas voltadas para o comportamento dos alunos. Sua participação forneceu uma perspectiva administrativa sobre a gestão da violência e as dificuldades enfrentadas pela escola para lidar com esses episódios.

Por fim, o gestor escolar, representado pelo diretor da instituição CEJCR, participou da pesquisa fornecendo uma visão mais ampla das medidas institucionais adotadas pela escola para prevenir e mitigar a violência. O diretor está diretamente envolvido na criação e execução de políticas de convivência e segurança escolar, o que torna sua perspectiva vital para compreender a eficácia das estratégias já implementadas.

5.6.1. Seleção dos Participantes

A seleção dos participantes desta pesquisa foi realizada por meio de amostragem não probabilística intencional, uma abordagem que, de acordo com Campoy (2019), é caracterizada pela escolha deliberada dos indivíduos com base no julgamento subjetivo do pesquisador. Este método de amostragem foi escolhido porque possibilita focar em grupos específicos que estão diretamente envolvidos nas dinâmicas de violência escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa, tornando-os mais adequados para responder aos objetivos da pesquisa.

A amostragem utilizada nesta pesquisa pode ser classificada como amostragem casual ou de conveniência, desse modo escolheu-se os alunos da turma com mais casos de violência e os professores que lecionam nesta turma e tem contato com estes alunos que possui uma conexão direta com os fenômenos de violência observados na escola. Essa seleção foi feita de forma estratégica, buscando incluir aqueles que tivessem maior potencial para oferecer informações relevantes sobre os episódios de violência, suas causas e consequências.

Os participantes foram divididos em quatro grupos principais: alunos do 8º ano, professores, coordenadores e gestor. A amostragem desta pesquisa envolveu 15 alunos, 5 professores, 2 coordenadores e 1 gestor, que foram selecionados para o estudo detalhado. Esses participantes foram escolhidos por estarem diretamente envolvidos nas interações escolares que culminam em episódios de violência, seja como vítimas, agressores, mediadores ou responsáveis pela gestão dos conflitos. Essa escolha permitiu uma análise focada, facilitando a compreensão das dinâmicas que permeiam o ambiente escolar e como as estratégias de prevenção e intervenção são percebidas por cada grupo.

A justificativa para a escolha da amostragem intencional baseia-se na complexidade do fenômeno da violência escolar. Para compreender a fundo as suas principais causas e impactos, era necessário selecionar participantes que tivessem vivenciado diretamente essas situações. Segundo Campoy (2019), esse tipo de amostragem é especialmente útil em estudos exploratórios e descritivos, onde o objetivo é obter uma visão detalhada e aprofundada do tema, a partir das experiências daqueles que estão no centro do problema.

Essa abordagem permitiu ao pesquisador concentrar-se em um grupo que realmente representa o fenômeno em estudo, evitando a dispersão de informações e garantindo que os dados coletados fossem ricos em detalhes e significativos para os propósitos da pesquisa.

Tabela 2 - Participantes Selecionados.

GRUPO	AMOSTRA	NOMENCLATURA	NRº DE PARTICIPANTES	INSTRUMENTO
Grupo 1	Alunos (8º ano)	A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13, A14 e A15	15	Observação Participante
Grupo 2	Professores	P1, P2, P3, P4 e P5	5	Entrevista Aberta
Grupo 3	Coordenador	C1 e C2	2	Entrevista Aberta
Grupo 4	Gestores	G1	1	Entrevista Aberta

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, em 2024.

Para realizar a pesquisa sobre violência escolar, foram selecionados participantes de diferentes grupos dentro do ambiente escolar, cada qual com uma perspectiva relevante para a compreensão do fenômeno da violência. A seleção incluiu alunos, professores, coordenadores e gestores, que contribuem com percepções específicas e complementares sobre o problema. Abaixo, segue a descrição de cada grupo:

- 1) Grupo 1 – Alunos (8º ano): 15 participantes selecionados
Alunos selecionados para representar os indivíduos que vivenciam a violência escolar de forma mais direta, seja como vítimas ou testemunhas dos episódios de violência.
- 2) Grupo 2 – Professores: 5 participantes selecionados

Professores escolhidos por sua experiência no manejo de situações de violência em sala de aula e pela proximidade com os alunos do 8º ano dia a dia, o que lhes permite observar as dinâmicas de interação entre os estudantes.

- 3) Grupo 3 – Coordenadores: 2 participantes selecionados: Coordenadores que estão envolvidos no processo de ensino da turma do 8º ano, foram incluídos também pela função de liderança e pela responsabilidade na implementação de políticas preventivas e na gestão de conflitos escolares.
- 4) Grupo 4 – Gestor: 1 participante selecionado
Gestor selecionado devido ao papel estratégico na gestão escolar, sendo responsável pela coordenação de ações que visam a promoção de um ambiente seguro e pelo suporte à equipe na resolução de conflitos.

Esse processo de seleção foi fundamental para garantir que os participantes pudessem oferecer perspectivas ricas e detalhadas sobre as dinâmicas de violência escolar, possibilitando uma análise mais profunda dos fatores que desencadeiam esses episódios e das possíveis intervenções para mitigá-los.

5.6.2 Professores da turma do 8º ano

A participação dos professores na pesquisa foi essencial, considerando seu papel fundamental na mediação de conflitos e no acompanhamento direto do comportamento dos alunos em sala de aula. Os professores selecionados, com vasta experiência no ensino e na gestão de sala, lidam diariamente com episódios de violência escolar, incluindo agressões verbais e físicas entre alunos. Conforme apontado por Fante (2005), os professores são peças-chave na prevenção e na intervenção imediata em situações de violência, especialmente em casos mais específicos, onde eles podem identificar padrões de comportamento que muitas vezes passam despercebidos pelos demais membros da comunidade escolar.

Além disso, os professores têm a capacidade de observar as dinâmicas sociais e as relações de poder que influenciam o comportamento violento. Eles podem relatar situações em que certos alunos se tornam vítimas recorrentes de agressões, bem como identificar potenciais agressores.

Sua perspectiva foi crucial para fornecer uma visão abrangente do fenômeno da violência escolar e auxiliar na formulação de medidas preventivas e interventivas eficazes. A participação ativa dos professores reforça a importância de estratégias pedagógicas que promovam o respeito, a tolerância e a convivência pacífica entre os alunos.

5.6.3 Alunos

Os alunos do 8º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa foram escolhidos como participantes principais da pesquisa, devido ao seu envolvimento direto com episódios de violência escolar. Como vítimas, agressores ou testemunhas, os alunos fornecem uma perspectiva única sobre as causas e consequências dos conflitos que ocorrem dentro do ambiente escolar. Sua participação foi fundamental para a compreensão das diferentes formas de violência que se manifestam na escola, como brigas físicas, violência verbal e exclusão social.

Relatos dos alunos sobre suas experiências pessoais com a violência escolar são valiosos para a pesquisa, pois permitem identificar os fatores subjacentes que desencadeiam esses comportamentos. De acordo com Abramovay (2005), a escuta ativa dos alunos em pesquisas sobre violência escolar não só valoriza suas vivências, mas também fortalece sua participação no processo de construção de um ambiente escolar mais seguro e acolhedor. Além disso, ao se sentirem ouvidos, os alunos podem desenvolver uma maior conscientização sobre a importância de resolver conflitos de forma pacífica.

5.6.4 Coordenadores

Os coordenadores escolares desempenham um papel fundamental na gestão dos problemas de violência escolar, uma vez que possuem uma visão abrangente das dinâmicas que ocorrem dentro e fora da sala de aula. Como responsáveis diretos pela implementação de políticas disciplinares e educativas, os coordenadores estão na linha de frente para lidar com conflitos entre alunos e garantir que medidas preventivas sejam aplicadas.

A participação dos coordenadores nesta pesquisa foi essencial para entender as dificuldades enfrentadas pela equipe gestora na manutenção da disciplina e na mediação de conflitos. Sua experiência na criação e execução de estratégias de intervenção e prevenção contribuiu para a análise da eficácia das políticas atualmente em vigor na escola. Além disso, os coordenadores forneceram uma perspectiva administrativa, permitindo que a pesquisa abordasse questões estruturais e organizacionais que influenciam a dinâmica da violência;

De acordo com Esquierro (2011), a participação ativa dos coordenadores em pesquisas sobre violência escolar enriquece o entendimento dos problemas, pois eles estão diretamente envolvidos na implementação de práticas que visam transformar o ambiente escolar em um espaço mais seguro e inclusivo.

5.6.5 Gestão

A gestão escolar tem um papel essencial na criação de um ambiente que promova a segurança, o respeito e a convivência pacífica entre os alunos. Os gestores são responsáveis por coordenar as equipes de professores e coordenadores, além de serem os principais articuladores das políticas de prevenção e intervenção contra a violência escolar. Neste estudo, a participação da gestão foi vital para compreender as políticas institucionais adotadas pela escola e avaliar sua eficácia na redução dos conflitos e no combate a violência escolar.

Conforme destacado por Campoy (2019), a liderança escolar tem um impacto direto na promoção de um clima escolar positivo, sendo essencial para o sucesso de qualquer intervenção voltada para a redução da violência. A gestão também tem a responsabilidade de engajar toda a comunidade escolar—incluindo pais, alunos e professores—no desenvolvimento de um ambiente mais seguro. Uma gestão bem estruturada e comprometida pode fazer a diferença na implementação de políticas eficazes de convivência e segurança, contribuindo para a criação de um ambiente educacional onde o aprendizado possa ocorrer sem interrupções causadas pela violência.

5.7. Técnicas e Instrumentos da Coleta de Dados

O sucesso de uma pesquisa científica depende diretamente das técnicas e instrumentos escolhidos para a coleta de dados. Eles fornecem as ferramentas necessárias para captar, registrar e interpretar as informações de maneira sistemática e confiável, visando a alcançar respostas adequadas para os objetivos da investigação. Para Marconi e Lakatos (2007), a escolha desses métodos precisa ser cuidadosa e embasada nos aspectos específicos do problema em estudo. Neste trabalho, foram adotadas duas técnicas principais de coleta de dados: **a entrevista aberta e a observação participante.**

Essas técnicas foram escolhidas por proporcionarem uma compreensão aprofundada da violência escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa. Elas permitem não apenas a coleta de dados de forma direta e flexível, mas também a inserção ativa do pesquisador no ambiente de estudo. A entrevista aberta possibilita aos participantes expressarem livremente suas percepções, sentimentos e experiências, enquanto a observação participante permite um contato direto e contínuo com a realidade investigada, favorecendo uma análise mais rica e detalhada dos comportamentos, interações e dinâmicas sociais.

A coleta de dados é uma etapa crucial de qualquer pesquisa científica, pois fornece os subsídios necessários para alcançar os objetivos do estudo e responder às suas perguntas de investigação. Ambas as técnicas foram selecionadas por sua capacidade de capturar não apenas

informações factuais, mas também nuances subjetivas e contextuais relacionadas às percepções, experiências e interações dos indivíduos envolvidos no contexto escolar.

A entrevista aberta oferece flexibilidade ao entrevistado, permitindo que ele responda de forma livre. Isso favorece a obtenção de dados mais profundos e ricos, conforme a percepção e a experiência de cada entrevistado. Já a observação participante permite ao pesquisador uma imersão direta no ambiente estudado, possibilitando a coleta de dados em tempo real e de maneira não intrusiva, registrando comportamentos, interações e eventos tal como ocorrem naturalmente.

Essas técnicas se mostraram particularmente eficazes no estudo da violência escolar, pois a entrevista aberta permitiu captar percepções e relatos detalhados dos professores, coordenadores e alunos, enquanto a observação participante possibilitou uma compreensão mais ampla das dinâmicas diárias e dos padrões de comportamento que contribuem para o surgimento de conflitos no ambiente escolar.

5.7.1. Entrevista aberta

A entrevista aberta é uma técnica de coleta de dados caracterizada por sua flexibilidade e informalidade. Diferentemente de outros tipos de entrevista, como a estruturada ou semiestruturada, a entrevista aberta não segue um roteiro rígido de perguntas. Em vez disso, ela se concentra em um tema central, permitindo que o entrevistado responda livremente, com base em suas próprias experiências, percepções e realidade. Essa técnica oferece ao entrevistador a oportunidade de explorar mais profundamente os assuntos abordados, com base nas respostas do entrevistado.

Segundo Lakatos e Marconi (2011), a entrevista aberta é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. A ideia central é permitir que o fluxo da conversa seja conduzido pelo entrevistado, possibilitando que ele defina os termos e a direção das respostas. Isso permite ao pesquisador captar aspectos mais subjetivos e complexos do tema investigado, o que é especialmente útil em pesquisas qualitativas, onde a profundidade das respostas é mais importante do que a quantidade.

A entrevista aberta é comumente usada em áreas como ciências sociais, educação, psicologia e antropologia, quando o objetivo é compreender comportamentos, atitudes e contextos específicos. Além disso, essa técnica permite captar nuances emocionais e interpretações pessoais dos entrevistados, algo que é difícil de obter com questionários ou entrevistas mais estruturadas.

A entrevista aberta foi selecionada como uma das principais técnicas de coleta de dados devido à sua flexibilidade e capacidade de adaptação ao contexto escolar e aos participantes envolvidos. Segundo Lakatos e Marconi (2011), a entrevista aberta possibilita que os entrevistados se expressem livremente, dando ênfase a aspectos que consideram mais relevantes, sem serem limitados por perguntas previamente estruturadas. A liberdade de expressão do entrevistado é fundamental para este tipo de pesquisa, visto que a complexidade da violência escolar muitas vezes requer a coleta de informações subjetivas e contextuais.

Essa técnica foi aplicada aos professores, coordenadores e ao gestor da escola, cujas experiências e observações diretas sobre a violência escolar fornecem insights valiosos para a pesquisa. Por meio da entrevista aberta, os professores puderam relatar incidentes de violência, suas percepções sobre as causas e os efeitos desses comportamentos, além de compartilhar suas estratégias de intervenção. Os coordenadores, por sua vez, trouxeram uma visão mais ampla da dinâmica escolar, enquanto o gestor pôde oferecer uma perspectiva administrativa e institucional sobre o problema.

Marconi e Lakatos (2007) ressaltam que a entrevista aberta permite capturar nuances importantes, como o tom de voz, expressões faciais e gestuais, que podem oferecer pistas sobre as emoções e percepções dos participantes. Esses dados adicionais são fundamentais para compreender a profundidade do fenômeno estudado, facilitando a interpretação de atitudes e comportamentos relacionados à violência.

5.7.2. Observação participante

A observação participante é uma técnica de pesquisa qualitativa em que o pesquisador se envolve diretamente no ambiente e nas atividades do grupo ou comunidade que está sendo estudado. Diferentemente da observação passiva, na qual o pesquisador apenas observa os acontecimentos à distância, na observação participante o pesquisador interage com os participantes do estudo, assumindo um papel ativo no contexto social que está sendo analisado. Isso permite uma coleta de dados mais rica e detalhada, baseada na experiência direta e na interação contínua com o grupo.

Segundo Lüdke e André (2022), a observação participante é uma técnica que visa compreender como os indivíduos se comportam em seus contextos naturais, possibilitando ao pesquisador captar não apenas o que as pessoas dizem, mas também o que fazem em suas rotinas cotidianas. Essa técnica é amplamente utilizada em estudos etnográficos e em áreas como sociologia, antropologia, psicologia e educação, onde o objetivo é entender as interações e comportamentos sociais em profundidade.

A grande vantagem da observação participante é que ela oferece uma perspectiva interna do fenômeno estudado, permitindo ao pesquisador obter uma visão mais completa e detalhada das interações, práticas e comportamentos que ocorrem em um determinado ambiente. No entanto, essa técnica também apresenta desafios, como o risco de que a presença do pesquisador altere o comportamento dos participantes, bem como a necessidade de manter um equilíbrio entre a participação ativa e a objetividade na coleta de dados.

A observação participante foi outra técnica fundamental utilizada nesta pesquisa, especialmente pela oportunidade de vivenciar e registrar a rotina escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa. Como ressaltado por Ludke e André (2022), essa técnica permite ao pesquisador inserir-se no ambiente investigado, observando diretamente os acontecimentos, interações e comportamentos dos alunos e demais membros da comunidade escolar.

A observação participante, além de fornecer dados descritivos ricos, possibilita identificar fatores que não seriam mencionados em uma entrevista ou questionário. Ao vivenciar o ambiente escolar e acompanhar o cotidiano dos alunos e professores, foi possível compreender com maior profundidade como a violência se manifesta no contexto da escola e quais são os principais fatores que contribuem para a sua ocorrência. A observação envolveu a análise de situações de conflito, de agressões verbais e físicas, bem como de episódios de intimidação entre alunos.

A combinação de entrevistas abertas e observação participante permitiu captar reações espontâneas e identificar padrões de comportamento na escola, fundamentais para entender a complexidade das interações sociais, conforme Ludke e André (2022). Essa abordagem proporcionou uma análise abrangente e contextualizada da violência escolar, essencial para desenvolver estratégias eficazes de intervenção.

5.8. Validação dos Instrumentos

A validação dos instrumentos de pesquisa é o processo pelo qual se verifica se os métodos e ferramentas utilizados na coleta de dados são capazes de medir com precisão aquilo que se propõem a investigar. A validação garante que os instrumentos — como questionários, entrevistas, ou escalas de observação — realmente capturem o fenômeno em estudo de forma consistente e representativa, fornecendo dados confiáveis e relevantes para a pesquisa.

A validação busca assegurar que os resultados obtidos a partir desses instrumentos sejam corretos e adequados, permitindo que as conclusões da pesquisa sejam fundamentadas em dados sólidos. Esse processo é essencial para evitar vieses ou erros que possam comprometer a interpretação dos resultados.

Existem diferentes tipos de validação:

- 1) Validade de Conteúdo: Refere-se ao quanto o instrumento cobre adequadamente o conteúdo ou tema que se deseja investigar. Por exemplo, se todas as dimensões importantes do fenômeno estão sendo analisadas;
- 2) Validade de Critério: Mede a precisão com que o instrumento se correlaciona com um critério externo, ou seja, se os resultados obtidos podem ser comparados a outros dados ou métodos validados anteriormente;
- 3) Validade de Constructo: Refere-se à correspondência entre o instrumento e os conceitos teóricos que ele pretende medir, como violência escolar e a agressividade, no contexto de uma pesquisa sobre educação.

A validação também envolve testes-piloto, onde os instrumentos são aplicados de maneira preliminar para verificar se estão funcionando conforme o esperado. Após isso, os instrumentos podem ser ajustados antes de serem aplicados de forma definitiva.

A validação dos instrumentos de coleta de dados é uma etapa fundamental em qualquer pesquisa científica, garantindo que as ferramentas utilizadas sejam capazes de fornecer dados confiáveis e relevantes para a investigação. Quando os instrumentos de coleta de dados são validados, eles ganham maior credibilidade, assegurando que os resultados obtidos reflitam a realidade estudada e que sejam replicáveis em diferentes contextos. Para Marconi e Lakatos (2011), a validação de instrumentos é um processo que busca garantir a precisão, a consistência e a capacidade de medir efetivamente o que se propõe a investigar.

A validade de um instrumento está relacionada à sua capacidade de medir exatamente o que se deseja medir. No contexto desta pesquisa, que busca investigar a violência escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa, a validação das técnicas de entrevista aberta e observação participante foi essencial para garantir que os dados coletados fossem representativos e relevantes. A aplicação de instrumentos não validados poderia gerar distorções nos resultados e comprometer as conclusões da pesquisa.

A validação dos instrumentos de coleta de dados desempenha um papel central na garantia da qualidade da pesquisa, sendo a base para que os dados obtidos possam ser analisados de forma segura e eficaz. Prodanov e Freitas (2009) destacam que a validação de instrumentos consiste em verificar se as ferramentas utilizadas são apropriadas para captar a realidade investigada e se as respostas obtidas são coerentes com os objetivos da pesquisa. Para isso, os instrumentos precisam ser submetidos a um processo de refinamento e testes pré-piloto, a fim de detectar possíveis falhas ou imprecisões.

No caso da entrevista aberta, a validação implica garantir que as perguntas são compreensíveis para os participantes e que estão adequadas ao contexto da pesquisa. É necessário verificar se as perguntas são claras, objetivas e capazes de estimular respostas profundas e relevantes. Além disso, o entrevistador deve ser capacitado para conduzir a entrevista de forma que não influencie as respostas, garantindo a neutralidade e a espontaneidade dos entrevistados.

Já na observação participante, a validação do instrumento envolve a definição de critérios claros para o que será observado e registrado. É fundamental que o pesquisador tenha um plano bem estruturado de observação, para que o registro dos dados seja coerente e que os comportamentos observados estejam diretamente relacionados ao problema da pesquisa. Segundo Lüdke e André (2022), a observação participante, quando validada adequadamente, permite que o pesquisador obtenha dados em profundidade, sendo capaz de capturar aspectos complexos da realidade investigada que outras técnicas não alcançam.

Instrumentos de pesquisa são as ferramentas ou meios utilizados para coletar, medir e registrar os dados necessários para responder às perguntas de investigação e atingir os objetivos do estudo. Eles variam de acordo com a natureza da pesquisa (qualitativa ou quantitativa) e o tipo de dados que se deseja obter. Os instrumentos de coleta de dados são essenciais para garantir que as informações obtidas sejam válidas e confiáveis.

A validade de conteúdo refere-se à extensão com que o instrumento reflete o universo de conteúdos que se pretende investigar. Neste estudo, por exemplo, é crucial que as perguntas da entrevista aberta cubram os diferentes aspectos relacionados à violência escolar, incluindo a percepção de professores, alunos e gestores.

A validade de critério diz respeito à comparação entre os resultados obtidos pelo instrumento de coleta e um critério externo que já é considerado válido. No caso da violência escolar, pode-se utilizar dados existentes ou pesquisas anteriores como critérios de comparação. Já a validade de constructo está relacionada ao grau em que o instrumento mede um conceito teórico específico, como a agressividade. Para isso, é necessário que os conceitos teóricos estejam claramente definidos e que os instrumentos de coleta estejam alinhados a esses conceitos.

De acordo com Prodanov e Freitas (2009), uma pesquisa bem-sucedida exige que os instrumentos sejam constantemente avaliados durante todo o processo de coleta de dados, de forma que possíveis ajustes possam ser feitos em tempo hábil. A validade de um instrumento é fundamental para garantir que os dados coletados sejam confiáveis, pois, sem essa etapa, há o

risco de se trabalhar com informações imprecisas ou distorcidas, o que comprometeria a integridade da pesquisa.

Além da validade, outro conceito importante relacionado à qualidade dos instrumentos de coleta de dados é a confiabilidade. A confiabilidade se refere à consistência dos resultados obtidos com o instrumento em diferentes momentos ou condições. Para que um instrumento seja considerado confiável, ele deve produzir os mesmos resultados ao ser aplicado repetidamente, em condições similares. Isso garante que os dados não sejam resultado de flutuações aleatórias, mas sim representem fielmente o fenômeno estudado.

Na pesquisa qualitativa, a confiabilidade está diretamente ligada à capacidade do pesquisador de registrar os dados de maneira precisa e coerente. No caso da observação participante, por exemplo, é essencial que o observador mantenha registros detalhados e padronizados dos comportamentos observados, garantindo que as informações possam ser comparadas ao longo do tempo e entre diferentes contextos. Segundo Bogdan e Biklen (1981), uma observação confiável requer que o pesquisador seja rigoroso no registro e análise dos dados, evitando interpretações subjetivas ou enviesadas.

A validação dos instrumentos de coleta de dados é um processo imprescindível para a obtenção de resultados confiáveis e válidos. Neste estudo, tanto a entrevista aberta quanto a observação participante foram submetidas a um processo rigoroso de validação, envolvendo testes prévios, ajustes e refinamento dos instrumentos. A combinação de critérios de validação e a preocupação com a confiabilidade garantiram que os dados coletados refletissem com precisão a realidade da violência escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa, proporcionando uma base sólida para a análise e interpretação dos resultados.

O processo de validação dos instrumentos desta pesquisa contou com a participação de especialistas na área de metodologia científica e educação. Inicialmente, os instrumentos foram submetidos a uma análise crítica por parte de dois doutores, especialistas em metodologia de pesquisa e em estudos relacionados à violência escolar. Esses especialistas avaliaram a clareza, relevância e abrangência das perguntas elaboradas para as entrevistas abertas, bem como a consistência e aplicabilidade do plano de observação participante. Abaixo, apresenta-se a descrição das validações realizadas e os respectivos anexos que documentam essas etapas:

- Validação pelo Gestor (ANEXO 1 a 5), Professor (6 a 10) e Coordenador Dr. Valdir Mendonça Alves (ANEXOS 11 a 14): O Dr. Alves, especialista em metodologia científica e estudos sobre violência escolar, avaliou a clareza, pertinência e relevância das perguntas elaboradas para as entrevistas abertas, analisou a consistência metodológica do estudo, bem como a aplicabilidade do plano de observação

participante, além de oferecer recomendações para o aprimoramento das ferramentas utilizadas na coleta de dados, contribuindo com ajustes pontuais nos instrumentos;

- Validação pelo Professor (ANEXO 15 a 18) e Coordenador (19 a 22) Cleuton Clenes da Silva O Professor e Coordenador Silva revisou os instrumentos com foco na viabilidade das perguntas, analisou a estrutura e o conteúdo, validando sua aplicabilidade prática para os contextos analisados e sua coerência com os objetivos da pesquisa;
- Validação pelo Professor (ANEXO 23 a 26) e Gestor (ANEXO 27 a 30) Eliézer Cardoso de Oliveira: O Professor e Gestor Oliveira avaliou os instrumentos quanto à clareza, capacidade de obtenção de dados relevantes e alinhamento metodológico, sugerindo pequenas adequações e destacando pontos de melhoria para aprimorar a consistência do estudo.

Após essa etapa, foram realizadas reuniões para discutir os apontamentos feitos pelos doutores. Entre as principais contribuições, destacaram-se sugestões para reformular algumas perguntas das entrevistas, tornando-as mais específicas e alinhadas aos objetivos do estudo. Além disso, foi recomendada a inclusão de critérios adicionais na observação participante, como o registro de interações entre alunos em momentos não estruturados, como os intervalos escolares, para enriquecer a análise dos comportamentos.

Os instrumentos foram revisados com base nas recomendações recebidas, sendo novamente apresentados aos especialistas para uma última avaliação. Na etapa final, os doutores consideraram os ajustes satisfatórios, aprovando os instrumentos para aplicação no campo. A validação não apenas assegurou a qualidade e a precisão dos instrumentos, mas também garantiu que as informações coletadas estivessem alinhadas aos objetivos e à temática central da pesquisa.

5.9. Procedimento para Coleta de Dados

O procedimento para coleta de dados refere-se ao conjunto de etapas e métodos organizados que o pesquisador segue para reunir as informações necessárias para responder às perguntas de pesquisa e alcançar os objetivos do estudo. Esse processo envolve a escolha cuidadosa dos instrumentos e técnicas de coleta, como entrevistas, questionários, observações, entre outros, e a definição de como e quando esses instrumentos serão aplicados aos participantes.

A coleta de dados é um dos aspectos mais importantes da pesquisa científica, pois os dados obtidos precisam ser confiáveis, válidos e representativos da realidade investigada. O procedimento para coleta de dados inclui:

- 1) Planejamento: Definir claramente os objetivos da coleta, os tipos de dados necessários e as técnicas a serem utilizadas (entrevista, questionário, observação etc.). Também envolve definir o público-alvo e garantir que os instrumentos de coleta sejam adequados ao contexto da pesquisa;
- 2) Execução: Aplicar os instrumentos de coleta de dados no campo, ou seja, realizar entrevistas, aplicar questionários, conduzir observações, entre outros. Nesse momento, é importante seguir o planejamento para garantir que os dados sejam coletados de forma sistemática;
- 3) Registro e Armazenamento dos Dados: Após a coleta, os dados precisam ser registrados de forma organizada e armazenados de maneira segura, seja por meio de transcrições de entrevistas, notas de campo ou registros em questionários;
- 4) Validação dos Dados: Durante o procedimento de coleta, pode ser necessário realizar testes preliminares (pré-testes) para garantir que os instrumentos estão funcionando conforme planejado e coletando as informações necessárias de forma eficaz.

A aplicação desses procedimentos visa garantir que os dados coletados sejam consistentes e adequados para responder às perguntas de pesquisa e testar hipóteses.

A coleta de dados é uma etapa central em qualquer pesquisa científica, especialmente em estudos que envolvem fenômenos sociais complexos como a violência escolar. Para garantir a precisão, confiabilidade e relevância dos dados obtidos, é essencial seguir um procedimento sistemático e bem planejado, que considere a natureza qualitativa da investigação e as peculiaridades do contexto escolar estudado. De acordo com Marconi e Lakatos (2011), a coleta de dados refere-se ao processo de reunir informações necessárias para responder às perguntas de pesquisa e atingir os objetivos estabelecidos, utilizando instrumentos previamente validados e adequados à realidade dos participantes.

Nesta pesquisa, o foco está nas formas e fatores associados à violência entre os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual José Cândido Rosa. Para entender essas manifestações e identificar suas causas, foram selecionadas duas técnicas principais de coleta de dados: a entrevista aberta e a observação participante. A combinação dessas técnicas permite uma análise mais rica e profunda, capturando tanto as percepções subjetivas dos participantes quanto os comportamentos observados no ambiente escolar.

A coleta de dados foi organizada em três fases principais, que visam garantir a abrangência e a profundidade da investigação, respeitando as dinâmicas do ambiente escolar e o papel de cada participante:

- 1) Planejamento - A fase inicial do procedimento de coleta de dados consistiu no planejamento detalhado das visitas ao campo, das entrevistas com os alunos, professores, coordenadores e gestores, bem como na preparação dos instrumentos de registro da observação. Nesse estágio, foi realizada uma análise preliminar do cronograma escolar, permitindo organizar as datas e horários de aplicação das entrevistas e das observações, sem interferir nas atividades pedagógicas.

Para assegurar a integridade do processo, os participantes foram previamente informados sobre os objetivos da pesquisa, garantindo a obtenção do consentimento informado, conforme os preceitos éticos estabelecidos pelas diretrizes éticas para pesquisas com seres humanos. Todos os participantes receberam explicações claras sobre a confidencialidade dos dados e sobre a natureza voluntária de sua participação.

Como parte desse planejamento, foi elaborada uma Carta de Apresentação (ANEXO 31 e 32), endereçada à gestora da escola participante. Este documento detalhou os objetivos do estudo, a relevância acadêmica e social da pesquisa, e as etapas previstas para sua realização. A carta foi fundamental para estabelecer uma comunicação inicial clara e objetiva entre o pesquisador e a instituição, assegurando transparência e reforçando os princípios éticos que norteiam a investigação;

- 2) Coleta de Dados no Campo - A coleta de dados propriamente dita foi realizada em dois momentos distintos: as entrevistas abertas e as observações dos participantes.

As entrevistas foram realizadas em local reservado dentro da escola, buscando proporcionar um ambiente seguro e confidencial para os participantes. De acordo com Marconi e Lakatos (2011), essa abordagem facilita a expressão sincera dos sentimentos e percepções, permitindo que os participantes relatem suas experiências sem a pressão do julgamento de terceiros. A técnica de entrevista aberta foi escolhida por sua flexibilidade, uma vez que os entrevistados têm liberdade para responder com base em suas próprias perspectivas, oferecendo ao pesquisador uma visão mais detalhada das experiências vivenciadas.

Em complemento às entrevistas, as observações participantes ocorreram ao longo de várias semanas, permitindo que o pesquisador acompanhasse de perto as interações entre os alunos e os demais atores escolares. A técnica de observação participante foi planejada com base nos princípios de Lüdke e André (2022), que

ressaltam a importância de o pesquisador ser parte do ambiente observado, sem interferir diretamente nas dinâmicas naturais da escola. Durante esse período, foram registrados comportamentos, interações sociais e contextos nos quais os incidentes de violência emergiram, fornecendo uma visão contextualizada e aprofundada sobre as dinâmicas de poder e as tensões existentes entre os alunos;

- 3) Registro e Análise - Todos os dados coletados foram registrados de forma meticulosa. As entrevistas foram gravadas com a permissão dos entrevistados e, posteriormente, transcritas para análise qualitativa. Já as observações foram anotadas em diários de campo, organizados em categorias pré-definidas, conforme a tipologia descritiva estabelecida por Campoy (2019). Essa tipologia permitiu a classificação dos diferentes tipos de violência observados, assim como a identificação de fatores associados, como a influência de relações de poder, a exclusão social e a violência.

Após a coleta, foi realizada uma análise detalhada de todas as informações obtidas, utilizando métodos de análise qualitativa. A análise das entrevistas e das observações permitiu identificar padrões recorrentes de comportamento violento e compreender os fatores subjacentes que contribuem para a manifestação da violência escolar. Como apontam Marconi e Lakatos (2011), o uso de múltiplas fontes de dados é essencial para aumentar a validade dos resultados e garantir que as interpretações não sejam enviesadas por um único ponto de vista.

A escolha por uma abordagem qualitativa foi fundamental para capturar as nuances das interações entre os participantes, indo além dos números e estatísticas. Como bem ressaltam Bogdan e Biklen (1981), esse tipo de pesquisa permite que o pesquisador compreenda os significados atribuídos pelos próprios participantes às suas ações e interações, oferecendo uma compreensão mais rica e complexa do fenômeno estudado.

5.10. Técnica de análise e interpretação dos dados

As técnicas de análise e interpretação dos dados são métodos e procedimentos usados para examinar, organizar e atribuir significados aos dados coletados em uma pesquisa, seja de natureza qualitativa ou quantitativa. O objetivo dessas técnicas é transformar os dados brutos em informações relevantes que possam responder às perguntas de pesquisa, testar hipóteses ou validar teorias. A análise de dados permite identificar padrões, tendências, relações entre variáveis e, eventualmente, chegar a conclusões fundamentadas.

Algumas das técnicas de análise de dados abarcam:

- Análise Qualitativa - Usada quando os dados são textuais ou descritivos, como entrevistas, observações ou documentos. Inclui a categorização, codificação e

interpretação dos dados a partir de temas e padrões identificados. Técnicas comuns são:

- **Análise de conteúdo:** Consiste em classificar dados em categorias temáticas e verificar a frequência com que os temas surgem.
- **Análise de discurso:** Foca em como a linguagem é usada pelos participantes e como eles expressam significados.
- **Análise fenomenológica:** Explora as experiências subjetivas dos participantes para compreender o fenômeno em estudo.
- **Análise descritiva:** Tem como objetivo apresentar as informações coletadas de forma objetiva, descrevendo as características observadas em cada grupo de participantes.
- **Análise Interpretativa:** Busca ir além dos dados descritivos, propondo uma reflexão sobre os significados e implicações das informações coletadas.

A interpretação dos dados é o processo de dar sentido às descobertas da análise, ou seja, entender o que os resultados significam no contexto da pesquisa. Envolve responder às perguntas da pesquisa, discutindo os achados à luz da literatura existente e das teorias selecionadas, além de avaliar suas implicações e limitações.

Em resumo, as técnicas de análise e interpretação dos dados são essenciais para garantir que as informações coletadas sejam processadas de maneira lógica, rigorosa e sistemática, permitindo ao pesquisador extrair conclusões válidas e confiáveis.

A técnica de análise e interpretação dos dados foi desenvolvida com base em uma abordagem que visa organizar, processar e interpretar as informações coletadas durante o estudo, utilizando métodos consagrados pela literatura científica. Esse processo é essencial para garantir que os dados obtidos respondam adequadamente às questões de pesquisa e que suas interpretações sejam fundamentadas em evidências objetivas e bem estruturadas.

Conforme destacado por Mascarenhas (2012, p.48) “[...] O objetivo da análise é medir a frequência dos fenômenos e entender a relação entre eles”, promovendo uma interpretação precisa e relevante para o contexto estudado. No presente estudo, a análise será realizada com o objetivo de identificar as formas de manifestação da violência escolar, suas causas e impactos no ambiente educacional. Para tanto, será realizado um processo de categorização e classificação dos dados, de forma a permitir que as informações sejam agrupadas em categorias temáticas que facilitem a interpretação dos resultados.

O processo de análise será dividido em diferentes etapas, começando pela organização dos dados brutos, como entrevistas e observações, que serão sistematizados para garantir uma melhor compreensão das informações. De acordo com Creswell (2022), a organização dos

dados é um passo crucial para evitar perdas de informações e garantir a coerência no processo de interpretação. Dessa forma, os dados serão inicialmente transcritos, seguidos por uma leitura minuciosa para identificação de temas e padrões emergentes.

Após a organização inicial, os dados serão codificados com base em um processo de categorização temática. Esse método permitirá identificar as recorrências e discrepâncias nos dados, possibilitando que padrões comportamentais e manifestações de violência escolar sejam devidamente destacados. Conforme Bardin (2015), a codificação temática é uma técnica amplamente utilizada em pesquisas qualitativas, pois facilita a classificação dos dados e promove a emergência de insights significativos.

Além disso, os dados serão interpretados com base em referenciais teóricos sólidos, que forneceram embasamento para a discussão dos resultados. Bourdieu e Passeron (1975), por exemplo, fornecem uma importante contribuição ao discutir a violência simbólica nas escolas e suas implicações no contexto educacional. A análise dos dados será guiada por esse e outros referenciais teóricos, garantindo que a interpretação dos fenômenos identificados seja coerente com a literatura existente e que os resultados possam ser contextualizados dentro de um quadro mais amplo de estudos sobre violência escolar.

Em resumo, a técnica de análise e interpretação dos dados utilizada nesta pesquisa segue uma abordagem rigorosa, com base em princípios estabelecidos por autores como Mascarenhas (2012), Creswell (2014) e Bardin (2011), assegurando a validade e a relevância das interpretações realizadas.

Após o recolhimento de dados, pretende-se um minucioso trabalho no sentido de organizar o material adquirido durante a investigação e de dar o devido tratamento comparativo para as questões que requerem esse tipo de método, através de gráficos e tabelas comparativas.

5.11. Ética da pesquisa

Ética da pesquisa refere-se ao conjunto de princípios e diretrizes que regem a condução responsável e respeitosa de investigações científicas, especialmente quando envolvem seres humanos. Esses princípios visam garantir que os participantes sejam tratados com respeito, dignidade e proteção, e que seus direitos e bem-estar sejam priorizados ao longo de todo o processo de pesquisa.

Os principais aspectos da ética da pesquisa incluem:

1) Consentimento Informado

O consentimento informado é o princípio pelo qual os participantes devem ser plenamente informados sobre os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da

pesquisa, permitindo que decidam, de forma livre e consciente, se desejam participar. É essencial que os participantes compreendam o que a pesquisa envolve e que sua participação seja voluntária;

2) Confidencialidade e Anonimato

A confidencialidade assegura que as informações fornecidas pelos participantes sejam protegidas e que sua identidade não seja divulgada sem o consentimento expresso. O anonimato vai além, garantindo que os dados pessoais não possam ser associados aos indivíduos que participaram da pesquisa, protegendo sua privacidade;

3) Beneficência e Não-Maleficência

A beneficência refere-se ao dever do pesquisador de promover o bem-estar dos participantes e da sociedade, enquanto a não-maleficência implica a responsabilidade de não causar danos. A pesquisa deve minimizar qualquer risco de desconforto ou prejuízo aos envolvidos;

4) Justiça

Este princípio estabelece que os benefícios e os riscos da pesquisa devem ser distribuídos de forma justa entre os participantes. Nenhum grupo deve ser explorado ou discriminado durante a pesquisa;

5) Supervisão e Aprovação Ética

Muitas pesquisas, especialmente as que envolvem seres humanos, precisam ser avaliadas e aprovadas por comitês de ética, que garantem que os procedimentos respeitam os direitos dos participantes e seguem padrões éticos internacionais.

A ética da pesquisa é essencial para garantir que o processo investigativo seja conduzido de maneira justa, transparente e respeitosa. Isso fortalece a confiança entre os participantes e o pesquisador, contribui para a validade dos dados coletados e assegura que os resultados sejam legítimos e aplicáveis. A observância da ética também ajuda a prevenir abusos, como a exploração de populações vulneráveis, e garante que os resultados da pesquisa sejam utilizados de forma benéfica para a sociedade.

A presente pesquisa, que investigou a violência escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa, seguiu rigorosamente os princípios éticos conforme estipulados por autores renomados, como Marconi e Lakatos (2011), e as diretrizes internacionais para pesquisa com seres humanos. O cumprimento de padrões éticos é necessário não apenas para assegurar a confiabilidade dos dados, mas também para respeitar os direitos dos participantes, como a privacidade, o consentimento informado e a confidencialidade.

O consentimento informado é um dos pilares da ética em pesquisa. Ele garante que os participantes tenham ciência de todos os aspectos da pesquisa antes de decidirem se envolver. De acordo com Marconi e Lakatos (2011) os participantes devem ser plenamente informados sobre os objetivos da pesquisa, a natureza de sua participação e os possíveis riscos associados. Nesta pesquisa, todos os alunos, professores, coordenadores e gestores que participaram foram informados sobre o propósito do estudo, os procedimentos envolvidos e a forma como os dados seriam usados. Eles puderam consentir livremente em participar, após terem a oportunidade de esclarecer dúvidas. No caso dos alunos menores de idade, foi solicitado também o consentimento dos responsáveis legais.

Outro princípio ético fundamental é o da confidencialidade. Este princípio implica na proteção dos dados fornecidos pelos participantes, assegurando que suas identidades não sejam reveladas sem permissão expressa. A confidencialidade é especialmente importante em pesquisas que tratam de temas sensíveis, como a violência escolar, onde os participantes podem se sentir expostos ou vulneráveis. Todos os dados obtidos foram tratados de maneira confidencial, sendo os nomes dos participantes substituídos por códigos numéricos ou pseudônimos, garantindo o anonimato nas análises e na apresentação dos resultados.

Em relação aos princípios de beneficência e não-maleficência, a pesquisa seguiu as diretrizes propostas pela Declaração de Helsinque, que estipula que a pesquisa deve visar o benefício dos participantes e da sociedade, minimizando qualquer risco de danos (World Medical Association, 2013). No contexto da investigação da violência escolar, houve grande cuidado para que a exposição dos participantes a situações de desconforto fosse evitada. A equipe de pesquisa foi treinada para realizar entrevistas e observações de maneira empática, respeitosa e com sensibilidade, especialmente quando questões delicadas surgiam.

Como a pesquisa foi realizada em um ambiente escolar, questões éticas relacionadas à vulnerabilidade dos participantes foram prioritárias. Segundo Bourdieu e Passeron (1975), o ambiente escolar é um microcosmo social onde as desigualdades podem ser exacerbadas. No entanto, também é um local propício para a inclusão e promoção de uma convivência mais pacífica. Este estudo buscou entender as manifestações de violência com o objetivo de criar um ambiente mais seguro e inclusivo para todos.

Os participantes desta pesquisa, incluindo os alunos do 8º ano e os membros do corpo docente, foram tratados com respeito e dignidade, conforme os princípios defendidos por Crews (2019), que destaca a importância de considerar o bem-estar dos envolvidos ao investigar temas sensíveis como a violência escolar. Conforme apontado por Crews (2019), a compreensão dos fatores subjacentes que alimentam a violência nas escolas é essencial para evitar novos

episódios e melhorar o ambiente escolar. Ademais, os resultados deste estudo poderão embasar futuras ações que promovam o bem-estar dos alunos, evitando novas ocorrências de violência e melhorando a gestão escolar nesse sentido. A pesquisa desempenha um papel crucial no desenvolvimento de intervenções que protejam as minorias, previnam a violência, e ajudem a lidar com as consequências traumáticas da violência no ambiente educacional.

Todos os procedimentos éticos seguidos durante a pesquisa foram previamente aprovados por um comitê de ética. Esse comitê verificou a adequação das metodologias empregadas à luz dos princípios éticos estabelecidos, validando o consentimento informado e as estratégias de confidencialidade. A supervisão de um comitê ético é fundamental para assegurar que a pesquisa não viole normas éticas em qualquer etapa de sua condução.

O comprometimento com a ética foi um aspecto fundamental ao longo da pesquisa. A proteção dos direitos e a integridade dos participantes estiveram sempre em primeiro plano, conforme orientado pela literatura ética contemporânea (Pivatto & Cremaschi, 2014). Além disso, a pesquisa tem o potencial de beneficiar diretamente os alunos, professores e demais membros da escola, ao contribuir para a implementação de políticas eficazes de prevenção e combate à violência.

Por fim, é relevante abordar que ao conduzir uma pesquisa com alunos menores de idade, questões éticas adicionais surgem, particularmente em relação ao consentimento e à proteção dos direitos desses participantes. Como aponta Minayo (2014), em pesquisas com menores de idade, o pesquisador deve assegurar a proteção e o respeito à vulnerabilidade dos participantes, tendo em vista que eles não possuem plena capacidade legal para consentir por conta própria. Nesse sentido, é obrigatório que o consentimento informado seja obtido não apenas dos próprios alunos, mas também de seus responsáveis legais, conforme as diretrizes estabelecidas pela legislação ética. Isso garante que os responsáveis estejam plenamente cientes dos objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como dos possíveis riscos e benefícios envolvidos.

Além disso, Marconi e Lakatos (2011) destacam que o pesquisador deve tomar medidas adicionais para garantir que os menores de idade não sejam expostos a situações que possam causar desconforto ou prejuízo emocional. Durante o processo de coleta de dados, é importante criar um ambiente seguro e acolhedor para os alunos, garantindo que eles se sintam confortáveis para expressar suas opiniões livremente, sem medo de retaliação ou discriminação. A proteção à privacidade e o anonimato dos menores são igualmente prioritários, assegurando que suas identidades permaneçam confidenciais e que as informações fornecidas sejam tratadas com o máximo de cuidado.

Para formalizar o consentimento dos participantes desta pesquisa, foram utilizados termos específicos que documentaram a anuência de gestores, professores e coordenadores. Esses documentos são apresentados nos anexos correspondentes e seguem detalhados a seguir:

- Termo de Assentimento da Gestora do colégio (ANEXO 33 a 36): Este termo documenta o consentimento do gestor para participação no estudo, incluindo sua concordância com as entrevistas e observações realizadas na instituição;
- Termo de Assentimento da Professora da turma (ANEXO 37 a 39): Este termo comprova o consentimento do professor para a participação na pesquisa, detalhando as condições para a realização das entrevistas e observações em sala de aula;
- Termo de Assentimento da Coordenadora (ANEXO 40 a 43): Este termo formaliza a autorização do coordenador para a participação no estudo, validando sua colaboração nas entrevistas e na coleta de dados.

Esses termos reforçam o compromisso com os princípios éticos da pesquisa, assegurando a transparência e o respeito aos direitos de todos os participantes envolvidos. Essa abordagem ética é vital para que a pesquisa seja conduzida de maneira justa e respeitosa, garantindo a integridade dos dados coletados e o bem-estar dos participantes menores de idade.

6. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A análise e interpretação dos dados constitui uma etapa essencial na presente pesquisa, uma vez que possibilita a compreensão aprofundada das manifestações e dos fatores associados à violência escolar entre os alunos do 8º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa (CEJCR), situado no município de Aragoiânia, no estado de Goiás/Brasil. A partir dos dados coletados em campo, seja por meio de entrevistas abertas e observação participante, busca-se identificar padrões e relações que elucidam as causas e consequências do comportamento agressivo no contexto escolar. Segundo Marconi e Lakatos (2011), o processo de análise de dados envolve a sistematização das informações obtidas de modo a transformar dados brutos em conhecimentos interpretáveis, permitindo ao pesquisador relacionar os resultados com os objetivos previamente estabelecidos.

Nesta pesquisa, a análise dos dados segue uma abordagem qualitativa, caracterizada pela busca de significados e pela compreensão das percepções e vivências dos participantes em relação ao fenômeno da violência escolar. Richardson (1999) destaca que a análise qualitativa é fundamental para investigações que visam explorar comportamentos complexos e multifacetados, especialmente em contextos sociais, como é o caso da violência nas escolas. Esse método permite captar as nuances dos relatos dos alunos e professores, revelando aspectos subjetivos que não seriam apreendidos em abordagens puramente quantitativas.

A interpretação dos dados será realizada com base nos referenciais teóricos e nas discussões apresentadas em partes anteriores. Como sugere Bardin (2015), a análise de conteúdo é um método eficaz para categorizar e interpretar dados qualitativos, possibilitando a identificação de temas e subtemas recorrentes. Assim, as informações serão organizadas em categorias principais, como os tipos de violência observados (física, psicológica, verbal e patrimonial), os fatores associados (familiar, social e escolar), e as estratégias de enfrentamento adotadas pela instituição. Esse processo de categorização permite que o pesquisador observe as inter-relações entre as variáveis envolvidas, além de proporcionar uma visão abrangente sobre as manifestações e impactos da violência escolar.

A análise dos dados qualitativos será enriquecida por uma abordagem interpretativa e descritiva, que considera o contexto social e cultural dos participantes. Segundo Minayo (2014), a análise interpretativa é crucial em estudos sociais, pois permite compreender como os sujeitos vivenciam e interpretam suas experiências, o que é especialmente importante no estudo da violência escolar, dado seu caráter contextual e multifacetado. Assim, ao interpretar os relatos,

será possível identificar como as experiências de violência afetam não só o ambiente escolar, mas também o desenvolvimento emocional e acadêmico dos alunos envolvidos.

A pesquisa interpretativa e descritiva é uma abordagem metodológica que visa observar, registrar, analisar e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los diretamente. Segundo Gil (2014), esse tipo de pesquisa é indicado para estudos que buscam detalhar características de um determinado grupo, ambiente ou fenômeno, oferecendo uma visão detalhada e aprofundada sobre o objeto investigado. Em contextos complexos, como o da violência escolar, a pesquisa descritiva permite identificar e descrever padrões de comportamento, atitudes e percepções, contribuindo para uma melhor compreensão dos fatores envolvidos e suas interações no ambiente escolar. Além disso, como destaca Soares (2022), a pesquisa descritiva facilita a classificação de variáveis e a identificação de relações entre elas, tornando-a especialmente relevante em estudos que exigem uma análise contextual e pormenorizada das práticas e dinâmicas sociais envolvidas.

Para analisar a violência escolar é essencial selecionar instrumentos de pesquisa que permitam captar os aspectos qualitativos, as experiências dos alunos, professores e gestores. Os instrumentos de pesquisa precisam ser escolhidos com base em sua capacidade de coletar dados significativos e representativos do comportamento e das percepções dos envolvidos, garantindo uma compreensão profunda do tema. Segundo Richardson (1999), a escolha dos instrumentos de pesquisa deve estar alinhada aos objetivos da investigação e ao tipo de dados que se deseja obter, sendo fundamental que esses métodos sejam aplicados de maneira sistemática e cuidadosa para assegurar a validade dos resultados.

Para a coleta de dados, foram utilizadas técnicas qualitativas, como entrevistas abertas e observação participante. Segundo Bardin (2015), às entrevistas abertas oferecem flexibilidade ao pesquisador para explorar os pontos-chave do estudo, enquanto a observação participante, conforme discutido por Prodanov e Freitas (2009), permite imersão direta no ambiente escolar, observando as interações e o comportamento dos alunos em situações de violência.

A pesquisa qualitativa, como destacado por Bogdan e Biklen (1981) e reforçado por Martinelli (2012), envolve a obtenção de dados descritivos a partir do contato direto com a realidade estudada, enfatizando o processo ao invés de resultados quantitativos. Nesse sentido, o pesquisador interage com os participantes no ambiente escolar, colhendo informações sobre as dinâmicas de violência e sobre como a escola lida com esses conflitos. Campoy (2019) ressalta que a pesquisa qualitativa fornece uma compreensão detalhada das motivações e sentimentos dos envolvidos, oferecendo uma visão aprofundada do fenômeno.

A análise de dados foi realizada por meio da análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2015), uma metodologia que organiza os dados qualitativos e facilita a identificação de padrões, categorias e significados latentes. A análise foi baseada em categorias teóricas estabelecidas previamente, como as teorias sobre violência escolar de Abramovay (2005) e os estudos de Olweus (1993) sobre prevenção da violência escolar. Esse método permitiu interpretar os dados coletados de maneira a revelar as dinâmicas internas de violência no CEJCR.

A análise qualitativa, conforme destacado por Campoy (2019), implica a interpretação dos discursos, a relação entre elementos e a busca por um sentido global. Isso permite integrar as falas e observações, ressignificando os sentidos por trás das dinâmicas de violência e intervenção, gerando uma compreensão mais profunda das práticas violentas e das respostas institucionais no ambiente escolar.

A amostra do estudo foi composta por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, professores, coordenadores e gestor escolar, conforme descrito na Tabela 2 - Participantes Selecionados. Prodanov e Freitas (2009) indicam que a amostra em pesquisas qualitativas é geralmente intencional, selecionada com base na relevância dos participantes em relação ao fenômeno estudado. A escolha dos participantes deste estudo foi orientada pela sua vivência em episódios de violência escolar, permitindo uma coleta de dados focada e rica em detalhes.

Nesta pesquisa, os grupos de participantes foram selecionados de forma criteriosa, considerando o contexto da violência escolar e os diferentes papéis que cada grupo exerce dentro do ambiente educacional do CEJCR. A seleção dos participantes foi fundamentada na necessidade de obter uma visão ampla e diversificada sobre o fenômeno estudado, permitindo uma análise que considera as distintas perspectivas e experiências de cada grupo.

O Grupo 1 - Alunos (A1 a A15), composto por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II do CEJCR, é o foco principal da pesquisa, pois são os indivíduos diretamente envolvidos nas interações que refletem o problema da violência escolar. A inclusão de quinze alunos permite captar uma variedade de percepções e experiências, considerando as diferenças individuais que influenciam a vivência e o entendimento da violência e da agressão no ambiente escolar. Segundo Minayo (2014), em estudos qualitativos, a seleção de participantes que vivenciam diretamente o fenômeno investigado é essencial para compreender suas percepções e comportamentos em profundidade.

O Grupo 2 - Professores (P1 a P5), formado por professores que lecionam na turma do 8º ano do Ensino Fundamental II do CEJCR, foi incluído por desempenharem um papel mediador e, muitas vezes, serem observadores diretos das dinâmicas de violência entre os

alunos. Os professores contribuem com insights sobre os fatores que potencializam ou inibem o comportamento agressivo, além de oferecerem uma visão crítica sobre as estratégias e políticas de prevenção e intervenção adotadas pela escola. O envolvimento de professores em pesquisas sobre violência escolar é fundamental, pois eles podem fornecer uma análise dos processos educativos e das interações que ocorrem na sala de aula e nos demais espaços escolares. Segundo Bronfenbrenner (1996), os professores desempenham um papel central no microsistema escolar, influenciando diretamente o desenvolvimento dos alunos por meio de suas interações e práticas pedagógicas. Essa perspectiva permite entender como os professores podem não apenas observar, mas também contribuir para a criação de um ambiente escolar mais seguro, ao identificar comportamentos agressivos e implementar estratégias de mediação de conflitos.

O Grupo 3 - Coordenadores (C1 e C2), representado pelos coordenadores atuantes em todos os níveis de ensino do CEJCR, cujos quais são essenciais na organização e aplicação das políticas de convivência escolar. Como agentes responsáveis pela coordenação do ambiente educativo e pela promoção do clima escolar, os coordenadores têm uma visão macro sobre a ocorrência de violência e as respostas institucionais para lidar com ela. Gil (2014) argumenta que, em pesquisas sobre fenômenos complexos, a inclusão de gestores intermediários, como os coordenadores, é crucial para compreender os desafios administrativos e pedagógicos na implementação de políticas de combate à violência escolar.

Por fim, o Grupo 4 - Gestores (G1), composto pelo diretor da instituição CEJCR, completa a amostra de participantes selecionados. A visão administrativa e estratégica dos gestores oferece uma perspectiva sobre o papel institucional da escola e o comprometimento com a criação de um ambiente seguro e acolhedor. A inclusão desse grupo permite avaliar as políticas gerais e o planejamento estratégico da escola para a prevenção de violência, além de possibilitar uma análise crítica sobre a alocação de recursos e o suporte institucional oferecido. Campoy (2019) destaca que o envolvimento dos gestores em pesquisas de cunho social e educativo é essencial, pois eles representam a interface entre as políticas públicas e a realidade escolar.

A seleção desses grupos possibilitou uma abordagem abrangente, onde as percepções dos diferentes atores escolares contribuem para uma análise rica e detalhada do fenômeno da violência escolar. Dessa forma, a pesquisa não apenas descreve o problema, mas também explora as interações e relações entre os diversos participantes, identificando os fatores que influenciam tanto a manifestação quanto a prevenção da violência no ambiente educacional.

Para a interpretação dos resultados, foram levadas em consideração as teorias de violência e comportamento social que fundamentam a análise dos dados coletados. Segundo Abramovay (2005), a violência escolar deve ser compreendida como um fenômeno multidimensional, influenciado por fatores individuais, familiares e institucionais, o que exige uma abordagem teórica que contemple essas diversas esferas. Charlot (2002) complementa, destacando que a violência nas escolas está diretamente relacionada às condições sociais e econômicas dos alunos, além das interações entre os pares e do ambiente escolar como um todo. Dessa forma, a interpretação dos resultados busca integrar essas teorias, proporcionando uma visão mais ampla e contextualizada do comportamento agressivo e das relações de poder presentes no ambiente escolar. A teoria de Bandura (1976) sobre a aprendizagem social também foi considerada, pois oferece uma perspectiva sobre como o comportamento agressivo pode ser aprendido e reforçado através da observação e imitação dos modelos presentes na escola. Assim, ao interpretar os dados, foram avaliadas as influências dos contextos micro (relações interpessoais) e macro (condições socioeconômicas e culturais), alinhando-se ao referencial teórico proposto por Minayo (2014), que enfatiza a importância de considerar o contexto social em pesquisas qualitativas.

Portanto, a seção se desenvolverá a partir da descrição e interpretação dos dados, confrontando as informações obtidas com os referenciais teóricos previamente discutidos. Espera-se que essa análise contribua para uma visão crítica e fundamentada sobre o fenômeno da violência escolar, permitindo formular propostas de intervenção que possam promover um ambiente mais seguro e acolhedor para toda a comunidade escolar.

6.1 Análise dos resultados

A análise dos resultados é uma etapa fundamental para compreender as manifestações de violência escolar e as percepções dos diferentes atores envolvidos, permitindo uma interpretação detalhada das dinâmicas sociais e interpessoais no contexto do Colégio Estadual José Cândido Rosa (CEJCR). Segundo Minayo (2014), em pesquisas qualitativas, o objetivo principal é captar as nuances dos fenômenos sociais por meio de uma interpretação cuidadosa dos dados, levando em consideração os contextos específicos em que esses fenômenos ocorrem. Assim, nesta análise, serão discutidos os fatores que influenciam o comportamento agressivo entre os alunos e a percepção dos professores e gestores sobre a violência escolar.

A abordagem utilizada segue as diretrizes da análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2015), que organiza o material coletado em categorias temáticas, permitindo que o pesquisador identifique padrões, recorrências e singularidades nos dados. Ao organizar as

respostas dos participantes e as observações de campo, a análise de conteúdo possibilita uma estrutura interpretativa que revela as diversas formas de violência presentes no ambiente escolar, bem como os fatores associados a esses comportamentos.

Além disso, Bandura (1976) argumenta que o comportamento agressivo pode ser aprendido por meio da observação e da imitação de modelos, o que ressalta a importância de entender as influências sociais sobre os alunos no ambiente escolar. Este processo de análise dos resultados busca, portanto, não apenas descrever as ocorrências de violência, mas também compreender como essas interações refletem fatores individuais, familiares e institucionais. Ao longo da análise, os dados serão confrontados com o referencial teórico discutido anteriormente, permitindo uma visão crítica e fundamentada sobre o fenômeno da violência escolar.

A análise dos dados foi guiada por quatro categorias principais, alinhadas aos objetivos da pesquisa, conforme a Tabela 3. Essas categorias foram desenvolvidas para detalhar aspectos da violência escolar entre alunos do 8º ano do CEJCR, facilitando a identificação de fatores e dinâmicas relacionadas ao problema.

As categorias foram criadas por meio de palavras-chave que foram baseadas nos objetivos específicos deste estudo. Dessa forma, configuram-se para esta pesquisa, quatro categorias de análises conforme objetivos específicos. Na categoria 1 aborda-se os motivos causadores da violência; na categoria 2 os tipos de violência entre alunos; na categoria 3 os impactos da violência nos alunos; e na categoria 4 as propostas da escola para redução da violência.

Tabela 3 - Categorias de Análise

CATEGORIA 1	CATEGORIA 2	CATEGORIA 3	CATEGORIA 4
Motivos Causadores da Violência	Tipos de Violência entre Alunos	Impactos da Violência nos Alunos	Propostas da Escola para Redução da Violência
ENTREVISTA ABERTA	ENTREVISTA ABERTA	ENTREVISTA ABERTA	ENTREVISTA ABERTA
Perguntas: 1 a 4	Perguntas: 5 a 8	Perguntas: 9 a 12	Perguntas: 13 a 16
RELACIONADA AO 1ºOBJETIVO	RELACIONADA AO 2ºOBJETIVO	RELACIONADA AO 3ºOBJETIVO	RELACIONADA AO 4ºOBJETIVO

Descrever os motivos que causam a violência entre os alunos, incluindo aspectos familiares, sociais e escolares	Analisar os tipos de violência escolar que acontecem entre os alunos e como se manifestam no ambiente escolar	Conhecer os impactos que os diversos tipos de violência causam nos alunos	Verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar a violência
---	---	---	--

Fonte: Elaborado pelo próprio autor em 2024.

A primeira categoria, Motivos Causadores da Violência, foi pensada para atender ao objetivo de descrever os motivos subjacentes aos comportamentos violentos entre os alunos. Esta categoria permitirá uma análise aprofundada das razões que levam os estudantes a adotar atitudes agressivas, considerando influências de ordem social, familiar e escolar.

A segunda categoria, Tipos de Violência entre Alunos, está diretamente vinculada ao objetivo de analisar as formas específicas de violência presentes no ambiente escolar. Dentro dessa categoria, serão observadas as diversas manifestações de violência, como física, psicológica e verbal, possibilitando identificar padrões de comportamento agressivo e as circunstâncias em que ocorrem.

A terceira categoria, Impactos da Violência nos Alunos, corresponde ao objetivo de investigar os efeitos da violência sobre os estudantes, tanto as vítimas quanto os agressores. Esta categoria visa examinar as consequências emocionais, sociais e acadêmicas resultantes da exposição ou envolvimento em episódios de violência, destacando o impacto na aprendizagem e no bem-estar dos alunos do CEJCR.

Por fim, a quarta e última categoria, Propostas da Escola para Redução da Violência foi escolhida para atender ao objetivo de verificar as ações e iniciativas adotadas pela escola para mitigar a violência entre os alunos. Essa categoria permitirá a análise das medidas preventivas e corretivas implementadas pela instituição, incluindo programas de conscientização, estratégias pedagógicas e políticas de convivência.

A definição dessas categorias dentro do contexto do Ensino Fundamental II do CEJCR é essencial para o alcance dos objetivos da pesquisa. Elas possibilitam uma abordagem estruturada e detalhada da violência escolar, oferecendo insights sobre os fatores desencadeantes, as formas de manifestação, os impactos e as possíveis soluções para promover um ambiente mais seguro e acolhedor para toda a comunidade escolar.

6.2 Categoria 1 - Motivos Causadores da Violência

A análise desta categoria tem como objetivo identificar e descrever os fatores que levam ao comportamento agressivo entre os alunos do 8º ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa (CEJCR) em Aragoiânia, GO/Brasil. Nesta seção, busca-se compreender as razões subjacentes

às manifestações de violência, considerando tanto as percepções dos professores, coordenadores e gestores, quanto às dinâmicas observadas entre os próprios alunos. O entendimento dos fatores causadores da violência escolar é fundamental para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção eficazes, como destaca Abramovay (2005), que aponta a relevância de analisar as interações no ambiente escolar e suas influências externas para lidar com o fenômeno.

Para investigar esses motivos, foi realizada uma entrevista aberta com os participantes dos grupos Grupo 2 - Professores, Grupo 3 - Coordenadores e Grupo 4 - Gestores. A escolha desse instrumento de coleta de dados permitiu captar as percepções dos profissionais sobre as causas da violência, uma vez que, de acordo com Flick (2012), as entrevistas abertas são eficazes para explorar temas complexos e para permitir que os participantes expressem suas opiniões e experiências de forma detalhada e contextualizada. Os professores, coordenadores e gestores, como agentes diretamente envolvidos na organização e no cotidiano da escola, têm um entendimento abrangente das condições e dos fatores que podem desencadear comportamentos violentos entre os alunos, como questões familiares, pressões sociais e desafios educacionais.

Em contraste, no caso do Grupo 1 - Alunos, optou-se pela observação participante como método principal de coleta de dados. Essa escolha foi baseada no fato de que a observação permite captar de forma mais espontânea as interações e comportamentos dos alunos, sem a formalidade de uma entrevista que poderia inibir respostas autênticas. Minayo (2014) afirma que a observação participante é um método valioso em estudos qualitativos, especialmente em contextos sensíveis, pois permite ao pesquisador acompanhar os fenômenos em seu ambiente natural e compreender melhor os comportamentos que ocorrem sem a interferência de um questionamento direto. Essa abordagem possibilitou registrar as dinâmicas de interação e os possíveis fatores que levam ao surgimento de violência, oferecendo uma visão prática e contextualizada do ambiente escolar dos alunos.

Dessa forma, a combinação de entrevistas abertas com professores, coordenadores e gestores, e a observação participante com os alunos, foi essencial para abordar os motivos da violência de maneira abrangente, organização de técnicas essa que será replicada nas Categorias 2, 3 e 4 também para os respectivos grupos.

Através desses métodos, a Categoria 1 explora as múltiplas facetas do fenômeno da violência escolar, proporcionando uma análise fundamentada sobre os fatores que levam ao comportamento agressivo no contexto educacional.

O Grupo 1 - Alunos (A1 a A15) será analisado primeiramente nesta seção, com o objetivo de compreender de maneira detalhada as manifestações de violência e as dinâmicas sociais presentes entre os alunos do 8º ano no CEJCR. Esta amostra é composta por quinze alunos, identificados pelas nomenclaturas A1 a A15, e representa o foco central da análise devido à sua participação direta nas interações observadas no ambiente escolar. A escolha por iniciar a análise com o Grupo 1 permite explorar as experiências e comportamentos dos alunos, estabelecendo uma base para entender como esses elementos se relacionam com os fatores causadores e as diferentes formas de violência presentes no contexto educacional. A partir dessa análise inicial, será possível aprofundar a interpretação dos dados e estabelecer conexões com as percepções dos professores, coordenadores e gestores.

Durante a observação participante realizada com os alunos A1, A2 e A3, foi possível captar nuances do comportamento e das interações que ajudam a entender alguns dos motivos causadores da violência escolar. A observação focou nas interações espontâneas desses alunos durante atividades em grupo e momentos de intervalo, onde as manifestações de agressividade e os padrões de comunicação se revelaram de maneira natural.

Na primeira situação observada, envolvendo o aluno A1, foi perceptível uma tendência à utilização de comunicação agressiva em resposta a provocações leves dos colegas. Durante uma atividade em grupo, A1 respondeu a uma brincadeira de A2 com uma série de expressões verbais hostis, o que rapidamente escalou para um empurrão leve. Esse comportamento pareceu gerar desconforto entre os demais colegas, que reagiram com risos nervosos e evitaram interferir na situação. Bandura (1976) explica que, em ambientes onde a violência é observada com frequência, os indivíduos podem internalizar comportamentos agressivos como uma forma aceitável de responder a situações de conflito, replicando o comportamento como uma estratégia de enfrentamento. A observação de A1 sugere uma resposta defensiva, possivelmente reforçada por experiências anteriores que condicionaram o aluno a responder com hostilidade em situações sociais, o que pode indicar um padrão de comportamento aprendido e reforçado no ambiente escolar.

O aluno A2, em contrapartida, apresentou um perfil diferente no que diz respeito à resposta a provocações. Durante o mesmo período de observação, A2 participou de uma conversa em que utilizou linguagem sarcástica e fez comentários depreciativos sobre um colega que não estava presente. Embora essa forma de comunicação fosse menos explícita do que a de A1, os comentários de A2 indicam uma forma de violência verbal que também contribui para o clima de tensão e hostilidade entre os alunos. Conforme observado por Charlot (2002), a violência escolar pode se manifestar de maneira sutil e ser validada pelo grupo como um

comportamento socialmente aceitável, especialmente em contextos onde há pouca intervenção para moderar essas interações. Os comentários de A2 foram acompanhados de risos dos colegas, sugerindo que a violência verbal pode ter se normalizado no grupo, funcionando como uma dinâmica de exclusão e de afirmação de status social entre os pares.

Já o aluno A3 apresentou um comportamento mais reservado, porém demonstrou sinais de ansiedade em situações de interação com A1 e A2. Durante o intervalo, A3 foi alvo de uma brincadeira de mau gosto de A1, que fez comentários sobre a aparência física de A3 em um tom irônico e sarcástico. Embora A3 tenha rido, sua linguagem corporal – como o olhar voltado para o chão e os ombros curvados – indicou desconforto. Esse tipo de violência, descrita por Abramovay (2005) como "violência simbólica", tem um impacto psicológico sutil, mas persistente, que pode afetar a autoestima e a segurança dos alunos. A3 evitou confrontar A1 ou se defender verbalmente, sugerindo um comportamento de retraimento que pode ser uma resposta adaptativa a um ambiente escolar onde a agressão é comum. Tal comportamento também está em linha com os estudos de Bandura (1976) sobre o aprendizado social, que indicam que alunos frequentemente expostos a comportamentos agressivos podem adotar posturas de submissão ou evitação como uma maneira de evitar conflitos.

A análise dessas interações revela que os motivos causadores de violência entre os alunos envolvem uma complexa teia de relações de poder, aprendizados sociais e respostas emocionais. A1, ao expressar agressividade física, possivelmente reproduz um padrão observado e internalizado, utilizando a violência como mecanismo de defesa. A2, com suas brincadeiras verbais e sarcasmo, participa de uma violência mais sutil, mas igualmente danosa, que contribui para o reforço de estereótipos e exclusão social. A3, por outro lado, demonstra os impactos dessa dinâmica, revelando uma postura retraída e evitando confronto, o que indica um efeito psicológico da exposição contínua a comportamentos violentos.

Ao interpretar essas observações, percebe-se que a violência entre os alunos não se manifesta de maneira isolada, mas está enraizada em um contexto social que legitima comportamentos agressivos e minimiza as consequências de ações que podem afetar o bem-estar emocional dos colegas. Bandura (1976) observa que a aprendizagem por observação desempenha um papel crucial no desenvolvimento de comportamentos, e essa teoria se aplica aqui, uma vez que os alunos parecem replicar interações baseadas em agressão e sarcasmo, reforçadas pelas reações do grupo. A partir dessas observações, é possível inferir que a ausência de mecanismos de intervenção por parte dos professores e gestores pode contribuir para que esses comportamentos se perpetuem.

Essas dinâmicas observadas com A1, A2 e A3 ilustram a necessidade de práticas de intervenção que considerem o ambiente e as relações interpessoais como influências fundamentais no comportamento dos alunos. Além disso, Charlot (2002) argumenta que o ambiente escolar deve atuar como um espaço de transformação social, onde práticas de respeito e convivência pacífica são incentivadas e valorizadas. No contexto do CEJCR, os dados sugerem que o comportamento agressivo e a violência simbólica podem estar enraizados em um padrão de interações legitimadas pela cultura escolar, demandando uma abordagem mais ativa para modificar essas práticas e promover um ambiente mais acolhedor e seguro para todos os estudantes.

Durante a observação participante com os alunos A4, A5 e A6, foram evidenciadas interações e comportamentos que contribuem para a compreensão dos motivos subjacentes ao comportamento agressivo entre os alunos do 8º ano. Esta observação foi realizada no ambiente escolar, com foco nos momentos de socialização, como o intervalo e atividades em grupo, onde as interações se manifestam de forma espontânea.

A primeira situação observada envolveu A4 e A5 em uma atividade colaborativa. Em um dado momento, A4 tomou a liderança do grupo, direcionando tarefas aos demais colegas. Embora a iniciativa de A4 tenha se destacado, observou-se uma postura de superioridade, com comentários direcionados a A5 e A6 que continham tom de menosprezo, como "deixa que eu faço, você nem sabe direito". A5, inicialmente, tentou argumentar, mas acabou cedendo diante da insistência de A4, enquanto A6 se manteve em silêncio, visivelmente desconfortável. Esse tipo de interação reflete uma forma de violência simbólica que, segundo Bourdieu e Passeron (1975), se manifesta de maneira sutil, mas impõe um desequilíbrio de poder que reduz a autonomia e a autoconfiança dos indivíduos que a vivenciam. O comportamento de A4 demonstra como, mesmo em contextos de trabalho colaborativo, a agressividade pode se expressar de forma controladora, desencorajando a participação ativa dos demais.

Em outro momento de observação, durante o intervalo, foi possível notar uma interação entre A5 e A6 em que A5 fez uma série de comentários sobre a aparência física de A6, usando expressões sarcásticas que provocaram risos dos outros alunos que estavam próximos. Embora A6 tenha tentado reagir com humor, observou-se que ele desviava o olhar e mantinha uma postura retraída, indicando desconforto com a situação. Segundo Abramovay (2005), a agressão verbal, muitas vezes disfarçado de "brincadeira", representa uma forma de violência que impacta diretamente a autoestima e o bem-estar dos alunos, criando um ambiente de hostilidade e insegurança. Esse comportamento reflete uma dinâmica de poder em que A5 assume uma postura de dominância social, utilizando o humor depreciativo como ferramenta de controle e

exclusão, enquanto A6 assume uma postura de defesa, revelando o impacto emocional dessas interações.

A observação continuou durante uma atividade de educação física, onde A4, A5 e A6 participaram de um jogo coletivo. A4 demonstrou competitividade elevada, utilizando expressões agressivas para criticar os erros dos colegas, especialmente os de A6. Em determinado momento, após um erro de passe de A6, A4 o repreendeu com um tom de voz alto e impaciente, dizendo: "Você sempre atrapalha!". A6, visivelmente frustrado, tentou se defender, mas foi rapidamente silenciado por outros colegas que apoiaram o comentário de A4. Conforme descrito por Azeredo et al. (2015), a violência em ambientes de grupo é frequentemente sustentado pela validação social, onde os pares reforçam comportamentos agressivos e intensificam a exclusão de indivíduos considerados "fracos" ou "incompetentes". O episódio reflete como as dinâmicas de grupo e o reforço dos colegas podem intensificar o comportamento agressivo e desencorajar respostas assertivas dos alvos dessas práticas.

A análise desses episódios permite identificar que a violência entre os alunos A4, A5 e A6 se manifesta não apenas de maneira explícita, mas também através de comportamentos sutis, como o sarcasmo e a crítica constante, que impactam a autoestima e as relações interpessoais dos envolvidos. A4 utiliza a liderança de forma dominante, frequentemente suprimindo as contribuições dos colegas e assumindo o controle das atividades. Esse comportamento pode ser interpretado como uma estratégia de autoafirmação, possivelmente derivada de inseguranças pessoais que são projetadas em atitudes de superioridade. Charlot (2002) aponta que a violência simbólica na escola frequentemente surge como uma forma de responder a frustrações internas, onde o aluno busca validação e reconhecimento por meio do controle dos demais.

Por outro lado, A5 participa ativamente das interações agressivas, tanto como provocador em contextos sociais quanto como reforço das críticas de A4. Esse comportamento sugere um esforço de A5 em manter um status social no grupo, utilizando o humor depreciativo e a crítica para se aliar aos comportamentos dominantes de A4. Conforme observado por Cabral et al. (2020), em dinâmicas escolares, os alunos podem reproduzir comportamentos agressivos como forma de adaptação e sobrevivência social, onde a agressão é percebida como uma estratégia eficaz para garantir aceitação e evitar a marginalização.

Por fim, A6 representa o aluno que, submetido a esse ambiente hostil, adota uma postura de retraimento e conformidade, possivelmente como forma de minimizar os ataques e evitar o confronto direto. A postura de A6 evidencia o impacto psicológico da violência escolar, onde, segundo Perren et al. (2010), a exposição constante da violência e à exclusão social leva a sintomas de retraimento e isolamento, prejudicando o desenvolvimento emocional e social do

indivíduo. O comportamento retraído de A6 sugere que, além das repercussões imediatas no ambiente escolar, essas interações agressivas podem gerar efeitos duradouros, afetando a autoconfiança e o relacionamento do aluno com seus pares.

Assim, a observação participante de A4, A5 e A6 revela como as dinâmicas de poder, a necessidade de validação social e a agressão simbólica configuram um ambiente escolar desafiador para muitos alunos. A violência entre os pares, mesmo quando disfarçada de "brincadeira" ou "competitividade", demonstra efeitos profundos na construção da identidade e das relações interpessoais dos alunos, corroborando com as teorias de Bourdieu e Passeron (1975) sobre a violência simbólica e com as análises de Abramovay (2005) sobre o impacto dos tipos de violência no contexto escolar. Essas observações apontam para a importância de intervenções pedagógicas e ações preventivas que promovam um ambiente de respeito e acolhimento, reduzindo as tensões e promovendo o bem-estar de todos os envolvidos no processo educacional.

Durante a observação participante realizada com os alunos A7, A8 e A9, emergiram padrões de interação e comportamento que contribuiriam para o entendimento dos fatores que motivam a violência entre os estudantes do 8º ano. Esse acompanhamento foi feito durante atividades em grupo e momentos de recreação, onde os comportamentos se manifestam de forma espontânea e revelam dinâmicas sociais frequentemente subjacentes

Durante uma atividade de classe que exigia colaboração em grupo, A7 rapidamente assumiu o controle das discussões, apresentando-se como líder da equipe. Em seu papel, A7 demonstrou uma postura autoritária, frequentemente invalidando as sugestões dos demais colegas e impondo suas próprias ideias. Em diversas ocasiões, quando A8 e A9 tentaram propor alternativas ou questionar as decisões de A7, suas intervenções foram ignoradas ou minimizadas. O comportamento de A7 reflete o que Bourdieu e Passeron (1975) definem como "violência simbólica", onde a autoridade é imposta de maneira sutil, muitas vezes naturalizada pelo grupo, e contribui para a construção de uma hierarquia que diminui a autonomia dos outros. A atitude de A7 evidencia um desejo de controle que pode estar relacionado a uma necessidade de afirmação pessoal, possivelmente reforçada por uma dinâmica escolar em que o poder e o status são valorizados.

Em contrapartida, A8 apresentou uma postura mais conciliadora, procurando colaborar com as ideias de A7 e evitar confrontos diretos. No entanto, em um momento específico, A8 tentou intervir com uma sugestão que contrapunha a decisão de A7. A resposta de A7 foi imediata e reativa, repreendendo A8 em tom de crítica, o que gerou uma resposta de retraimento de A8, que rapidamente abandonou a ideia. Essa situação ilustra o conceito de "autoridade

imposta", onde a presença de figuras de liderança – como A7 – pode suprimir a expressão dos outros membros do grupo, levando-os a uma postura de conformidade. Charlot (2002) explica que a violência simbólica no contexto escolar muitas vezes se manifesta através da imposição de um poder que inibe a participação ativa, especialmente entre aqueles que buscam evitar conflito e preservar a harmonia nas interações.

A9, por outro lado, apresentou um comportamento mais reservado e foi alvo de provocações sutis durante o recreio, em uma interação com A7 e outros colegas. Quando A9 tentou participar de uma conversa, A7 interrompeu suas falas de maneira sarcástica, questionando suas opiniões com frases depreciativas, como “Você sempre tem umas ideias estranhas, né?”. A reação de A9 foi de visível desconforto, com expressões faciais que indicavam embaraço e silêncio subsequente. Esse tipo de comentário reflete uma forma de agressão verbal que, segundo Abramovay (2005), é uma expressão de violência simbólica destinada a enfraquecer a autoestima e a posição social do alvo. A atitude de A7 em relação a A9 ilustra a tentativa de desqualificar sua participação, impondo uma narrativa de inferioridade que é amplamente aceita e reforçada pelo grupo.

Em outro momento de observação, durante uma atividade esportiva, notou-se uma dinâmica semelhante entre os alunos, em que A7 liderava a equipe e novamente adotava um tom autoritário, emitindo ordens e corrigindo os colegas de forma ríspida. Durante o jogo, A8 cometeu um erro e foi repreendido por A7, que expressou frustração em tom elevado. Esse episódio foi seguido por risadas dos outros colegas, o que reforçou a posição de autoridade de A7 e colocou A8 em uma posição vulnerável. A reação do grupo ao comportamento de A7 indica que, em situações de interação competitiva, a violência simbólica e verbal pode ser usada como um mecanismo para garantir o controle e a legitimidade social, como descrevem Azeredo et al. (2015). O apoio dos pares fortalece a atitude agressiva de A7 e inibe a defesa de A8, que opta por se conformar à situação para evitar novos ataques.

A análise das interações de A7, A8 e A9 evidencia que os motivos para a violência entre os alunos vão além de comportamentos explícitos de agressão física, estendendo-se para práticas de imposição e exclusão que se manifestam de forma velada. A7 representa o perfil de liderança autoritária, onde o comportamento agressivo é utilizado como ferramenta para manter o controle e o status dentro do grupo. Esse padrão de comportamento, como observado por Bandura (1976) na teoria da aprendizagem social, pode ser aprendido e reforçado no ambiente escolar, onde figuras de liderança tendem a adotar posturas agressivas para manter sua posição.

A8, por sua vez, adota uma postura mais passiva e conciliadora, demonstrando que, em contextos de violência simbólica, muitos alunos preferem evitar confronto para manter a coesão

do grupo, mesmo que isso signifique suprimir suas próprias ideias e iniciativas. Essa postura é uma resposta comum em ambientes onde a hierarquia e o controle são impostos através da intimidação, o que desestimula a expressão autêntica e contribui para a perpetuação da violência simbólica no ambiente escolar.

A9, como observado, é alvo de provocações e de uma forma mais sutil de exclusão social, o que reflete o impacto da violência simbólica em sua autoestima e em sua disposição para participar das interações. Abramovay (2005) explica que a violência e as formas de exclusão social criam um ambiente de insegurança emocional para as vítimas, limitando suas possibilidades de expressão e reforçando o isolamento. A postura retraída de A9 é um indicativo dos efeitos que essas dinâmicas de violência podem ter sobre a saúde emocional dos alunos, promovendo comportamentos de evitação como mecanismo de defesa.

Essas observações revelam que a violência escolar no contexto do CEJCR não se limita a confrontos físicos, mas inclui uma série de práticas e interações que envolvem controle social, exclusão e manutenção de status através de mecanismos simbólicos e verbais. A dinâmica entre A7, A8 e A9 reflete como o comportamento agressivo e as hierarquias sociais são naturalizados no ambiente escolar, muitas vezes passando despercebidos ou sendo aceitos como normais. Esses padrões sugerem a necessidade de intervenções pedagógicas voltadas para o desenvolvimento de habilidades de convivência pacífica e resolução de conflitos, como apontado por Esquierro (2011), que destaca o papel das escolas em oferecer espaços de mediação e conscientização para prevenir a violência e promover uma cultura de respeito mútuo.

Assim, a análise das interações de A7, A8 e A9 contribui para uma compreensão mais ampla dos motivos que levam à violência entre os alunos, evidenciando o papel da violência simbólica e da exclusão social no ambiente escolar. A compreensão dessas dinâmicas é essencial para formular estratégias que incentivem a expressão saudável e o desenvolvimento de relações mais inclusivas, promovendo um ambiente de aprendizado seguro e acolhedor para todos os alunos.

Durante a observação participante realizada com os alunos A10, A11 e A12, foram registradas interações que ampliaram a compreensão dos motivos que podem gerar comportamentos violentos entre os alunos do 8º ano. A observação ocorreu tanto em atividades de classe quanto durante momentos de intervalo, proporcionando uma visão abrangente das dinâmicas sociais e dos comportamentos individuais e grupais que se manifestam no ambiente escolar.

Um dos episódios observados envolveu A10 e A11 durante uma atividade em grupo, onde foi notável a postura de competitividade que permeava suas interações. A10, ao responder a uma pergunta feita pelo professor, expressou uma opinião contrária à de A11 com um tom de sarcasmo, seguido de risadas que ecoaram entre os colegas. Ao ser desafiado, A11 respondeu com uma expressão verbal agressiva e um empurrão leve, o que gerou um momento de tensão que só foi apaziguado pela intervenção do professor. O comportamento de A10 ao utilizar o sarcasmo e o tom desdenhoso como forma de desqualificar a opinião de A11 pode ser entendido como uma tentativa de estabelecer superioridade. Segundo Bourdieu e Passeron (1975), esse tipo de interação reflete a violência simbólica, na qual formas sutis de agressão verbal e atitudes de desdém reforçam uma hierarquia de poder no ambiente escolar, desestimulando a expressão livre de ideias e promovendo a hostilidade entre os alunos.

O comportamento de A11, por sua vez, demonstra uma resposta imediata e defensiva à provocação de A10. Em vez de responder de forma argumentativa, A11 recorreu à agressão física, ainda que leve, para tentar afirmar sua posição e buscar reconhecimento entre os colegas. De acordo com Bandura (1976), comportamentos agressivos frequentemente surgem como respostas condicionadas, desenvolvidas e reforçadas pelo ambiente. A reação de A11 sugere uma tentativa de validar sua presença e importância no grupo, usando a agressão como um mecanismo de defesa. Esse comportamento não apenas denota uma falta de habilidades de resolução pacífica de conflitos, mas também revela a influência de um contexto escolar onde a competição e o sarcasmo se tornam expressões de status.

Durante o intervalo, uma interação entre A10 e A12 trouxe à tona outra faceta das dinâmicas de exclusão e de poder entre os alunos. Em um momento descontraído, A10 iniciou uma conversa em que comentava sobre um aluno ausente, fazendo piadas sobre sua aparência e seu desempenho escolar. A12 riu e demonstrou concordância, o que reforçou a atitude de A10 e motivou-o a continuar com os comentários. Esse episódio de violência verbal indireta, em que o alvo está ausente, reflete o que Azeredo et al. (2015) descrevem como uma forma de violência psicológica, no qual a exclusão e o menosprezo são utilizados para criar alianças de poder dentro do grupo. Para A10, essa postura parece ser uma forma de conquistar a atenção e a adesão dos colegas, enquanto A12 participa, mesmo sem necessariamente concordar, possivelmente para evitar ser isolado ou alvo de comentários semelhantes.

A12 demonstra, ao longo da observação, um comportamento conformista, mantendo-se geralmente em uma postura de concordância ou omissão frente às atitudes de A10 e A11. Durante as atividades, A12 raramente expressa opiniões divergentes e tende a apoiar os colegas mais assertivos ou a silenciar suas próprias opiniões em situações de conflito. Esse

comportamento pode estar relacionado ao que Charlot (2002) define como uma forma de violência simbólica que condiciona os alunos a evitar confrontos diretos e manter uma postura de conformidade em um ambiente onde a imposição de poder é uma prática recorrente. Para A12, adotar essa postura pode ser uma maneira de preservar seu espaço social sem arriscar-se a se tornar alvo de agressões ou humilhações, revelando um comportamento adaptativo em face de uma dinâmica de grupo onde a hostilidade e a competição são comuns.

Outra situação observada ocorreu durante uma atividade esportiva, onde A11 e A12 estavam no mesmo time e A10 se encontrava na equipe oposta. Em uma disputa pela posse de bola, A11 usou o contato físico de maneira agressiva para impedir A10 de avançar no jogo, o que gerou uma resposta imediata de A10, que empurrou A11 e, em seguida, trocou olhares desafiadores com ele. A sequência foi acompanhada por comentários provocativos de ambos os lados, e a tensão entre eles só se dissipou com a intervenção do professor de educação física. Essa troca de provocações e agressões físicas reflete um padrão de competitividade exacerbada que contribui para a manifestação de violência no contexto escolar. Conforme observado por Fante (2005), atividades competitivas, como jogos esportivos, podem acentuar comportamentos agressivos, especialmente em ambientes onde o autocontrole e o respeito mútuo não são incentivados.

A análise das interações de A10, A11 e A12 sugere que os motivos que impulsionam comportamentos agressivos entre os alunos estão fortemente ligados à busca por status social, à necessidade de afirmação pessoal e ao desejo de aceitação entre os pares. A10 se destaca como um aluno que recorre ao sarcasmo e à crítica para se impor, adotando atitudes que minimizam a importância dos outros, o que gera conflitos e tensiona o ambiente. De acordo com Abramovay (2005), a violência simbólica se manifesta no ambiente escolar de forma a reforçar desigualdades e hierarquias, criando uma atmosfera de desconfiança e competição que dificulta a cooperação e o respeito entre os alunos.

A11, ao responder com agressão física a provocações verbais, demonstra a carência de estratégias de mediação e de autocontrole, buscando resolver os conflitos por meio de comportamentos impulsivos e reativos. Esse comportamento sugere que o ambiente escolar pode não estar proporcionando ferramentas adequadas para que os alunos lidem com frustrações e desentendimentos de maneira assertiva. Bandura (1976) explica que, em contextos onde a agressão é uma resposta comum às adversidades, os indivíduos tendem a internalizar essas respostas como normais, reproduzindo-as sempre que se sentem desafiados.

Por fim, A12 adota uma postura de conformidade e silêncio, possivelmente como forma de evitar confrontos e preservar sua posição dentro do grupo. A atitude de A12 reflete o impacto

psicológico de um ambiente escolar hostil, onde a aceitação social depende do alinhamento com os comportamentos dominantes, mesmo que isso signifique participar indiretamente de práticas de exclusão ou desrespeito. Charlot (2002) destaca que, em contextos de violência simbólica, a postura passiva de alguns indivíduos não é apenas uma escolha, mas uma adaptação a um ambiente que os condiciona a se manter em silêncio para evitar retaliações ou humilhações.

Em síntese, a observação participante de A10, A11 e A12 evidencia que a violência escolar não se limita a atos físicos, mas envolve uma série de interações simbólicas e verbais que reforçam relações de poder e exclusão. Esses comportamentos indicam a necessidade de intervenções educativas que promovam a resolução pacífica de conflitos e incentivem uma cultura de respeito e cooperação. As dinâmicas observadas reforçam a importância de estratégias pedagógicas que abordem o desenvolvimento socioemocional dos alunos, criando espaços para que eles possam expressar suas emoções de forma saudável e aprender a lidar com a diversidade de opiniões e comportamentos. Dessa forma, o ambiente escolar pode ser transformado em um espaço seguro e acolhedor, onde a violência é desconstruída e substituída por relações de convivência pautadas na compreensão e no respeito mútuo.

Durante a observação participante realizada com os alunos A13, A14 e A15, foi possível identificar comportamentos e interações que ampliam a compreensão dos fatores que contribuem para a manifestação de violência entre os estudantes do 8º ano. Essa observação ocorreu em diferentes momentos do cotidiano escolar, incluindo atividades de sala de aula e tempos livres, onde os alunos demonstram maior liberdade de expressão e revelam suas dinâmicas sociais com mais espontaneidade.

Em uma das situações observadas, A13 apresentou um comportamento constantemente desafiador durante uma atividade de grupo. Ao ser solicitado que colaborasse em uma tarefa, A13 mostrou resistência, utilizando sarcasmo e fazendo comentários que ridicularizavam os colegas, especialmente A14, que estava responsável por coordenar a atividade. O sarcasmo de A13 se manifestou em frases como "Ah, claro que você sabe tudo, né?", ditas com um tom de zombaria. A atitude de A13 pareceu minar a confiança de A14, que, ao ser alvo dessas provocações, se tornou visivelmente mais hesitante em suas decisões. Segundo Bourdieu e Passeron (1975), o uso de violência simbólica, por meio do sarcasmo e do escárnio, estabelece uma hierarquia velada que reforça o poder de quem a utiliza e inibe a ação dos outros, promovendo um ambiente de hostilidade e insegurança.

A14, por sua vez, inicialmente tentou manter a liderança da atividade, respondendo às provocações de A13 com comentários neutros e buscando manter o foco na tarefa. Contudo,

conforme as provocações continuaram, A14 adotou uma postura mais retraída, evitando confrontar A13 e preferindo direcionar a conversa para os outros colegas do grupo. Esse comportamento de A14 reflete o impacto da violência verbal e do sarcasmo, que, conforme Abramovay (2005), frequentemente provocam uma resposta de conformidade e auto-silenciamento em vítimas que, para evitar mais conflitos, optam por ceder e aceitar a posição submissa. No caso de A14, a postura de retraimento revela uma falta de estratégias assertivas para lidar com a hostilidade dos colegas, e seu comportamento sugere que ele internaliza a atitude de desvalorização imposta por A13.

Durante o intervalo, uma interação entre A13 e A15 trouxe à tona outro aspecto da dinâmica de exclusão e poder entre os alunos. A13, ao notar que A15 estava sentado sozinho, aproximou-se dele com um grupo de colegas e iniciou uma série de perguntas provocativas sobre sua aparência e interesses pessoais. Utilizando um tom de deboche, A13 questionava: "Você ainda gosta dessas coisas? Ninguém mais acha isso legal". Esses comentários deixaram A15 visivelmente desconfortável, e ele respondeu de forma evasiva, tentando mudar de assunto e evitar o contato visual com A13. Esse tipo de comportamento, descrito por Azeredo et al. (2015) como agressão verbal, caracteriza-se pela tentativa de rebaixar o outro através de palavras que sugerem inadequação social, criando um sentimento de isolamento. No caso de A15, a postura retraída e as respostas evasivas indicam um esforço para proteger sua autoestima frente à atitude depreciativa de A13.

A postura de A15 durante essas interações demonstra os efeitos da violência psicológica no ambiente escolar, que vai além do impacto imediato e tende a gerar um comportamento de retraimento contínuo, em que o aluno evita se expor para não ser alvo de novos ataques. Charlot (2002) ressalta que a violência simbólica no ambiente escolar tem efeitos duradouros sobre a autoestima e a autoconfiança dos alunos, especialmente daqueles que são constantemente alvos de comentários depreciativos e ações de exclusão. No caso de A15, o comportamento retraído e as respostas pouco assertivas sugerem um processo de internalização da inadequação, em que ele se vê como o "diferente" ou o "inferior" em relação ao grupo, o que pode comprometer seu bem-estar emocional e seu desempenho acadêmico.

Em outro momento, durante uma atividade esportiva, A13 mostrou novamente uma postura competitiva e agressiva, especialmente em relação a A14 e A15, que estavam em seu time. Ao perceber que A14 cometeu um erro durante o jogo, A13 reagiu com impaciência, dizendo em tom alto: "Você só atrapalha!". Em resposta, A14 adotou uma postura defensiva, mas sem confrontar diretamente A13, enquanto A15 permaneceu em silêncio, claramente desconfortável. Segundo Fante (2005), a dinâmica de exclusão e controle é comum em

contextos em que a violência simbólica está presente, e os alunos que assumem posturas dominantes muitas vezes intimidam os demais para afirmar sua posição de poder. A resposta de A14 e o silêncio de A15 evidenciam o impacto psicológico dessas interações, onde as vítimas tendem a adotar comportamentos passivos para evitar um confronto direto com o agressor.

A análise dessas interações revela que o comportamento agressivo e sarcástico de A13 está profundamente enraizado em uma dinâmica de poder, onde ele utiliza a violência simbólica para reafirmar seu status dentro do grupo. O uso de sarcasmo e de comentários depreciativos direcionados a A14 e A15 sugere que A13 encontra, nessas atitudes, uma maneira de se projetar socialmente, desqualificando os outros e reforçando uma hierarquia de poder que diminui a autoestima dos colegas. Segundo Bandura (1976), comportamentos agressivos podem ser aprendidos e internalizados através da observação e da repetição, especialmente em ambientes onde a agressividade é percebida como uma forma de validação e aceitação social. A13, ao demonstrar essa postura agressiva, parece reforçar uma identidade de líder "temido", utilizando a violência simbólica como meio de manter o controle social.

A14 e A15, por sua vez, representam perfis que se ajustam ao comportamento do agressor de maneira passiva, na tentativa de evitar conflitos. A14, ao ceder frente às provocações de A13, demonstra uma falta de habilidades de comunicação assertiva que poderia protegê-lo de se tornar alvo contínuo de sarcasmo e agressões verbais. Já A15, com sua postura evasiva e retraída, reflete o impacto psicológico da violência simbólica, onde o aluno internaliza a exclusão e adota uma postura de conformidade para evitar se tornar alvo de novas agressões. De acordo com Abramovay (2005), às vítimas de violência escolar frequentemente desenvolvem respostas de retraimento e silêncio como forma de defesa, um padrão que se fortalece em ambientes onde as atitudes agressivas não são ativamente questionadas ou corrigidas.

Essas observações indicam que a violência entre os alunos não se manifesta apenas através de agressões físicas, mas, sobretudo, por meio de dinâmicas de exclusão e de controle simbólico que impactam a saúde emocional e a confiança dos estudantes. As interações entre A13, A14 e A15 evidenciam um ambiente onde a agressividade e a autoridade são utilizados como ferramentas de poder, desestimulando a cooperação e promovendo uma cultura de competição e exclusão. Esse cenário demanda uma intervenção pedagógica que priorize o desenvolvimento de habilidades de comunicação assertiva e de resolução pacífica de conflitos, visando reduzir a hostilidade e fortalecer as relações de respeito entre os alunos.

Portanto, a análise das interações de A13, A14 e A15 reforça a necessidade de estratégias de intervenção no ambiente escolar que estimulem o diálogo e a inclusão,

promovendo uma cultura de respeito mútuo e cooperação. Como apontado por Esquierro (2011), a presença de mediadores escolares e programas de conscientização podem contribuir para a construção de um ambiente mais acolhedor e seguro, onde a violência simbólica e verbal é desencorajada, e as habilidades de convivência pacífica são promovidas e valorizadas.

Agora, avançaremos para as análises das respostas obtidas pelo Grupo 2 - Professores (P1 a P5). Este grupo participou de entrevistas abertas, abordando as questões 1 a 4, foram pensadas para responder o 1º Objetivo Específico: Descrever os motivos que causam a violência entre os alunos do 8º ano, onde a primeira pergunta explorada foi: **Questão 1 - Como você enxerga a violência escolar dentro do colégio?**

P1: "A violência aqui no colégio é uma dinâmica que vem crescendo. A gente percebe que muitos alunos trazem conflitos de fora, especialmente de casa. Eles chegam aqui com problemas que refletem nas atitudes com os colegas. Eu vejo muito disso sendo influenciado pela falta de apoio familiar. Muitas vezes, os pais não conseguem oferecer a estrutura que esses jovens precisam, e isso acaba impactando diretamente o comportamento deles na escola."

P2: "Eu acredito que muito dessa violência tem a ver com a pressão social. Os alunos, na tentativa de se afirmar, acabam recorrendo a formas de agressão, seja verbal ou física. Eles querem se sentir aceitos, e, infelizmente, isso acaba levando a comportamentos agressivos. A violência, para muitos, é uma maneira de conseguir respeito ou até mesmo admiração dos outros."

P3: "Acho que existe uma questão de falta de disciplina e limites. Sem uma orientação mais rigorosa, muitos desses comportamentos acabam sendo tolerados. Na minha opinião, o colégio não possui normas suficientemente claras para conter a violência, o que, de certa forma, reforça esses comportamentos. Quando o aluno vê que nada é feito, ele sente que pode continuar."

P4: "Na minha visão, a violência aqui está muito ligada ao contexto familiar de cada aluno. Quando a família é desestruturada, a criança ou o adolescente tende a refletir isso no ambiente escolar. Faltam, muitas vezes, um suporte ou uma figura que realmente esteja ali presente, orientando. Essa falta de apoio em casa acaba se refletindo em atitudes mais agressivas ou de exclusão aqui no colégio."

P5: "Eu vejo que o próprio ambiente escolar contribui para a violência. Falta um programa de intervenção efetivo e constante. As iniciativas que existem são pontuais, e os alunos não veem isso como algo presente no dia a dia. Se o colégio fosse um ambiente

mais acolhedor, onde todos pudessem se sentir incluídos e parte de algo maior, acredito que veríamos uma redução significativa nesses comportamentos.”

As respostas dos professores refletem uma compreensão multifacetada sobre os fatores que geram a violência escolar, alinhada a estudos que enfatizam o papel das influências familiares, sociais e do próprio ambiente escolar. Abramovay e Rua (2002) argumentam que a violência escolar é frequentemente um espelho das desigualdades sociais e de questões familiares desestabilizadoras que os alunos vivenciam fora da escola. Essa perspectiva é reforçada por P1 e P4, que destacam a influência de ambientes familiares desestruturados e a carência de apoio como fatores que contribuem para o comportamento violento dos estudantes.

Por outro lado, Fante (2005) observa que a violência pode ser intensificada por uma cultura de pressão social entre pares, onde a aceitação depende de comportamentos de domínio ou submissão. Esse ponto é explorado por P2, que nota a influência da necessidade de aceitação como um motivador para atos de violência. A observação de P3 sobre a falta de normas e disciplina adequadas encontra apoio em Esquierro (2011), que identifica que a ausência de limites claros e de intervenção eficaz no ambiente escolar permite que comportamentos violentos se perpetuem.

Finalmente, P5 sugere que um ambiente escolar mais acolhedor poderia ajudar a reduzir os índices de violência, ecoando a visão de Oliveira e Gomes (2012), que destacam a importância de um ambiente escolar que valorize o apoio e a participação para prevenir a violência. Assim, a interpretação das respostas dos professores confirma que a violência escolar é um fenômeno complexo, influenciado tanto por fatores externos, como as condições familiares, quanto por elementos internos, como a cultura e as práticas do próprio colégio.

A segunda pergunta explorada foi: **Questão 2 - Quais os motivos que causam a violência entre os alunos do 8º ano?**

P1: "Eu vejo que muitos desses alunos vêm de ambientes familiares onde a violência é comum, seja na forma de brigas entre os pais ou até pela falta de diálogo. Eles acabam repetindo isso aqui, porque é o que conhecem. Outro ponto é a pressão do grupo; eles querem se impor e mostrar que têm uma posição forte, o que às vezes leva a essas atitudes agressivas."

P2: "Acredito que um dos grandes fatores é a necessidade de aceitação. Nesse estágio da adolescência, eles buscam ser aceitos, e, para alguns, isso significa dominar ou intimidar outros colegas. Existe também uma influência das redes sociais, onde a competitividade e as comparações são constantes. Eles trazem essa pressão para dentro da escola, o que gera conflitos."

P3: "O problema é a ausência de um ambiente seguro e acolhedor para esses alunos. Eles não se sentem amparados, então acabam buscando resolver as coisas por conta própria. Muitos deles não sabem como lidar com as diferenças e partem para a violência como resposta."

P4: "Na minha visão, essa violência vem da falta de limites claros, tanto em casa quanto aqui na escola. Muitos desses alunos não têm alguém que realmente imponha regras e valores, e, sem essa orientação, acabam achando que podem agir de qualquer forma para se afirmarem."

P5: "Acredito que, além dos fatores familiares e sociais, existe uma influência muito grande do que eles assistem e consomem na mídia. A banalização da violência em programas e redes sociais acaba sendo refletida no comportamento deles. Eles acham que é normal, uma forma de resolver conflitos e se posicionar."

As respostas dos professores indicam que os motivos para a violência entre os alunos do 8º ano são multifatoriais, com influências que vão desde o ambiente familiar até a pressão por aceitação social e o impacto da mídia. P1 e P4 enfatizam o papel do ambiente familiar na formação do comportamento dos alunos, sugerindo que a violência presenciada em casa ou a falta de limites e orientações são fatores que contribuem para que esses jovens adotem atitudes agressivas na escola. Esse ponto é respaldado por Fante (2005), que destaca que a família é um dos principais núcleos de socialização e, quando existe desestruturação ou ausência de apoio, isso se reflete diretamente no comportamento dos adolescentes.

Por outro lado, P2 e P3 chamam atenção para a influência das dinâmicas sociais e da pressão por aceitação, especialmente entre os pares. Segundo Galvão et al. (2010), a busca por pertencimento e reconhecimento em grupos de adolescentes pode levar a atitudes violentas como forma de afirmação, criando um ciclo onde a violência é vista como uma ferramenta de conquista de respeito ou liderança. Essa necessidade de se afirmar e de buscar aceitação é reforçada pelos padrões de comportamento compartilhados em redes sociais, que influenciam os jovens a adotarem posturas competitivas e, muitas vezes, agressivas.

A observação de P5 sobre a influência da mídia e da banalização da violência também se mostra relevante. Como apontam Oliveira e Gomes (2012), a exposição frequente a conteúdos violentos na mídia pode dessensibilizar os jovens, levando-os a ver a violência como uma resposta aceitável a conflitos e desafios. Essa naturalização das agressões, seja por meio de programas ou redes sociais, reforça comportamentos que são replicados no ambiente escolar.

Assim, a interpretação das respostas dos professores sugere que os motivos para a violência entre os alunos do 8º ano são complexos e se originam de uma interação entre fatores

familiares, sociais e culturais. A escola, ao reconhecer essas influências, pode trabalhar na criação de um ambiente que ofereça alternativas de socialização saudável, promovendo limites claros e oferecendo suporte para que os alunos aprendam a lidar com conflitos de maneira não violenta.

A terceira pergunta feita foi: **Questão 3 - Na sua opinião, o que leva os alunos a praticarem a violência?**

P1: "Acredito que muitos alunos recorrem à violência para se proteger. Eles se sentem vulneráveis, então acabam agindo de forma agressiva para não se tornarem alvo dos outros."

P2: "Para alguns, é uma maneira de ganhar respeito. Eles pensam que, ao intimidar os outros, vão conseguir uma posição de liderança e aceitação entre os colegas."

P3: "A falta de habilidades emocionais também contribui muito. Muitos não sabem lidar com frustrações ou diferenças, e a violência se torna um meio de resposta."

P4: "Eu vejo que a baixa autoestima e a necessidade de autoafirmação são grandes fatores. Muitos se sentem inseguros e, para compensar, acabam praticando a violência como uma forma de mostrar força."

P5: "O comportamento violento, muitas vezes, vem da imitação do que eles veem ao redor. Eles repetem aquilo que observam em casa, na mídia ou até mesmo na comunidade onde vivem."

As respostas dos professores refletem uma visão abrangente sobre os fatores que levam os alunos a praticar violência, destacando elementos como autodefesa, busca por respeito, falta de habilidades emocionais, baixa autoestima e imitação de comportamentos. P1 e P5 mencionam o uso da violência como uma forma de autodefesa e imitação, o que está alinhado com as observações de Olweus (1993), que afirma que muitos alunos adotam posturas agressivas como resposta ao medo de serem vitimizados ou por reproduzirem comportamentos observados em seus ambientes.

P2 e P4 identificam a violência como um meio de autoafirmação e conquista de respeito, uma prática analisada por Abramovay e Rua (2002), que ressaltam a busca de status social e pertencimento entre adolescentes, especialmente em contextos de competição social intensa. Já P3 destaca a ausência de habilidades emocionais como um fator determinante, o que encontra respaldo em Fante (2005), que observa que a falta de controle emocional e a inability de resolver conflitos de forma pacífica frequentemente levam os jovens a recorrerem à violência como resposta.

Em resumo, as respostas dos professores sugerem que a prática da violência pelos alunos é uma estratégia complexa que atende a diversas necessidades emocionais e sociais, desde a autodefesa até a tentativa de ganhar status entre os pares.

A quarta e última pergunta realizada que encerra as análises da Categoria 1: **Questão 4 - Quais os fatores externos à escola, como problemas familiares ou sociais, que você acredita influenciam o comportamento violento dos alunos?**

P1: "A estrutura familiar tem um peso enorme. Muitos desses alunos vêm de lares onde há conflitos constantes, e isso reflete diretamente no comportamento deles aqui."

P2: "Acredito que a comunidade em que vivem também influencia. Se estão em um ambiente onde a violência é comum, acabam normalizando isso e trazendo para a escola."

P3: "A falta de apoio emocional e supervisão familiar é um grande problema. Muitos pais trabalham o dia todo e não conseguem acompanhar de perto o que os filhos estão passando."

P4: "A influência das redes sociais é muito forte. Eles veem violência sendo glorificada online, o que acaba influenciando suas atitudes."

P5: "Pobreza e condições de vida difíceis contribuem muito. A falta de recursos e oportunidades pode levar os alunos a expressarem sua frustração de forma agressiva."

As respostas dos professores indicam que fatores externos, como conflitos familiares, ambiente comunitário, ausência de apoio parental, influência das redes sociais e condições socioeconômicas, desempenham um papel significativo no comportamento violento dos alunos. P1 e P3 destacam a importância da estrutura e supervisão familiar, alinhando-se com as análises de Abramovay (2005), que observam que um ambiente familiar desestruturado e carente de apoio emocional pode influenciar negativamente o comportamento dos jovens. P2 e P5 ressaltam a influência da comunidade e das condições econômicas, corroborando as ideias de Oliveira e Gomes (2012), que apontam que a exposição à violência na comunidade e a pobreza são fatores que contribuem para a normalização da violência.

Além disso, P4 menciona o impacto das redes sociais, que muitas vezes glorificam comportamentos agressivos. Essa visão está de acordo com Azeredo et al. (2015), que destacam a influência da mídia digital na formação de atitudes violentas, ao expor os jovens a conteúdos que promovem a agressividade como forma de resolver conflitos. Em resumo, os fatores externos identificados pelos professores revelam que o comportamento violento dos alunos não está isolado da realidade familiar e social, sendo influenciado por uma complexa rede de fatores que contribuem para a manifestação de violência no ambiente escolar.

A seguir, será analisado o Grupo 3 - Coordenadores (C1 e C2). As questões 1 a 4 são respaldadas pelo 1º Objetivo Específico: descrever os motivos que causam a violência entre os alunos, incluindo aspectos familiares, sociais e escolares. Nesta seção, serão exploradas as percepções dos coordenadores sobre as causas da violência, buscando entender como fatores externos e internos ao ambiente escolar podem influenciar as dinâmicas de violência entre os alunos.

A primeira pergunta feita com foco na Categoria 1 foi: **Questão 1 - Qual a incidência de violência nesta escola?**

C1: "A incidência de violência aqui é moderada, com casos regulares de agressão verbal e exclusão entre os alunos, que geralmente ocorrem em grupos específicos."

C2: "A violência não é tão frequente, mas vemos episódios de hostilidade verbal e alguns conflitos isolados, que precisam de atenção para não se agravarem."

As respostas dos coordenadores C1 e C2 revelam que, embora a violência não seja extremamente frequente, há episódios significativos de agressão verbal e exclusão social que precisam de acompanhamento. C1 destaca a agressão verbal e o isolamento social, práticas que, conforme apontado por Azeredo et al. (2015), podem afetar negativamente o desenvolvimento emocional e social dos alunos. Esses comportamentos de exclusão criam um ambiente de insegurança e isolamento, especialmente em determinados grupos.

C2, por sua vez, enfatiza a importância de monitorar os conflitos para evitar seu agravamento. Segundo Charlot (2002), até mesmo incidentes esporádicos de violência escolar podem gerar um clima de insegurança e, com o tempo, criar uma cultura de hostilidade se não forem tratados com seriedade. Assim, o monitoramento contínuo e as intervenções oportunas são essenciais para manter a harmonia escolar e apoiar os alunos em situações de vulnerabilidade social e emocional.

A segunda pergunta dentro da Categoria 1: **Questão 2 - Como surge o comportamento violento entre os alunos?**

C1: "O comportamento violento geralmente surge de conflitos familiares que os alunos trazem para a escola, além de influências do grupo de colegas."

C2: "Vejo que a violência é uma resposta ao ambiente ao redor deles, especialmente quando há falta de suporte em casa ou quando eles tentam se afirmar em grupos específicos."

As respostas dos coordenadores C1 e C2 apontam que o comportamento violento entre os alunos frequentemente se origina de problemas familiares e da pressão exercida pelos grupos de colegas. C1 menciona que conflitos familiares podem ser um catalisador da violência

escolar, o que é apoiado por Fante (2005), que afirma que o ambiente familiar disfuncional pode levar os alunos a externalizar seus problemas no ambiente escolar. Essa externalização muitas vezes ocorre na forma de agressão e comportamentos hostis com os colegas.

C2 observa que a violência também pode ser uma tentativa de afirmação social, especialmente em grupos específicos onde os alunos buscam aceitação. Charlot (2002) reforça que a busca por pertencimento em grupos pode levar a comportamentos violentos como forma de adaptação ao ambiente social, onde a agressão é usada para consolidar a posição do aluno dentro de sua rede social. Dessa forma, o comportamento violento na escola é um reflexo de pressões externas e do ambiente social dos alunos, necessitando de intervenções que considerem o contexto familiar e as influências sociais para que a violência seja efetivamente combatida.

A terceira pergunta que dá sequência às análises da Categoria 1: **Questão 3 - Na sua opinião, o que leva os alunos a praticarem a violência?**

C1: "Acredito que a necessidade de se impor e ganhar respeito entre os colegas acaba levando alguns alunos a praticarem a violência, como uma maneira de estabelecer poder."

C2: "Vejo que a baixa autoestima e a insegurança fazem com que alguns alunos busquem se afirmar por meio da agressão, especialmente quando sentem que isso lhes traz uma posição de destaque no grupo."

As respostas dos coordenadores sugerem que os alunos muitas vezes recorrem à violência como uma forma de autoafirmação e para conquistar respeito dentro de seus grupos sociais. C1 menciona que o desejo de se impor é um motivador comum, alinhando-se com as observações de Bourdieu e Passeron (1975), que argumentam que o capital social e a necessidade de reconhecimento podem levar os indivíduos a adotar comportamentos agressivos para garantir seu status e respeito entre pares.

C2 aponta para fatores internos, como baixa autoestima e insegurança, que incentivam os alunos a buscar uma forma de destaque por meio da violência. Esse comportamento é corroborado por Cabral et al. (2020), que identificam que sentimentos de inferioridade podem levar os alunos a usar a agressão como uma maneira de compensar suas próprias inseguranças e obter aceitação social. Dessa forma, a violência torna-se uma estratégia para lidar com questões pessoais e grupais, destacando a importância de intervenções que fortaleçam a autoestima e promovam alternativas de expressão não-violentas.

A quarta e última pergunta que encerra a Categoria 1: **Questão 4 - Os alunos que apresentam comportamento violento têm algum histórico de conflitos anteriores na escola ou na comunidade? Explique.**

C1: "Sim, muitos dos alunos com comportamento violento já demonstraram conflitos anteriores, seja na escola, com colegas e professores, ou em situações fora do ambiente escolar."

C2: "Percebo que boa parte dos alunos com histórico de violência tem uma trajetória de conflitos, principalmente no bairro onde vivem, o que acaba refletindo no comportamento dentro da escola."

As respostas dos coordenadores C1 e C2 indicam que os alunos com comportamento violento geralmente possuem um histórico de conflitos anteriores, tanto no ambiente escolar quanto na comunidade. C1 destaca que esses alunos frequentemente trazem para a escola experiências de confronto, o que se alinha com os estudos de Olweus (1993), que identificam uma correlação entre históricos de violência em diferentes contextos e a tendência de reproduzir esses comportamentos no ambiente escolar.

C2 observa que os conflitos na comunidade, como aqueles vivenciados no bairro, também influenciam o comportamento dos alunos na escola. Segundo Azeredo et al. (2015), fatores contextuais, como a violência comunitária, exercem uma influência significativa sobre o comportamento dos jovens, criando um ciclo de agressão que ultrapassa as barreiras escolares. Assim, compreender o histórico de conflitos dos alunos é essencial para implementar estratégias que considerem o ambiente escolar e comunitário, promovendo intervenções mais integradas e eficazes na prevenção da violência.

Por fim, analisaremos para o Grupo 4 - Gestores (G1). As questões 1 a 4 estão respaldadas no 1º Objetivo Específico: descrever os motivos que causam a violência entre os alunos, incluindo aspectos familiares, sociais e escolares. Nesta seção, busca-se entender, a partir da perspectiva do gestor, os fatores que influenciam a ocorrência da violência, considerando o contexto familiar, as interações sociais e o ambiente escolar, a fim de obter uma visão abrangente sobre as raízes desse problema e como ele se manifesta no cotidiano escolar.

A primeira pergunta que inicia a análise da Categoria 1: **Questão 1 - Quais fatores você acredita que mais contribuem para a ocorrência de violência entre os alunos da escola?**

G1: "Acredito que muitos casos de violência entre os alunos estão relacionados a problemas familiares, como falta de atenção ou conflitos em casa. Além disso, a pressão

social e a influência de grupos também desempenham um papel significativo no comportamento deles."

A resposta do gestor sugere que os fatores que contribuem para a violência entre alunos incluem, principalmente, questões familiares e pressões sociais. G1 enfatiza que problemas familiares, como conflitos e negligência, são influências significativas, o que se alinha com os estudos de Abramovay e Rua (2002), que indicam que a instabilidade familiar pode gerar comportamentos violentos nos jovens como uma forma de expressão de suas frustrações.

Além disso, o gestor aponta a pressão dos grupos sociais como um fator determinante, reforçando as conclusões de Olweus (1993), que explica que o desejo de aceitação e o medo de rejeição podem levar os alunos a adotarem comportamentos agressivos para se afirmarem entre os pares. Essas influências familiares e sociais, portanto, são vistas como elementos-chave que intensificam o problema da violência escolar, tornando fundamental que a escola promova programas que abordem tanto o envolvimento dos pais quanto o fortalecimento de valores positivos nas interações sociais.

A segunda pergunta dentro do contexto da Categoria 1: **Questão 2 - Como as condições sociais e econômicas da comunidade ao redor da escola influenciam o comportamento dos alunos dentro do ambiente escolar?**

G1: "As condições socioeconômicas da comunidade afetam diretamente os alunos. Muitos vêm de lares com dificuldades financeiras, o que gera frustrações e, às vezes, até sentimentos de inferioridade. Isso acaba influenciando o comportamento deles na escola, refletindo-se em atitudes de agressão ou retraimento."

A resposta do gestor indica que as condições sociais e econômicas da comunidade ao redor impactam o comportamento dos alunos na escola, gerando, em alguns casos, atitudes violentas. G1 destaca que as dificuldades financeiras podem criar frustrações e sentimentos de inferioridade, um ponto que é respaldado por Charlot (2002), que afirma que as condições de vida precárias geram tensões que se manifestam nas interações sociais e comportamentais dos jovens.

Além disso, a análise de Azeredo et al. (2015) mostra que ambientes marcados por desigualdades econômicas podem aumentar a propensão à violência entre alunos, pois a escola se torna um espaço onde essas diferenças são percebidas e, muitas vezes, amplificadas. Essas observações reforçam a importância de abordagens que levem em conta o contexto socioeconômico dos estudantes, promovendo atividades de inclusão e valorização pessoal para mitigar os efeitos dessas condições no comportamento escolar.

A terceira pergunta feita dentro da Categoria 1 foi: **Questão 3 - Na sua experiência, como o histórico familiar dos alunos impacta o comportamento agressivo na escola?**

G1: "Percebo que alunos que vêm de famílias com histórico de violência ou desestruturação tendem a apresentar comportamentos mais agressivos. A falta de apoio e exemplos positivos em casa muitas vezes se reflete nas atitudes que eles trazem para o ambiente escolar."

A resposta do gestor destaca o impacto direto do histórico familiar no comportamento agressivo dos alunos na escola. G1 observa que a exposição à violência ou a falta de estrutura familiar contribui para que os alunos reproduzam comportamentos agressivos, uma análise que é corroborada por Fante (2005), que sugere que o ambiente familiar é uma fonte importante de influência no desenvolvimento comportamental, especialmente em contextos de violência.

Além disso, a visão de G1 está alinhada com a pesquisa de Tavares e Pietrobom (2016), que apontam que a ausência de apoio e orientação familiar gera insegurança e hostilidade nos jovens, levando-os a manifestar agressividade nas interações escolares. Esses insights reforçam a necessidade de políticas escolares que incentivem o apoio emocional e o fortalecimento de habilidades sociais, como formas de atenuar os efeitos de um histórico familiar conturbado.

A quarta e última pergunta que encerra a Categoria 1: **Questão 4 - De que forma o relacionamento entre alunos de diferentes turmas, idades e perfis contribui para a violência escolar?**

G1: "Quando alunos de idades e perfis diferentes interagem, especialmente em espaços comuns, surgem tensões. Muitas vezes, os alunos mais velhos ou com perfis dominantes acabam influenciando os mais novos, o que pode gerar conflitos e até casos de intimidação."

O gestor observa que as interações entre alunos de diferentes idades e perfis podem criar um ambiente propício para a violência escolar, particularmente em casos de intimidação dos mais novos pelos mais velhos. G1 menciona que alunos mais dominantes frequentemente influenciam negativamente os mais vulneráveis, um aspecto respaldado por Olweus (1993), que destaca que a violência costuma ocorrer em contextos onde existe uma diferença de poder entre os envolvidos, seja pela idade ou posição social. Essa análise é reforçada por Pacheco-Salazar (2018), que identifica que a convivência de grupos diversos sem a mediação adequada pode aumentar o risco de conflitos.

A partir dessa perspectiva, é essencial que a escola crie políticas e espaços supervisionados que promovam interações positivas entre diferentes grupos, evitando que as diferenças naturais entre os alunos se transformem em motivos para comportamentos violentos.

A análise dos dados obtidos com os quatro grupos – alunos, professores, coordenadores e gestores – na Categoria 1, "Motivos Causadores da Violência", revelou uma série de fatores que influenciam o comportamento agressivo entre os alunos do 8º ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa (CEJCR), em Aragoiânia, GO/Brasil.

Grupo 1 - Alunos: A observação participante destacou interações em que os alunos utilizam diferentes formas de violência, tanto física quanto simbólica, para se autoafirmarem ou responderem a provocações. As interações entre os alunos A1 a A15 ilustraram como a agressividade verbal, o sarcasmo e o comportamento controlador se manifestam, criando um ambiente de exclusão e domínio social. A análise sugere que os alunos replicam comportamentos agressivos observados em outros ambientes, muitas vezes como resposta a inseguranças e a uma cultura escolar que não intervém diretamente nesses comportamentos.

Grupo 2 - Professores: Os professores apontaram fatores externos, como a falta de apoio familiar e o impacto da pressão social, como os principais influenciadores da violência escolar. Eles observam que muitos alunos trazem para o ambiente escolar conflitos oriundos do contexto familiar desestruturado, o que reflete na forma de agressões verbais e físicas com os colegas. Além disso, a necessidade de aceitação social leva alguns alunos a utilizarem a violência para obter respeito e visibilidade entre os pares, prática que se intensifica em um ambiente escolar com normas disciplinares pouco claras.

Grupo 3 - Coordenadores: As entrevistas com os coordenadores indicam que a violência entre alunos surge, em grande parte, devido à influência de problemas familiares e da pressão para se estabelecerem socialmente. O comportamento violento também é visto como uma forma de autoafirmação, usada para superar inseguranças e angariar uma posição de liderança no grupo. Assim, os coordenadores ressaltam a necessidade de um ambiente escolar acolhedor e estruturado, onde os alunos possam desenvolver habilidades sociais e emocionais para lidar com conflitos de maneira pacífica.

Grupo 4 - Gestores: A visão do gestor reforça os achados dos demais grupos, enfatizando que a violência entre alunos é amplamente influenciada por conflitos familiares e pela pressão de grupos sociais. As condições socioeconômicas e a falta de apoio familiar aparecem como fatores relevantes para o comportamento violento, ao lado da influência das redes sociais e do contato com violência na mídia. Além disso, o gestor observa que a interação entre alunos de diferentes idades e perfis pode contribuir para casos de intimidação e violência.

RESUMO DA CATEGORIA 1

Em resumo, a análise da Categoria 1 revelou que os motivos da violência entre alunos são multifatoriais, englobando influências familiares, sociais e escolares. Cada grupo destacou elementos distintos, mas complementares, que corroboram a complexidade do fenômeno, apontando para a importância de estratégias de intervenção que envolvam a mediação de conflitos, o fortalecimento de habilidades socioemocionais e o desenvolvimento de um ambiente escolar mais acolhedor e seguro para todos os estudante.

Foi visto que a violência também pode ter fatores sociais e familiares, a falta de apoio emocional e a violência dentro de casa podem refletir no comportamento das crianças e adolescentes nas escolas. Também tem a questão da desestruturação familiar, o divórcio dos pais, a ausência de figuras parentais ou a convivência com situações de abuso físico ou psicológico podem impactar o desenvolvimento emocional do estudante. Condições socioeconômicas precárias também podem gerar frustração, depressão e um sentimento de impotência, o que pode se refletir em comportamentos agressivos na escola.

Acredita-se que as escolas são a chave do bem-estar da sociedade e da prosperidade futura das nações. Dessa forma, sua saúde é fundamental para o modo de vida democrático e, por isso, um dos problemas importantes durante o período de transição é representado pela transformação da escola em centro da vida comunitária. Essa mudança social está sendo construída a partir do desejo das pessoas de tornar as escolas cada vez melhores para todas as crianças.

Complementando os aspectos levantados, é essencial considerar que a violência entre alunos não é um fenômeno isolado da realidade em que estão inseridos, mas sim o reflexo de um conjunto de experiências vividas em diferentes esferas sociais. O ambiente escolar funciona muitas vezes como palco onde se manifestam os conflitos não resolvidos que os estudantes trazem de casa ou da comunidade. Assim, compreender a violência escolar exige um olhar sensível às trajetórias individuais e coletivas dos alunos, que permita ir além da punição e buscar alternativas pedagógicas baseadas no acolhimento e no diálogo.

Nesse contexto, é necessário que a escola assuma uma postura ativa na construção de redes de apoio, tanto dentro quanto fora da instituição, envolvendo profissionais da saúde, assistência social e psicologia, além das famílias. A parceria com esses atores possibilita a identificação precoce de fatores de risco e o encaminhamento adequado dos casos mais graves, promovendo o cuidado integral dos estudantes. Além disso, é importante investir na formação

continuada dos educadores, para que estejam preparados a lidar com os desafios emocionais que permeiam a sala de aula e a reconhecer os sinais de sofrimento psíquico entre os alunos.

Outro ponto relevante é a valorização da escuta dos próprios estudantes na elaboração de estratégias de prevenção à violência. Quando os alunos se sentem ouvidos e têm espaço para expressar seus sentimentos e opiniões, cria-se uma cultura de pertencimento que contribui significativamente para a diminuição de comportamentos agressivos. Projetos que envolvem mediação de conflitos, tutoria entre pares e práticas restaurativas são exemplos eficazes de iniciativas que promovem o protagonismo juvenil e fortalecem a convivência escolar baseada no respeito e na cooperação.

Os fatores psicológicos e individuais foram citados pelos professores, alunos que enfrentam dificuldades de aceitação social ou que são alvo violência podem desenvolver sentimentos de inferioridade, o que pode se manifestar em atitudes violentas. Problemas de saúde mental, como os transtornos psicológicos, depressão, ansiedade e transtornos de comportamento podem aumentar a propensão à agressividade e à violência.

Existe a influência do Meio Ambiente, como a violência, muito comum no colégio, a prática constante (tanto o praticado quanto o sofrido) pode desencadear reações violentas entre os alunos, gerando um ciclo de agressões. Nesse sentido, o ambiente escolar violento é um dos principais fatores, já que a presença de violência no colégio, seja entre os alunos, entre professores e alunos, ou entre outros membros da comunidade escolar, pode normalizar esse comportamento e gerar um ambiente propício à agressão.

Outro fator citado foi a falta de programas educacionais que promovam a resolução pacífica de conflitos e a convivência respeitosa pode contribuir para o aumento da violência. Além da formação inadequada de professores, a falta de capacitação de educadores para lidar com situações de violência ou para detectar sinais violentos e outros problemas pode resultar em uma gestão inadequada do ambiente escolar. A infraestrutura também ter influência, como falta de segurança, espaços físicos degradados e pouca supervisão, tendem a ter maiores índices de violência.

A escassez de recursos e políticas públicas eficazes para a educação contribui para o agravamento de problemas de violência escolar. A falta de investimentos em segurança, formação de professores e programas de apoio aos estudantes pode intensificar a situação. Percebe-se então que a violência escolar é um reflexo de uma série de fatores que interagem de maneira complexa.

É importante destacar que o ambiente escolar funciona como um espelho das relações sociais mais amplas, refletindo desigualdades, exclusões e violências que atravessam a

sociedade como um todo. A presença contínua de comportamentos agressivos no cotidiano da escola pode contribuir para a formação de uma cultura institucional que tolera ou até naturaliza a violência, tornando mais difícil a sua identificação e combate. Esse processo reforça a ideia de que os alunos internalizam padrões de comportamento baseados em dominação, intimidação e desrespeito ao outro, o que perpetua um ciclo difícil de romper.

Além disso, a ausência de uma abordagem preventiva e formativa por parte da instituição escolar contribui para a fragilidade na construção de valores como empatia, solidariedade e respeito às diferenças. A escola, enquanto espaço educativo e socializador, precisa assumir o compromisso de promover não apenas o ensino de conteúdos, mas também o desenvolvimento emocional e social dos alunos. Para isso, torna-se fundamental investir em programas de educação emocional, práticas restaurativas, rodas de conversa e mediação de conflitos, possibilitando aos estudantes formas mais saudáveis de lidar com suas emoções e relações interpessoais.

Outro aspecto a ser considerado é o papel central da equipe gestora na promoção de um ambiente escolar seguro e acolhedor. A ausência de ações sistemáticas e planejadas para combater a violência escolar, aliada à falta de preparo dos profissionais para lidar com essas situações, compromete significativamente a capacidade da escola de atuar como agente transformador. Dessa forma, é urgente repensar as políticas pedagógicas e administrativas, promovendo a formação continuada dos educadores e investindo em infraestrutura adequada, com espaços seguros, supervisionados e propícios à convivência harmoniosa e respeitosa.

6.3 Categoria 2 - Tipos de Violência entre Alunos

Esta categoria corresponde ao segundo objetivo específico desta pesquisa, que busca analisar as diferentes formas de violência manifestadas entre os estudantes do 8º ano do CEJCRosa. Esta categoria foi estruturada para identificar e compreender as variações de comportamento agressivo que ocorrem no ambiente escolar, abrangendo desde as formas mais explícitas de violência física até as subtis manifestações de violência verbal e simbólica. Com a análise desta categoria, espera-se obter uma visão detalhada de como essas práticas se desenvolvem, quais tipos de violência são mais frequentes entre os alunos e como essas formas de agressão impactam a dinâmica escolar e as relações entre pares.

Para iniciar essa análise, será contemplado o Grupo 1 - Alunos (A1 a A15), com base nas observações realizadas em momentos de interação coletiva e atividades em sala de aula e no intervalo. A observação participante permitiu capturar uma diversidade de comportamentos que evidenciam a presença de múltiplos tipos de violência entre os alunos, incluindo formas de

violência verbal, como sarcasmo e comentários depreciativos; violência física, que se manifesta em empurrões e atitudes de confrontação; e a violência simbólica, observada em atitudes que visam desqualificar ou excluir determinados colegas. Essas formas de violência estão intimamente ligadas às dinâmicas de poder e às hierarquias sociais que se estabelecem no ambiente escolar, revelando um padrão comportamental complexo onde a agressividade é utilizada como meio de controle social e de afirmação de status entre os estudantes.

Durante as observações participantes relacionadas à Categoria 2, o aluno A1 demonstrou comportamentos que refletem tanto a violência verbal quanto a física. Em diversas interações, A1 recorreu ao sarcasmo e a expressões desdenhosas para desqualificar as ideias de colegas durante atividades em grupo, criando um clima de hostilidade e desconforto. Em algumas situações, quando confrontado, A1 respondeu com empurrões leves ou posturas corporais intimidadoras, sugerindo uma combinação de violência verbal e física que reforça seu papel de liderança agressiva e impõe uma hierarquia entre os colegas.

Esses comportamentos de A1 se alinham ao conceito de violência simbólica, conforme descrito por Bourdieu e Passeron (1975), em que atitudes verbais e corporais reforçam uma estrutura de poder que desvaloriza o outro. Além disso, Abramovay (2005) destaca que o uso de sarcasmo e desdém é comum em ambientes onde a violência verbal é naturalizada, funcionando como uma forma de dominação social que impacta a autoestima e o bem-estar das vítimas. A presença de comportamentos físicos, ainda que moderados, também reforça a visão de Bandura (1977) sobre a agressão como uma resposta condicionada e socialmente aprendida, onde os alunos adotam essas práticas como estratégias para manter seu status entre os pares.

Nas observações participantes voltadas para o aluno A2 evidenciou comportamentos que se enquadram predominantemente na violência verbal e simbólica. Em várias ocasiões, A2 utilizou sarcasmo e ironia para diminuir outros colegas, especialmente em contextos informais, como o intervalo, onde fez comentários depreciativos sobre a aparência e habilidades dos colegas. Esse tipo de agressão verbal foi frequentemente seguido por risadas de outros alunos, o que reforçou a atitude de A2 e aumentou o impacto da exclusão social e da desqualificação entre os pares.

Esse comportamento pode ser interpretado à luz das discussões de Azeredo et al. (2015), que destacam o papel da violência verbal como uma forma de violência psicológica que visa desvalorizar o outro e reforçar o status social do agressor. Além disso, Charlot (2002) explica que a violência simbólica frequentemente se manifesta em atitudes de exclusão e escárnio, naturalizando uma hierarquia de poder entre os alunos. Esses comportamentos de A2

demonstram como a violência simbólica atua no ambiente escolar, sendo uma estratégia utilizada para garantir aceitação e manter a posição de influência dentro do grupo.

O aluno A3 revelou comportamentos mais sutis, enquadrados principalmente como violência simbólica. A3 frequentemente evitava interações diretas, mas em situações em que outros colegas cometiam erros ou estavam em posição de vulnerabilidade, ele demonstrava aprovação silenciosa ao comportamento agressivo dos demais, muitas vezes rindo ou ignorando o sofrimento dos colegas. Em algumas ocasiões, A3 reforçou o isolamento de alunos alvos de sarcasmo e críticas, evitando se associar a eles e contribuindo para sua exclusão social.

Esses comportamentos de A3 refletem o conceito de violência passiva, onde o apoio silencioso e a conformidade contribuem para a perpetuação de um ambiente hostil. Segundo Esquierro (2011), a violência simbólica pode ocorrer não apenas em agressões diretas, mas também em posturas de indiferença e cumplicidade, que legitimam a exclusão de outros. Além disso, conforme abordado por Bowes et al. (2015), a exposição e a participação indireta em comportamentos agressivos entre pares impactam o ambiente escolar, criando um ciclo de normalização da violência que afeta o clima social e psicológico da escola. Esses aspectos sugerem que A3, ao se alinhar ao comportamento agressivo de outros colegas, reforça um contexto de aceitação da violência e da exclusão social, mesmo sem agir diretamente como agressor.

Em relação ao aluno A4, demonstrou comportamentos de violência verbal e simbólica, adotando uma postura frequentemente autoritária e controladora nas interações de grupo. A4 utilizou expressões desqualificantes e um tom de voz elevado para impor suas opiniões, especialmente em atividades coletivas, onde interrompia e corrigia os colegas de forma impaciente, criando um ambiente de tensão. Esse comportamento intimidatório desencorajava outros alunos de participarem ativamente, reforçando a hierarquia social em que A4 assumia o papel de liderança dominante.

O comportamento de A4 alinha-se ao que Fante (2005) descreve como uma forma de agressão verbal e simbólica, em que a intimidação verbal é utilizada para consolidar o controle e a superioridade dentro do grupo. Esse padrão de comportamento também pode ser interpretado à luz de Cabral et al. (2020), que destacam que atitudes autoritárias em contextos escolares refletem uma tentativa de validação social, onde o aluno busca se afirmar através do controle sobre os demais. A postura de A4 sugere, ainda, um ambiente permissivo à agressão simbólica, onde atitudes de dominação se tornam estratégias para manter uma posição de poder e influência, afetando o clima colaborativo entre os estudantes.

O aluno A5 apresentou comportamentos caracterizados principalmente pela violência verbal, frequentemente utilizando humor sarcástico para ridicularizar colegas, especialmente em momentos de descontração, como o intervalo. A5 fazia piadas sobre aspectos pessoais dos colegas, como aparência e habilidades, estimulando risos do grupo e, assim, reforçando a exclusão social dos alvos dessas “brincadeiras”. Essas atitudes de A5 parecem desempenhar um papel de entretenimento no grupo, fortalecendo sua aceitação entre os pares ao custo do bem-estar dos outros.

O comportamento de A5 é bem exemplificado pelo conceito de "agressão disfarçada de humor", discutido por Olweus (1993), que caracteriza como piadas aparentemente inofensivas podem se transformar em formas persistentes de violência verbal que desvalorizam os outros. Bowes et al. (2015) acrescentam que o uso do sarcasmo e das provocações contínuas cria um ambiente hostil, onde a agressão é disfarçada de diversão, tornando difícil para os alvos se defenderem sem parecerem “sensíveis” ou “incapazes de lidar com brincadeiras”. Esse padrão comportamental de A5 ilustra como a violência verbal pode se tornar uma estratégia social, usada para ganhar popularidade e estabelecer uma hierarquia entre os pares, à medida que os colegas reforçam essa dinâmica com risadas e apoio.

Nas observações participantes referentes à Categoria 2 - Tipos de Violência entre Alunos, o aluno A6 demonstrou comportamentos que se alinham à violência verbal passiva e à exclusão social. A6 raramente se envolvia em confrontos diretos, mas adotava uma postura de aliança silenciosa com alunos que exercem atitudes agressivas, como A5 e A4. Em várias situações, A6 evitou interagir com colegas alvos de sarcasmo ou piadas, mantendo-se distante e, muitas vezes, reforçando o isolamento dessas vítimas ao não oferecer apoio ou integrar esses colegas em atividades de grupo.

Esse comportamento de A6 se enquadra no conceito de "violência por omissão", discutido por Esquierro (2011), que destaca como o silêncio e a falta de intervenção em situações de violência podem ser uma forma de conivência, perpetuando o ciclo de exclusão social. Além disso, Pereira (2009) aponta que a exclusão sutil, como evitar interações ou olhar de forma desdenhosa para colegas menos populares, reforça as hierarquias de poder no ambiente escolar, criando uma atmosfera de aceitação da violência simbólica. O comportamento de A6 sugere que, mesmo sem agressão direta, a omissão e o distanciamento contribuem para o ambiente de hostilidade e exclusão entre os alunos.

Nas observações participantes feitas com o aluno A7 em foco, exibiu comportamentos associados à violência verbal, especialmente em interações competitivas. Em atividades esportivas e em grupo, A7 frequentemente criticava o desempenho de colegas de maneira

ríspida, utilizando frases como "Você nunca acerta!" ou "Sempre atrapalha tudo!". Esse tom de crítica constante não apenas desencorajava os colegas, mas também criava uma atmosfera de ansiedade e insegurança entre eles, especialmente nos alunos que eram frequentemente alvos dessas observações.

O comportamento de A7 está de acordo com as análises de Fante (2005), que descreve como críticas verbais repetitivas e desmotivadoras podem se tornar uma forma de violência verbal, afetando a autoconfiança dos colegas e criando um clima de hostilidade. Além disso, segundo Cabral et al. (2020), a repetição de comentários desqualificadores contribui para um ambiente em que a violência verbal é aceita como prática normal e até esperada em situações de competição, o que pode intensificar a pressão social e emocional sobre os alunos alvos. O comportamento de A7 ilustra como atitudes de crítica contínua e menosprezo, embora não envolvam violência física, desempenham um papel importante na dinâmica de exclusão e desvalorização no ambiente escolar.

Em relação às observações com o aluno A8 demonstrou comportamentos alinhados com a violência simbólica e a exclusão social. Em várias ocasiões, A8 usou gestos e olhares de desdém em resposta a comentários de colegas considerados menos populares, além de frequentemente evitar se sentar ou interagir com esses colegas durante atividades de grupo. Essa atitude reforçava o isolamento de alguns alunos e consolidava uma hierarquia de aceitação dentro do grupo.

O comportamento de A8 reflete o que Charlot (2002) chama de "violência simbólica", onde o desprezo e a indiferença são formas sutis de agressão que perpetuam a exclusão sem o uso de violência direta. Além disso, Bowes et al. (2015) apontam que a exclusão social tem um impacto profundo no bem-estar emocional dos indivíduos, uma vez que a rejeição, mesmo sem palavras, reforça a sensação de inferioridade e a marginalização dos alvos. A postura de A8 exemplifica como atitudes aparentemente pequenas, como ignorar ou evitar colegas, contribuem para um ambiente de exclusão e para a manutenção de barreiras sociais dentro do contexto escolar.

O aluno A9 apresentou comportamentos de violência verbal indireta. Em momentos de conversas informais, A9 recorreu a comentários sarcásticos sobre colegas ausentes, frequentemente questionando suas habilidades ou interesses de forma jocosa. Esses comentários, embora sutis, foram reforçados por risadas dos demais, o que incentivava A9 a continuar com as observações depreciativas, estabelecendo uma dinâmica de "exclusão velada" para aqueles que não estavam presentes.

Esse comportamento de A9 é ilustrado no conceito de violência indireta, conforme descrito por Olweus (1993), onde a violência verbal é aplicada sem confronto direto, mas ainda assim contribui para o isolamento e a imagem negativa dos alvos. Segundo Esquierro (2011), o sarcasmo e a difamação sutil criam um ambiente hostil, onde a reputação e a autoestima dos ausentes são minadas pela crítica social velada. A postura de A9 demonstra como a violência pode se manifestar de forma indireta e ainda assim gerar efeitos de exclusão e desvalorização, tornando-se um fator importante no ambiente de violência simbólica entre os alunos.

Já em relação ao aluno A10 apresentou comportamentos de violência verbal e física leve, especialmente em momentos de frustração. Durante atividades competitivas, A10 reagiu com empurrões e expressões ríspidas ao perceber que colegas cometiam erros ou atrasavam o andamento da tarefa, frequentemente usando frases como "Sai da frente, deixa que eu faço!". Esse comportamento não apenas desestabilizava o grupo, mas também intimidava os colegas, que reagiam com silêncio e relutância em contestar a postura de A10.

Esse padrão comportamental de A10 pode ser associado à violência física simbólica, conforme descrito por Abramovay (2005), onde a intimidação física, ainda que leve, é utilizada para estabelecer controle e pressionar o grupo a seguir suas direções. Segundo Bandura (1976), comportamentos agressivos em situações de competição são reforçados em ambientes onde a agressividade é normalizada como resposta às frustrações. Assim, A10 parece usar essas formas de agressão para afirmar sua liderança de forma autoritária, reforçando a hierarquia de poder e desestimulando a colaboração entre os pares.

Nas observações participantes associadas ao aluno A11 manifestou comportamentos de violência verbal, frequentemente utilizando sarcasmo e comentários irônicos para criticar colegas em momentos de atividade em grupo. Em situações onde algum colega cometia um erro, A11 fazia observações como "Nossa, que incrível essa sua habilidade..." com um tom de ironia evidente, o que gerava risos entre os outros e constrangimento no colega criticado. Essas atitudes contribuíam para criar um ambiente de insegurança, desencorajando os colegas de participarem ativamente nas discussões.

O comportamento de A11 está alinhado ao que Charlot (2002) descreve como violência simbólica, onde a ironia e o sarcasmo são usados para menosprezar os outros e reforçar uma hierarquia de poder baseada no controle verbal. Olweus (1993) também aponta que o uso de comentários depreciativos em público, mesmo que sutis, é uma forma de agressão verbal que afeta a autoestima dos alvos e gera um ambiente de exclusão. A postura de A11 ilustra como a violência verbal pode operar de forma disfarçada e ainda assim ter um impacto significativo nas dinâmicas sociais e na confiança dos colegas dentro do ambiente escolar.

O aluno A12 demonstrou comportamentos relacionados à violência passiva e à exclusão social. Durante atividades em grupo, A12 frequentemente ignorava colegas menos populares, mantendo uma postura de indiferença e evitando incluí-los nas discussões ou decisões. Esse comportamento reforçava a exclusão, deixando os colegas em uma posição de isolamento, mesmo sem um ato direto de agressão verbal ou física.

Esse tipo de comportamento é descrito por Esquierro (2011) como uma forma de violência passiva, em que a omissão e a exclusão social agem como meios de agressão silenciosa, dificultando a integração social dos alunos marginalizados. Bowes et al. (2015) ressaltam que a indiferença pode ter efeitos tão prejudiciais quanto a violência direta, pois reforça o isolamento e compromete a autoestima dos alvos. A postura de A12 exemplifica como a violência simbólica pode se manifestar de maneira sutil, mas ainda assim contribuir para um ambiente escolar de exclusão e rejeição.

Nas observações participantes realizadas com o aluno A13 exibiu comportamentos de violência verbal direta, caracterizados por provocações e comentários depreciativos. Em várias ocasiões, A13 dirigiu ofensas a colegas durante atividades competitivas, usando frases como “Você não serve pra nada” ou “Deixa que quem sabe faz”, em um tom desdenhoso. Essas atitudes frequentemente geravam reações de desconforto nos colegas, que se mostravam mais hesitantes em interagir ou se opor às críticas de A13.

O comportamento de A13 reflete o conceito de violência verbal direta, onde a agressão é utilizada para controlar e intimidar. Segundo Fante (2005), insultos e comentários depreciativos são formas de agressão verbal que afetam a autoconfiança dos alvos e contribuem para um ambiente de desmotivação e hostilidade. Cabral et al. (2020) complementam que esse tipo de violência verbal reforça uma hierarquia social, criando barreiras à colaboração e à participação ativa dos alunos, que se sentem inibidos diante de figuras agressivas como A13.

O aluno A14 demonstrou comportamentos de exclusão social indireta. Durante atividades de grupo, A14 evitava incluir certos colegas, especialmente aqueles que tinham menos popularidade, nas discussões e decisões, preferindo direcionar sua atenção e interação para alunos mais bem aceitos pelo grupo. Essa atitude reforçava o isolamento dos colegas excluídos, sem a necessidade de um confronto direto ou de comentários agressivos.

Esse comportamento de A14 exemplifica o que Charlot (2002) define como violência simbólica, onde a exclusão e o silêncio servem como instrumentos de desvalorização e reforçam as hierarquias sociais na escola. Segundo Bowes et al. (2015), a indiferença e o tratamento seletivo de colegas são formas sutis, mas prejudiciais, de violência, que minam o senso de pertencimento e de autoestima dos excluídos. O comportamento de A14 ilustra como a exclusão

social, mesmo sem agressões verbais ou físicas, pode contribuir significativamente para o clima de hostilidade e alienação no ambiente escolar.

Por fim, o aluno A15 demonstrou comportamentos relacionados à violência verbal defensiva. Em várias situações, A15 respondia a provocações de colegas com comentários agressivos ou sarcásticos, como uma tentativa de se defender e de preservar sua posição dentro do grupo. Esses comentários incluíam frases como “Olha quem fala” ou “Você nem sabe do que está falando”, em tom desafiador, o que frequentemente intensificava os conflitos e gerava um clima de tensão nas interações.

O comportamento de A15 se alinha ao conceito de "violência reativa", descrito por Bandura (1977), onde a agressividade é utilizada como resposta defensiva em um ambiente onde o aluno sente a necessidade de se proteger contra possíveis humilhações. Abramovay (2005) observa que a violência defensiva pode surgir como uma forma de autopreservação, especialmente em contextos onde os alunos percebem que a hostilidade é uma estratégia de aceitação social. A postura de A15 ilustra como a violência verbal pode ser tanto uma manifestação agressiva quanto um mecanismo de defesa, exacerbando os conflitos e contribuindo para a perpetuação de um ambiente escolar marcado por rivalidades e confrontos constantes.

Agora, passaremos para o Grupo 2 - Professores (P1 a P5), onde as questões 5 a 8 fundamentam-se no 2º Objetivo Específico: analisar os tipos de violência que acontecem entre os alunos e como se manifestam no ambiente escolar. Este grupo forneceu insights sobre as diferentes formas de violência identificadas entre os alunos, incluindo suas percepções sobre os tipos de agressão observados e o impacto dessas práticas no ambiente escolar. A seguir, as respostas dos professores serão exploradas para entender como eles enxergam e classificam os tipos de violência presentes na dinâmica entre os alunos.

A primeira pergunta realizada que inicia as análises da Categoria 2: **Questão 5 – Quais os tipos de violência escolar mais recorrentes entre os alunos?**

P1: "O mais comum que eu vejo é a violência verbal, com insultos e apelidos. Eles utilizam isso como uma forma de diminuir os colegas constantemente."

P2: "A violência psicológica, como a exclusão de certos alunos dos grupos, acontece o tempo todo. É uma forma silenciosa, mas extremamente prejudicial."

P3: "A violência física, embora menos frequente, também ocorre, principalmente em disputas durante o recreio ou em atividades esportivas, quando a competição fica mais intensa."

P4: "Percebo muito a violência digital também, especialmente pelo uso de redes sociais para fazer comentários negativos ou expor os colegas."

P5: "Acho que a violência relacional, aquela que envolve fofocas e isolamento, é uma das mais recorrentes. Eles criam grupos e excluem quem não se encaixa, o que causa muito sofrimento."

As respostas dos professores destacam a diversidade de formas de violência presentes no ambiente escolar, com ênfase nas violências verbal, psicológica, física, digital e relacional. P1 e P2 ressaltam a prevalência da violência verbal e da exclusão, formas de agressão indireta que afetam o bem-estar emocional dos alunos. Fante (2005) descreve o verbal e psicológico como práticas que envolvem insultos, apelidos e exclusão, que frequentemente deixam marcas psicológicas duradouras nos envolvidos.

P3 e P4 mencionam a violência física e digital, apontando que, embora menos comuns, essas formas são igualmente danosas e ocorrem em momentos de tensão ou por meio de plataformas digitais. Segundo Olweus (1993), a violência física tende a surgir em contextos competitivos, enquanto a violência digital expande o impacto da violência escolar, permitindo que ele ocorra fora dos limites escolares.

Por fim, P5 enfatiza a violência relacional, caracterizada pelo isolamento social e pela propagação de rumores. Esse tipo de violência é amplamente estudado por Abramovay e Rua (2002), que apontam que a exclusão social afeta a autoestima dos alunos e reforça hierarquias de poder entre os grupos. Em síntese, as respostas dos professores revelam um panorama abrangente dos tipos de violência escolar, evidenciando a necessidade de intervenções que abordem tanto as agressões diretas quanto as indiretas para promover um ambiente mais seguro e acolhedor.

A segunda pergunta realizada dentro da Categoria 2: **Questão 6 - Quais os locais de ocorrência da violência na escola?**

P1: "A maior parte dos conflitos acontece no pátio, principalmente durante o intervalo, quando os alunos estão sem supervisão direta."

P2: "Os corredores são locais onde muitas vezes ocorrem empurrões e provocações, aproveitando o movimento entre as aulas."

P3: "A sala de aula, especialmente quando o professor se ausenta, é um espaço onde a violência ocorre, com alguns alunos aproveitando a ausência de autoridade."

P4: "Vejo muita violência na quadra de esportes. Durante as atividades físicas, surgem rivalidades e, às vezes, isso leva a confrontos."

P5: "A violência digital está presente em todo lugar, já que os alunos usam celulares em várias áreas da escola para intimidar ou expor outros."

As respostas dos professores indicam que a violência escolar tende a ocorrer em locais de supervisão limitada, como pátios, corredores e salas de aula desocupadas, além de se expandir para o ambiente digital. O pátio e a sala de aula, mencionados por P1 e P3, são apontados por Fante (2005) como áreas onde, sem monitoramento contínuo, os alunos se sentem à vontade para expressar comportamentos agressivos. A violência no corredor e na quadra de esportes, destacada por P2 e P4, está de acordo com o estudo de Galvão et al. (2010), que associam esses espaços com momentos de competição ou de grande movimentação, propícios ao conflito.

P5 chama atenção para a violência digital, que transcende o espaço físico e pode ocorrer em qualquer área da escola onde os alunos têm acesso a dispositivos móveis. Azeredo et al. (2015) observam que os atos de violência de forma digital é particularmente problemático, pois amplia o impacto da violência para além do ambiente escolar e dificulta a supervisão. Em resumo, a distribuição dos locais de ocorrência da violência escolar mostra a importância de estratégias de supervisão que abranjam tanto os espaços físicos quanto o ambiente digital, para conter as agressões e promover um ambiente seguro.

A terceira pergunta feita para agregar nos entendimentos da Categoria 2: **Questão 7 - Quais formas de violência entre os alunos (física, verbal, psicológica ou virtual) você observa com maior frequência? Poderia descrever como cada uma dessas formas se manifesta na escola?**

P1: "O bullying verbal é o mais frequente, com xingamentos e apelidos pejorativos. Eles usam isso para diminuir os colegas, muitas vezes em frente a outros alunos."

P2: "A violência psicológica também é muito comum, especialmente através da exclusão. Alguns alunos fazem questão de isolar outros, o que afeta muito a autoestima de quem é excluído."

P3: "Vejo menos violência física, mas ela acontece em momentos de conflito, como discussões acaloradas ou disputas na quadra. Geralmente, é mais contida, mas ainda assim presente."

P4: "A violência virtual é bastante frequente, com mensagens ofensivas e exposições de imagens nas redes sociais. Muitos alunos utilizam seus celulares para intimidar colegas mesmo fora do horário de aula."

P5: "A violência relacional também é um problema; comentários maldosos e fofocas criam um ambiente de tensão constante, minando a confiança entre os alunos."

As respostas dos professores indicam que o bullying verbal e psicológico são as formas de violência mais recorrentes, seguidas por incidentes de violência física e virtual. P1 e P2 destacam a prevalência da violência verbal e da violência psicológica, que se manifestam por meio de xingamentos e exclusão, afetando diretamente o bem-estar emocional dos alunos. Essas formas de violência estão em consonância com Fante (2005), que observa que a violência verbal e psicológica são estratégias usadas para humilhar e rebaixar colegas, muitas vezes em público.

P3 e P4 mencionam a violência física e virtual, embora com menor frequência. A violência física ocorre principalmente em momentos de disputa, enquanto a violência virtual acontece por meio de mensagens e redes sociais. Segundo Azeredo et al. (2015), a violência virtual amplia o alcance da agressão, pois ultrapassa o ambiente escolar e pode ocorrer em qualquer momento.

Por fim, P5 aponta a violência relacional, caracterizada por fofocas e isolamento social, que reforça o sentimento de insegurança entre os alunos. Abramovay e Rua (2002) destacam que esse tipo de violência afeta o ambiente escolar ao gerar rivalidades e desconfiança entre os estudantes. Em resumo, os professores observam que todas as formas de violência estão presentes na escola, cada uma com manifestações específicas, impactando de maneiras distintas a dinâmica escolar.

A quarta e última pergunta que encerra as análises da Categoria 2: **Questão 8 - Na sua percepção, a violência entre os alunos é direcionada a grupos específicos, como por exemplo, devido a questões de gênero, raça ou condição socioeconômica? Você poderia compartilhar exemplos de situações em que essas questões parecem influenciar essas dinâmicas?**

P1: "Sim, noto que alunos de condição socioeconômica mais baixa são frequentemente alvos de piadas e comentários pejorativos. Já ouvi insultos sobre o tipo de roupa que usam, por exemplo."

P2: "Percebo que existe discriminação em relação a gênero, especialmente contra meninas que demonstram interesse por esportes tradicionalmente masculinos. Elas são ridicularizadas e excluídas."

P3: "A questão racial também é presente. Alguns alunos fazem comentários depreciativos e estereotipados contra colegas de grupos étnicos minoritários, o que cria um ambiente hostil."

P4: "Vejo que estudantes de famílias mais humildes enfrentam exclusão, principalmente quando não conseguem acompanhar as atividades que exigem recursos financeiros, como passeios ou materiais escolares."

P5: "A pressão social baseada na aparência física é intensa. Alunos que não se encaixam em certos padrões estéticos são constantemente criticados e isolados."

As respostas dos professores indicam que a violência entre os alunos frequentemente é direcionada a grupos específicos, envolvendo questões de condição socioeconômica, gênero, raça e aparência física. P1 e P4 destacam que alunos de menor condição socioeconômica são alvos de discriminação e exclusão, o que está alinhado com as observações de Abramovay (2005), que aponta que a desigualdade social no ambiente escolar pode gerar dinâmicas de violências baseadas em diferenças econômicas.

P2 e P3 enfatizam a discriminação com base em gênero e raça, onde estereótipos e preconceitos afetam a interação entre os alunos. Estudos como os de Charlot (2002) apontam que a escola reflete as tensões sociais mais amplas, e que questões de gênero e raça impactam as relações e promovem conflitos que reproduzem as desigualdades da sociedade. P5 menciona a violência relacionada à aparência física, destacando o impacto das normas estéticas na exclusão de estudantes, reforçando os achados de Fante (2005) sobre como padrões sociais influenciam a violência relacional.

Essas observações mostram que a violência escolar não é apenas um fenômeno individual, mas é influenciada por fatores sociais e culturais, que reproduzem as desigualdades externas no contexto educacional.

A seguir as respostas a serem analisadas serão as do Grupo 3 - Coordenadores (C1 e C2). As questões 5 a 8 fundamentam-se no 2º Objetivo Específico: analisar os tipos de violência que acontecem entre os alunos e como se manifestam no ambiente escolar. Nesta seção, serão exploradas as percepções dos coordenadores sobre as formas de violência observadas na escola, visando identificar como esses comportamentos ocorrem e se desenvolvem no ambiente educacional.

A primeira pergunta realizada que inicia as análises da Categoria 2: **Questão 5 – Você percebe um aumento de algum tipo específico de violência nos últimos anos, como bullying, cyberbullying, ou violência física e/ou psicológica? Se sim, qual deles é mais comum atualmente?**

C1: "Sim, tenho percebido um aumento no cyberbullying. Os alunos estão cada vez mais conectados, e as redes sociais acabam sendo um espaço onde os conflitos escolares se intensificam."

C2: "O bullying psicológico também parece ter aumentado. Há muitos casos de exclusão e comentários negativos, tanto presencialmente quanto nas redes sociais."

C1 menciona o cyberbullying, observando que o ambiente online se tornou uma extensão dos conflitos escolares. Esse fenômeno é discutido por Wachs et al. (2020), que apontam que as redes sociais ampliam o alcance da violência, tornando-o constante e difícil de monitorar, além de aumentar o impacto emocional nos jovens.

C2 destaca o bullying psicológico, que se manifesta em exclusões e comentários prejudiciais. Conforme observado por Azeredo et al. (2015), essa violência afeta profundamente a autoestima e o bem-estar dos alunos, especialmente em um ambiente onde as redes sociais potencializam o alcance das ofensas. Em resumo, os coordenadores percebem um aumento nas formas de violência que não requerem contato físico direto, como o cyberbullying e o bullying psicológico, sugerindo a necessidade de intervenções específicas para mitigar o impacto desses tipos de violência no ambiente escolar.

A segunda pergunta feita dentro da Categoria 2: **Questão 6 - A violência que ocorre na escola é mais comum em momentos específicos? Defina.**

C1: "Sim, observamos que os casos de violência costumam acontecer principalmente durante os intervalos e nos horários de entrada e saída, quando há menos supervisão direta."

C2: "Acredito que os momentos de maior ocorrência são os intervalos e após o término das aulas, quando os alunos estão mais livres e se aglomeram em áreas específicas da escola."

As respostas dos coordenadores destacam que a violência na escola tende a ocorrer em momentos de menor supervisão, como nos intervalos e nos horários de entrada e saída. C1 observa que a ausência de supervisão constante contribui para esses incidentes, o que é corroborado por Olweus (1993), que argumenta que a presença de supervisão é um fator inibidor da violência, enquanto a falta dela facilita comportamentos agressivos entre os alunos.

C2 reforça que a liberdade durante os intervalos e ao final das aulas facilita a concentração de alunos em áreas menos monitoradas, onde as interações podem facilmente se transformar em situações de conflito. Charlot (2002) também enfatiza que a organização e a supervisão dos espaços escolares são fundamentais para reduzir os episódios de violência, uma vez que momentos e locais sem vigilância são propícios para o surgimento de conflitos. Em síntese, o monitoramento adequado nesses horários pode ser uma estratégia eficaz para reduzir a incidência de violência no ambiente escolar.

A terceira pergunta feita para análise da Categoria 2 foi: **Questão 7 - Você observa que a violência escolar é direcionada a certos grupos de alunos? Se sim, quais são esses grupos?**

C1: "Sim, percebo que os alunos mais introvertidos e com poucos amigos são frequentemente alvos de violência, especialmente os que apresentam diferenças no comportamento ou no estilo pessoal."

C2: "Os alunos que se destacam por características como orientação sexual, aparência física ou condições socioeconômicas parecem ser os mais vulneráveis a casos de violência."

As respostas dos coordenadores sugerem que a violência escolar é direcionada, principalmente, a grupos de alunos que apresentam características distintas ou que estão em situação de vulnerabilidade. C1 observa que alunos introvertidos e com poucas conexões sociais frequentemente se tornam alvos de violência escolar, especialmente quando possuem comportamentos ou estilos que os diferenciam. Esse fenômeno é discutido por Fante (2005), que aponta que a diferença percebida pelos colegas, seja em estilo ou comportamento, é um fator relevante para a agressão, pois esses alunos são vistos como "fora do padrão" pelos demais.

C2 menciona características como orientação sexual, aparência e condição socioeconômica como fatores que tornam alguns alunos mais suscetíveis à violência. Segundo Azeredo et al. (2015), alunos que fogem das normas percebidas em seu contexto social, seja por características pessoais ou socioeconômicas, têm mais chances de serem marginalizados e agredidos. Dessa forma, a violência escolar tende a ser seletiva, frequentemente direcionada a indivíduos ou grupos que divergem das expectativas sociais predominantes, indicando a necessidade de promover um ambiente inclusivo e respeitoso para todos os alunos.

A última pergunta realizada que encerra as análises da Categoria 2: **Questão 8 - Há registros de violência entre os alunos que ocorrem fora do ambiente escolar?**

C1: "Sim, já tivemos casos relatados de conflitos que começaram fora da escola, especialmente em redes sociais, e que acabam refletindo no comportamento dos alunos aqui."

C2: "Percebo que, frequentemente, desentendimentos iniciados na comunidade ou em grupos virtuais acabam sendo trazidos para o ambiente escolar, o que intensifica os conflitos."

As respostas dos coordenadores indicam que os conflitos entre alunos muitas vezes têm origem fora da escola, particularmente em redes sociais e ambientes comunitários, e acabam influenciando o clima escolar. C1 observa que interações hostis nas redes sociais acabam sendo transportadas para a escola, refletindo o impacto do ambiente digital na vida cotidiana dos alunos. Esse ponto é apoiado por Wachs et al. (2020), que destacam como o cyberbullying e os conflitos online podem escalar e afetar o comportamento dos alunos no ambiente escolar.

C2 complementa que desentendimentos na comunidade local também repercutem na escola, reforçando a ideia de que o ambiente escolar reflete as dinâmicas sociais da comunidade ao redor. Charlot (2002) observa que as influências do contexto social externo podem agravar a violência dentro das escolas, já que os alunos trazem consigo os conflitos e tensões da vida comunitária. Dessa forma, os registros de violência fora da escola ressaltam a necessidade de uma abordagem integrada entre a escola e a comunidade para mitigar os conflitos e melhorar a convivência no ambiente escolar.

Para finalizar esta categoria, analisaremos as respostas do Grupo 4 - Gestores (G1). As questões 5 a 8 fundamentam-se no 2º Objetivo Específico: analisar os tipos de violência que acontecem entre os alunos e como esses se manifestam no ambiente escolar. Nesta etapa, busca-se compreender, a partir da visão dos gestores, quais são os tipos de violência mais frequentes e como eles se expressam no contexto escolar, considerando as dinâmicas de poder, influência e as possíveis características específicas do ambiente em que esses episódios ocorrem.

A primeira pergunta realizada que dá início às análises da Categoria 2: **Questão 5 – Com base nas observações e relatórios escolares, quais tipos de violência os gestores consideram prioritários para intervenção e por quê?**

G1: "Consideramos a violência verbal e a violência psicológica como prioridades, pois são os tipos mais comuns e, ao mesmo tempo, os mais difíceis de identificar rapidamente. Essas formas de violência têm um impacto silencioso, mas profundo, no bem-estar emocional dos alunos."

O gestor destaca a violência verbal e a violência psicológica como os tipos de violência que mais demandam atenção, dada sua frequência e os danos emocionais duradouros que podem causar. G1 observa que essas formas de violência são mais sutis e, por isso, menos evidentes, o que dificulta uma intervenção rápida. Segundo Fante (2005), a violência psicológica tem efeitos nocivos à autoestima e ao desenvolvimento emocional dos alunos, muitas vezes resultando em um sofrimento prolongado que se manifesta em queda no rendimento e em problemas de relacionamento.

Além disso, Abramovay e Rua (2002) apontam que a violência verbal tende a ser desvalorizada em relação à violência física, mas pode causar danos igualmente sérios, promovendo um ambiente escolar hostil. Com isso, fica evidente a necessidade de estratégias específicas de monitoramento e sensibilização para identificar e combater essas formas de violência silenciosa, visando uma melhoria nas relações interpessoais e na qualidade de vida escolar.

A segunda pergunta realizada dentro da Categoria 2: **Questão 6 - Quais aspectos organizacionais facilitam a ocorrência de violência e como isso influencia a gestão escolar?**

G1: "A falta de supervisão em horários de intervalo e a limitação de espaços para atividades lúdicas acabam favorecendo a ocorrência de conflitos. A gestão enfrenta desafios para monitorar todos os ambientes e garantir que os alunos estejam engajados em atividades que promovam interações positivas."

O gestor destaca que a falta de supervisão adequada durante os intervalos e a escassez de espaços para atividades recreativas contribuem para a ocorrência de violência, criando brechas onde conflitos podem emergir. G1 observa que essas limitações estruturais dificultam a gestão, pois aumentam a complexidade de monitorar as áreas e promover um ambiente seguro. Essa perspectiva é apoiada por Charlot (2002), que afirma que a estrutura física e a organização dos espaços escolares influenciam diretamente as interações sociais dos alunos, podendo estimular ou inibir comportamentos agressivos.

Além disso, a análise de Tavares e Pietrobon (2016) destaca que ambientes escolares que carecem de atividades estruturadas tendem a registrar maiores índices de violência, pois a falta de engajamento positivo permite que os alunos recorram a interações conflituosas. Assim, a organização escolar e a gestão de espaços e horários surgem como aspectos fundamentais na prevenção da violência, indicando a necessidade de estratégias que incluam supervisão adequada e oferta de atividades recreativas.

A terceira pergunta feita para análise da Categoria 2 foi: **Questão 7 - Você identifica que algum tipo específico de violência tem aumentado recentemente? O que poderia estar motivando esse crescimento?**

G1: "Percebemos um aumento na violência virtual, especialmente nas redes sociais. Com o uso cada vez maior de celulares, os alunos têm mais acesso a essas plataformas, o que facilita a disseminação de mensagens ofensivas e rumores."

O gestor aponta um crescimento significativo da violência virtual, impulsionado pelo uso de redes sociais e dispositivos móveis entre os alunos. Esse fenômeno, observado por G1, é consistente com os estudos de Azeredo et al. (2015), que indicam que a popularização das redes digitais aumenta a exposição dos jovens a situações de cyberbullying, que ocorrem fora do alcance direto da supervisão escolar e familiar. Olweus (1993) também ressalta que a violência digital é especialmente nociva devido à sua capacidade de amplificação, onde uma mensagem ofensiva pode atingir rapidamente um grande número de pessoas, prolongando e intensificando o impacto psicológico sobre a vítima. Este contexto reforça a necessidade de

políticas de conscientização digital e programas educativos que abordem o uso seguro e ético das redes sociais no ambiente escolar.

A última pergunta realizada que encerra as análises da Categoria 2: **Questão 8 - De que maneira o perfil dos alunos que se tornam vítimas ou agressores influencia as políticas de gestão escolar para lidar com esses casos?**

G1: "O perfil dos alunos, especialmente aqueles que são mais introvertidos ou que vêm de contextos socioeconômicos difíceis, influencia muito nossas ações. Precisamos adaptar as abordagens de apoio e intervenção de acordo com as necessidades individuais, para que sejam realmente eficazes."

A resposta do gestor revela que a gestão escolar considera os perfis dos alunos ao desenvolver políticas de intervenção, especialmente para atender adequadamente tanto vítimas quanto agressores. Essa observação é respaldada por estudos como o de Abramovay (2005), que destaca que fatores individuais, como características de personalidade e contexto socioeconômico, desempenham um papel importante na vulnerabilidade de alunos a violência. Já Fante (2005) aponta que a compreensão dos perfis dos alunos permite a implementação de políticas mais sensíveis e eficazes, que reconhecem as necessidades específicas dos envolvidos.

Este enfoque direcionado promove um ambiente escolar mais inclusivo e capaz de lidar com a complexidade dos casos de violência de maneira mais assertiva.

Na análise da Categoria 2 – "Tipos de Violência entre Alunos" –, observou-se uma diversidade de manifestações de violência entre os estudantes do 8º ano no CEJCR, abrangendo agressões físicas, verbais, psicológicas, simbólicas e digitais. Os principais achados de cada grupo destacam as formas de violência mais comuns, suas dinâmicas e os fatores que favorecem essas ocorrências.

Grupo 1 – Alunos: A observação participante revelou diferentes tipos de violência, com destaque para as violências verbal e simbólica, como sarcasmo e exclusão social, que os alunos utilizam para reforçar hierarquias e status. Os comportamentos variam desde sarcasmo e humilhações sutis até atitudes de exclusão passiva, como ignorar colegas menos populares. A violência verbal, em especial, foi utilizada como ferramenta de controle e autoafirmação, enquanto a violência simbólica se manifestou em ações silenciosas, como olhares e indiferença, que reforçam a exclusão. Esse padrão reflete a dinâmica de aceitação social e a influência do grupo no comportamento dos estudantes.

Grupo 2 – Professores: Os docentes identificaram as violências verbal e psicológica, como insultos e exclusão, como as mais recorrentes, seguidas pela violência física e digital. As áreas mais afetadas incluem pátios e corredores, onde há menor supervisão, e a violência digital

expande a problemática para o ambiente virtual, dificultando a gestão e intervenção escolar. Os professores percebem que a violência relacional, incluindo fofocas e isolamento social, impacta a autoestima dos alunos e cria um ambiente de desconfiança e insegurança.

Grupo 3 – Coordenadores: A percepção dos coordenadores aponta um aumento no cyberbullying e na agressão psicológica, com destaque para a exclusão social e as ofensas nas redes sociais. Os momentos de intervalo e de entrada e saída são os mais propensos a incidentes de violência. Os coordenadores ressaltaram que os conflitos nas redes sociais se transferem para o ambiente escolar, ampliando o impacto das agressões. A violência é frequentemente direcionada a grupos vulneráveis, como alunos introvertidos, de baixa condição socioeconômica ou que fogem dos padrões sociais predominantes.

Grupo 4 – Gestores: Os gestores enfatizaram a violência verbal e a violência psicológica como prioritários para intervenção devido ao impacto duradouro no bem-estar dos alunos. Identificaram que a falta de supervisão durante os intervalos e a limitação de espaços lúdicos aumentam a probabilidade de conflitos. Além disso, o gestor apontou o aumento da violência virtual, incentivado pelo acesso ampliado às redes sociais. O perfil dos alunos, especialmente aqueles de contextos socioeconômicos difíceis, influencia as políticas de gestão, sugerindo a necessidade de intervenções personalizadas e sensíveis às realidades dos alunos.

RESUMO DA CATEGORIA 2

Nesta categoria foi analisado os tipos de violência ocorridos no colégio, o principal foi o bullying, que envolve agressões físicas ou psicológicas repetidas, intencionais, e direcionadas a um ou mais estudantes que são alvo constante de humilhações ou intimidações. Entre os tipos, tem o físico, que são empurrões, socos, chutes e qualquer outra forma de agressão física; o verbal, que são os insultos, piadas maldosas, ofensas e ameaças constantes. Tem a exclusão intencional de grupos, fofocas, manipulação social.

A agressão física, bastante recorrente no colégio analisado, ocorre quando um aluno usa a força física contra outro aluno de forma violenta, como socos, tapas, chutes ou até mesmo uso de objetos. Brigas no pátio, brigas durante o intervalo ou em áreas de recreio. Já as agressões psicológicas e emocionais, são formas de violência mais sutis ocorridas no colégio, mas igualmente prejudiciais, onde o estudante é atacado em seu psicológico e emocional. Isso pode envolver manipulação, humilhação pública, chantagens emocionais ou outras formas de desgaste psicológico. Exemplo: Comentários depreciativos sobre aparência, inteligência ou habilidades de um estudante, tentando diminuir sua autoestima. Também ocorrem

discriminação e preconceito, que é a violência que ocorre quando um aluno é tratado de forma injusta devido à sua origem, etnia, gênero, orientação sexual, religião, classe social ou qualquer outra característica pessoal.

Além das formas mais evidentes de violência, como o bullying físico e verbal, foi possível identificar outros comportamentos nocivos que contribuem para o agravamento do ambiente escolar, como o cyberbullying. Essa modalidade tem ganhado destaque nos últimos anos com o avanço das tecnologias e o uso massivo das redes sociais pelos estudantes. Ocorre quando as agressões ultrapassam os limites do espaço físico da escola e passam a ser praticadas por meios digitais, através de mensagens ofensivas, exposição de imagens constrangedoras ou disseminação de boatos pela internet. Esse tipo de violência pode ser ainda mais devastador, pois frequentemente ocorre de forma anônima, constante e sem limites de tempo, afetando profundamente a saúde emocional das vítimas.

Outro ponto importante observado foi o silêncio e a omissão de muitas vítimas diante das situações de violência. O medo de represálias, o sentimento de vergonha e a falta de confiança nos canais de denúncia disponíveis na escola fazem com que os alunos sofram calados, o que dificulta o reconhecimento e a intervenção adequada por parte da gestão escolar e da equipe pedagógica. Isso revela a necessidade urgente de criar espaços de escuta ativa, onde os alunos se sintam seguros e acolhidos para relatar casos de violência, bem como capacitar os profissionais da escola para reconhecer os sinais dessas situações e agir com responsabilidade.

Também é importante destacar que a normalização de certas atitudes violentas dentro do ambiente escolar contribui para a sua perpetuação. Expressões como “é só brincadeira” ou “coisa de criança” são frequentemente utilizadas para minimizar ou justificar comportamentos agressivos, o que evidencia uma cultura de tolerância à violência. Essa banalização impede o enfrentamento efetivo do problema e reforça padrões comportamentais prejudiciais à convivência escolar. Por isso, é fundamental que a escola promova um trabalho contínuo de conscientização com toda a comunidade educativa, reforçando valores como respeito, empatia e solidariedade.

A violência nem sempre é óbvia. A maior parte da violência ocorre longe dos olhos dos adultos e a vítima muitas vezes se sente incapaz de relatar o que está acontecendo por causa do medo de represálias. Outros tipos de violência podem ser tão sutis que podem ser descartados como provocações, o que muitas vezes é considerado aceitável. Se a provocação envolve intimidação e resulta em angústia, ela claramente se enquadra na definição de violência.

É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes geralmente não apresentam motivações específicas ou justificáveis.

Significa dizer que, de forma quase natural, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar e amedrontar suas vítimas.

Notou-se que a escola não está imune às manifestações de agressões, já que as intolerâncias às diferenças, os preconceitos e a covardia nas relações interpessoais não estão somente dentro dos muros escolares, constituem todo segmento da sociedade. Entretanto, ela pode se compor como um espaço seguro e saudável de ensino e aprendizagem, onde crianças e adolescentes possam conviver socialmente, provendo relações interpessoais, que são fundamentais para o crescimento dos jovens por meio da aceitação da inclusão e do respeito aos outros. Tudo isso cria um ambiente que possibilita um cenário em que eles aprendam a se conhecer e a desenvolver sua subjetividade e individualidade.

Em resumo, as análises dos quatro grupos revelam que as manifestações de violência escolar no CEJCR são multifacetadas e influenciadas por fatores sociais, econômicos e culturais, além de serem intensificadas pela ausência de supervisão em momentos estratégicos e pela influência das redes sociais. Esse contexto destaca a necessidade de estratégias de supervisão, intervenção personalizada e conscientização digital para mitigar os impactos das diversas formas de violência e promover um ambiente escolar mais seguro e acolhedor.

Complementando essa análise, é importante destacar que a escola tem o papel não apenas de identificar e intervir nos casos de violência, mas também de atuar de forma preventiva, criando uma cultura institucional baseada no respeito e na empatia. A ausência de ações formativas voltadas à convivência saudável contribui para a naturalização de comportamentos violentos, que passam despercebidos ou são minimizados. Investir em práticas pedagógicas que desenvolvam habilidades socioemocionais, como o autocontrole, a escuta ativa e a resolução pacífica de conflitos, é uma das estratégias mais eficazes para reduzir a violência velada e promover a construção de um ambiente escolar mais acolhedor.

Outro aspecto relevante é o fortalecimento das ações coletivas, que envolvam a comunidade escolar como um todo – alunos, professores, gestores, famílias e demais funcionários. A criação de espaços de diálogo, como rodas de conversa e assembleias escolares, permite que os estudantes compartilhem suas experiências, criem vínculos e sintam-se pertencentes à escola. Esses momentos contribuem significativamente para a redução das práticas de exclusão e violência, pois promovem o reconhecimento das diferenças e a valorização da diversidade.

Por fim, vale ressaltar que, mesmo diante de um contexto social marcado por desigualdades e tensões, a escola pode e deve se constituir como um território de resistência e transformação. Para isso, é preciso que os profissionais da educação estejam atentos às

dinâmicas de poder que se manifestam nas relações entre os alunos, e que intervenham com responsabilidade, garantindo o direito de todos a um ambiente seguro, onde seja possível aprender e se desenvolver integralmente. A promoção da cultura de paz e do respeito mútuo deve ser um eixo estruturante das ações escolares, fortalecendo o papel da educação na formação de cidadãos críticos e empáticos.

6.4 Categoria 3 - Impactos da Violência nos Alunos

Esta foi desenvolvida para investigar as consequências da violência escolar nas experiências emocionais, sociais e acadêmicas dos estudantes. O objetivo desta categoria é compreender como as diferentes formas de violência observadas entre os alunos do 8º ano do CEJCR impactam suas atitudes, comportamento e desempenho escolar. Além disso, busca-se explorar como esses impactos variam conforme o tipo de violência sofrida, seja ela física, verbal ou simbólica, e como esses efeitos podem influenciar as interações e o desenvolvimento dos alunos dentro e fora do ambiente escolar.

Esta análise visa responder a questões fundamentais sobre as repercussões da violência escolar, investigando não apenas os efeitos diretos, como ansiedade, isolamento e baixa autoestima, mas também os efeitos indiretos, como a alteração das dinâmicas de grupo e o fortalecimento de comportamentos de autoproteção ou agressividade. Compreender esses impactos é essencial para que a escola possa desenvolver estratégias de intervenção que promovam um ambiente mais seguro e acolhedor, ajudando a minimizar os danos emocionais e sociais que a violência pode causar.

Para iniciar essa análise, o Grupo 1 - Alunos (A1 a A15) será o primeiro a ser colocado em foco. A observação participante realizada com os alunos permite captar, de forma mais próxima, as consequências diretas e indiretas que a violência gera no comportamento e no bem-estar dos estudantes. A partir das experiências individuais e das reações observadas, será possível identificar padrões de impacto, oferecendo uma visão detalhada de como a violência afeta cada aluno e influenciando suas interações e seu desempenho na escola.

As observações participantes sobre o aluno A1 revelaram consequências emocionais e comportamentais associadas ao seu envolvimento em situações de violência verbal e física. A1, que costuma adotar uma postura dominante e agressiva, apresentou sinais de estresse e frustração em momentos de confronto com outros colegas, exibindo uma atitude defensiva e reativa. Esse comportamento sugere que, apesar de exercer controle sobre o grupo, A1 lida internamente com o peso dessa dinâmica de poder, o que impacta sua segurança emocional e contribui para uma postura de hipervigilância e tensão nas interações.

O impacto da violência escolar sobre a saúde emocional de alunos como A1 pode ser compreendido à luz das discussões de Abramovay (2005), que apontam que até mesmo os agressores podem experimentar efeitos psicológicos negativos devido às interações hostis. De acordo com Silva (2015), o ambiente de violência no contexto escolar afeta não apenas as vítimas diretas, mas também aqueles que perpetuam atitudes de agressão, criando um ciclo de insegurança e desgaste emocional. Esse padrão sugere que, embora A1 use a agressão como forma de liderança, ele também é impactado negativamente, evidenciando a complexidade dos efeitos da violência no ambiente escolar.

O aluno A2, que frequentemente recorre a sarcasmo e ironia para desqualificar colegas, demonstrou sinais de isolamento emocional, apesar de sua postura de provocador. Observou-se que, fora dos momentos de interação direta, A2 se mantinha retraído e evitava estabelecer vínculos mais profundos com os colegas, indicando que a agressão verbal pode estar mascarando uma sensação de insegurança ou desconforto social. Esse comportamento sugere que a violência verbal utilizada por A2 como defesa pode resultar em um afastamento emocional e uma dificuldade em formar laços autênticos dentro do grupo.

O impacto da violência simbólica sobre o comportamento de A2 se alinha às análises de Fante (2005), que descreve como a agressão verbal pode afetar tanto os alvos quanto os próprios perpetradores, muitas vezes levando-os a se isolar para manter uma imagem de força. Além disso, Esquierro (2011) destaca que, em muitos casos, alunos que recorrem a sarcasmo e agressão verbal enfrentam dificuldades em lidar com emoções de forma saudável, optando por mecanismos que reforçam o distanciamento e dificultam a construção de relações genuínas. Esse perfil de A2 revela como o uso da violência simbólica também traz impactos psicológicos, gerando um ciclo de solidão e afastamento social.

O aluno A3, que costuma adotar uma postura de apoio silencioso às atitudes agressivas dos colegas mais dominantes, apresentou sinais de ansiedade social e passividade crescente nas interações escolares. A3 demonstrou hesitação em expressar suas próprias opiniões, especialmente quando está ao redor de alunos mais assertivos, sugerindo um impacto psicológico decorrente de sua posição periférica no grupo. Essa postura passiva e de conformidade parece estar ligada ao medo de se tornar alvo de agressões caso se posicione de maneira diferente.

Esse comportamento de A3 reflete o conceito de "violência internalizada", em que a exposição frequente à violência simbólica e à exclusão social leva ao desenvolvimento de uma baixa autoestima e ao aumento da ansiedade, conforme observado por Azeredo et al. (2015). Além disso, Harth et al. (2022) apontam que a posição de apoio indireto ou passivo à violência

pode ser tanto um mecanismo de defesa quanto um reflexo de insegurança, dificultando o desenvolvimento da autoconfiança e das habilidades sociais do aluno. No caso de A3, essa internalização das dinâmicas de exclusão demonstra como a violência afeta também aqueles que não a praticam diretamente, mas que são influenciados pelo ambiente hostil.

Em relação ao aluno A4, que exibe comportamentos de liderança autoritária e frequentemente recorre a críticas desqualificantes para impor suas opiniões, apresentou sinais de sobrecarga emocional e irritabilidade. Observou-se que, em situações onde sua liderança foi contestada ou ignorada, A4 demonstrou frustração e aumento na agressividade, evidenciando uma dificuldade em lidar com situações que não reforçam seu status de controle. Esse padrão indica que o papel de “líder agressivo” traz uma pressão constante sobre A4, exacerbando suas reações emocionais em um ciclo de tensão.

O comportamento de A4 está alinhado às discussões de Galvão et al. (2010), que descrevem como líderes autoritários no ambiente escolar frequentemente experimentam altos níveis de estresse e reatividade emocional ao serem desafiados, uma vez que baseiam sua aceitação social na manutenção do controle sobre os outros. Além disso, Olweus (1993) observa que a perpetuação de comportamentos agressivos pode ser desgastante para o próprio agressor, gerando conflitos internos que dificultam a regulação emocional e aumentam o desgaste psicológico. No caso de A4, esse desgaste revela como a liderança baseada na violência gera impactos não apenas nos alvos, mas também em quem exerce a agressão.

O aluno A5, conhecido por utilizar humor sarcástico para ridicularizar colegas, apresentou sinais de insegurança subjacente, revelada em momentos de interação em que ele não conseguia assumir o papel de “comediante” do grupo. Em situações em que seus comentários não receberam a atenção esperada, A5 demonstrou retraimento e evitou participar de outras atividades, sugerindo que seu comportamento agressivo serve como uma máscara para disfarçar sua necessidade de aceitação social.

Esse padrão está alinhado ao conceito de “humor como defesa”, discutido por Fante (2005), que explica como a agressão verbal mascarado em humor frequentemente é uma estratégia para evitar o próprio isolamento social. Leopoldino et al. (2020) também observam que alunos que recorrem ao sarcasmo como meio de agressão podem estar tentando esconder vulnerabilidades emocionais, utilizando o humor para desviar o foco de suas próprias inseguranças. No caso de A5, a dependência do sarcasmo para manter seu papel no grupo reflete um impacto emocional profundo, onde a violência verbal se torna um mecanismo de defesa contra o medo de rejeição.

As observações feitas com o aluno A6 em foco, que frequentemente assume uma postura de apoio silencioso a colegas mais agressivos, apresentou sinais de apatia e desconexão nas atividades escolares. Durante as observações, notou-se que A6 evitava se envolver diretamente em interações sociais mais intensas e demonstrava pouca iniciativa em expressar suas próprias opiniões ou interesses, especialmente quando estava na presença de alunos dominantes. Esse comportamento sugere que A6 internaliza a dinâmica de exclusão, o que pode estar afetando seu engajamento e motivação escolar.

O impacto emocional observado em A6 pode ser interpretado à luz de Charlot (2002), que destaca que a violência simbólica, mesmo quando não dirigida diretamente, pode levar à perda de autoconfiança e ao distanciamento social. Segundo Harth et al. (2022), alunos que adotam uma postura passiva em ambientes de violência escolar tendem a experimentar sentimentos de desvalorização e baixa autoestima, que se refletem em uma participação reduzida e em um comportamento retraído. No caso de A6, a sua posição de conformidade e apoio indireto à violência dos outros revela o impacto profundo da violência simbólica, gerando uma desconexão que afeta tanto seu desenvolvimento social quanto acadêmico.

O aluno A7, que costuma adotar uma postura crítica e competitiva em atividades coletivas, apresentou sinais de frustração e isolamento emocional, especialmente em momentos em que sua performance ou liderança foi questionada. Observou-se que, em situações de falha ou contrariedade, A7 reagia com irritabilidade, tornando-se reservado e, em alguns casos, afastando-se do grupo. Esse comportamento indica que a necessidade de superioridade de A7 está ligada a uma insegurança que surge em momentos de desafio, afetando suas interações e autopercepção.

Esse padrão está alinhado às discussões de Bandura (1976), que enfatiza que a agressividade competitiva pode mascarar uma necessidade de validação social, levando o indivíduo a reagir defensivamente quando seu status é ameaçado. Além disso, Pereira (2009) aponta que alunos que utilizam a crítica como ferramenta de interação frequentemente experimentam impactos emocionais negativos, como ansiedade e sensação de isolamento, especialmente quando não conseguem manter o controle das situações. No caso de A7, a frustração e o isolamento refletem como a violência verbal, mesmo quando exercida de forma competitiva, afeta o bem-estar emocional e o relacionamento com o grupo.

Já o aluno A8, que frequentemente adota uma postura de indiferença e desprezo em relação a colegas menos populares, apresentou sinais de distanciamento emocional e dificuldade em formar conexões sociais autênticas. Durante as interações, A8 evitava envolver-se mais profundamente em atividades que exigiam colaboração e confiança, mantendo-se

sempre em uma posição de observador crítico, o que limitava sua participação ativa e engajamento com os demais. Esse comportamento sugere que a postura de exclusão adotada por A8 também o impede de construir relacionamentos de apoio e reciprocidade no ambiente escolar.

Esse padrão de comportamento reflete as observações de Olweus (1993), que destaca que a exclusão social e a indiferença contribuem para uma sensação de isolamento que afeta tanto o alvo quanto o perpetrador, criando barreiras de conexão emocional. Esquierro (2011) complementa ao apontar que atitudes de desprezo ou indiferença em um ambiente de violência simbólica podem gerar uma desvalorização interpessoal que impacta a própria capacidade de relacionamento dos envolvidos. No caso de A8, o comportamento de indiferença contribui para uma distância emocional mútua, afetando sua interação e aumentando a barreira para relações de confiança no grupo.

Nas observações participantes com o aluno A9, que costuma fazer comentários sarcásticos sobre colegas ausentes, apresentou sinais de ansiedade e desconforto em situações em que ele próprio poderia se tornar alvo de críticas. Durante as observações, foi notável que A9 se mostrava inquieto e evitava exposições diretas em atividades de grupo, sugerindo que o uso do sarcasmo serve como uma defesa contra o medo de ser excluído ou ridicularizado. Esse comportamento evidencia que, embora A9 utilize a violência verbal de forma indireta, ele também lida com inseguranças que se manifestam em momentos de potencial vulnerabilidade.

Esse padrão de comportamento é discutido por Azeredo et al. (2015), que apontam que a violência de forma indireta, como o sarcasmo, muitas vezes reflete uma tentativa de preservação da própria imagem perante o grupo, ocultando inseguranças subjacentes. Além disso, Silva (2015) afirma que atitudes de agressão verbal podem ser tanto um reflexo de baixa autoestima quanto uma forma de autoproteção, onde o aluno procura evitar ser alvo. No caso de A9, o sarcasmo atua como um mecanismo de defesa que, paradoxalmente, aumenta sua própria ansiedade em contextos de exposição e julgamento.

O aluno A10, que costuma adotar uma postura de agressividade física leve e controle em atividades competitivas, demonstrou sinais de aumento de tensão e dificuldades de autocontrole emocional em momentos de frustração. Durante observações, notou-se que A10 exibia comportamentos de impaciência e irritação quando sentia que seu desempenho ou autoridade eram desafiados, o que frequentemente resultava em atitudes mais impulsivas e uma postura defensiva. Esse padrão sugere que a agressividade de A10 pode ser tanto uma forma de manter seu status quanto um reflexo de sua dificuldade em lidar com frustrações.

Esse comportamento de A10 encontra respaldo nas observações de Fante (2005), que ressalta que a agressão física e a impaciência são frequentemente usadas como ferramentas de controle, mas também indicam uma falta de estratégias saudáveis de regulação emocional. Cabral et al. (2020) complementam que a exposição a contextos de violência e a necessidade de afirmação constante podem intensificar o estresse e limitar o desenvolvimento de habilidades de autocontrole. Assim, para A10, a agressividade reflete não apenas uma tentativa de controle, mas também os impactos emocionais negativos da pressão e da frustração em sua autopercepção e comportamento.

O aluno A11, flagrado por diversas vezes utilizando do sarcasmo e ironia para criticar colegas em atividades de grupo, apresentou indícios de isolamento emocional e baixa empatia. Durante as observações, A11 mostrou-se reservado e evitou envolvimento profundo nas interações, limitando-se a comentários críticos e mantendo uma distância emocional dos demais colegas. Esse comportamento sugere que o uso do sarcasmo atua como uma barreira de defesa, que impede A11 de formar vínculos genuínos e contribui para seu distanciamento social.

Esse padrão de comportamento de A11 está alinhado às análises de Esquierro (2011), que discute como a violência verbal, especialmente o sarcasmo, é frequentemente usada para criar uma "proteção" que limita a vulnerabilidade social, mas acaba resultando em solidão e isolamento. Além disso, Pacheco-Salazar (2018) observa que a crítica constante pode ser um reflexo de insegurança e dificuldade em confiar nos outros, gerando uma postura de retraimento. Para A11, essa dinâmica de defesa acaba gerando impactos emocionais que o afastam do grupo, limitando suas possibilidades de apoio social e interação positiva.

Em relação ao aluno A12, que frequentemente adota uma postura de exclusão passiva, evitando incluir colegas menos populares em atividades de grupo, demonstrou sinais de desconforto e hesitação social. Durante as observações, percebeu-se que A12 mantinha uma postura retraída e evitava interações mais profundas, especialmente em contextos que exigiam colaboração ou exposição pessoal. Esse comportamento sugere que a atitude de exclusão adotada por A12 pode estar associada a uma insegurança interna e a uma dificuldade em criar laços de confiança, resultando em um distanciamento social.

Esse padrão se alinha às discussões de Charlot (2002), que aponta que a exclusão passiva muitas vezes revela uma tentativa de autoproteção, onde o aluno evita se expor para não se tornar vulnerável. Segundo Pereira (2009), essa postura também pode ser reflexo de um ambiente escolar competitivo e excludente, que gera insegurança e impede o desenvolvimento de habilidades sociais mais abertas. No caso de A12, o distanciamento e a exclusão passiva

refletem não apenas um comportamento de defesa, mas também os impactos da violência simbólica no desenvolvimento de relações de apoio e confiança.

O aluno A13, que frequentemente utiliza provocações e comentários depreciativos para desqualificar colegas, apresentou sinais de agressividade latente e dificuldades em lidar com frustrações. Durante as observações, notou-se que A13 demonstrava irritabilidade crescente em situações em que sua posição de “liderança” era desafiada ou quando não obtinha a reação esperada dos colegas. Esse comportamento sugere que a postura provocadora de A13 pode estar vinculada a uma necessidade de afirmação que, quando não satisfeita, resulta em tensão emocional e isolamento.

Esse padrão de comportamento pode ser interpretado à luz de Abramovay (2005), que destaca como a agressividade e a necessidade de controle são, muitas vezes, respostas a inseguranças internas e à busca por reconhecimento social. De acordo com Pereira (2009), alunos que recorrem à violência verbal como forma de liderança frequentemente experimentam sentimento de frustração quando essa dinâmica é desafiada, o que aumenta a agressividade e afeta seu bem-estar emocional. No caso de A13, a necessidade de controle e a intolerância à frustração refletem os impactos emocionais de uma liderança baseada na violência, que gera estresse e limita suas interações positivas com os colegas.

Com o aluno A14 em foco, que frequentemente costuma adotar uma postura de exclusão social indireta ao evitar incluir colegas menos populares, apresentou sinais de conformismo e baixa empatia. Durante as observações, A14 mostrou-se relutante em formar vínculos com colegas fora de seu círculo mais próximo, preferindo manter uma distância emocional e ignorando as tentativas de aproximação de outros alunos. Esse comportamento sugere que A14 internaliza a hierarquia social existente e demonstra pouco interesse em promover um ambiente de inclusão, o que reflete uma tendência ao isolamento emocional.

Esse comportamento de A14 pode ser explicado pela visão de Bourdieu e Passeron (1975), que identificam a exclusão social como uma forma de violência simbólica que reforça a ordem social e distância emocionalmente aqueles que a exercem. Pereira (2009) também apontam que atitudes de exclusão podem ser perpetuadas como uma forma de autoproteção social, onde o aluno evita relacionamentos com colegas menos populares para preservar sua própria posição. No caso de A14, a prática de exclusão reflete tanto uma conformidade com as normas sociais do grupo quanto os impactos negativos dessa dinâmica, que limita sua capacidade de desenvolver empatia e relações interpessoais diversificadas.

Por último, a análise do aluno A15, que frequentemente responde a provocações com comentários defensivos e desafiadores, demonstrou sinais de ansiedade e hipervigilância em

situações de interação social. Durante as observações, A15 mostrou-se tenso e preparado para responder rapidamente a qualquer provocação, adotando uma postura defensiva mesmo em contextos neutros. Esse comportamento sugere que A15 vive em um estado de alerta constante, influenciado pela necessidade de se proteger contra possíveis ataques, o que compromete seu bem-estar emocional e dificulta seu engajamento positivo com o grupo.

O comportamento de A15 é bem explicado por Olweus (1993), que observa que a postura defensiva constante é uma reação comum em vítimas de violência verbal ou simbólica, que desenvolvem um estado de hipervigilância para se proteger. Além disso, Pereira (2009) aponta que o ambiente escolar hostil pode levar à perpetuação de comportamentos reativos, onde o aluno responde com agressividade mesmo em contextos que não o ameaçam diretamente. No caso de A15, essa postura defensiva e ansiosa reflete os impactos emocionais da violência, afetando sua capacidade de relaxar e se integrar de forma saudável ao ambiente escolar.

Agora, passaremos para as análises das respostas das entrevistas abertas, onde o Grupo 2 - Professores (P1 a P5) será analisado. As questões 9 a 12 estão alinhadas com o 3º Objetivo Específico: conhecer os impactos que os diversos tipos de violência causam nos alunos. A seguir, serão exploradas as percepções dos professores sobre os efeitos da violência escolar no bem-estar emocional, social e acadêmico dos alunos, fornecendo uma compreensão mais aprofundada das consequências dessa violência no ambiente escolar.

A primeira pergunta que inicia as análises da Categoria 3: **Questão 9 - Como a violência escolar atrapalha o aprendizado?**

P1: "A violência escolar gera ansiedade nos alunos. Eles ficam com medo de vir para a escola e, por isso, se concentram menos nas aulas."

P2: "Muitos alunos desenvolvem baixa autoestima, o que interfere diretamente em sua participação e desempenho. Eles deixam de acreditar que são capazes."

P3: "Acredito que o ambiente hostil afasta os alunos. Eles acabam faltando às aulas para evitar situações de violência, o que prejudica o rendimento."

P4: "A constante preocupação em se proteger consome a energia mental dos alunos. Eles não conseguem focar no conteúdo porque estão sempre tensos."

P5: "O impacto emocional é profundo. Alunos que sofrem violência tornam-se desmotivados e muitas vezes acabam abandonando os estudos."

As respostas dos professores indicam que a violência escolar compromete significativamente o aprendizado dos alunos, criando barreiras emocionais e psicológicas que afetam sua concentração, autoestima e frequência escolar. P1 e P4 mencionam o impacto da

ansiedade e do estado constante de alerta, que consomem a atenção dos alunos, tornando difícil a assimilação dos conteúdos. Essas observações se alinham com os estudos de Abramovay e Rua (2002), que apontam que o ambiente inseguro e a constante exposição a violência interferem na capacidade dos alunos de se engajarem no aprendizado.

P2 e P3 destacam a baixa autoestima e a evasão escolar como consequências da violência. De acordo com Olweus (1993), a violência escolar impacta profundamente o autoconceito dos alunos, levando-os a duvidarem de suas habilidades e, em muitos casos, a evitarem a escola como estratégia de autoproteção. P5 reforça que o desânimo e a desmotivação gerados pela violência podem levar até mesmo ao abandono escolar, um problema que Abramovay (2005) também identifica como um dos efeitos mais graves da violência escolar.

Em síntese, os professores relatam que a violência escolar compromete o ambiente de aprendizado ao provocar insegurança e desmotivação, fatores que prejudicam tanto o desempenho acadêmico quanto o bem-estar emocional dos alunos.

A segunda pergunta, dando continuidade as análises da Categoria 3: **Questão 10 - Quais as consequências da violência para o agressor e para a vítima?**

P1: "Para a vítima, a violência leva a problemas emocionais, como ansiedade e depressão. Já o agressor tende a desenvolver comportamentos cada vez mais agressivos e dificuldade em respeitar regras."

P2: "As vítimas geralmente ficam retraídas e isoladas, o que afeta suas habilidades sociais. O agressor, por outro lado, pode acabar reforçando seu comportamento agressivo como uma forma de obter poder."

P3: "Vejo que muitos agressores perdem oportunidades de crescimento acadêmico e pessoal, pois estão mais focados em intimidar do que em aprender. As vítimas sofrem muito com a queda de autoestima."

P4: "As vítimas apresentam dificuldades de se engajar no ambiente escolar e muitas vezes acabam abandonando os estudos. Para o agressor, esse comportamento pode ser um prenúncio de comportamentos violentos futuros."

P5: "A violência prejudica o desenvolvimento emocional de ambos. A vítima tende a carregar traumas, e o agressor pode ter dificuldade em estabelecer relacionamentos saudáveis no futuro."

As respostas dos professores refletem as diferentes consequências da violência escolar para vítimas e agressores, abrangendo aspectos emocionais, sociais e acadêmicos. P1 e P5 destacam que as vítimas frequentemente desenvolvem problemas emocionais, como ansiedade e depressão, o que está em consonância com Bowes et al. (2015), que observam que a violência

impacta a saúde mental e o desenvolvimento emocional dos alunos afetados. Além disso, o agressor tende a consolidar comportamentos agressivos e a enfrentar dificuldades em formar relacionamentos saudáveis.

P2 e P4 enfatizam que a violência também afeta o engajamento social e escolar das vítimas, que podem se tornar retraídas e, em alguns casos, abandonar os estudos. Esse efeito é corroborado por Abramovay e Rua (2002), que mencionam que a exclusão e o isolamento são consequências recorrentes para as vítimas, enquanto os agressores podem reforçar padrões de dominação. P3 destaca o impacto na trajetória escolar do agressor, indicando que o foco em intimidação afeta negativamente o desenvolvimento acadêmico e pessoal, um ponto que Charlot (2002) relaciona ao risco de comportamentos violentos futuros.

Em resumo, os professores relatam que a violência escolar traz consequências graves para ambas as partes, prejudicando o bem-estar emocional das vítimas e perpetuando padrões agressivos e antissociais entre os agressores, com implicações para seu desenvolvimento futuro.

A terceira pergunta feita dentro da Categoria 3: **Questão 11 - Como a violência afeta a convivência entre os alunos?**

P1: "A violência cria um ambiente de desconfiança. Muitos alunos evitam se relacionar para não se tornarem alvos."

P2: "Percebo que o medo de sofrer bullying faz com que alguns alunos se isolem, evitando grupos e até mesmo atividades em grupo."

P3: "A violência leva os alunos a formarem grupos fechados, onde sentem que estão seguros. Isso cria divisões e dificulta a integração."

P4: "As relações ficam tensas e competitivas, com muitos alunos adotando uma postura defensiva, sempre prontos para reagir."

P5: "A convivência é marcada pela insegurança. Alunos que já sofreram violência tornam-se menos receptivos e evitam confiar nos colegas."

As respostas dos professores indicam que a violência escolar gera desconfiança e insegurança, prejudicando a convivência saudável entre os alunos. P1 e P5 mencionam que a violência cria um clima de desconfiança e insegurança, onde muitos alunos evitam relacionamentos por medo de serem alvo de agressões. Charlot (2002) ressalta que a convivência em ambientes escolares violentos tende a ser marcada por desconfiança e retraimento, pois os alunos veem os colegas como potenciais ameaças.

P2 e P3 observam que o medo e a necessidade de proteção levam à formação de grupos isolados, o que dificulta a integração e a colaboração. Esse comportamento é consistente com os achados de Abramovay e Rua (2002), que destacam que a violência leva à fragmentação

social entre os estudantes, promovendo a criação de "cliques" que visam segurança mútua, mas restringem a interação com o restante da comunidade escolar.

P4 aponta que o ambiente de convivência se torna tenso e competitivo, com alunos adotando uma postura defensiva, prontos para se proteger ou reagir a possíveis agressões. Esse aspecto é respaldado por Fante (2005), que afirma que a violência escolar transforma a dinâmica social dos alunos, instaurando um ambiente de vigilância e competições constantes, desfavorável para relações de confiança e apoio mútuo. Em suma, a violência interfere na convivência ao promover divisões e limitar a interação saudável entre os alunos, instaurando um clima de medo e retraimento.

A quarta e última pergunta que encerra as análises da Categoria 3: **Questão 12 - Quais outros impactos os diversos tipos de violência podem causar nos alunos?**

P1: "A violência pode gerar traumas emocionais que os alunos carregam para a vida adulta, afetando sua capacidade de se relacionar e confiar nos outros."

P2: "Vejo muitos alunos com dificuldades em se expressar e interagir socialmente, como se estivessem sempre na defensiva."

P3: "A violência escolar causa problemas de saúde, como dores de cabeça e estômago, que são comuns em alunos que sofrem violência constantemente."

P4: "Os alunos afetados pela violência apresentam baixo rendimento escolar. A preocupação com a segurança acaba desviando a atenção dos estudos."

P5: "Muitos alunos desenvolvem comportamentos agressivos como forma de se proteger, criando um ciclo de violência que é difícil de quebrar."

As respostas dos professores indicam que a violência escolar causa uma série de impactos emocionais, sociais e físicos nos alunos. P1 e P2 apontam que as experiências de violência deixam traumas duradouros e prejudicam as habilidades sociais dos alunos, levando-os a ter dificuldades em confiar e interagir. Bowes et al. (2015) observam que a violência na escola pode resultar em problemas emocionais de longo prazo, afetando o desenvolvimento das relações interpessoais.

P3 menciona os sintomas físicos, como dores de cabeça e estômago, que frequentemente acompanham o sofrimento psicológico gerado pela violência escolar. Esses sintomas são consistentes com os achados de Azeredo et al. (2015), que associam a violência a problemas psicossomáticos em alunos.

P4 destaca o impacto da violência no rendimento escolar, uma consequência reforçada por Abramovay e Rua (2002), que indicam que a preocupação constante com a segurança interfere na capacidade de concentração dos alunos, prejudicando seu desempenho acadêmico.

P5 aponta que, em resposta à violência, alguns alunos adotam comportamentos agressivos, perpetuando um ciclo de violência. Segundo Fante (2005), essa reação pode ser vista como um mecanismo de defesa, que, embora busque proteção, contribui para a manutenção da violência no ambiente escolar.

Esses relatos dos professores ilustram que a violência escolar afeta os alunos em múltiplos aspectos, comprometendo seu bem-estar emocional, físico e acadêmico, e contribuindo para um ambiente de insegurança contínua.

Agora, passaremos para o Grupo 3 - Coordenadores (C1 e C2). As questões 9 a 12 estão alinhadas com o 3º Objetivo Específico: conhecer os impactos que os diversos tipos de violência causam nos alunos. Nesta seção, buscaremos entender, a partir das percepções dos coordenadores, como a violência afeta os alunos em diferentes aspectos, incluindo emocional, social e acadêmico, destacando as consequências que esses comportamentos geram no ambiente escolar e no desenvolvimento dos estudantes.

A primeira pergunta realizada que inicia as análises da Categoria 3: **Questão 9 - Quais as consequências da violência para o agressor e para a vítima?**

C1: "Para a vítima, as consequências são graves: ansiedade, baixa autoestima e até mesmo queda no rendimento escolar. Já para o agressor, há um reforço de comportamentos negativos, que podem se estender fora da escola."

C2: "A violência deixa marcas duradouras. As vítimas frequentemente desenvolvem medo e retraimento social, enquanto os agressores podem se sentir fortalecidos, repetindo essas atitudes em outros contextos."

As respostas dos coordenadores indicam que tanto as vítimas quanto os agressores sofrem consequências significativas devido à violência escolar. C1 aponta que as vítimas podem enfrentar problemas emocionais, como ansiedade e baixa autoestima, além de dificuldades acadêmicas. Esse impacto é respaldado por Bowes et al. (2015), que destacam que a violência afeta o bem-estar emocional das vítimas e prejudica seu desempenho escolar.

C2 complementa ao afirmar que a violência causa medo e isolamento nas vítimas, enquanto os agressores, ao se fortalecerem com esses comportamentos, podem repetir esses padrões em outros ambientes. Olweus (1993) também observa que o comportamento agressivo reforça atitudes negativas, criando um ciclo de violência que pode se estender além da escola. Portanto, a violência escolar não apenas prejudica a saúde emocional e social das vítimas, mas também perpetua comportamentos prejudiciais nos agressores, enfatizando a necessidade de intervenções que abordem ambos os lados para romper esse ciclo.

A segunda pergunta dentro das análises da Categoria 3: **Questão 10 - Como a violência afeta a convivência entre os alunos?**

C1: "A violência cria divisões entre os alunos, muitos começam a evitar certos grupos e a se isolar para não se envolver em conflitos."

C2: "Vejo que a convivência fica comprometida; os alunos passam a desconfiar uns dos outros e o ambiente escolar perde a sensação de segurança."

As respostas dos coordenadores destacam que a violência impacta negativamente a convivência entre os alunos, gerando divisões, isolamento e desconfiança. C1 menciona que a violência leva os alunos a evitarem interações, o que está alinhado com Fante (2005), que aponta que o medo do conflito faz com que as vítimas se distanciem socialmente, prejudicando a coesão do grupo escolar.

C2 acrescenta que a violência destrói o clima de segurança, gerando desconfiança entre os alunos. Esse aspecto é reforçado por Crews (2019), que afirma que a presença de violência escolar afeta o senso de comunidade e aumenta a insegurança coletiva. Em síntese, o ambiente escolar passa a ser percebido como hostil, afetando as interações sociais e o bem-estar de todos, tanto agressores quanto vítimas e espectadores, e prejudicando o ambiente de aprendizado.

A terceira pergunta feita dentro da Categoria 3 foi: **Questão 11 - Você nota mudanças no comportamento emocional dos alunos envolvidos em episódios de violência?**

C1: "Sim, alunos que vivenciam violência tendem a ficar mais retraídos, com baixa autoestima e, em alguns casos, apresentam sinais de ansiedade e tristeza."

C2: "Notei que tanto vítimas quanto agressores mostram alterações emocionais; as vítimas ficam mais isoladas e os agressores, muitas vezes, demonstram irritabilidade e agressividade aumentada."

As respostas dos coordenadores indicam que a violência escolar provoca mudanças significativas no comportamento emocional dos alunos envolvidos. C1 observa que as vítimas apresentam retraimento, baixa autoestima e sintomas de ansiedade e tristeza, o que é corroborado por Bowes et al. (2015), que identificam que a violência pode desencadear problemas emocionais duradouros, como depressão e isolamento social.

C2 destaca que tanto as vítimas quanto os agressores apresentam mudanças emocionais distintas, onde as vítimas se isolam e os agressores tendem a mostrar maior agressividade. De acordo com Cabral et al. (2020), a violência escolar não só afeta o bem-estar das vítimas, mas também reforça comportamentos agressivos nos agressores, alimentando um ciclo emocional negativo. Esses padrões destacam a importância de intervenções que abordem o apoio

emocional para ambos os grupos, visando restaurar a saúde emocional e o equilíbrio social no ambiente escolar.

A última pergunta realizada que encerra as análises da Categoria 3: **Questão 12 - Como a violência escolar afeta o relacionamento dos alunos com os professores e outros funcionários da escola?**

C1: "A violência faz com que os alunos passem a ver os professores e funcionários com desconfiança, dificultando o diálogo e a cooperação em sala de aula."

C2: "Muitos alunos que experienciam ou praticam violência tendem a se afastar dos professores, evitando interações, pois acham que serão julgados ou repreendidos."

As respostas dos coordenadores indicam que a violência escolar afeta o relacionamento dos alunos com professores e funcionários, criando uma barreira de desconfiança e afastamento. C1 observa que os alunos desenvolvem desconfiança, dificultando o diálogo e a cooperação, o que é apoiado por Charlot (2002), que sugere que o ambiente de violência prejudica as relações interpessoais e reduz a disposição dos alunos para interagir com figuras de autoridade.

C2 acrescenta que tanto vítimas quanto agressores evitam o contato com os professores por receio de julgamento, uma atitude que reforça o distanciamento e compromete a orientação escolar. De acordo com Esquierro (2011), a falta de confiança entre alunos e professores enfraquece a conexão educacional e dificulta a implementação de intervenções eficazes. Esses resultados destacam a importância de construir um ambiente seguro e de apoio para facilitar o relacionamento entre alunos e funcionários, essencial para uma dinâmica escolar saudável e colaborativa.

Para concluir essa categoria, a seguir seguem as análises feitas sobre do Grupo 4 - Gestores (G1). As questões 9 a 12 estão alinhadas com o 3º Objetivo Específico: conhecer os impactos que os diversos tipos de violência causam nos alunos. Nesta seção, o foco será entender, a partir da perspectiva dos gestores, como a violência afeta o bem-estar, o desempenho e as relações dos alunos, bem como identificar as consequências mais amplas desse fenômeno dentro do ambiente escolar.

A primeira pergunta feita que inicia as análises da Categoria 3: **Questão 9 - Quais impactos a gestão escolar observa no clima organizacional e no desempenho escolar como consequência da violência entre alunos?**

G1: "A violência entre alunos gera um clima de tensão constante, o que afeta tanto o ambiente de aprendizado quanto o desempenho. Os alunos se sentem inseguros, e isso se reflete nas notas e na participação em sala de aula."

A resposta do gestor aponta que o ambiente de tensão causado pela violência impacta negativamente o clima escolar, reduzindo o envolvimento dos alunos nas atividades e prejudicando o rendimento acadêmico. Segundo Abramovay e Rua (2002), a sensação de insegurança gerada por um ambiente violento interfere diretamente na capacidade de concentração e motivação dos alunos, afetando seu desempenho e sua frequência escolar. Esteves (2015) também destaca que o medo e a ansiedade provocados pela violência influenciam o bem-estar emocional dos alunos, gerando uma queda no aproveitamento escolar e prejudicando o desenvolvimento de habilidades sociais no ambiente educacional.

A segunda pergunta dentro da Categoria 3 foi: **Questão 10 - Como o ambiente de violência afeta a motivação dos alunos para participar de atividades extracurriculares e como isso influencia as decisões da gestão sobre a questão?**

G1: "Notamos que a violência desanima os alunos de se envolverem em atividades extracurriculares, especialmente aqueles que já se sentem inseguros. Isso nos leva a priorizar programas de incentivo e criar espaços mais seguros para promover o envolvimento."

A resposta do gestor indica que o clima de violência desmotiva a participação dos alunos em atividades extracurriculares, reduzindo oportunidades de desenvolvimento e socialização fora da sala de aula. Segundo Abramovay (2005), a falta de segurança percebida pelos alunos influencia negativamente seu engajamento em atividades adicionais, privando-os de experiências formativas importantes. Além disso, Fante (2005) argumenta que atividades extracurriculares podem ser um recurso eficaz para integração e redução de conflitos, pois promovem interações positivas e a construção de vínculos. A gestão, portanto, vê a criação de ambientes seguros como uma prioridade para restabelecer a confiança e incentivar o engajamento em atividades extracurriculares.

A terceira pergunta realizada dentro do contexto da Categoria 3: **Questão 11 - De que forma a violência entre alunos afeta a relação da escola com a comunidade externa?**

G1: "A violência entre os alunos afeta a imagem da escola na comunidade. Os pais ficam preocupados e acabam questionando a segurança escolar, o que dificulta nossa relação e a confiança com as famílias."

A resposta do gestor evidencia que os episódios de violência geram preocupações na comunidade, afetando negativamente a percepção da segurança escolar e a confiança dos pais. Segundo Charlot (2002), a violência escolar compromete a imagem da instituição, pois os problemas internos se refletem externamente, alimentando a insegurança e a desconfiança das

famílias. Esse distanciamento entre escola e comunidade dificulta a construção de uma relação colaborativa, essencial para enfrentar os desafios relacionados à violência. Fante (2005) complementa, apontando que uma comunicação aberta e ações preventivas ajudam a fortalecer a parceria entre escola e comunidade, promovendo um ambiente mais seguro e acolhedor para os alunos.

A última pergunta realizada que encerra as análises da Categoria 3: **Questão 12 - Quais comportamentos específicos a gestão identifica como consequência da violência, e como esses comportamentos são tratados nos planos de ação da escola?**

G1: "Observamos comportamentos como isolamento, agressividade e queda no desempenho dos alunos que passam por situações de violência. Nosso plano de ação foca em apoio psicológico e atividades que promovam a integração entre os alunos para minimizar esses efeitos."

A resposta do gestor destaca que o isolamento, a agressividade e o declínio acadêmico são comportamentos observados como consequências diretas da violência entre alunos. Segundo Azeredo et al. (2015), as formas de violência escolar afetam a saúde emocional e social dos alunos, contribuindo para comportamentos de retraimento ou agressividade. Mendes (2011) ressalta a importância de ações preventivas e de apoio psicológico para auxiliar os alunos na superação dessas dificuldades.

Assim, o enfoque em integração e suporte psicológico, conforme adotado pela gestão, é uma abordagem eficaz para reduzir os impactos negativos da violência e fomentar um ambiente de acolhimento e segurança na escola.

Na análise da Categoria 3 – "Impactos da Violência nos Alunos" –, os principais achados refletem os efeitos emocionais, sociais e acadêmicos da violência escolar sobre os estudantes do 8º ano do CEJCR. A violência, seja física, verbal ou simbólica, gera uma série de consequências que afetam a interação, o comportamento e o desempenho dos alunos, como relatado pelos grupos observados: alunos, professores, coordenadores e gestores.

Grupo 1 – Alunos: As observações diretas mostraram que os alunos envolvidos em situações de violência, seja como agressores ou vítimas, demonstraram diferentes impactos emocionais. Alunos como A1 e A4, que exibem comportamentos dominantes e agressivos, manifestaram sinais de estresse e frustração, indicando que o papel de liderança agressiva é emocionalmente desgastante. Outros, como A2 e A5, que recorrem ao sarcasmo e à agressão verbal, também demonstraram isolamento e insegurança, sugerindo que o uso da violência pode mascarar dificuldades emocionais.

Alunos que adotam posturas passivas ou de apoio indireto à violência, como A3 e A6, mostraram sinais de ansiedade e baixa autoestima. A dinâmica de exclusão e conformidade nos grupos intensifica o afastamento social e a falta de confiança, afetando seu desenvolvimento emocional e social.

Grupo 2 – Professores: Os professores ressaltaram que a violência escolar compromete o aprendizado, aumentando a ansiedade e diminuindo a autoestima dos alunos, o que resulta em evasão escolar e baixo rendimento acadêmico. Destacaram que vítimas de violência frequentemente se isolam, enquanto os agressores reforçam comportamentos negativos que impactam sua capacidade de engajamento. O ambiente escolar, assim, se torna um espaço hostil, no qual a convivência é prejudicada pela desconfiança e pela fragmentação dos grupos.

Grupo 3 – Coordenadores: Os coordenadores destacaram que a violência escolar afeta a autoestima e o bem-estar emocional das vítimas, que se tornam retraídas e ansiosas, enquanto os agressores tendem a reforçar comportamentos agressivos, que podem se estender para além do ambiente escolar. Além disso, observaram que a violência promove isolamento e desconfiança entre os alunos, dificultando as interações e afetando o clima de segurança escolar. Em relação aos professores e funcionários, a violência cria uma barreira de desconfiança, tornando o diálogo e a cooperação em sala de aula mais difíceis, o que compromete a qualidade do ambiente educacional.

Grupo 4 – Gestores: Os gestores apontaram que a violência gera um clima de tensão constante na escola, impactando o ambiente de aprendizado e o desempenho dos alunos. Essa insegurança desmotiva a participação em atividades extracurriculares e prejudica a imagem da escola na comunidade, afetando a confiança dos pais na instituição. Como resposta, a gestão enfatiza o apoio psicológico e ações de integração, buscando minimizar os efeitos negativos da violência e fortalecer o engajamento dos alunos.

Os achados dos quatro grupos indicam que a violência escolar impacta todos os aspectos da vida dos alunos, desde a saúde emocional até o desempenho acadêmico e as relações interpessoais. Os efeitos são variados e complexos, abrangendo desde a retração social e a desmotivação até comportamentos agressivos e de autoproteção. Para mitigar esses impactos, o desenvolvimento de estratégias de apoio emocional e promoção de um ambiente seguro é essencial, visando romper o ciclo de violência e promover um ambiente saudável e acolhedor.

RESUMO DA CATEGORIA 3

Nesta categoria, constatou-se que a violência escolar pode gerar uma série de consequências negativas para os alunos, a comunidade escolar e a sociedade como um todo. Essas consequências podem afetar tanto as vítimas quanto os agressores, e o ambiente educacional de maneira geral.

Os resultados mostraram que a violência no colégio, especialmente o bullying, é um problema não só da escola, mas de toda a sociedade devido às graves repercussões psicológicas e emocionais que podem causar aos envolvidos ao longo de suas vidas. O comportamento violento é um problema sério entre crianças e adolescentes em idade escolar; tem efeitos de curto e longo prazo sobre o indivíduo que é intimidado, o indivíduo que intimida, o indivíduo que é intimidado e intimida outros, e o espectador presente durante o evento de violência.

Com base nos resultados analisados observa-se que a violência entre alunos é um fator com impacto direto e multifacetado sobre a dinâmica escolar. A partir da resposta do gestor ficou evidente que a violência gera um clima organizacional de tensão e insegurança, comprometendo o ambiente de aprendizado e refletindo negativamente no desempenho acadêmico. Esse resultado é coerente com a literatura, pois a insegurança interfere na concentração e motivação dos alunos. O ambiente escolar, ao invés de ser um espaço seguro e propício ao desenvolvimento, torna-se um local de preocupação constante, o que influencia negativamente o bem-estar emocional e o desenvolvimento das competências socioemocionais dos estudantes.

No que tange à motivação para atividades extracurriculares, os dados indicaram uma retração na participação dos alunos como consequência da violência percebida no ambiente escolar. A gestão reconhece que esse desânimo compromete oportunidades de crescimento pessoal, o que os leva a priorizar políticas de incentivo e de criação de espaços seguros. Essa percepção é respaldada por Abramovay (2005), que aponta a insegurança como um fator que reduz o envolvimento dos alunos em atividades não obrigatórias. Por outro lado, ficou evidente a importância dessas atividades como ferramentas eficazes de integração e de prevenção à violência, o que justifica o esforço da gestão escolar em incluí-las nos planos de ação.

Os comportamentos mais frequentemente identificados como consequência da violência: isolamento, agressividade e queda no desempenho escolar. Tais comportamentos, segundo a gestão, são tratados por meio de ações de apoio psicológico e de estímulo à integração dos alunos. Intervenções sistemáticas e planejadas que considerem tanto o suporte

emocional quanto a reestruturação do convívio social dentro da escola são essenciais. Esses resultados evidenciam a necessidade de estratégias integradas, envolvendo ações pedagógicas, psicossociais e administrativas que enfrentem a violência de forma contínua e articulada.

A violência escolar pode causar sérios danos emocionais e psicológicos nas vítimas, como ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e baixa autoestima. Essas condições podem afetar o desenvolvimento saudável da criança ou adolescente. Também podem causar dificuldades de aprendizagem, pois alunos que enfrentam violência podem ter dificuldades para se concentrar nas aulas, o que prejudica seu desempenho escolar. O medo e a ansiedade constantes podem tornar o ambiente de aprendizagem inóspito e dificultar o desenvolvimento acadêmico.

Nesse sentido, a violência escolar acarreta consequências graves na aprendizagem escolar e ao desenvolvimento da inteligência da vítima. Compromete a socialização, tanto na infância, quanto na vida adulta, repercutindo também no contexto profissional das vítimas, como também causa danos aos agressores, além de outras desordens psiquiátricas.

Outra consequência vista foi a questão da evasão escolar, bem como para a desmotivação em relação aos estudos, levando essas pessoas a apresentarem dificuldades na aprendizagem, bem como formar uma geração de pessoas psicologicamente desestruturadas, que poderão adotar características antissociais. O mesmo autor afirma ainda que a pessoa que passa por esse tipo de violência viver constante em um estado de tensão e amedrontamento, bem como de estresse. A literatura enfatizou que pessoas que sofrem violência escolar quando crianças, são muito mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adultos.

Além de prejudicar o processo de ensino-aprendizagem, a violência escolar compromete o desenvolvimento emocional e social dos alunos, interferindo diretamente na sua autoestima, motivação e nas relações interpessoais. Vítimas tendem a apresentar comportamentos de retraimento, evasão escolar e dificuldades de concentração, enquanto os agressores, muitas vezes, reproduzem padrões de violência vivenciados em outros contextos sociais, como a família e a comunidade. O ambiente educacional, quando permeado por esses conflitos, deixa de ser um espaço seguro e acolhedor, tornando-se um cenário de medo e insegurança, o que impacta negativamente toda a dinâmica pedagógica.

Ademais, a repercussão da violência na escola extrapola os muros da instituição, afetando a imagem da escola perante os pais e responsáveis e dificultando o estabelecimento de uma relação de confiança entre a comunidade e a gestão escolar. Isso enfraquece a cooperação necessária para o enfrentamento dos problemas e o desenvolvimento de ações coletivas de prevenção. Dessa forma, é fundamental que as escolas implementem políticas pedagógicas e

psicossociais voltadas à promoção da cultura da paz, do diálogo e da empatia, garantindo apoio às vítimas, intervenção junto aos agressores e mediação de conflitos, de modo a restabelecer um clima organizacional saudável e propício ao aprendizado.

6.5 Categoria 4 - Propostas da Escola para Redução da Violência

Esta categoria foi pensada com o intuito de analisar e compreender as estratégias implementadas pela escola para minimizar as manifestações de violência entre os alunos. O objetivo é examinar as políticas, programas e intervenções pedagógicas que visam criar um ambiente escolar mais seguro, promovendo o respeito e a cooperação entre os estudantes. Esta análise busca identificar as práticas já existentes e avaliar sua eficácia, considerando o impacto dessas propostas no cotidiano escolar e a percepção de diferentes grupos sobre sua aplicabilidade e resultados.

Para iniciar essa análise, o Grupo 1 - Alunos (A1 a A15) será o primeiro a ser examinado. A observação participante e os relatos sobre suas percepções possibilitam captar de forma direta as reações e impressões dos próprios alunos sobre as medidas adotadas pela escola. Avaliar as percepções dos alunos permitirá uma análise mais próxima e detalhada do impacto dessas práticas no comportamento e nas interações diárias, além de revelar possíveis lacunas nas abordagens institucionais.

A observação participativa com os alunos A1, A2 e A3 revelou percepções mistas sobre as iniciativas da escola para mitigar comportamentos agressivos. Durante uma atividade em grupo sobre o tema “respeito e convivência”, A1 demonstrou uma postura cética e, em tom crítico, mencionou que essas ações “não mudam nada de verdade” e que “ninguém leva a sério”, refletindo sua dificuldade em enxergar valor nessas intervenções e sua tendência a uma postura de resistência. A2, por sua vez, mostrou-se irônico durante a discussão, utilizando sarcasmo para desmerecer os exemplos positivos de convivência sugeridos pela escola, mantendo seu padrão de comportamento defensivo e distante. A3, ao contrário, permaneceu em silêncio e apenas acompanhou os comentários dos demais, sem demonstrar envolvimento direto, evidenciando sua postura passiva e de apoio velado aos colegas.

Essas reações refletem a dificuldade de engajamento dos alunos em iniciativas antiviolaência, conforme apontado por Esquierro (2011), que destaca a importância de práticas escolares que realmente se conectem à realidade vivida pelos estudantes para que possam surtir efeito. Além disso, o comportamento de A1 e A2 confirma o que Abramovay e Rua (2002) descrevem como uma barreira de resistência presente em alunos que já ocupam uma posição de poder social no grupo, tendendo a rejeitar medidas que buscam igualar e pacificar as interações.

A resposta de A3 evidência como o apoio passivo e a omissão também representam desafios para a eficácia das iniciativas, refletindo a necessidade de estratégias que mobilizem ativamente todos os alunos, inclusive os que optam pela neutralidade.

Já a observação participativa feita com os alunos A14, A5 e A6 trouxe à tona reações distintas em relação às iniciativas escolares para promover a convivência pacífica. Durante uma palestra sobre práticas de respeito e inclusão, A14 manteve-se distante e indiferente, limitando-se a ouvir passivamente e evitando interações com colegas menos populares, o que reflete seu padrão de exclusão indireta e uma postura conformada em relação às normas sociais do grupo. A5, por outro lado, tentou transformar o momento em um espaço de humor, fazendo comentários sarcásticos durante a fala do palestrante, o que gerou risos entre alguns colegas e desvio de atenção, evidenciando sua tendência a usar o sarcasmo como forma de desestabilizar as iniciativas de integração. A6 observou a palestra sem demonstrar engajamento, limitando-se a acompanhar os comentários dos colegas com olhares e sorrisos, o que reforça sua postura passiva e de apoio silencioso às atitudes dos demais.

Esses comportamentos ilustram os desafios que as propostas da escola enfrentam para envolver alunos que já possuem um padrão de exclusão e ironia nas interações. Segundo Barrilari (2007), para que as iniciativas escolares de prevenção à violência sejam efetivas, é essencial que elas consigam captar a atenção e o interesse de todos os alunos, especialmente daqueles que assumem uma postura de resistência ou indiferença. Além disso, o comportamento de A5 alinha-se às observações de Fante (2005), que descreve o uso do sarcasmo como uma forma de resistência que visa subverter os momentos de conscientização. O apoio silencioso de A6 reforça o que Esquierro (2011) chama de "violência por omissão", onde a passividade frente às atitudes de outros alunos contribui para perpetuar um ambiente de exclusão e desvalorização dos esforços da escola.

A amostra de alunos A7, A8 e A9 revelou reações que refletem suas atitudes típicas em relação às dinâmicas de poder e exclusão entre os colegas. Durante uma atividade de grupo proposta para estimular a cooperação e o respeito, A7, que costuma adotar uma postura crítica e competitiva, demonstrou impaciência e irritação quando alguns colegas não acompanharam seu ritmo. Ele frequentemente interrompia os demais e fazia observações críticas, o que desmotivava o grupo e reforçava a tensão, evidenciando sua resistência a atividades que promovam igualdade e cooperação. A8, por sua vez, manteve-se em uma postura de indiferença, limitando sua participação e ignorando colegas menos populares, o que reforçou um ambiente de exclusão social passiva, sem colaborar efetivamente com a proposta de integração. A9, que costuma utilizar sarcasmo para minar a reputação de colegas ausentes,

demonstrou desconforto em situações de colaboração direta, preferindo fazer comentários irônicos para desviar a atenção e evitar envolvimento mais profundo.

Esses comportamentos ilustram os desafios enfrentados pelas iniciativas escolares ao tentar modificar atitudes profundamente enraizadas. De acordo com Oliveira e Gomes (2012), a resistência a atividades cooperativas reflete, muitas vezes, um apego às hierarquias informais de poder que os alunos utilizam para preservar seu status. O comportamento de A7 e sua postura dominante alinham-se com a análise de Galvão et al. (2010), que identificam a competitividade e o controle como barreiras para atividades que buscam a cooperação. Já a indiferença de A8 e o sarcasmo de A9 corroboram o que Azeredo et al. (2015) descrevem como resistência passiva e ironia defensiva, que impedem a efetiva participação e a construção de um ambiente mais inclusivo, dificultando a eficácia das propostas de redução da violência no contexto escolar.

Por fim, a observação participativa envolvendo os alunos A10, A11 e A15 trouxe percepções variadas sobre as atividades de prevenção de violência e promoção de respeito realizadas pela escola. Durante uma dinâmica de grupo que incentivava a expressão de sentimentos e a resolução pacífica de conflitos, A10 demonstrou impaciência e desconforto, frequentemente interrompendo e criticando os comentários dos colegas, o que evidenciou sua dificuldade em lidar com atividades colaborativas e reforçou seu padrão de comportamento impulsivo e de controle. A11, por outro lado, participou de forma irônica, fazendo comentários sarcásticos sobre a utilidade da atividade e provocando risos discretos de outros colegas, o que refletiu seu uso habitual do sarcasmo como defesa para manter distância emocional e evitar envolvimento genuíno. A15 mostrou-se reservado, mas atento, exibindo uma postura de hipervigilância, como se estivesse à espera de possíveis provocações; sua participação foi mínima e marcada por respostas defensivas, evidenciando sua dificuldade em se sentir seguro para se abrir no contexto grupal.

Essas reações ilustram as barreiras internas e emocionais que dificultam o envolvimento genuíno desses alunos nas propostas da escola para reduzir a violência. O comportamento de A10, que busca controlar e desafiar o ambiente, encontra respaldo nas observações de Abramovay (2005), que sugere que atitudes de resistência ativa podem ser fruto de uma visão cética sobre o impacto dessas iniciativas. O sarcasmo de A11 se alinha ao que Koehler (2004) descreve como uma estratégia de distanciamento, onde o aluno evita o envolvimento emocional, utilizando a ironia para se proteger de vulnerabilidades. Por fim, a postura defensiva e hipervigilante de A15 reflete o que Oliveira e Gomes (2012) identificam como uma reação de autoproteção em ambientes onde o aluno sente que precisa estar preparado para eventuais conflitos. Esses comportamentos apontam a necessidade de adaptar as propostas escolares,

considerando as diferentes formas de resistência emocional e as estratégias defensivas adotadas por cada perfil de aluno.

Essas atitudes de resistência e falta de engajamento dos alunos com as propostas da escola para reduzir a violência podem não estar vinculadas diretamente a uma ausência de esforços institucionais, mas sim a fatores relacionados à idade dos estudantes, predominantemente entre 13 e 14 anos. Nessa faixa etária, o desenvolvimento neurológico está em plena transição, caracterizado por intensas mudanças nas áreas do cérebro responsáveis pela tomada de decisão, controle emocional e avaliação de consequências, especialmente no córtex pré-frontal (Casey et al., 2008). Durante essa fase, o córtex pré-frontal ainda não está completamente amadurecido, o que resulta em maior impulsividade e menor capacidade de avaliar riscos e se engajar em atividades com um enfoque colaborativo e preventivo.

Segundo Esquierro (2011), adolescentes tendem a priorizar relacionamentos entre pares e podem demonstrar resistência a intervenções que percebam como imposições externas, especialmente em contextos de autoridade escolar. Além disso, Oliveira e Gomes (2012) apontam que essa fase é marcada pela busca de identidade e pelo desejo de autonomia, o que contribui para que os jovens rejeitem ou questionem práticas que consideram desnecessárias ou que não atendem a suas expectativas imediatas. Portanto, o desinteresse e a resistência observados podem ser compreendidos como respostas típicas de um cérebro em desenvolvimento, que valoriza mais a aceitação social e as dinâmicas de poder entre pares do que a adesão a programas institucionais de convivência pacífica.

Agora, passaremos para o Grupo 2 - Professores (P1 a P5), onde suas respostas serão analisadas e interpretadas. As questões 13 a 16 referem-se ao 4º Objetivo Específico: verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar a violência. A seguir, serão exploradas as percepções dos professores sobre as iniciativas e estratégias implementadas pela escola para reduzir os conflitos e promover um ambiente mais seguro e inclusivo para os alunos.

A primeira pergunta que dá início às análises da Categoria 4: **Questão 13 - Quais ações a escola realiza para minimizar a prática de violência e quais atitudes pedagógicas os professores adotam ao se deparar com a violência em sala de aula?**

P1: "A escola promove palestras sobre bullying e realiza campanhas de conscientização. Em sala de aula, tento conversar diretamente com os alunos envolvidos para entender o que está acontecendo."

P2: "Participamos de treinamentos sobre como lidar com conflitos. Quando vejo alguma situação de violência, busco resolver de forma mediadora, incentivando o diálogo entre os envolvidos."

P3: "A escola tem projetos de inclusão e atividades em grupo que promovem a cooperação. Eu costumo reforçar o respeito e a empatia, destacando os valores de convivência saudável."

P4: "Além das campanhas de conscientização, a direção está sempre aberta para discutir com os pais quando necessário. Em sala, procuro intervir de imediato, evitando que o problema se intensifique."

P5: "Nós incentivamos atividades que promovem a interação e a aceitação das diferenças. Quando noto algo, procuro envolver toda a turma em reflexões sobre respeito e consequências da violência."

As respostas dos professores indicam que a escola adota várias ações para minimizar a violência, como palestras, campanhas de conscientização e atividades de inclusão. P1 e P4 destacam a importância das campanhas e da comunicação com os pais, ressaltando que a conscientização é uma ferramenta fundamental para a prevenção da violência. Segundo Abramovay (2005), a conscientização e a mediação familiar são essenciais para reduzir os conflitos escolares, criando um ambiente de cooperação.

P2 e P5 mencionam a mediação e o incentivo a atividades em grupo, buscando promover o diálogo e a empatia entre os alunos. Charlot (2002) observa que práticas pedagógicas que envolvem mediação e atividades coletivas são eficazes para desenvolver habilidades de convivência e respeito, ajudando a criar um ambiente mais inclusivo e harmonioso.

P3 enfatiza projetos de inclusão e a valorização da empatia e do respeito, abordagens que Fante (2005) também defende como essenciais para combater a violência escolar. Em resumo, as ações pedagógicas adotadas pelos professores mostram um esforço contínuo para promover a convivência pacífica e reduzir a violência, utilizando tanto abordagens preventivas quanto reativas para lidar com conflitos em sala de aula.

A segunda pergunta que compõem as análises da Categoria 4: **Questão 14 - No geral, são realizadas mais ações preventivas ou punitivas na escola?**

P1: "Acredito que as ações preventivas são mais frequentes, com palestras e atividades de conscientização sobre o respeito mútuo."

P2: "A escola foca bastante na prevenção. Realizamos campanhas e atividades educativas, mas, em casos extremos, há medidas disciplinares."

P3: "A maioria das ações é preventiva, como projetos de inclusão e dinâmicas em grupo. A punição é apenas para os casos mais graves."

P4: "Vejo um equilíbrio, mas o enfoque é na prevenção. O objetivo é educar antes de punir, embora existam sanções para certos comportamentos."

P5: "As iniciativas preventivas são prioritárias, pois a escola busca trabalhar com conscientização. No entanto, quando necessário, aplicamos medidas corretivas."

Os professores indicam que a escola prioriza ações preventivas para lidar com a violência, implementando atividades de conscientização e dinâmicas inclusivas. P1, P2, e P5 mencionam a ênfase nas palestras e campanhas educativas, refletindo a visão de Abramovay e Rua (2002), que defendem a prevenção como a estratégia mais eficaz para criar um ambiente escolar seguro e harmonioso. Essas ações visam construir uma cultura de respeito e entendimento entre os alunos, promovendo valores que inibem o surgimento da violência.

P3 e P4 reconhecem que as punições existem, mas apenas como medidas secundárias, em casos mais graves. Essa abordagem é apoiada por Fante (2005), que argumenta que, enquanto as ações punitivas são necessárias para certos comportamentos, as ações preventivas desempenham um papel crucial na educação para a convivência. Em resumo, a escola adota uma postura predominantemente preventiva, com foco em atividades que visam educar e conscientizar os alunos, enquanto as ações punitivas são aplicadas somente quando indispensáveis.

A terceira pergunta feita para dentro do contexto da Categoria 4: **Questão 15 - Quais os temas ajudam a diminuir o preconceito e, conseqüentemente, a violência?**

P1: "Acredito que temas sobre diversidade e respeito às diferenças são fundamentais. Falar sobre isso ajuda os alunos a compreenderem o valor da inclusão."

P2: "Educação emocional é um tema central. Ensinar os alunos a lidar com as próprias emoções reduz a agressividade e melhora as relações."

P3: "A questão da igualdade de gênero também é importante. Promover discussões sobre esse tema reduz preconceitos e incentiva o respeito mútuo."

P4: "Trabalhar a empatia e colocar os alunos no lugar do outro ajuda muito. Quando eles entendem o impacto de seus atos, a violência diminui."

P5: "A conscientização sobre direitos humanos contribui para um ambiente mais tolerante e justo. Essas discussões geram reflexões profundas nos alunos."

Os professores indicam que temas como diversidade, educação emocional, igualdade de gênero, empatia e direitos humanos são eficazes para reduzir preconceitos e, conseqüentemente, a violência escolar. P1 e P3 destacam a importância de discutir diversidade e igualdade de gênero, temas que, segundo Charlot (2002), promovem um ambiente inclusivo e ajudam a desconstruir estereótipos que geram conflitos.

P2 enfatiza a educação emocional, abordando a gestão das próprias emoções como uma forma de reduzir comportamentos agressivos. Essa perspectiva é apoiada por Gondim e Loiola

(2021), que apontam que a educação emocional contribui para a formação de alunos mais conscientes de suas emoções e reações, diminuindo as chances de conflitos.

P4 e P5 ressaltam a empatia e os direitos humanos, enfatizando o desenvolvimento de uma cultura de respeito e compreensão. Segundo Abramovay e Rua (2002), trabalhar esses temas na escola cria um ambiente de convivência mais harmonioso, pois os alunos passam a entender e respeitar as diferenças. Em síntese, ao abordar temas que incentivam o respeito e a compreensão mútua, a escola constrói um ambiente mais tolerante e acolhedor, minimizando os conflitos e promovendo a paz.

A quarta e última pergunta que encerra as análises da Categoria 4: **Questão 16 - Quais são os caminhos para lidar com a violência dentro da escola e o que podemos fazer para solucionar o problema da violência escolar?**

P1: "Acredito que a solução passa por uma parceria mais próxima com as famílias. O envolvimento dos pais é essencial para reforçar valores de respeito e convivência em casa."

P2: "A educação contínua sobre respeito e empatia é fundamental. Precisamos manter o diálogo com os alunos, sempre incentivando a cooperação."

P3: "Precisamos investir mais em projetos de mediação de conflitos. A mediação permite que os alunos compreendam melhor os conflitos e aprendam a resolvê-los pacificamente."

P4: "O apoio psicológico é crucial. Ter profissionais preparados para atender alunos em situações de conflito ajuda a reduzir as tensões e o impacto da violência."

P5: "Fortalecer a formação dos professores em relação à violência escolar é um caminho importante. Quanto mais preparados estivermos, melhor poderemos atuar na prevenção."

As respostas dos professores apontam caminhos variados para enfrentar a violência escolar, como parcerias com as famílias, educação em valores, mediação de conflitos, apoio psicológico e formação continuada de docentes. P1 e P2 ressaltam o papel da colaboração com os pais e a educação em respeito e empatia, alinhando-se ao estudo de Abramovay (2005), que destaca a importância de uma abordagem colaborativa entre escola e família para fortalecer a rede de apoio aos alunos e promover uma cultura de respeito.

P3 menciona a mediação de conflitos como um recurso eficaz para a resolução pacífica de disputas. Segundo Pimenta e Incrocci (2018), a mediação escolar é uma prática fundamental para desenvolver habilidades de comunicação e resolução de conflitos, ajudando a prevenir a violência. P4 destaca a necessidade de apoio psicológico, apontando que o suporte profissional

aos alunos em conflito é vital para reduzir as tensões e oferecer alternativas saudáveis para o enfrentamento de problemas. Esse ponto é corroborado por Gondim e Loiola (2021), que discutem o impacto positivo do apoio psicológico no ambiente escolar.

P5 sugere o fortalecimento da formação dos professores em relação à violência escolar, enfatizando a preparação como um fator chave para a prevenção. De acordo com Abramovay e Rua (2002), capacitar os professores para lidar com a violência contribui para a criação de um ambiente escolar seguro, onde a prevenção é incorporada ao cotidiano.

Em síntese, os caminhos propostos pelos professores buscam criar uma rede de apoio multidisciplinar, promovendo um ambiente seguro e colaborativo para o enfrentamento da violência escolar.

O próximo grupo que será analisado é o Grupo 3 - Coordenadores (C1 e C2). As questões 13 a 16 referem-se ao 4º Objetivo Específico: verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar a violência. Nesta etapa, serão exploradas as percepções dos coordenadores sobre as estratégias implementadas pela escola para lidar com a violência, incluindo ações preventivas, interventivas e pedagógicas, com o objetivo de entender a eficácia e os desafios das abordagens utilizadas para promover um ambiente escolar mais seguro e inclusivo.

A primeira pergunta realizada que começa as análises da Categoria 4: **Questão 13 - Que tipo de proposta educativa a escola desenvolve para melhorar a violência na escola?**

C1: "A escola realiza palestras e workshops com temas sobre respeito e convivência pacífica, envolvendo profissionais de fora para tratar do assunto de forma mais próxima aos alunos."

C2: "Temos programas de mediação de conflitos, onde os próprios alunos, com orientação, participam de atividades para entender a importância do diálogo e da empatia."

As respostas dos coordenadores revelam que a escola adota estratégias educativas que visam promover a conscientização e o diálogo entre os alunos para combater a violência. C1 destaca a realização de palestras e workshops, o que está em linha com Fante (2005), que defende que intervenções educativas ajudam a criar um ambiente de respeito, proporcionando um espaço onde os alunos possam refletir sobre o impacto da violência e desenvolver atitudes de cooperação.

C2 menciona programas de mediação de conflitos, nos quais os alunos participam ativamente, promovendo o entendimento mútuo e a empatia. De acordo com Esquierro (2011), programas de mediação incentivam os alunos a resolverem suas diferenças pacificamente,

construindo habilidades sociais e emocionais que contribuem para um ambiente escolar mais harmonioso. Em resumo, essas propostas educativas refletem um esforço da escola para fortalecer a convivência e reduzir os comportamentos violentos, envolvendo os alunos em práticas que promovem a comunicação e o respeito mútuo.

A segunda pergunta realizada para compreensão da Categoria 4: **Questão 14 - Quais os tipos de punição a escola realizam no combate à violência?**

C1: "A escola adota advertências verbais e escritas, e em casos mais graves, há suspensão. Procuramos sempre conversar com os pais para que acompanhem o processo."

C2: "Além das suspensões, trabalhamos com tarefas de conscientização, onde o aluno é levado a refletir sobre o impacto de suas ações. Tentamos evitar medidas punitivas isoladas e preferimos que a punição tenha um efeito educativo."

As respostas dos coordenadores indicam que a escola utiliza medidas punitivas como advertências e suspensões, acompanhadas de intervenções educativas. C1 destaca a importância de envolver os pais no processo, o que está em sintonia com Abramovay e Rua (2002), que defendem que a colaboração entre a escola e a família é essencial para lidar com comportamentos violentos, pois a responsabilidade é compartilhada.

C2 aponta para a aplicação de tarefas reflexivas, uma estratégia que visa não apenas a punição, mas também o desenvolvimento de consciência nos alunos. De acordo com Charlot (2002), punições que incentivam a reflexão ajudam a transformar o comportamento do aluno, abordando não apenas a correção, mas também a compreensão do impacto das ações. Esse modelo misto de punição e reflexão fortalece a dimensão educativa das medidas disciplinares, buscando evitar a reincidência e promover uma mudança de comportamento efetiva.

A terceira feita dentro da Categoria 4: **Questão 15 - A escola possui algum programa antibullying ou políticas e esforços para prevenção da violência?**

C1: "Sim, temos um programa que promove rodas de conversa e atividades de integração, focando na conscientização sobre a violência e seus impactos. A ideia é criar um espaço seguro para os alunos expressarem suas dificuldades."

C2: "Implementamos políticas de prevenção, como campanhas educativas e palestras regulares, abordando respeito e empatia. Buscamos envolver todos, desde alunos até professores, para uma abordagem coletiva."

As respostas dos coordenadores revelam que a escola possui programas e políticas voltadas para a prevenção da violência, com foco em atividades de conscientização e integração. C1 menciona rodas de conversa e atividades que promovem um ambiente seguro

para os alunos, uma prática que se alinha com as recomendações de Olweus (1993), um dos principais pesquisadores sobre violência nas escolas, que enfatiza a importância de espaços onde os alunos possam compartilhar experiências e construir relações baseadas no respeito.

C2 destaca a realização de campanhas e palestras sobre respeito e empatia, integrando toda a comunidade escolar. Essa abordagem coletiva é reforçada por Abramovay (2005), que aponta que a prevenção eficaz da violência escolar requer o envolvimento de todos os membros da escola para criar uma cultura de paz. Assim, essas iniciativas reforçam um ambiente preventivo e colaborativo, essencial para reduzir a incidência de violência e construir um ambiente mais acolhedor e seguro para todos os alunos.

A última pergunta realizada que encerra as análises da Categoria 4: **Questão 16 - Na sua opinião, o que é preciso para acabar com a violência escolar ou reduzi-la na escola?**

C1: "Acredito que precisamos fortalecer o diálogo e investir em programas contínuos de conscientização, além de envolver mais os pais e a comunidade para que compreendam seu papel nesse processo."

C2: "Para reduzir a violência, é fundamental uma abordagem integrada que inclua apoio psicológico aos alunos e capacitação dos professores para lidar com conflitos de forma eficaz."

As respostas dos coordenadores sugerem que a redução da violência escolar depende de uma abordagem multifacetada. C1 destaca a importância do diálogo e da conscientização, defendendo o envolvimento da comunidade e dos pais, o que é corroborado por Fante (2005), que enfatiza a necessidade de ações coletivas e de parcerias entre escola e família para construir um ambiente de apoio contra a violência.

C2 menciona a necessidade de suporte psicológico para os alunos e capacitação para os professores, visando uma gestão eficaz de conflitos. Segundo Charlot (2002), o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais, tanto em alunos quanto em educadores, é fundamental para a prevenção de comportamentos violentos. Dessa forma, uma abordagem integrada, que inclui conscientização, apoio psicológico e capacitação, mostra-se essencial para criar uma cultura escolar mais pacífica e colaborativa.

Por fim, trazemos as respostas do Grupo 4 - Gestores (G1) para serem analisadas. As questões 13 a 16 referem-se ao 4º Objetivo Específico: verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar a violência. Nesta seção, o foco será compreender as ações, estratégias e políticas implementadas pela gestão escolar com o intuito de reduzir a violência, promovendo um ambiente mais seguro e acolhedor para todos os alunos.

A primeira pergunta realizada que inicia as análises da Categoria 4: **Questão 13 - Quais são as diretrizes e estratégias que a gestão considera essenciais para prevenir a violência escolar e como são implementadas?**

G1: "Nossas diretrizes focam em promover o respeito e a convivência pacífica entre os alunos. Implementamos palestras, workshops sobre empatia e programas de mediação de conflitos. Também incentivamos o diálogo constante com as famílias para reforçar essas práticas em casa."

A resposta do gestor evidencia uma abordagem preventiva e educativa, onde o respeito e a mediação são centrais para reduzir os índices de violência. Segundo Abramovay (2005), iniciativas que promovem o respeito e a empatia no ambiente escolar são fundamentais para criar uma cultura de paz. Fante (2005) destaca que programas de mediação de conflitos e o envolvimento das famílias fortalecem a compreensão das consequências da violência, além de ampliar o suporte para a prevenção tanto na escola quanto em casa. Dessa forma, as estratégias implementadas buscam envolver toda a comunidade escolar, promovendo uma abordagem integrada para a prevenção das várias formas de violência.

A segunda pergunta feita dentro da Categoria 4 foi: **Questão 14 - Como a gestão avalia o sucesso de programas preventivos, como antibullying, e quais ajustes são realizados para aumentar sua eficácia?**

G1: "Avaliamos o sucesso dos programas principalmente através de feedbacks de alunos e professores e observação direta da redução de incidentes. Com base nesses resultados, ajustamos o conteúdo das palestras, intensificamos as atividades de mediação e reforçamos o acompanhamento individual quando necessário."

A gestão utiliza uma abordagem baseada em feedback e observação para medir a eficácia dos programas preventivos, ajustando as intervenções conforme necessário. De acordo com Charlot (2002), a avaliação contínua e os ajustes nos programas são essenciais para garantir que as ações preventivas estejam alinhadas com as necessidades reais dos alunos e da escola. Mendes (2011) também destaca que a adaptação das estratégias, com base em resultados observados, potencializa o impacto de programas antibullying, pois permite uma resposta ágil e contextualizada, aumentando as chances de redução efetiva dos conflitos no ambiente escolar.

A terceira pergunta para elucidar a Categoria 4: **Questão 15 - Quais dificuldades a escola enfrenta na implementação de programas preventivos e de intervenção contra a violência?**

G1: "Enfrentamos desafios como a falta de recursos e o envolvimento limitado das famílias. Além disso, muitos alunos resistem às atividades preventivas, o que dificulta

a efetividade dos programas. Tentamos contornar essas barreiras com parcerias e buscando maior engajamento da comunidade."

As dificuldades apontadas pelo gestor refletem limitações comuns em ações de prevenção à violência escolar. Segundo Abramovay (2002), a falta de recursos e o distanciamento das famílias no contexto escolar dificultam a implementação e o sucesso dos programas preventivos. Para Charlot (2002), a resistência dos alunos também é um desafio que requer estratégias adaptativas, como a busca por parcerias e uma maior interação com a comunidade. Esses ajustes podem ajudar a superar barreiras e promover um ambiente de cooperação, essencial para o sucesso de ações preventivas na escola.

A última pergunta realizada que encerra as análises da Categoria 4: **Questão 16 - De que forma a gestão promove o envolvimento de stakeholders externos, como famílias e a comunidade, para construir uma rede de apoio na redução da violência escolar?**

G1: "Buscamos envolver as famílias através de reuniões e palestras informativas, além de parcerias com órgãos comunitários e ONGs que oferecem suporte psicológico e social. Esse apoio externo complementa nossos esforços internos e fortalece a rede de apoio para lidar com questões de violência."

A gestão destaca a importância de uma rede de apoio que envolve família e comunidade como complemento às ações escolares contra a violência. Segundo Fante (2005), o engajamento de stakeholders externos é essencial para um combate eficaz a violência, pois amplia o alcance das ações preventivas e de intervenção. Além disso, Mendes (2011) reforça que parcerias com a comunidade e apoio de serviços especializados promovem uma abordagem mais abrangente, facilitando a criação de um ambiente escolar seguro e acolhedor. Essa rede de apoio integrada é fundamental para enfrentar as complexas dinâmicas de violência escolar.

Na análise da Categoria 4 – "Propostas da Escola para Redução da Violência" –, os grupos analisados destacam as estratégias e desafios enfrentados pela escola para promover um ambiente mais seguro e acolhedor. As respostas dos alunos, professores, coordenadores e gestores revelam uma combinação de abordagens preventivas, ações pedagógicas e dificuldades no engajamento de todos os envolvidos.

Grupo 1 – Alunos: As observações com os alunos mostraram reações diversas quanto às iniciativas escolares de prevenção à violência. Enquanto alguns, como A1 e A2, demonstraram ceticismo e resistência às atividades de conscientização, outros, como A6 e A9, adotaram uma postura passiva ou irônica, dificultando a efetividade das iniciativas. Esses comportamentos refletem a dificuldade de envolvimento e revelam uma barreira de resistência

emocional e social, sugerindo que as ações da escola precisam estar mais conectadas com a realidade dos alunos para obter maior adesão.

Grupo 2 – Professores: Os professores indicaram que a escola realiza ações predominantemente preventivas, como palestras, campanhas de conscientização e atividades inclusivas. As atitudes pedagógicas incluem a mediação de conflitos, a valorização da empatia e o incentivo ao respeito mútuo. No entanto, a implementação de medidas punitivas ainda é necessária em casos graves. Os professores enfatizam que, embora as ações preventivas sejam eficazes para criar um ambiente mais pacífico, a resistência de alguns alunos e o desafio de engajá-los nas atividades continuam sendo obstáculos para a eficácia total dessas estratégias.

Grupo 3 – Coordenadores: Os coordenadores destacaram as iniciativas educativas e de mediação de conflitos, que promovem a conscientização sobre a violência e incentivam o diálogo. Eles mencionaram também o uso de advertências e medidas reflexivas para abordar comportamentos problemáticos, adotando uma abordagem punitiva apenas em casos extremos. Essa combinação de ações preventivas e disciplinares busca construir uma cultura de respeito e segurança na escola. As limitações incluem a falta de recursos e o envolvimento insuficiente das famílias, que impactam o sucesso e a consistência das iniciativas.

Grupo 4 – Gestores: Os gestores apontaram que a escola adota diretrizes que valorizam o respeito, a convivência pacífica e o diálogo com as famílias, reforçando a importância de uma rede de apoio que inclui parceiros externos, como ONGs e órgãos comunitários. A avaliação contínua dos programas e os ajustes para otimizar a eficácia são destacados como práticas essenciais. No entanto, os gestores enfrentam desafios, como a resistência dos alunos e a necessidade de recursos, que limitam o alcance das iniciativas. A integração de stakeholders externos é vista como um diferencial para promover um ambiente escolar seguro e colaborativo.

Os principais achados sugerem que, embora a escola implemente uma variedade de ações preventivas e educativas para reduzir a violência, a eficácia dessas ações é limitada por barreiras como a resistência dos alunos, a falta de recursos e o envolvimento variável das famílias. Uma abordagem integrada que fortaleça o apoio emocional e psicológico dos alunos e promova uma participação mais ativa de todos os membros da comunidade escolar é vista como essencial para enfrentar as complexas dinâmicas de violência e criar um ambiente escolar mais seguro e inclusivo.

RESUMO DA CATEGORIA 4

O combate à violência escolar exige a implementação de uma abordagem integrada e coordenada entre a escola, a família, a comunidade e os órgãos responsáveis. A escola promove palestras sobre a violência e realiza campanhas de conscientização. Em sala de aula, tento conversar diretamente com os alunos envolvidos para entender o que está acontecendo.

Os participantes disseram que o colégio realiza treinamentos sobre como lidar com conflitos. Os professores ao ver alguma situação de violência, busca resolver de forma mediadora, incentivando o diálogo entre os envolvidos. A escola tem projetos de inclusão e atividades em grupo que promovem a cooperação. Os professores costumam reforçar o respeito e a empatia, destacando os valores de convivência saudável.

Além das campanhas de conscientização, a direção está sempre aberta para discutir com os pais quando necessário. Em sala, procura intervir de imediato, evitando que o problema se intensifique. Eles incentivam atividades que promovem a interação e a aceitação das diferenças e procuram envolver toda a turma em reflexões sobre respeito e consequências da violência escolar. As respostas dos professores indicam que a escola adota várias ações para minimizar a violência, como palestras, campanhas de conscientização e atividades de inclusão.

Complementando essa análise, é importante destacar que, embora as ações mencionadas demonstrem um esforço da escola em enfrentar a violência, a efetividade dessas estratégias depende de sua continuidade, aprofundamento e da criação de uma cultura escolar baseada em valores sólidos de convivência. Atividades pontuais, como palestras e campanhas, são relevantes, mas precisam estar inseridas em um projeto pedagógico mais amplo e permanente, que envolva todos os atores escolares de forma articulada e participativa. Isso inclui, por exemplo, a inserção de temas como empatia, tolerância, diversidade e direitos humanos no currículo formal, reforçando o compromisso com uma educação cidadã.

Além disso, o fortalecimento do vínculo entre escola e família é uma peça-chave para o sucesso das ações de prevenção à violência. A escuta ativa dos pais e responsáveis, o diálogo constante e a construção de uma parceria sólida contribuem para o alinhamento de valores e o enfrentamento conjunto das situações de conflito. Quando a escola se mostra aberta e acolhedora, os pais se sentem mais confiantes em participar ativamente do cotidiano escolar, o que favorece uma rede de apoio mais ampla e eficaz. Nesse contexto, ações intersetoriais envolvendo conselhos tutelares, unidades de saúde e assistentes sociais também se tornam essenciais para atender casos mais complexos e promover o cuidado integral dos estudantes.

É indispensável enfatizar sobre a importância de toda a comunidade escolar estar mobilizada em torno desse assunto. Qualquer estratégia de prevenção à violência na escola pede uma sensibilização, uma mobilização e participação de toda a comunidade escolar, não só dos envolvidos. E não é tão eficaz que as intervenções sejam separadas das dinâmicas gerais da escola, deve-se estar envolvido em diversas atividades. Compreender essa dinâmica aponta os caminhos que o Colégio Estadual José Cândido Rosa precisa buscar para prevenir a violência na escola.

Complementando esse trecho, é fundamental reconhecer que a construção de um ambiente escolar seguro e acolhedor não se limita à atuação de professores ou gestores isoladamente. Ela requer o envolvimento ativo de todos — alunos, famílias, funcionários e comunidade externa — numa rede de corresponsabilidade. Quando a escola adota práticas colaborativas e promove espaços de escuta e diálogo entre esses diferentes atores, cria-se uma cultura institucional pautada na confiança, no respeito mútuo e na resolução pacífica de conflitos. Esse compromisso coletivo fortalece o sentimento de pertencimento e reduz os índices de violência, ao mesmo tempo que favorece o desenvolvimento socioemocional dos estudantes.

Além disso, integrar a prevenção da violência às rotinas e práticas pedagógicas cotidianas é o que torna as ações verdadeiramente efetivas. Programas de convivência, projetos interdisciplinares, assembleias escolares e atividades culturais, quando bem estruturados, permitem que os valores de respeito, empatia e solidariedade deixem de ser apenas discursos pontuais e passem a fazer parte do dia a dia escolar. Para o Colégio Estadual José Cândido Rosa, compreender essas dinâmicas e investir em ações contínuas, com o apoio da comunidade, é um passo essencial para transformar a escola em um espaço que não apenas combate a violência, mas promove ativamente a cultura de paz.

CONCLUSÃO

A conclusão desta dissertação reflete sobre o alcance dos objetivos estabelecidos e os achados principais que contribuíram para uma compreensão mais aprofundada do fenômeno da violência escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa (CEJCR), GO/Brasil. Com base nas análises qualitativas dos dados coletados e nos referenciais teóricos discutidos, pode-se afirmar que os objetivos gerais e específicos da pesquisa foram plenamente atendidos, fornecendo uma visão crítica e contextualizada sobre as diversas formas de violência escolar e os fatores associados.

O objetivo geral, que buscava compreender as formas de manifestação da violência e os fatores que contribuem para o comportamento agressivo entre os alunos do 8º ano do CEJCR, foi realizado por meio da coleta de dados de entrevistas abertas e observações participativas. Através desses métodos, identificaram-se os tipos de violência presentes, tais como a violência física, verbal, psicológica e patrimonial, conforme estruturado nas categorias de análise, o que permitiu mapear as dinâmicas sociais e o papel de influências familiares, sociais e escolares na perpetuação desses comportamentos.

Foi visto que a violência também pode ter fatores sociais e familiares, a falta de apoio emocional e a violência dentro de casa podem refletir no comportamento das crianças e adolescentes nas escolas. Nesse sentido, percebeu-se que a violência escolar é um fenômeno multifacetado que pode se manifestar de várias maneiras e é impulsionada por uma série de fatores, tanto individuais quanto coletivos. Combater a violência escolar exige um entendimento profundo desses fatores e a implementação de estratégias que envolvam a escola, a família e a sociedade. Prevenir e reduzir a violência escolar depende de um esforço contínuo para promover ambientes de respeito, empatia e resolução pacífica de conflitos, além de oferecer suporte psicológico adequado e políticas de intervenção eficazes.

O objetivo específico 1 foi: **Descrever os motivos que causam a violência entre os alunos do 8º ano.** foi possível descrever as causas subjacentes aos comportamentos violentos, destacando fatores como conflitos interpessoais, influências familiares, falta de intervenção adequada e a normalização da violência como resposta socialmente aceitável entre pares. No que diz respeito ao segundo objetivo, foram analisados os tipos específicos de violência observados no ambiente escolar, revelando que a violência física verbal são frequentemente minimizados ou não são enfrentados de maneira eficaz.

O objetivo específico 2 foi: **Analisar quais os tipos de violência que ocorrem entre os alunos do 8º ano.** Constatou-se que os tipos de violência mais praticados no Colégio

Cândido Rosa é o verbal/psicológica, seguido por violência física, comprovado principalmente pela entrevista com os professores.

O objetivo específico 3 foi: **Conhecer os impactos que os diversos tipos de violência podem causar nos alunos.** Com este objetivo constatou-se que a violência no ambiente escolar ou fora dele pode gerar impactos profundos no desenvolvimento emocional, social e acadêmico dos alunos. Os efeitos podem variar de acordo com a intensidade, a frequência e o tipo de violência sofrida. Logo, os principais impactos constatados foram lesões físicas, medo, ansiedade, baixa autoestima, queda no rendimento escolar e evasão.

O objetivo específico 4 foi: **Verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar a violência entre alunos.** Os resultados mostraram que a escola realiza iniciativas educativas e de mediação de conflitos, buscando promover a conscientização sobre a violência escolar e incentivar o diálogo. Também fazem uso de advertências e medidas reflexivas, valorizam o respeito, a convivência pacífica e o diálogo com as famílias, reforçando a importância de uma rede de apoio que inclui parceiros externos, como ONGs e órgãos comunitários. Por fim, foi evidenciada a necessidade de uma abordagem preventiva mais ativa e inclusiva, incluindo políticas antibullying e programas de conscientização.

A pesquisa confirma a importância de estratégias educacionais e políticas preventivas que envolvam toda a comunidade escolar, apontando para a necessidade de práticas que promovam um ambiente mais acolhedor e seguro. Assim, a dissertação não só atendeu aos seus objetivos, como também contribuiu para uma maior compreensão sobre a relevância da intervenção educativa e da mediação de conflitos como práticas fundamentais para a criação de uma cultura de paz nas escolas.

As principais conclusões da sessão de análise de dados destacam diversos aspectos críticos que influenciam a manifestação e perpetuação do comportamento agressivo entre os alunos do 8º ano do CEJCR.

Observou-se que a violência entre os alunos envolve uma teia complexa de relações de poder e aprendizado social. A pesquisa constatou que comportamentos agressivos são frequentemente internalizados e repetidos por meio da observação de pares e de modelos de comportamento no ambiente escolar. Isso sugere que a agressividade é, em parte, uma resposta defensiva aprendida e reforçada no contexto social da escola.

As interações observadas indicaram que a violência simbólica e a agressão verbal, como sarcasmo e exclusão social, são comuns e frequentemente aceitas pelos alunos como parte do convívio. Esses comportamentos foram identificados como formas de reforçar estereótipos e

exclusões, prejudicando o bem-estar emocional dos alunos. A falta de intervenções eficazes pela equipe escolar contribui para a normalização dessas práticas agressivas.

Alunos que são alvos constantes de agressão demonstraram posturas retraídas, evitando o confronto e apresentando sinais de desconforto emocional. Esse comportamento revela o impacto psicológico da exposição continuada à violência, o que reforça a necessidade de intervenções que promovam um ambiente mais seguro e acolhedor.

A pergunta problema deste estudo foi: **Quais as formas e os fatores associados a violência entre os alunos do 8º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa?** Os resultados mostraram que a violência entre os alunos é um problema significativo nas escolas e pode se manifestar de diversas formas. Ela não ocorre apenas de maneira física, mas também em dimensões psicológicas, emocionais e sociais. Além disso, a violência escolar é influenciada por uma série de fatores individuais, familiares, sociais e escolares.

A análise evidenciou que as iniciativas antiviolência existentes na escola são percebidas com ceticismo pelos alunos, refletindo uma desconexão entre as propostas institucionais e a realidade vivenciada por eles. O envolvimento da comunidade e dos pais é essencial para o sucesso de tais intervenções, que devem ser reforçadas por ações que realmente mobilizem os estudantes e promovam a paz e o respeito mútuo no ambiente escolar.

Essas conclusões sugerem a necessidade de práticas mais inclusivas e conectadas à realidade dos alunos para que as ações antiviolência sejam eficazes, apontando para a importância de um ambiente escolar que valorize o respeito e a convivência pacífica como base para um convívio saudável.

SUGESTÕES

Para a sessão de sugestões, recomenda-se um conjunto de estratégias que visam a mitigação da violência escolar e a promoção de um ambiente mais seguro e acolhedor para toda a comunidade do Colégio Estadual José Cândido Rosa (CEJCR). A seguir, são apresentadas ações voltadas para a redução dos comportamentos agressivos, a melhoria das relações interpessoais e o fortalecimento de políticas institucionais de prevenção à violência.

1) Fortalecimento de Programas de Conscientização sobre a Violência

É essencial que a escola invista em programas regulares de conscientização sobre a violência escolar, abordando desde as suas formas mais evidentes até as mais sutis, como a violência simbólica e o verbal. Palestras, oficinas e rodas de conversa devem ser implementadas com a participação de especialistas, permitindo que os alunos compreendam os impactos negativos do comportamento agressivo e desenvolvam

empatia e respeito pelos colegas. A utilização de metodologias participativas pode tornar essas atividades mais envolventes, favorecendo uma abordagem preventiva e educativa para a construção de uma cultura de paz.

2) Integração de Atividades Educativas de Mediação de Conflitos

A implementação de programas de mediação de conflitos entre pares pode ajudar a reduzir a violência no ambiente escolar. Esses programas, que podem ser coordenados por alunos treinados como mediadores, visam facilitar o diálogo e resolver os conflitos antes que se agravem. Tais atividades contribuem para que os alunos desenvolvam habilidades de comunicação, cooperação e respeito mútuo, promovendo uma convivência harmoniosa.

3) Envolvimento Ativo de Pais e Responsáveis

O envolvimento dos pais e responsáveis é fundamental para a eficácia de qualquer iniciativa de prevenção à violência. Sugere-se a realização de encontros periódicos com as famílias para discutir os desafios da violência escolar, compartilhar estratégias de enfrentamento e incentivar uma participação ativa na educação dos filhos. Programas que abordem o papel da família no desenvolvimento de atitudes respeitadas e não-violentas podem fortalecer o elo entre a escola e a comunidade, criando uma rede de apoio essencial para o desenvolvimento integral dos alunos.

4) Capacitação Contínua dos Educadores

É importante que os professores e demais profissionais da escola estejam preparados para lidar com situações de violência e atuar como mediadores no ambiente escolar. Para isso, recomenda-se a capacitação contínua dos educadores em técnicas de gerenciamento de conflitos, identificação de comportamentos agressivos e práticas pedagógicas que favoreçam um ambiente acolhedor. Com uma formação adequada, os educadores estarão mais habilitados a identificar e intervir em situações de risco, contribuindo para a criação de uma atmosfera mais pacífica e segura.

5) Criação de Espaços de Acolhimento e Apoio Psicológico

A instituição deve disponibilizar um espaço de acolhimento e apoio psicológico onde os alunos possam buscar orientação e suporte emocional. Esses espaços são especialmente importantes para vítimas de violência e para aqueles que enfrentam dificuldades pessoais que podem influenciar no comportamento escolar. O apoio psicológico, oferecido por profissionais capacitados, ajuda na construção da resiliência e na promoção da saúde mental, fatores essenciais para o bem-estar e o sucesso acadêmico dos estudantes.

6) Políticas de Tolerância Zero para Atos de Violência

Por fim, sugere-se a criação de uma política de tolerância zero contra a violência escolar, com a definição de diretrizes claras para lidar com agressões físicas e outros comportamentos nocivos. Essas políticas devem ser amplamente divulgadas e implementadas com rigor, mas também com transparência e justiça. A escola deve adotar uma postura proativa, mostrando-se comprometida com a segurança e o respeito no ambiente educacional, e oferecendo suporte tanto para os agressores quanto para as vítimas, visando sua reeducação e reabilitação.

As sugestões propostas buscam criar uma abordagem holística e integrada para a prevenção da violência escolar, abordando diferentes aspectos que envolvem a comunidade escolar. Com a adoção dessas estratégias, o Colégio Estadual José Cândido Rosa poderá promover um ambiente mais seguro e propício ao desenvolvimento pessoal e acadêmico dos alunos, construindo uma cultura de respeito e convivência pacífica que impacte positivamente a vida de todos os envolvidos na instituição.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, M; Rua, M. G. (2002). *Violência nas Escolas*. UNESCO.
- Abramovay, M. (2005). Violencia en las escuelas: un gran desafio. *Rev Iberoamericana Educ.* v. 38, pp. 53-66.
- Akanni, O. O.; Olashore, A. A.; Osasona, S. O.; Uwadiae, E. (2022). Predictors of bullying reported by perpetrators in a sample of senior school students in Benin City. *S Afr J Psychiatr.* v. 26; p. 1359.
- Akiba M, LeTendre; G. K, Baker D. P, Goesling B. (2002). Student victimization: national and school system effects on school violence in 37 nations. *Am Educ Res J.* v. 39: 829-53.
- Azeredo, C. M., Levy; R. B., Araya, R. & Menezes, O. S. (2015). Individual and contextual factors associated with verbal bullying among Brazilian adolescents. *BMC Pediatrics*, 15(1), 1-11.
- Bandura, A. (1976). *Social Learning Theory*. Pearson.
- Bardin, L. (2015). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barrilari, A. M. M. (2007). *A Violência da Escola: uma produção social legitimada*. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, SP.
- Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1981). *Qualitative research for education: An introduction to theory and methods*. Longman Higher Education.
- Bourdieu, P; Passeron, J. C. (1975). *A reprodução: elementos para uma teoria do ensino*. Francisco Alves, pp. 15-75.
- Bowes, L.; Joinson, C. J.; Wolke, D. & Lewis, G. (2015). Peer victimisation during adolescence and its impact on depression in early adulthood: prospective cohort study in the United Kingdom. *BMJ*, 350, Article h2469.
- Brasil. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394/96*. Ministério da Educação.
- Brasil. (2015). *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência*.
- Brino, R. F.; William; S, L. C. A. (2003). Concepções Da Professora Acerca Do Abuso Sexual Infantil. *Cadernos Pesquisa*, n. 119, pp. 113-128.
- Bronfenbrenner, U. (2004). *A ecologia do desenvolvimento humano*. Artmed.

- Cabral, J. C. C.; Corrêa, M. A.; Neves, V. T.; Garcia-Dias, A. C. & Almeida, R. M. M. (2020). Do otimismo à agressão: cognições positivas preveem comportamento violento em homens. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 38(1), 203–217.
- Campoy, A. (2019). *Metodología de la Investigación Científica. Manual para elaboración de Tesis y trabajos de Investigación*. Marben.
- Casey, B. J.; Getz, S., & Galvan, A. (2008). The adolescent brain. *Developmental Review*, 28(1), 62-77. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2007.08.003>.
- Charlot, B. (2002). A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, v. ano 4, n. jul-dez, p. 432-442.
- Charlot, B. (2005). *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje* (S. Loguercio, Trad.). Penso.
- Chen, J. K.; Astor, R. A. (2010). School violence in Taiwan: examining how Western risk factors predict school violence in an Asian culture. *J Interpers Violence*. v. 25: 1388-410.
- Colombier, C; Mangel, Gilbert; P. Marguerite. (1989). *A violência na escola*. Ed.Summus.
- Creswell, J. W. & Creswell, J. D. (2022). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (6ª ed.). Sage Publications, Inc.
- Crews, G. A. (2019). *Handbook of Research on School Violence in American K-12 Education*. Hershey: IGI Global. (Recurso eletrônico).
- Del Prette, Z. A. P.; & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Vozes.
- Diniz, Y. (2020). *Conheça os desafios da inclusão escolar no cotidiano da escola regular*. Artigo. Gestão da Escola.
- Esquierro, L. M. C. (2011). *Violência na escola: o sistema de proteção escolar do governo do Estado de São Paulo e o professor mediador escolar e comunitário*. Americana (SP): Centro Universitário Salesiano de São Paulo.
- Esteves, M. R. (2015). *Violência no contexto escolar sob a óptica de alunos do ensino médio*. 2015. 102 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
- Faleiros, E. T. S., Campos, J. O. (2000). *Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e de adolescentes*. Unicef.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz*. Ed. Verus, 2ª edição.

- Figueiredo, R. V. (2010). *Políticas de inclusão: escola gestão da aprendizagem na diversidade*. In: Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores. DP&A.
- Flick, U. (2012). *Introdução a metodologia de pesquisa: Um guia para iniciantes* (M. Lopes, Trad.). Penso.
- Galvão, A. e Gomes, C. A. & Capanema C, Caliman G, Câmara J. (2010). Violências escolares: implicações para a gestão e o currículo. *Ensaio: Aval Pol Públ Educ*. v. 18, p. 425-42.
- Gil, A. C. (2014). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (7ª ed.). Atlas.
- Gonçalves, C. D. B. (2018). *Educação inclusiva: uma análise dos desafios enfrentados pelos professores da rede municipal de São José de Piranhas-PB*. Artigo. Universidade Federal da Paraíba. 65 p.
- Gondim, S. & Loiola, E. (Eds). (2021). *Emoções, aprendizagem e comportamento social: Conhecendo para melhor educar nos contextos escolares e de trabalho* (2ª ed.). Artesã Editora.
- Grossi, P. K., & Santos, A. M. (2012). Bullying in Brazilian schools and restorative practices. *Canadian Journal of Education*, 35(1), 120-136.
- Gupta, S. (2023). How to Identify and Prevent School Violence. *Medically Reviewed*.
- Harth, R. F., Martins, L. M. D. G., Yunes, M. A. M. & Lima, R. F. F. (2022). Prevalência de bullying no contexto escolar: um estudo com escolares em um município do Rio de Janeiro. *Research, Society and Development*, 11(7), e1511729516.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2022). *Censo Demográfico 2022: População e Indicadores Socioeconômicos*. IBGE.
- Koehler, S. M. F. (2004). *Violência psicológica: Um estudo do fenômeno na relação professor - aluno*. v. 1. Disponível em: <http://www.cesdombosco.com/revista/congresso/36sonia%2520ferreira%2520koehler.doc+sonia+koehler+violência+psicol> > Acesso em 8 de junho de 2024.
- Korean - Ministry of Education. (2015). *The results of the 2nd survey on school violence in 2015*.
- Leopoldino, E. R.; Santos, L. A. M.; Caminha, I. Educação e fenomenologia: a percepção de adolescentes acerca do bullying na escola. *Rev. Tempos Espaços Educ*. v. 13, n. 32, e-14087, jan./dez. 2020.
- Limber, S., Breivik, K., & Smith, P. K. (2021). Dan Olweus (1931-2020). *International Journal of Bullying Prevention*.
- Lüdke, M., & André, M. E. D. A. (2022). *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas* (2ª ed.). E.P.U.

- Man, X.; Liu, J.; Xue, Z. (2022). Effects of Bullying Forms on Adolescent Mental Health and Protective Factors: A Global Cross-Regional Research Based on 65 Countries. *Int J Environ Res Public Health*. Feb; v. 19(4); p. 2374.
- Marcolino, E. M., Calvacanti, A. L., Padilha, W. W. N. & Miranda, F. A. N. (2018). Clementino FS. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 27(1), 1-10.
- Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2011). *Fundamentos de metodologia científica* (7ª ed.). Atlas.
- Mascarenhas, S. A. (2012). *Metodologia científica*. Pearson Educação do Brasil.
- Martinelli, M. L (Org). (2012). *Pesquisa qualitativa: Um instigante desafio*. (2ª ed). Veras Editora.
- Mendes, C. S. (2011). Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v. 45, n. 3, p. 581-588, jun.
- Miles, M. B., Huberman, A. M., & Saldaña, J. (2018). *Qualitative data analysis: A methods sourcebook* (4ª ed.). SAGE Publications, Inc.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec.
- Ministério da Saúde. Brasil. (2002). *Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: um passo a mais na cidadania em saúde*. Ministério da Saúde.
- Moura, D. R. De; Cruz, A. C. N.; Quevedo, L. De Á. (2011). Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *J. Pediatr*. v. 87, n. 1, p. 19-23, fev.
- Nesello, F. et al. (2014). Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 14, n. 2, abr./jun.
- Neto, A. O. S. et. al. (2018). Educação inclusiva: uma escola para todos. Artigo. *Revista Educação Especial*, v. 31, n. 60, jan./mar. Santa Maria. p. 81-92.
- Noronha, E. G.; Pinto, C. L.(2012). *Educação especial e educação inclusiva: aproximações e convergências*. Artigo. Escola Municipal Amanda Carneiro Teixeira. 9 p.
- Oliveira, J. R.; Gomes, M. A. (2012). Reflexões sobre a violência no contexto escolar. *Educação por Escrito*, v. 2, n. 2, p. 2-14.
- Organización De Las Naciones Unidas [ONU]. (2016). *Agenda 2030 y los objetivos de desarrollo sostenible: una oportunidad para América Latina y el Caribe*. CEPAL.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: what we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- Pacheco-Salazar, B. (2018). Violencia escolar: la perspectiva de estudiantes y docentes. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, 20(1), 112-121.

- Pereira, B.; Silva, M. I.; Nunes, B. (2009). Descrever o Bullying na Escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Rev. Diálogo Educ.*, v. 9, n. 28, p. 455-466, set./dez.
- Pereira, K. R. L. (2023). *O cotidiano escolar e o bullying: contribuições didáticas na prevenção*. Universidade Estadual Paulista, p. 133.
- Pereira, S. M. de S. (2009). *Bullying e suas implicações no ambiente escolar*. Paulus Editora.
- Perkins, S., & Graham-Bermann, S. (2012). Violence Exposure and the Development of School-Related Functioning: Mental Health, Neurocognition, and Learning. *Aggression and violent behavior*, 17(1), 89–98. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2011.10.001>
- Perren, S., Dooley, J., Shaw, T., & Cross, D. (2010). Bullying in School and Cyberspace: Associations with Depressive Symptoms in Swiss and Australian Adolescents. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 4, Article No. 28. <https://doi.org/10.1186/1753-2000-4-28>.
- Pimenta, C. A. M., Incrocci, L. M. M. C. (2018). Mediação e resolução de conflitos escolares: criminalização ou educação? *Comunicações Piracicaba* v. 25 n. 2 p. 59- 78.
- Pivatto, P. S., & Cremaschi, S. (Eds.). (2014). *Correntes fundamentais da ética contemporânea* (5ª ed.). Editora Vozes.
- Potirniche, N. & Enache R. G. (2014). Social Perception of Aggression by High School Students. *Procedia - Social And Behavioral Sciences*, 127: 464-468.
- Postigo, S.; González, R.; Montoya, I.; Ordoñez, A. (2013). Theoretical Proposals in Bullying Research: A Review. En: *Anales de Psicología*. vol. 29, no. 2. p. 413-425.
- Priotto.; Boneti, P. (2009). Violência Escolar: na escola, da escola e contra a escola. *Rev. Diálogo Educ.* v. 9, n. 26, p. 161-179, jan./abr.
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2009). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho científico*. Feevale.
- Rech R., Halpern R., Tedesco A., Santos D. (2014). Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. *J Pediatría*. V. 89, p. 164-70.
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas* (3ª ed.). Atlas.
- Rios, T. A. *Ética e Competência*. 3 Ed. Cortez, 1995.
- Roales, E. A. (2015). *Violencia escolar: variables predictivas em adolescentes gallegos*. (Máster de investigación psicosocioeducativa com adolescentes em contextos escolar – Faculdade de Ciencias de la Educación – Universidade Vigo, Espanha).
- Ross, D. (2003). *Childhood bullying and teasing: what school personnel, other professionals and parents can do*. 2nd ed. Alexandria (VA): American Counseling Association.

- Ruotti, Caren. (2006). *Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n1/a10v36n1.pdf>. Acesso em: 02/07/24.
- Santos, A. M. S. (2023). *Prevenção da violência escolar: orientações para pais, crianças e educadores: Como identificar e prevenir a violência nas escolas: um guia completo para pais e educadores*. [eBook Kindle].
- Serpa, M. H. B. (2015). *Modos contemporâneos de inclusão escolar: Um estudo de caso múltiplos em escolas públicas da Paraíba*. Edição especial. Ed. EDUFPG.
- Silva, A. B. B. (2015). *Bullying: mentes perigosas na escola*. 2ª ed. Editora Globo.
- Silva, E. N.; Rosa, E. C. S. (2013). Professores sabem o que é bullying? um tema para a formação docente. *Psicologia Escolar e Educacional*, Maringá, v. 17, n. 2, p. 329-338.
- Silva, N. A., Marques, E. S., Peres, M. F. T. & Azeredo, C. M. (2019). Tendência de bullying verbal, violência doméstica e envolvimento em brigas com armas entre adolescentes das capitais brasileiras de 2009 a 2015. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(11), 1-16.
- Smith, P. B. A, B. S. C, Phd, Fbps1, K. A., Ba, Msc, Phd2, H. C., MA. (2003). Interventions to Reduce School Bullying. *Can J Psychiatry*, Vol 48, No 9, October.
- Soares, C. J. F. (2022). *Análise descritiva qualitativa*. CRV.
- Stelko-Pereira AC, Williams LCA. (2011). Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. *Temas psicol.* v. 18, p. 45-55.
- Tavares, P. A., Pietrobon, F. C. (2016). Fatores associados à violência escolar: evidências para o Estado de São Paulo. *Estud. Econ.* v. 46, n. 2, p. 471-498, abr.-jun.
- Valdes-Badilla, P. G. C., A.; Ortega-Spuler, J.; Herrera-Valenzuela, T.; Duran-Aguero, S., Zapata-Bastias, J.; Lopez-Fuenzalida, A. (2017). Association between health anthropometric indexes with physical fitness in physically active elderly women. *SALUD PUBLICA DE MEXICO*, v. 59, n. 6, p. 682-690,
- UNESCO. (2019). *School violence and bullying: Global status report*. UNESCO.
- Zarra, E. J. (2018). *Assaulted: Violence in Schools and What Needs to Be Done*. Row & Littlefield.
- Zaine, I.; Reis, M. J. D.; Padovani, R. C. (2010). Comportamentos de bullying e conflito com a lei. *Estudos de Psicologia*, v. 27, n. 3, 375-382.
- Wachs, S., Görzig, A., Wright, M. F., Schubarth, W. & Bilz, L. (2020) Associations among Adolescents' Relationships with Parents, Peers, and Teachers, Self-Efficacy, and Willingness to Intervene in Bullying: A Social Cognitive Approach. *J. Environ. Res. Public Health*, 17(2), 2-16.

- Weisz, I. C. (2021). Bullying e cyberbullying: atualizações científicas sobre um tema que não pode ser ignorado pelos professores. *Revista Educação Pública*, Vol. 21, Núm. 29.
- Wilson C. M, Douglas K. S, Lyon DR. (2011). Violence against teachers: prevalence and consequences. *J Interpers Violence*. v. 26, p. 2353-71.
- World Medical Association. (2013). World Medical Association Declaration of Helsinki: Ethical principles for medical research involving human subjects. *JAMA*, 310(20), 2191-2194. <https://doi.org/10.1001/jama.2013.281053>.

ANEXOS

ANEXO 1 - Validação entrevista GESTOR DR. ALVES

Universidad Autónoma de Asunción
Facultad de Ciencias de la Educación Y la Comunicación
Maestría en Ciencias de la Educación
Maestranda: Soray Soares Rosa Damasceno Marques
Tutor: Prof. Dr.ª Maria Susely Alves Cavalcante
Formulário de Validação dos Instrumentos de Pesquisa
Dr. Valdir Mendonça Alves – Doutor em Ciências da Educação pela UAA



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN FACULTAD
DE CIENCIAS LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRIA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DA ENTREVISTA

Prezado (a) Gestor (a),

Este formulário destina-se à **validação** do instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo tema é: Bullying entre Alunos do 8º Ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa: Causas, Consequências e Estratégias de Intervenção. **Problemática:** O bullying escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa representa um desafio significativo, com impactos profundos na vida dos alunos e no ambiente educacional como um todo. Neste contexto, a presente pesquisa de mestrado tem como problema central investigar os fatores que contribuem para o bullying, avaliar suas consequências no desenvolvimento social e emocional dos alunos e identificar práticas e estratégias que possam reduzir e prevenir o bullying dentro da instituição. **Objetivo geral da Pesquisa:** Analisar as causas e as consequências do bullying entre alunos do 8º ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa, propondo estratégias eficazes para prevenção e intervenção. As questões 1 a 4 são respaldadas no 1º **Objetivo Específico:** Descrever os motivos que causam o bullying entre os alunos, incluindo aspectos familiares, sociais e escolares. As questões 5 a 8 fundamentam-se no 2º **Objetivo Específico:** Analisar os tipos de bullying que acontecem entre os alunos e como se manifestam no ambiente escolar. As questões 9 a 12 estão alinhadas com o 3º **Objetivo Específico:** Conhecer os impactos que os diversos tipos de bullying causam nos alunos. As questões 13 a 16 referem-se ao 4º **Objetivo Específico:** Verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar o bullying. Para isso, solicito sua análise no sentido de verificar se há **adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas**, além da clareza na construção dessas mesmas questões. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias utilizando para isso o campo de observação. A numeração na coluna I corresponde ao número de questões e será utilizado para a aprovação de cada questão, o mesmo para a coluna II. As colunas com SIM e NÃO devem ser assinaladas com (X) se houver, ou não, coerência entre perguntas, opções de resposta e objetivos. No caso da

ANEXO 2 - Validação entrevista GESTOR DR. ALVES

Universidad Autónoma de Asunción Facultad de Ciencias de la Educación Y la Comunicación Mestrado em Ciências da Educação Mestranda: Soray Soares Rosa Damasceno Marques Tutor: Prof. Dr.ª Maria Suelly Alves Cavalcante Formulário de Validação dos Instrumentos de Pesquisa Dr. Valdir Mendonça Alves – Doutor em Ciências da Educação pela UAA

questão ter suscitado dúvida assinala a coluna (?) descrevendo, se possível, as dúvidas que a questão gerou na observação. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

QUESTÕES E OPÇÕES DE RESPOSTA	OBJETIVO DA QUESTÃO					
	COERÊNCIA			CLAREZA		
ENTREVISTA PARA GESTOR	Sím	Não	?	Sím	Não	?
Questão 1 - Quais fatores você acredita que mais contribuem para a ocorrência de violência entre os alunos da escola?	X			X		
Questão 2 - Como as condições sociais e econômicas da comunidade ao redor da escola influenciam o comportamento dos alunos dentro do ambiente escolar?	X			X		
Questão 3 - Na sua experiência, como o histórico familiar dos alunos impacta o comportamento agressivo na escola?	X			X		
Questão 4 - De que forma o relacionamento entre alunos de diferentes turmas, idades e perfis contribui para a violência escolar?	X			X		
Questão 5 - Com base nas observações e relatórios escolares, quais tipos de violência os gestores consideram prioritários para intervenção e por quê?	X			X		
Questão 6 - Quais aspectos organizacionais facilitam a ocorrência de violência e como isso influencia a gestão escolar?	X			X		

ANEXO 3 - Validação entrevista GESTOR DR. ALVES

Universidad Autónoma de Asunción
 Facultad de Ciencias de la Educación Y la Comunicación
 Mestrado em Ciências de la Educación
 Mestranda: Soray Soares Rosa Damasceno Marques
 Tutor: Prof.^a Dr.^a Maria Suelly Alves Cavalcante
 Formulário de Validação dos Instrumentos de Pesquisa
 Dr. Valdir Mendonça Alves – Doutor em Ciências da Educação pela UAA

Questão 7 - Você identifica que algum tipo específico de violência tem aumentado recentemente? O que poderia estar motivando esse crescimento?	X			X		
Questão 8 - De que maneira o perfil dos alunos que se tornam vítimas ou agressores influencia as políticas de gestão escolar para lidar com esses casos?	X			X		
Questão 9 - Quais impactos a gestão escolar observa no clima organizacional e no desempenho escolar como consequência da violência entre alunos?	X			X		
Questão 10 - Como o ambiente de violência afeta a motivação dos alunos para participar de atividades extracurriculares e como isso influencia as decisões da gestão sobre a questão?	X			X		
Questão 11 - De que forma a violência entre alunos afeta a relação da escola com a comunidade externa?	X			X		
Questão 12 - Quais comportamentos específicos a gestão identifica como consequência da violência, e como esses comportamentos são tratados nos planos de ação da escola?	X			X		
Questão 13 - Quais são as diretrizes e estratégias que a gestão considera essenciais para prevenir a violência escolar e como são implementadas?	X			X		

ANEXO 4 - Validação entrevista GESTOR DR. ALVES

Universidad Autónoma de Asunción
 Facultad de Ciencias de la Educación Y la Comunicación
 Mestrado em Ciências de la Educación
 Mestranda: Soray Soares Rosa Damasceno Marques
 Tutor: Prof. Dr.ª Marta Suelly Alves Cavalcante
 Formulário de Validação dos Instrumentos de Pesquisa
 Dr. Valdir Mendonça Alves – Doutor em Ciências da Educação pela UAA

Questão 14 - Como a gestão avalia o sucesso de programas preventivos, como anti-bullying, e quais ajustes são realizados para aumentar sua eficácia?	X			X		
Questão 15 - Quais dificuldades a escola enfrenta na implementação de programas preventivos e de intervenção contra a violência?	X			X		
Questão 16 - De que forma a gestão promove o envolvimento de stakeholders externos, como famílias e a comunidade, para construir uma rede de apoio na redução da violência escolar?	X			X		

ANEXO 5 - Validação entrevista GESTOR DR. ALVES

Universidad Autónoma de Asunción
 Facultad de Ciencias de la Educación Y la Comunicación
 Mestrado em Ciências de la Educación
 Mestranda: Soray Soares Rosa Damasceno Marques
 Tutor: Profª. Dr.ª Marta Suely Alves Cavalcante
 Formulário de Validação dos Instrumentos de Pesquisa
 Dr. Valdir Mendonça Alves – Doutor em Ciências da Educação pela UAA

ENTREVISTA PARA GESTOR

Mestranda	Soray Soares Rosa Damasceno Marques
Orientador(a)	Profª. Dr.ª Marta Suely Alves Cavalcante

DADOS DO AVALIADOR

Nome completo	Dr. Valdir Mendonça Alves		
Formação	Doutor em Ciências da Educação		
Instituição de Ensino	Universidad Autónoma de Asunción-PY		
Local	Goiânia-GOIAS-BRASIL	Data	03/12/2024
Assinatura do Avaliador (a)	 Documento assinado digitalmente VALDIR MENDONÇA ALVES Data: 04/12/2024 14:24:19-0300 Verifique em https://validar.id.gov.br		

ANEXO 6 - Validação entrevista PROFESSOR DR. ALVES

Universidad Autónoma de Asunción Facultad de Ciencias de la Educación Y la Comunicación Mestrado em Ciências de la Educación Mestranda: Soray Soares Rosa Damasceno Marques Tutor: Prof. Dr.ª Marta Suely Alves Cavalcante Formulário de Validação dos Instrumentos de Pesquisa Dr. Valdir Mendonça Alves – Doutor em Ciências da Educação pela UAA
--



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN FACULTAD DE CIENCIAS LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN MAESTRIA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DA ENTREVISTA

Prezado (a) Professor (a),

Este formulário destina-se à **validação** do instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo tema é: Bullying entre Alunos do 8º Ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa: Causas, Consequências e Estratégias de Intervenção. **Problemática:** O bullying escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa representa um desafio significativo, com impactos profundos na vida dos alunos e no ambiente educacional como um todo. Neste contexto, a presente pesquisa de mestrado tem como problema central investigar os fatores que contribuem para o bullying, avaliar suas consequências no desenvolvimento social e emocional dos alunos e identificar práticas e estratégias que possam reduzir e prevenir o bullying dentro da instituição. **Objetivo geral da Pesquisa:** Analisar as causas e as consequências do bullying entre alunos do 8º ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa, propondo estratégias eficazes para prevenção e intervenção. As questões 1 a 4 são respaldadas no **1º Objetivo Específico:** Descrever os motivos que causam o bullying entre os alunos, incluindo aspectos familiares, sociais e escolares. As questões 5 a 8 fundamentam-se no **2º Objetivo Específico:** Analisar os tipos de bullying que acontecem entre os alunos e como se manifestam no ambiente escolar. As questões 9 a 12 estão alinhadas com o **3º Objetivo Específico:** Conhecer os impactos que os diversos tipos de bullying causam nos alunos. As questões 13 a 16 referem-se ao **4º Objetivo Específico:** Verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar o bullying. Para isso, solicito sua análise no sentido de verificar se **há adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas**, além da clareza na construção dessas mesmas questões. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias utilizando para isso o campo de observação. A numeração na coluna I corresponde ao número de questões e será utilizado para a aprovação de cada questão, o mesmo para a coluna II. As colunas com **SIM** e **NÃO** devem ser assinaladas com **(X)** se houver, ou não, coerência entre

Página 1 de 5

ANEXO 7 - Validação entrevista PROFESSOR DR. ALVES

Universidad Autónoma de Asunción
 Facultad de Ciencias de la Educación Y la Comunicación
 Mestrado em Ciências de la Educación
 Mestranda: Soray Soares Rosa Damasceno Marques
 Tutor: Prof. Dr.ª Marta Suelly Alves Cavalcante
 Formulário de Validação dos Instrumentos de Pesquisa
 Dr. Valdir Mendonça Alves – Doutor em Ciências da Educação pela UAA

perguntas, opções de resposta e objetivos. No caso da questão ter suscitado dúvida assinale a coluna (?) descrevendo, se possível, as dúvidas que a questão gerou na observação. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

QUESTÕES E OPÇÕES DE RESPOSTA	OBJETIVO DA QUESTÃO					
	COERÊNCIA			CLAREZA		
ENTREVISTA PARA PROFESSORES	Sím	Não	?	Sím	Não	?
Questão 1 - Como você enxerga a violência escolar dentro do colégio?	X			X		
Questão 2 - Quais os motivos que causam a violência entre os alunos do 8º ano?	X			X		
Questão 3 - Na sua opinião, o que leva os alunos a praticarem a violência?	X			X		
Questão 4 - Quais os fatores externos à escola, como problemas familiares ou sociais, que você acredita influenciam o comportamento violento dos alunos?	X			X		
Questão 5 - Quais os tipos de violência escolar mais recorrentes entre os alunos?	X			X		
Questão 6 - Quais os locais de ocorrência da violência na escola?	X			X		

ANEXO 8 - Validação entrevista PROFESSOR DR. ALVES

Universidad Autónoma de Asunción
 Facultad de Ciencias de la Educación Y la Comunicación
 Mestrado em Ciências de la Educación
 Mestranda: Soray Soares Rosa Damasceno Marques
 Tutor: Prof. Dr.ª Marta Suelly Alves Cavalcante
 Formulário de Validação dos Instrumentos de Pesquisa
 Dr. Valdir Mendonça Alves – Doutor em Ciências da Educação pela UAA

Questão 7 - Quais formas de violência entre os alunos (física, verbal, psicológica ou virtual) você observa com maior frequência? Poderia descrever como cada uma dessas formas se manifesta na escola?	X			X		
Questão 8 - Na sua percepção, a violência entre os alunos é direcionada a grupos específicos, como por exemplo, devido a questões de gênero, raça ou condição socioeconômica? Você poderia compartilhar exemplos de situações em que essas questões parecem influenciar essas dinâmicas?	X			X		
Questão 9 - Como a violência escolar atrapalha o aprendizado?	X			X		
Questão 10 - Quais as consequências da violência para o agressor e para a vítima?	X			X		
Questão 11 - Como a violência afeta a convivência entre os alunos?	X			X		
Questão 12 - Quais outros impactos os diversos tipos de violência podem causar nos alunos?	X			X		
Questão 13 - Quais ações a escola realiza para minimizar a prática de violência e quais atitudes pedagógicas os professores adotam ao se deparar com a violência em sala de aula?	X			X		

ANEXO 9 - Validação entrevista PROFESSOR DR. ALVES

Universidad Autónoma de Asunción
 Facultad de Ciencias de la Educación Y la Comunicación
 Mestrado em Ciências de la Educación
 Mestranda: Soray Soares Rosa Damasceno Marques
 Tutor: Prof. Dr.ª Marta Suely Alves Cavalcante
 Formulário de Validação dos Instrumentos de Pesquisa
 Dr. Valdir Mendonça Alves – Doutor em Ciências da Educação pela UAA

Questão 14 - No geral, são realizadas mais ações preventivas ou punitivas na escola?	X			X		
Questão 15 - Quais os temas ajudam a diminuir o preconceito e, consequentemente, a violência?	X			X		
Questão 16 - Quais são os caminhos para lidar com a violência dentro da escola e o que podemos fazer para solucionar o problema da violência escolar?	X			X		

ANEXO 10 - Validação entrevista PROFESSOR DR. ALVES

<i>Universidad Autónoma de Asunción</i> <i>Facultad de Ciencias de la Educación Y la Comunicación</i> Mestrado em Ciências de la Educación Mestranda: Soray Soares Rosa Damasceno Marques Tutor: Prof. Dr.* Marta Suely Alves Cavalcante Formulário de Validação dos Instrumentos de Pesquisa Dr. Valdir Mendonça Alves – Doutor em Ciências da Educação pela UAA
--

ENTREVISTA PARA PROFESSORES

Mestranda	Soray Soares Rosa Damasceno Marques
Orientador(a)	Prof. Dr.*Marta Suely Alves Cavalcante

DADOS DO AVALIADOR

Nome completo	Dr. Valdir Mendonça Alves		
Formação	Doutor em Ciências da Educação		
Instituição de Ensino	Universidad Autónoma de Asunción-PY		
Local	Goiânia-GOIAS-BRASIL	Data	03/12/2024
Assinatura do Avaliador (a)	 Documento assinado digitalmente VALDIR MENDONÇA ALVES Data: 04/12/2024 14:21:35-0300 Verifique em https://validar.it.gov.br		

ANEXO 11 - Validação entrevista COORDENADOR DR. ALVES

Universidad Autónoma de Asunción
Facultad de Ciencias de la Educación Y la Comunicación
Mestrado em Ciencias de la Educación
Mestranda: Soray Soares Rosa Damasceno Marques
Tutor: Prof. Dr.ª Marta Suelly Alves Cavalcante
Formulário de Validação dos Instrumentos de Pesquisa
Dr. Valdir Mendonça Alves – Doutor em Ciências da Educação pela UAA



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN FACULTAD
DE CIENCIAS LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRIA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DA ENTREVISTA

Prezado (a) Coordenador (a),

Este formulário destina-se à **validação** do instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo tema é: Bullying entre Alunos do 8º Ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa: Causas, Consequências e Estratégias de Intervenção. **Problemática:** O bullying escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa representa um desafio significativo, com impactos profundos na vida dos alunos e no ambiente educacional como um todo. Neste contexto, a presente pesquisa de mestrado tem como problema central investigar os fatores que contribuem para o bullying, avaliar suas consequências no desenvolvimento social e emocional dos alunos e identificar práticas e estratégias que possam reduzir e prevenir o bullying dentro da instituição. **Objetivo geral da Pesquisa:** Analisar as causas e as consequências do bullying entre alunos do 8º ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa, propondo estratégias eficazes para prevenção e intervenção. As questões 1 a 4 são respaldadas no 1º **Objetivo Específico:** Descrever os motivos que causam o bullying entre os alunos, incluindo aspectos familiares, sociais e escolares. As questões 5 a 8 fundamentam-se no 2º **Objetivo Específico:** Analisar os tipos de bullying que acontecem entre os alunos e como se manifestam no ambiente escolar. As questões 9 a 12 estão alinhadas com o 3º **Objetivo Específico:** Conhecer os impactos que os diversos tipos de bullying causam nos alunos. As questões 13 a 16 referem-se ao 4º **Objetivo Específico:** Verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar o bullying. Para isso, solicito sua análise no sentido de verificar se há **adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas**, além da clareza na construção dessas mesmas questões. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias utilizando para isso o campo de observação. A numeração na coluna I corresponde ao número de questões e será utilizado para a aprovação de cada questão, o mesmo para a coluna II. As colunas com **SIM** e **NÃO** devem ser assinaladas com (X) se houver, ou não, coerência entre perguntas, opções de resposta e objetivos. No caso da

ANEXO 12 - Validação entrevista COORDENADOR DR. ALVES

Universidad Autónoma de Asunción
 Facultad de Ciencias de la Educación Y la Comunicación
 Mestrado em Ciências de la Educación
 Mestranda: Soray Soares Rosa Damasceno Marques
 Tutor: Prof. Dr.ª Marta Suelly Alves Cavalcante
 Formulário de Validação dos Instrumentos de Pesquisa
 Dr. Valdir Mendonça Alves – Doutor em Ciências da Educação pela UAA

questão ter suscitado dúvida assinala a coluna (?) descrevendo, se possível, as dúvidas que a questão gerou na observação. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

QUESTÕES E OPÇÕES DE RESPOSTA	OBJETIVO DA QUESTÃO					
	COERÊNCIA			CLAREZA		
ENTREVISTA PARA COORDENADOR	Sim	Não	?	Sim	Não	?
Questão 1 - Qual a incidência de violência nesta escola?	X			X		
Questão 2 - Como surge o comportamento violento entre os alunos?	X			X		
Questão 3 - Na sua opinião, o que leva os alunos a praticarem a violência?	X			X		
Questão 4 - Os alunos que apresentam comportamento violento têm algum histórico de conflitos anteriores na escola ou na comunidade? Explique.	X			X		
Questão 5 - Você percebe um aumento de algum tipo específico de violência nos últimos anos, como bullying, cyberbullying, ou violência física e/ou psicológica? Se sim, qual deles é mais comum atualmente?	X			X		
Questão 6 - A violência que ocorre na escola é mais comum em momentos específicos? Defina.	X			X		
Questão 7 - Você observa que a violência escolar é direcionada a certos grupos de alunos? Se sim, quais são esses grupos?	X			X		

ANEXO 13 - Validação entrevista COORDENADOR DR. ALVES

Universidad Autónoma de Asunción Facultad de Ciencias de la Educación Y la Comunicación Mestrado em Ciências de la Educación Mestranda: Soray Soares Rosa Damasceno Marques Tutor: Prof. Dr.ª Marta Suelly Alves Cavalcante Formulário de Validação dos Instrumentos de Pesquisa Dr. Valdir Mendonça Alves – Doutor em Ciências da Educação pela UAA						
Questão 8 - Há registros de violência entre os alunos que ocorrem fora do ambiente escolar?	X			X		
Questão 9 - Quais as consequências da violência para o agressor e para a vítima?	X			X		
Questão 10 - Como a violência afeta a convivência entre os alunos?	X			X		
Questão 11 - Você nota mudanças no comportamento emocional dos alunos envolvidos em episódios de violência?	X			X		
Questão 12 - Como a violência escolar afeta o relacionamento dos alunos com os professores e outros funcionários da escola?	X			X		
Questão 13 - Que tipo de proposta educativa a escola desenvolve para melhorar a violência na escola?	X			X		
Questão 14 - Quais os tipos de punição a escola realiza no combate à violência?	X			X		
Questão 15 - A escola possui algum programa anti-bullying ou políticas e esforços para prevenção da violência?	X			X		
Questão 16 - Na sua opinião, o que é preciso para acabar com a violência escolar ou reduzi-la na escola?	X			X		

ANEXO 14 - Validação entrevista COORDENADOR DR. ALVES

Universidad Autónoma de Asunción
Facultad de Ciencias de la Educación Y la Comunicación
 Mestrado em Ciências de la Educación
 Mestranda: Soray Soares Rosa Damasceno Marques
 Tutor: Prof. Dr.ª Marta Suely Alves Cavalcante
 Formulário de Validação dos Instrumentos de Pesquisa
 Dr. Valdir Mendonça Alves – Doutor em Ciências da Educação pela UAA

ENTREVISTA PARA COORDENADOR

Mestranda	Soray Soares Rosa Damasceno Marques
Orientador(a)	Prof. Dr.ª Marta Suely Alves Cavalcante

DADOS DO AVALIADOR

Nome completo	Dr. Valdir Mendonça Alves		
Formação	Doutor em Ciências da Educação		
Instituição de Ensino	Universidad Autónoma de Asunción-PY		
Local	Goiânia-GOIAS-BRASIL	Data	03/12/2024
Assinatura do Avaliador (a)	 Documento assinado digitalmente VALDIR MENDONÇA ALVES Data: 04/12/2024 14:23:10-0300 Verifique em https://validar.it.gov.br		

ANEXO 15 - Validação entrevista PROFESSOR SILVA



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN FACULTAD DE CIENCIAS LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN MAESTRIA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DA ENTREVISTA

Prezado (a) Professor (a),

Este formulário destina-se à **validação** do instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo tema é: Bullying entre Alunos do 8º Ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa: Causas, Consequências e Estratégias de Intervenção.

Problemática: O bullying escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa representa um desafio significativo, com impactos profundos na vida dos alunos e no ambiente educacional como um todo. Neste contexto, a presente pesquisa de mestrado tem como problema central investigar os fatores que contribuem para o bullying, avaliar suas consequências no desenvolvimento social e emocional dos alunos e identificar práticas e estratégias que possam reduzir e prevenir o bullying dentro da instituição. **Objetivo geral da Pesquisa:** Analisar as causas e as consequências do bullying entre alunos do 8º ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa, propondo estratégias eficazes para prevenção e intervenção. As questões 1 a 4 são respaldadas no **1º Objetivo Específico:** Descrever os motivos que causam o bullying entre os alunos, incluindo aspectos familiares, sociais e escolares. As questões 5 a 8 fundamentam-se no **2º Objetivo Específico:** Analisar os tipos de bullying que acontecem entre os alunos e como se manifestam no ambiente escolar. As questões 9 a 12 estão alinhadas com o **3º Objetivo Específico:** Conhecer os impactos que os diversos tipos de bullying causam nos alunos. As questões 13 a 16 referem-se ao **4º Objetivo Específico:** Verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar o bullying. Para isso, solicito sua análise no sentido de verificar se há adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas, além da clareza na construção dessas mesmas questões. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias utilizando para isso o campo de observação. A numeração na coluna I corresponde ao número de questões e será utilizado para a aprovação de cada questão, o mesmo para a coluna II. As colunas com **SIM** e **NÃO** devem ser assinaladas com (X) se houver, ou não, coerência entre perguntas, opções de resposta e objetivos. No caso de a questão ter suscitado dúvida

ANEXO 16 - Validação entrevista PROFESSOR SILVA

assinale a coluna (?) descrevendo, se possível, as dúvidas que a questão gerou na observação. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

QUESTÕES E OPÇÕES DE RESPOSTA	OBJETIVO DA QUESTÃO					
	COERÊNCIA			CLAREZA		
ENTREVISTA PARA PROFESSORES	Sim	Não	?	Sim	Não	?
Questão 1 - Como você enxerga a violência escolar dentro do colégio?	X			X		
Questão 2 - Quais os motivos que causam a violência entre os alunos do 8º ano?	X			X		
Questão 3 - Na sua opinião, o que leva os alunos a praticarem a violência?	X			X		
Questão 4 - Quais os fatores externos à escola que você acredita influenciam o comportamento violento dos alunos?	X			X		
Questão 5 - Quais os tipos de violência escolar mais recorrentes entre os alunos?	X			X		
Questão 6 - Quais os locais de ocorrência da violência na escola?	X			X		
Questão 7 - Quais formas de violência entre os alunos (física, verbal, psicológica ou virtual) você observa com maior frequência? Poderia descrever como cada uma dessas formas se manifesta na escola?	X			X		
Questão 8 - Na sua percepção, a violência entre alunos afeta mais alguns grupos específicos,	X			X		

ANEXO 17 - Validação entrevista PROFESSOR SILVA

ocorrendo devido a diferenças de gênero, raça ou condição socioeconômica? Poderia compartilhar exemplos em que essas questões tenham influenciado a violência escolar?						
Questão 9 - Como a violência escolar atrapalha o aprendizado?	X			X		
Questão 10 - Quais as consequências da violência para o agressor e para a vítima?	X			X		
Questão 11 - Como a violência afeta a convivência entre os alunos?	X			X		
Questão 12 - Quais outros impactos os diversos tipos de violência podem causar nos alunos?	X			X		
Questão 13 - Quais ações a escola realiza para minimizar a prática de violência e quais atitudes pedagógicas os professores adotam ao se deparar com a violência em sala de aula?	X			X		
Questão 14 - No geral, são realizadas mais ações preventivas ou punitivas na escola?	X			X		
Questão 15 - Quais os temas ajudam a diminuir o preconceito e, consequentemente, a violência?	X			X		
Questão 16 - Quais são os caminhos para lidar com a violência dentro da escola e o que podemos fazer para solucionar o problema da violência escolar?	X			X		

Mestranda	Soray Soares Rosa Damasceno Marques
-----------	-------------------------------------

ANEXO 18 - Validação entrevista PROFESSOR SILVA

Orientador(a)	Profª. Dr.ª Marta Suely Alves Cavalcante
---------------	--

DADOS DO AVALIADOR

Nome completo	Cleuton Clenes da Silva		
Formação	Doutor em Ciências da Educação		
Instituição de Ensino	Universidade Autônoma de Asuncion – PY Convalidado no Brasil pela PUP – Pontifícia Universidade de Petrópolis – Petrópolis - RJ		
Local	Goiânia - Goiás	Data	13/11/2023
Assinatura do Avaliador (a)	 Documento assinado digitalmente CLEUTON CLENES DA SILVA Data: 13/11/2023 19:58:04-0300 Verifique em https://validar.jf.gov.br		

ANEXO 19 - Validação entrevista COORDENADOR SILVA



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN FACULTAD DE
CIENCIAS LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRIA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DA ENTREVISTA

Prezado (a) Coordenador (a),

Este formulário destina-se à validação do instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo tema é: Bullying entre Alunos do 8º Ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa: Causas, Consequências e Estratégias de Intervenção.

Problemática: O bullying escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa representa um desafio significativo, com impactos profundos na vida dos alunos e no ambiente educacional como um todo. Neste contexto, a presente pesquisa de mestrado tem como problema central investigar os fatores que contribuem para o bullying, avaliar suas consequências no desenvolvimento social e emocional dos alunos e identificar práticas e estratégias que possam reduzir e prevenir o bullying dentro da instituição.

Objetivo geral da Pesquisa: Analisar as causas e as consequências do bullying entre alunos do 8º ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa, propondo estratégias eficazes para prevenção e intervenção. As questões 1 a 4 são respaldadas no 1º **Objetivo Específico:** Descrever os motivos que causam o bullying entre os alunos, incluindo aspectos familiares, sociais e escolares. As questões 5 a 8 fundamentam-se no 2º **Objetivo Específico:** Analisar os tipos de bullying que acontecem entre os alunos e como se manifestam no ambiente escolar. As questões 9 a 12 estão alinhadas com o 3º **Objetivo Específico:** Conhecer os impactos que os diversos tipos de bullying causam nos alunos. As questões 13 a 16 referem-se ao 4º **Objetivo Específico:** Verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar o bullying. Para isso, solicito sua análise no sentido de verificar se há adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas, além da clareza na construção dessas mesmas questões. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias utilizando para isso o campo de observação. A numeração na coluna I corresponde ao número de questões e será utilizado para a aprovação de cada questão, o mesmo para a coluna II. As colunas com SIM e NÃO devem ser assinaladas com (X) se houver, ou não, coerência entre perguntas, opções de resposta e objetivos. No caso da questão ter suscitado dúvida assinale a coluna (?) descrevendo, se possível, as dúvidas que a questão gerou na

ANEXO 20 - Validação entrevista COORDENADOR SILVA

observação. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

QUESTÕES E OPÇÕES DE RESPOSTA	OBJETIVO DA QUESTÃO					
	COERÊNCIA			CLAREZA		
ENTREVISTA PARA COORDENADOR	Sim	Não	?	Sim	Não	?
Questão 1 - Qual a incidência de violência nesta escola?	X			X		
Questão 2 - Como surge o comportamento violento entre os alunos?	X			X		
Questão 3 - Na sua opinião, o que leva os alunos a praticarem a violência?	X			X		
Questão 4 - Os alunos que apresentam comportamento violento têm algum histórico de conflitos anteriores na escola ou na comunidade? Explique.	X			X		
Questão 5 - Você percebe um aumento de algum tipo específico de violência nos últimos anos, como bullying, cyberbullying, ou violência física e/ou psicológica? Se sim, qual deles é mais comum atualmente?	X			X		
Questão 6 - A violência que ocorre na escola é mais comum em momentos específicos? Defina.	X			X		
Questão 7 - Você observa que a violência escolar é direcionada a certos grupos de alunos? Se sim, quais são esses grupos?	X			X		
Questão 8 - Há registros de violência	X			X		

ANEXO 21 - Validação entrevista COORDENADOR SILVA

entre os alunos que ocorrem fora do ambiente escolar?						
Questão 9 - Quais as consequências da violência para o agressor e para a vítima?	X			X		
Questão 10 - Como a violência afeta a convivência entre os alunos?	X			X		
Questão 11 - Você nota mudanças no comportamento emocional dos alunos envolvidos em episódios de violência?	X			X		
Questão 12 - Como a violência escolar afeta o relacionamento dos alunos com os professores e outros funcionários da escola?	X			X		
Questão 13 - Que tipo de proposta educativa a escola desenvolve para melhorar a violência na escola?	X			X		
Questão 14 - Quais os tipos de punição a escola realiza no combate à violência?	X			X		
Questão 15 - A escola possui algum programa anti-bullying ou políticas e esforços para prevenção da violência?	X			X		
Questão 16 - Na sua opinião, o que é preciso para acabar com a violência escolar ou reduzi-la na escola?	X			X		

Mestranda	Soray Soares Rosa Damasceno Marques
Orientador(a)	Profª. Dr.ª Marta Suely Alves Cavalcante

ANEXO 22 - Validação entrevista COORDENADOR SILVA**DADOS DO AVALIADOR**

Nome completo	Cleuton Clenes da Silva		
Formação	Doutor em Ciências da Educação		
Instituição de Ensino	Universidade Autônoma de Asuncion – PY Convalidado no Brasil pela PUP – Pontifícia Universidade de Petrópolis – Petrópolis - RJ		
Local	Goiânia - Goiás	Data	13/11/2023
Assinatura do Avaliador (a)	 Documento assinado digitalmente CLEUTON CLENES DA SILVA Data: 13/11/2024 19:59:51-0300 Verifique em https://validar.jo.gov.br		

ANEXO 23 - Validação entrevista PROFESSOR OLIVEIRA



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN FACULTAD
DE CIENCIAS LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRIA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DA ENTREVISTA

Prezado (a) Professor (a),

Este formulário destina-se à **validação** do instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo tema é: Bullying entre Alunos do 8º Ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa: Causas, Consequências e Estratégias de Intervenção.

Problemática: O bullying escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa representa um desafio significativo, com impactos profundos na vida dos alunos e no ambiente educacional como um todo. Neste contexto, a presente pesquisa de mestrado tem como problema central investigar os fatores que contribuem para o bullying, avaliar suas consequências no desenvolvimento social e emocional dos alunos e identificar práticas e estratégias que possam reduzir e prevenir o bullying dentro da instituição.

Objetivo geral da Pesquisa: Analisar as causas e as consequências do bullying entre alunos do 8º ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa, propondo estratégias eficazes para prevenção e intervenção. As questões 1 a 4 são respaldadas no **1º Objetivo Específico:** Descrever os motivos que causam o bullying entre os alunos, incluindo aspectos familiares, sociais e escolares. As questões 5 a 8 fundamentam-se no **2º Objetivo Específico:** Analisar os tipos de bullying que acontecem entre os alunos e como se manifestam no ambiente escolar. As questões 9 a 12 estão alinhadas com o **3º Objetivo Específico:** Conhecer os impactos que os diversos tipos de bullying causam nos alunos. As questões 13 a 16 referem-se ao **4º Objetivo Específico:** Verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar o bullying. Para isso, solicito sua análise no sentido de verificar se **há adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas**, além da clareza na construção dessas mesmas questões. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias utilizando para isso o campo de observação. A numeração na coluna I corresponde ao número de questões e será utilizado para a aprovação de cada questão, o mesmo para a coluna II. As colunas com **SIM** e **NÃO** devem ser assinaladas com (X) se houver, ou não, coerência entre perguntas, opções de resposta e objetivos. No caso da questão ter suscitado dúvida

ANEXO 24 - Validação entrevista PROFESSOR OLIVEIRA

assinale a coluna (?) descrevendo, se possível, as dúvidas que a questão gerou na observação. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

QUESTÕES E OPÇÕES DE RESPOSTA	OBJETIVO DA QUESTÃO					
	COERÊNCIA			CLAREZA		
ENTREVISTA PARA PROFESSORES	Sim	Não	?	Sim	Não	?
Questão 1 - Como você enxerga a violência escolar dentro do colégio?	X			X		
Questão 2 - Quais os motivos que causam a violência entre os alunos do 8º ano?	X			X		
Questão 3 - Na sua opinião, o que leva os alunos a praticarem a violência?	X			X		
Questão 4 - Quais os fatores externos à escola que você acredita influenciam o comportamento violento dos alunos?	X			X		
Questão 5 - Quais os tipos de violência escolar mais recorrentes entre os alunos?	X			X		
Questão 6 - Quais os locais de ocorrência da violência na escola?	X			X		
Questão 7 - Quais formas de violência entre os alunos (física, verbal, psicológica ou virtual) você observa com maior frequência? Poderia descrever como cada uma dessas formas se	X			X		

ANEXO 25 - Validação entrevista PROFESSOR OLIVEIRA

manifesta na escola?						
Questão 8 - Na sua percepção, a violência entre alunos afeta mais alguns grupos específicos, ocorrendo devido a diferenças de gênero, raça ou condição socioeconômica? Poderia compartilhar exemplos em que essas questões tenham influenciado a violência escolar?	X			X		
Questão 9 - Como a violência escolar atrapalha o aprendizado?	X			X		
Questão 10 - Quais as consequências da violência para o agressor e para a vítima?	X			X		
Questão 11 - Como a violência afeta a convivência entre os alunos?	X			X		
Questão 12 - Quais outros impactos os diversos tipos de violência podem causar nos alunos?	X			X		
Questão 13 - Quais ações a escola realiza para minimizar a prática de violência e quais atitudes pedagógicas os professores adotam ao se deparar com a violência em sala de aula?	X			X		
Questão 14 - No geral, são realizadas mais ações preventivas ou punitivas na escola?	X			X		
Questão 15 - Quais os temas ajudam a diminuir o preconceito e, consequentemente, a violência?	X			X		

ANEXO 26 - Validação entrevista PROFESSOR OLIVEIRA

Questão 16 - Quais são os caminhos para lidar com a violência dentro da escola e o que podemos fazer para solucionar o problema da violência escolar?	X			X		
---	---	--	--	---	--	--

Mestranda	Soray Soares Rosa Damasceno Marques
Orientador(a)	Prof. Dr.ªMarta Suely Alves Cavalcante

DADOS DO AVALIADOR

Nome completo	Eliézer Cardoso de Oliveira		
Formação	Doutorado em Sociologia		
Instituição de Ensino	Universidade de Brasília		
Local	Goiânia	Data	11/11/2024
Assinatura do Avaliador (a)	Eliézer C. de Oliveira		

ANEXO 27 - Validação entrevista GESTOR OLIVEIRA



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN FACULTAD
DE CIENCIAS LA EDUCACIÓN Y LA COMUNICACIÓN
MAESTRIA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DA ENTREVISTA

Prezado (a) Gestor (a),

Este formulário destina-se à **validação** do instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo tema é: Bullying entre Alunos do 8º Ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa: Causas, Consequências e Estratégias de Intervenção.

Problemática: O bullying escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa representa um desafio significativo, com impactos profundos na vida dos alunos e no ambiente educacional como um todo. Neste contexto, a presente pesquisa de mestrado tem como problema central investigar os fatores que contribuem para o bullying, avaliar suas consequências no desenvolvimento social e emocional dos alunos e identificar práticas e estratégias que possam reduzir e prevenir o bullying dentro da instituição. **Objetivo geral da Pesquisa:** Analisar as causas e as consequências do bullying entre alunos do 8º ano no Colégio Estadual José Cândido Rosa, propondo estratégias eficazes para prevenção e intervenção. As questões 1 a 4 são respaldadas no **1º Objetivo Específico:** Descrever os motivos que causam o bullying entre os alunos, incluindo aspectos familiares, sociais e escolares. As questões 5 a 8 fundamentam-se no **2º Objetivo Específico:** Analisar os tipos de bullying que acontecem entre os alunos e como se manifestam no ambiente escolar. As questões 9 a 12 estão alinhadas com o **3º Objetivo Específico:** Conhecer os impactos que os diversos tipos de bullying causam nos alunos. As questões 13 a 16 referem-se ao **4º Objetivo Específico:** Verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar o bullying. Para isso, solicito sua análise no sentido de verificar se há **adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas**, além da clareza na construção dessas mesmas questões. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias utilizando para isso o campo de observação. A numeração na coluna I corresponde ao número de questões e será utilizado para a aprovação de cada questão, o mesmo para a coluna II. As colunas com **SIM** e **NÃO** devem ser assinaladas com (X) se houver, ou não, coerência entre perguntas, opções de resposta e objetivos. No caso da questão ter suscitado dúvida

ANEXO 28 - Validação entrevista GESTOR OLIVEIRA

assinale a coluna (?) descrevendo, se possível, as dúvidas que a questão gerou na observação. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

QUESTÕES E OPÇÕES DE RESPOSTA	OBJETIVO DA QUESTÃO					
	COERÊNCIA			CLAREZA		
ENTREVISTA PARA GESTOR	Sim	Não	?	Sim	Não	?
Questão 1 - Quais fatores você acredita que mais contribuem para a ocorrência de violência entre os alunos da escola?	X			X		
Questão 2 - Como as condições sociais e econômicas da comunidade ao redor da escola influenciam o comportamento dos alunos dentro do ambiente escolar?	X			X		
Questão 3 - Na sua experiência, como o histórico familiar dos alunos impacta o comportamento agressivo na escola?	X			X		
Questão 4 - De que forma o relacionamento entre alunos de diferentes turmas, idades e perfis contribui para a violência escolar?	X			X		
Questão 5 - Com base nas observações e relatórios escolares, quais tipos de violência os gestores consideram prioritários para intervenção e por quê?	X			X		
Questão 6 - Quais aspectos organizacionais facilitam a ocorrência de violência e como isso influencia a gestão escolar?	X			X		

ANEXO 29 - Validação entrevista GESTOR OLIVEIRA

Questão 7 - Você identifica que algum tipo específico de violência tem aumentado recentemente? Se sim. O que poderia estar motivando esse crescimento?	X			X		
Questão 8 - De que maneira o perfil dos alunos que se tornam vítimas ou agressores influencia as políticas de gestão escolar para lidar com esses casos?	X			X		
Questão 9 - Quais impactos a gestão escolar observa no clima organizacional e no desempenho escolar como consequência da violência entre alunos?	X			X		
Questão 10 - Como o ambiente de violência afeta a motivação dos alunos para participar de atividades extracurriculares e como isso influencia as decisões da gestão sobre a questão?	X			X		
Questão 11 - De que forma a violência entre alunos afeta a relação da escola com a comunidade externa?	X			X		
Questão 12 - Quais comportamentos específicos a gestão identifica como consequência da violência, e como esses comportamentos são tratados nos planos de ação da escola?	X			X		
Questão 13 - Quais são as diretrizes e estratégias que a gestão considera essenciais para prevenir a violência escolar e como são implementadas?	X			X		

ANEXO 30 - Validação entrevista GESTOR OLIVEIRA

Questão 14 - Como a gestão avalia o sucesso de programas preventivos, como anti-bullying, e quais ajustes são realizados para aumentar sua eficácia?	X			X		
Questão 15 - Quais dificuldades a escola enfrenta na implementação de programas preventivos e de intervenção contra a violência?	X			X		
Questão 16 - De que forma a gestão promove o envolvimento de stakeholders externos, como famílias e a comunidade, para construir uma rede de apoio na redução da violência escolar?	X			X		

Mestranda	Soray Soares Rosa Damasceno Marques
Orientador(a)	Profª. Dr.ªMarta Suely Alves Cavalcante

DADOS DO AVALIADOR

Nome completo	Eliézer Cardoso de Oliveira		
Formação	Doutorado em Sociologia		
Instituição de Ensino	Universidade de Brasília		
Local	Goiânia	Data	11/11/2024
Assinatura do Avaliador (a)	Eliézer C. de Oliveira		

ANEXO 31 - Carta de Apresentação GESTORA RODRIGUES

Carta de Apresentação para a pesquisa de campo



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS POLÍTICAS, JURÍDICAS Y DE
LA COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN**

Aragoiânia, 26 de novembro de 2024

Prezada Gestora, Klebiana Alves de Oliveira Rodrigues

Sou Mestranda da Universidade Autónoma de Assunção, Paraguai. Estou desenvolvendo a dissertação de conclusão de Mestrado, sob a orientação da professora Dr^a Marta Suely Alves Cavalcante, intitulada: **“A Violência Escolar Entre os Alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual José Cândido Rosa: Formas de Manifestação e Fatores Associados”**.

A pesquisa busca compreender as causas e os impactos da violência escolar, com ênfase no bullying, e propor estratégias pedagógicas para reduzir esses comportamentos e promover um ambiente escolar seguro e inclusivo. A violência entre os alunos, reflexo de conflitos sociais e interpessoais, exige discussões no espaço escolar, essencial na formação cidadã e ética. O estudo oferece subsídios teóricos e práticos para desenvolver propostas preventivas eficazes, fortalecendo o ambiente de aprendizado como espaço de respeito e cooperação.

Nesse sentido, **venho solicitar a colaboração desta instituição para a realização da referida pesquisa de campo, que será desenvolvida em 3 etapas complementares:**

Primeira Etapa - Observação Participante (Grupo 1 – Alunos do 8º Ano): Método utilizado para captar, de forma espontânea, as interações, dinâmicas de grupo e os fatores que contribuem para os comportamentos violentos no ambiente escolar. Essa abordagem possibilitará uma visão contextualizada e prática do cotidiano dos alunos.

Segunda Etapa - Entrevista Aberta (Grupos 2, 3 e 4 – Professores, Coordenadores e Gestores, respectivamente): Instrumento aplicado aos profissionais da escola para explorar as percepções sobre as causas da violência escolar, as estratégias pedagógicas utilizadas e os desafios enfrentados. As entrevistas abertas permitem uma abordagem detalhada e reflexiva.

Terceira Etapa - Análise Cruzada dos Dados: Os dados coletados serão analisados de forma integrada para identificar convergências entre as perspectivas dos alunos e profissionais, possibilitando a formulação de estratégias para reduzir a violência escolar.

A participação desta instituição é de grande importância, pois os resultados da pesquisa poderão subsidiar reflexões e ações que contribuam para reduzir a violência escolar, fortalecendo as práticas pedagógicas e as políticas internas. Desde já, agradeço pela atenção e colaboração, colocando-me à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Soray Soares Rosa Damasceno Marques

Mestrando em Ciências da Educação - UAA

ANEXO 32 - Carta de Apresentação GESTORA RODRIGUES

CARTA DE AUTORIZAÇÃO PESQUISA DE CAMPO

COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ CÂNDIDO ROSA - ARAGOIÂNIA-GO

AUTORIZAÇÃO DA GESTÃO 06/24

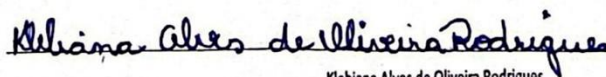
Aragoiânia, 10 de agosto de 2024.

Em atendimento à solicitação da aluna mestranda em Ciências da Educação da Universidade Autónoma de Asunción, Sr^a Soray Soares Rosa Damasceno Marques, por intermédio do professor José Antônio Torres, Presidente del Comité Científico de la Universidad Autónoma de Asunción, para realização de pesquisa com alunos e professores do Colégio Estadual José Cândido Rosa, a Gestora, atendendo à decisão dos alunos, professores e grupo gestor, do dia 22/06/2024, autoriza sua realização nos termos previstos no Projeto de Pesquisa "**A Violência Escolar Entre os Alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual José Cândido Rosa: Formas de Manifestação e Fatores.**", apresentado pela aluna pesquisadora, quaisquer alterações de objetivos ou procedimentos metodológicos deverão ser comunicado à gestão do CEJCR.

Ademais, sobre as solicitações de documentos/informações, a Gestora do CEJCR autorizou disponibilizar: Cópia do Projeto Político Pedagógico (PPP, além de autorizar a realização de registro fotográfico da sala de aula, dos alunos/professores e da estrutura física da escola (responsável Coordenações), todas essas concessões serão com finalidade estritamente para pesquisa.

Todas as atividades referentes à pesquisa deverão ser informadas às Coordenações de Ensino (Fundamental, Médio) do CEJCR, Aragoiânia-Go, e sendo necessário, serão acompanhadas pelo seu coordenador ou por quem ele determinar.

Gestora Escolar CEJCR - Aragoiânia – Go



Klebiana Alves de Oliveira Rodrigues
Gestor Escolar
Port. Nº 3211/2023-SEDUC

ANEXO 33 – TERMO UAA



UNIVERSIDAD
AUTÓNOMA DE
ASUNCIÓN

Asunción, 09 de octubre del 2024

A quien corresponda:

Por la presente, a pedido de la interesada, se comunica que

SORAY SOARES ROSA DAMASCENO MARQUES es alumna de la Maestría en Ciencias de la Educación, de la Facultad de Ciencias de la Educación y la Comunicación, de la **Universidad Autónoma de Asunción (UAA)**, quien, en el presente año, se encuentra en fase de elaboración de su tesis de la Maestría con el tema de investigación: **"A violência escolar entre os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual José Cândido Rosa: formas de manifestação e fatores associados"**

A fin de recolectar datos como parte de la elaboración de la Tesis mencionada, solicitamos, por favor a las autoridades de la institución, se le concede a la alumna, la autorización para la aplicación de su instrumento de investigación, necesario para concluir el trabajo correspondiente.

Para lo que hubiere lugar,

.....
Luis Ortiz Jiménez
Presidente del Comité Científico
Universidad Autónoma de Asunción

ANEXO 34 – Termo de assentimento



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS JURÍDICAS, POLÍTICAS Y DE LA
COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EM CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO (Professores)

Eu, **Soray Soares Rosa Damasceno Marques**, pesquisadora da Universidad Autónoma de Asunción, _____, convido _____ o(a) _____ Senhor(a) _____, professor(a) da(s) disciplina(s) _____ de _____, docente atuante na turma do 8º ano _____, a participar de um estudo intitulado: “A VIOLÊNCIA ESCOLAR ENTRE OS ALUNOS DO 8º ANO: FORMAS DE MANIFESTAÇÃO E FATORES ASSOCIADOS”, que tem por objetivo analisar as formas de violência escolar, especialmente o bullying, identificando suas causas e impactos, além de propor estratégias que contribuam para um ambiente educacional mais seguro e acolhedor.

Esta pesquisa será realizada com alunos do 8º ano, professores, coordenadores e gestores do Colégio Estadual José Cândido Rosa, buscando compreender como a violência escolar se manifesta, suas consequências para o ambiente educacional e possíveis ações preventivas e interventivas.

A contribuição deste estudo é ampla, pois poderá oferecer subsídios para que a escola desenvolva estratégias mais eficazes para combater o bullying e promover a convivência social, reduzindo o impacto da violência escolar na comunidade educativa. Não participarão da pesquisa pessoas ou alunos fora da amostragem selecionada.

O objetivo desta pesquisa é analisar as formas e os fatores associados à violência escolar, com foco nos alunos do 8º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa, identificando como esses comportamentos impactam o ambiente escolar e o desenvolvimento dos estudantes. Além disso, busca-se compreender se as estratégias adotadas pela escola são eficazes para mitigar a violência, promovendo um ambiente educacional mais seguro, inclusivo e propício ao aprendizado.

Sua participação no estudo consistirá em responder algumas questões relacionadas à sua percepção sobre os fatores associados à violência escolar, especialmente o bullying, e às estratégias pedagógicas aplicadas em sala de aula para lidar com o problema. A entrevista terá uma duração de mais ou menos 30 (trinta) minutos.

Caso o(a) senhor(a) tenha qualquer desconforto ou dúvida durante a pesquisa, poderá entrar em contato com a pesquisadora e/ou coordenadora responsável, que oferecerá o suporte necessário. Se for identificada alguma questão de maior complexidade, o(a) senhor(a) será orientado(a) a buscar os serviços de referência disponíveis no município, garantindo o devido acompanhamento e esclarecimento.

Os riscos associados a esta pesquisa são mínimos, mas é possível que o(a)



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS JURÍDICAS, POLÍTICAS Y DE LA
COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EM CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

senhor(a) se sinta desconfortável ao responder alguma pergunta. No entanto, suas respostas são fundamentais para propor alternativas que contribuam para a redução da violência escolar e o aprimoramento das práticas pedagógicas no enfrentamento à violência escolar. Ressaltamos que o(a) senhor(a) tem a liberdade de não responder a qualquer pergunta ou interromper sua participação a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou implicação para suas atividades profissionais.

A participação na pesquisa é voluntária, e o(a) senhor(a) pode retirar seu consentimento a qualquer momento, inclusive após o início da entrevista, sem qualquer consequência. As informações fornecidas serão tratadas com o mais alto rigor ético e confidencialidade. Apenas a pesquisadora responsável terá acesso aos dados coletados, sendo adotadas todas as medidas necessárias para proteger sua privacidade. Ainda que improvável, existe uma possibilidade remota de quebra de sigilo, cujas consequências serão tratadas conforme a legislação vigente.

Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em eventos acadêmicos ou publicações científicas, mas sempre de forma agregada, sem identificar participantes, instituições ou qualquer dado que comprometa sua privacidade. Não haverá qualquer custo ou compensação financeira pela sua participação, sendo esta uma contribuição voluntária e visa o avanço do conhecimento e a melhoria das práticas escolares no combate à violência.

Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com a coordenadora responsável pelo estudo: MARTA SUELY ALVES CAVALCANTE, que pode ser localizada através da Dirección: Edif. Jejuí 667 e/ O'Leary y 15 de Agosto, 6to piso. E-mail: investigacion@uaa.edu.py. Com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP da Universidad Autónoma de Asunción, pelo telefone +595 21 495873 ou pelo e-mail info@uaa.edu.py. O CEP é composto por profissionais com conhecimentos científicos e não científicos, responsáveis por revisar os aspectos éticos da pesquisa, garantindo a segurança dos participantes e a proteção de seus direitos. Além disso, quaisquer questões relacionadas à ética da pesquisa poderão ser direcionadas à Secretaria Municipal de Educação de Aragoiânia, por meio dos e-mails educacao@aragoiania.go.gov.br ou smearagoiania@gmail.com, ou ainda presencialmente no endereço: Rua Agnelo Coelho, Qd. 17, Lt. 13 – Centro, Aragoiânia - GO. O atendimento ocorre de segunda a sexta-feira, das 07h às 11h e das 13h às 17h. Esses canais estão à disposição para assegurar o pleno esclarecimento sobre a pesquisa e seus aspectos éticos. E ainda com a Universidad Autónoma de Asunción, na Sede Central em Jejuí 667 com 15 de Agosto, Telefone 495.873, e-mail: info@uaa.edu.py

Por fim, pode-se contatar a pesquisadora, Soray Soares Rosa Damasceno Marques, mestranda em Ciências da Educação pela Universidad Autónoma de Asunción e está conduzindo este estudo para analisar a violência escolar entre os alunos do 8º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa. Todas as



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS JURÍDICAS, POLÍTICAS Y DE LA
COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EM CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

informações fornecidas durante a pesquisa serão tratadas com rigor ético, garantindo a confidencialidade e o sigilo dos participantes. Para qualquer dúvida ou esclarecimento, a pesquisadora pode ser contatada pelos seguintes meios: Telefone/WhatsApp: +55 62 98540-4432 ou email: soaressoray2@gmail.com

Sua participação é importante e voluntária. Caso não deseje mais fazer parte da pesquisa, poderá desistir a qualquer momento e solicitar a devolução do termo de consentimento livre e esclarecido assinado. Sua contribuição será fundamental para gerar informações que auxiliem na formulação de estratégias pedagógicas e políticas públicas voltadas para a redução da violência escolar, promovendo um ambiente educacional seguro e inclusivo. Embora você possa não ser diretamente beneficiado pelos resultados da pesquisa, sua participação contribuirá para o avanço científico e para a melhoria do ambiente escolar.

Se qualquer informação for divulgada em relatórios ou publicações, ela será apresentada de forma codificada, garantindo que sua identidade seja preservada, com confidencialidade e anonimato assegurados.

As despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade, e sua participação no estudo não envolve qualquer tipo de compensação financeira.

Quando os resultados forem publicados, sua identidade não será revelada, sendo utilizada apenas uma codificação para representar as informações coletadas.

Esta pesquisa qualitativa foi aprovada pelo Comitê de Ética mediante Parecer Consubstanciado nº 3.731.406, por meio da tramitação no CAAE 24252719.4.0000.5688/Plataforma Brasil e de acordo com aprovação da Secretaria de Estado da Educação no Protocolo nº 16.135.108-3.

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante ou representante legal para a participação neste estudo.

SOARES ROSA DAMASCENO MARQUES SORAY

Aragoiânia, 03 de dezembro de 2024.

Este termo será assinado em duas vias, pelo senhor(a) e pelo responsável pela pesquisa, ficando uma via em seu poder.

Eu, _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. *Acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou foi lido para mim, sobre a pesquisa: “A VIOLÊNCIA ESCOLAR ENTRE OS*



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS JURÍDICAS, POLÍTICAS Y DE LA
COMUNICACIÓN
MAESTRÍA EM CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

ALUNOS DO 8º ANO: FORMAS DE MANIFESTAÇÃO E FATORES ASSOCIADOS”.
Discuti com a pesquisadora SORAY SOARES ROSA DAMASCENO MARQUES, responsável pela pesquisa, sobre minha decisão em participar do estudo. Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos, garantias de sigilo, de esclarecimentos permanentes e isenção de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

_____ (Nome e
Assinatura do participante da pesquisa)

Aragoiânia, _____ de _____ de 2024.

(Somente para o responsável do projeto)

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa

Pesquisador Responsável ou quem aplicou o TCLE
